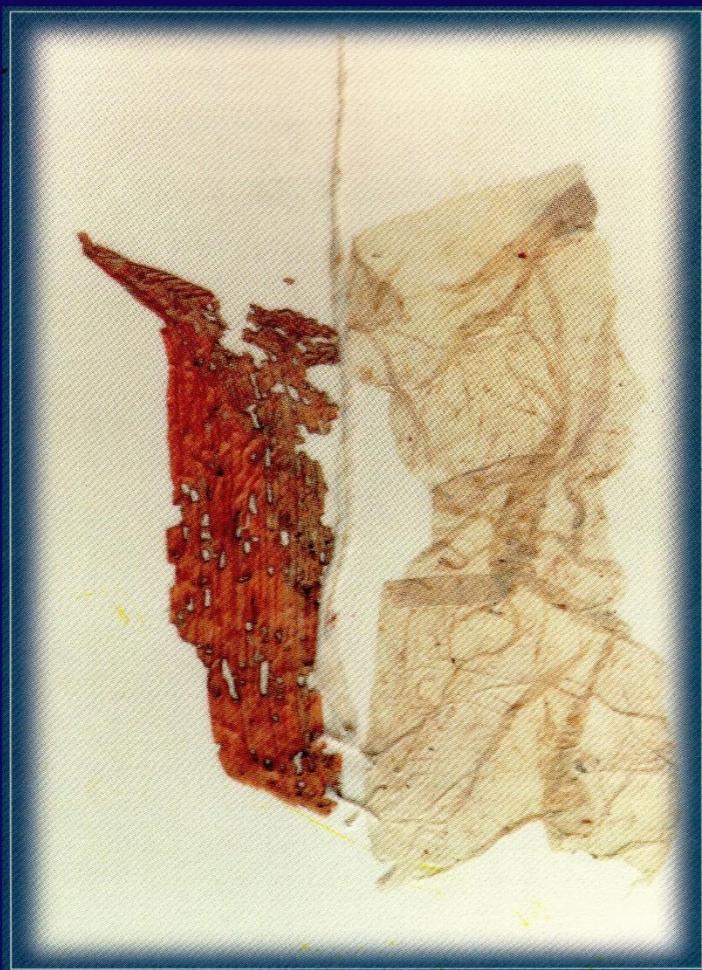


TERAPIA DE VIDAS PASADAS

*Um a viagem no tempo para
Desatar os nós do inconsciente*



CÉLIA RESENDE

Célia Resende

Terapia de Vidas Passadas

Uma viagem no tempo para desatar
os nós do inconsciente

1ª EDIÇÃO: 1999

2ª EDIÇÃO: 2000

Rio de Janeiro

Sumário

Agradecimentos	5
Prefácio	6
No Bonde da Ciência	13
O Que os Olhos Não Veem, o Coração Sente	24
Fluidos	35
O Invisível	40
Os Dois Hemisférios.....	43
Razão e Sentimento.....	51
Autoconhecimento	57
Os Venenos da Alma	65
Carma	74
Reencarnação.....	91
Nascer	102
A Terapia de Vidas Passadas.....	115
Como Voltar no Tempo.....	126
Técnicas de Apoio	134
O Terapeuta	137
Nem Reis Nem Rainhas	150
Sonho ou Vida Passada?.....	155
Um Caso de Depressão	157
Um Caso de Transferência	159
Quem Sofreu Mais do Que Eu?.....	165
A Fé Consciente.....	171
Sexo e Poder	174
Distúrbio do Pânico	185

Saúde e Doença.....	193
Vida Após a Morte	200
Morte Violenta.....	212
Suicídio.....	219
Necrópsia.....	221
Resíduos Cármicos	223
Laços Cármicos.....	233
Morte Natural	245
Processos Obsessivos	247
Seguindo a Luz.....	266
Vida Entre Vidas.....	276
Dimensões de Luz	282
Medicina Espiritual.....	300
Materialização e Desmaterialização	311
O Futuro	320
Quem Sou, de Onde Venho e para Onde Vou?	329
A autora.....	340
Bibliografia	341

Agradecimentos

Este livro é dedicado a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que este trabalho pudesse ser desenvolvido: aos meus pacientes pela coragem de mergulhar na trilha do tempo em busca da origem de suas dores; ao meu padrinho Armando, que sinalizou o caminho da espiritualidade de forma espontânea e esteve presente, positivamente, em muitas das minhas vidas; à Maria José e ao João, que me deram a chance de reencarnar para mais um aprendizado; à minha madrinha Célia, com quem aprendi a rir desde cedo; à minha avó Rosalina, que sempre foi forte sem perder a ternura; ao Carlos Augusto, que me guiou pela realidade material; à Teca, que sempre confiou e me apoiou carinhosamente; à Inês Bésouchét e a Ivan Ribeiro, com os quais iniciei meu aprendizado no autoconhecimento; à minha filha Júlia, com quem aprendo diariamente a amar de forma incondicional; ao Roni, parceiro nas coisas da matéria e do espírito e que com devoção leu, discutiu e colaborou neste livro; ao Matheus que veio trazendo alegria e a luz das estrelas; à Madalena e a Hugo Meachan, que me ajudaram a fortalecer a ponte entre minha atual personalidade e minha consciência integral; a todos que me deram a mão e me ajudaram nas várias etapas desta e de outras vidas; àqueles que reencontrei na vida atual e com os quais, na alegria ou na dor, aprendi sobre o confronto, a aceitação e o perdão que nos liberta do ciclo da repetição cármica; aos meus protetores e mestres da espiritualidade, que pacientemente testemunham minhas quedas, ajudam-me a levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima, e à Grande Fraternidade Branca, que com visão panorâmica acompanha a nossa caminhada, trabalhando silenciosamente pela evolução de toda a humanidade.

Prefácio

O objetivo principal deste trabalho é oferecer uma pequena parcela de colaboração ao estudo da consciência humana e suas manifestações, procurando substituir algumas credices pelo conhecimento. Essa é uma das formas de participar na construção de um mundo melhor.

Algumas informações úteis sobre caminhos que se desenvolvem nos bastidores das pesquisas científicas de ponta podem ser encontradas aqui, permitindo, assim, uma compreensão melhor das vivências da terapia de vidas passadas.

Há alguns anos, como psicoterapeuta, venho desenvolvendo estudos na área da memória e da consciência, contabilizando mais de trezentos pacientes tratados em meu consultório, de forma sequencial, semanal, com cerca de sete mil regressões realizadas.

No decorrer de cada capítulo, apresentarei alguns casos de regressão selecionados (de 1992 a 1998) para ilustrar a trajetória dos pacientes, usando nomes fictícios para garantir-lhes privacidade. As regressões tratam da memória com relação à morte, do nascimento, dos ciclos cármicos, dos conflitos entre a personalidade e o espírito, dos processos obsessivos e das experiências entre uma vida e outra na dimensão extrafísica.

O que me levou a acreditar na terapia de vidas passadas? Desde a infância entrei em contato com a espiritualidade pelas mãos de meu pai. Eu frequentava os rituais católicos ao mesmo tempo que em férias, na casa de meu padrinho, observava, por trás das cortinas da sala, as reuniões kardecistas e os fenômenos espirituais que ele realizava entre amigos. O pequeno grupo era

composto por meu padrinho e minha madrinha, um médico, um químico, uma enfermeira, um psiquiatra e seus cônjuges. As reuniões apresentavam diversos fenômenos paranormais de incorporação, psicografia e materialização de espíritos de médicos desencarnados que realizavam curas espirituais. Entre outros casos que a medicina não conseguiu explicar, lembro-me de uma menina de dez anos, vítima de um tumor maligno no cérebro, com prognóstico de apenas seis meses de vida. Ela foi curada após uma cirurgia espiritual, e o especialista que acompanhava seu caso não soube explicar a transformação ocorrida nas radiografias posteriores ao tratamento espiritual. Por outro lado, meu pai, um católico praticante, negava não apenas esses fenômenos, mas também suas percepções extrassensoriais. Entre outras experiências, um fato ocorrido na minha infância impulsionou meu interesse em conhecer o que havia além de toda a realidade visível. Meu pai era cardíaco e um dia acordou preocupado. Havia sonhado com os detalhes de sua morte: passava mal, e o cardiologista que o tratava demorou a ser encontrado. O atraso no atendimento exigiu uma sangria. A emergência com que foi realizada manchou a parede branca ao lado de sua cama. Apesar de tudo, veio a falecer. Como era muito religioso, não viu aquilo como premonição, apenas como um pesadelo. No entanto, uma semana depois, exatamente como percebera no sonho, ele sentiu-se mal, e o cardiologista não foi encontrado a tempo. A ambulância chamada também teve um atraso e, quando ele foi atendido, a única chance estava na sangria. Como ocorrera no sonho, o sangue espirrou sobre a parede, e seu olhar expressou perplexidade diante de um grande mistério. O médico constatou a impossibilidade de salvá-lo e, horas depois, ele faleceu.

Esse fato despertou mais ainda a minha curiosidade. A oportunidade de participar de grupos de pesquisa e materializações, para curas realizadas por médicos do espaço, ajudou-me a acreditar, cada vez mais, que existe muito mais além da realidade que

conhecemos.

Foram experiências marcantes que abalaram alguns conceitos materialistas em que me apoiava, reforçando a minha intenção em pesquisar o que havia por trás da realidade física. A morte, o desconhecido inevitável, causava-me medo, mas serviu como estímulo à minha busca. Como explicá-la?

Para isso, só compreendendo os seus mistérios.

Muitos foram os que assinalaram o caminho, como Pietro Ubaldi, as psicografias de Ramatis e André Luiz por Chico Xavier, Léon Denis, Helena Blavatsky e tantos outros que encontrava na estante antiga da biblioteca de meu padrinho. É interessante observar que, apesar de estar numa idade de semi-al-fabe-tização, podia perceber intuitivamente uma parcela do conhecimento dessas obras que exerciam enorme fascínio sobre mim.

Foi esse contato com a dimensão extrafísica que estimulou, de forma estranha, o meu mergulho na espiritualidade. Sentia-me envolvida por esse assunto com o mesmo encanto com que subia nas árvores ou mergulhava nas brincadeiras infantis. Bebia as informações mesmo sem a capacidade de compreensão desenvolvida, mas sentia familiaridade nas explicações sobre os fenômenos que envolviam a vida após a morte. O que estava acima da compreensão ficava como uma semente aguardando a condição adequada para germinar.

Desta forma, saboreando as informações nas mais diversas abordagens, cresci vivenciando e estudando alguns fenômenos espirituais, buscando compreender os mistérios da realidade extrafísica e da dimensão espiritual. Mais tarde, ocorreram também as saídas espontâneas da consciência para fora do corpo, durante as quais eu era levada para participar em trabalhos de socorro ou cura orientados por médicos do espaço. Isso ocorria de forma involuntária e provocava um certo medo, além do constrangimento de viver algo que não tinha com quem dividir. Temia falar desse

assunto com meus amigos, pois, sempre que tentava, me olhavam de forma estranha, sugerindo uma psicoterapia.

Por via das dúvidas, fiz terapia, que muito serviu para corrigir alguns problemas nas relações familiares e outros bloqueios. No entanto, as percepções extrassensoriais e a saída da consciência para fora do corpo continuaram ocorrendo.

Por vezes, aconteciam lembranças fragmentadas de vidas passadas, que confirmavam uma dimensão real além dos limites conceituados culturalmente. De certa forma, isso despertava insegurança e, pressionada por esse estreito conceito, muitas vezes pensei estar enlouquecendo.

É muito comum considerarmos loucura toda manifestação da consciência que não esteja dentro dos padrões de normalidade conhecida — tema de estudo do pesquisador italiano Pietro Ubaldi. Ele concluiu ser muito tênue o limite que separa a paranormalidade da loucura, e tudo o que foge do padrão de normalidade costuma ser confundido com patologia mental. Ele considera que o supranormal foi, e ainda é, mal compreendido pela ciência que quer relegá-lo ao patológico, confundindo-o com o subnormal.

Continuei meu caminho encontrando muito pouca gente interessada neste assunto, pois, há 25 anos, a espiritualidade era encarada de forma mística por alguns e, pela maioria, não era levada a sério. Mesmo hoje em dia, ainda é muito comum confundir as coisas do espírito com “macumba” ou “cartomancia”.

Inexperiente, eu sentia medo de perder o contato com a realidade material e, como ignorava a grande pesquisa que se desenvolvia por uma das vertentes da ciência, resolvi, num determinado momento, bloquear as manifestações paranormais e permanecer apenas com os estudos teóricos.

Durante muito tempo, evitei tornar pública a minha pesquisa e a prática espiritualista, aguardando o amadurecimento necessário para enfrentar os preconceitos pessoais. Estava limitada por

uma realidade externa que encara como loucos ou folclóricos aqueles que ultrapassam os limites dos cinco sentidos físicos.

Não tenho dúvidas, hoje, de que os seres de luz, como guias, sinalizaram o meu caminho, e estão sempre disponíveis a todos que queiram penetrar nos mistérios da espiritualidade, desde que impulsionados por sentimentos de amor universal, vontade firme de acertar e com o nível da vaidade não muito acima do limite razoável.

Num determinado momento da minha caminhada, houve uma ruptura entre o velho e o novo sistema de crenças que eu vinha desenvolvendo paralelamente. Foi então que resolvi optar pela regressão a vidas passadas como método prioritário nas pesquisas de autoconhecimento.

Percebi, assim, um grande caminho a ser percorrido em busca da integração, do aperfeiçoamento pessoal. Uma porta se abria mostrando uma saída para o ciclo repetitivo do sofrimento humano.

Procurei desenvolver a pesquisa da alma humana por várias correntes diferentes de estudo, até chegar à psicologia transpessoal. Ampliei, então, o estudo das bioenergias, da parapsicologia, da projeiologia e da compreensão da trajetória cármica que cada pessoa desenvolve ao longo da evolução de sua consciência.

Mas de nada adiantaria o contato com o conhecimento se este não fosse colocado em prática, exercitado. É sempre arriscado aceitar alguma informação sem experimentá-la, e o caminho da verdade se desenvolve pela combinação da teoria e da experiência pessoal, com a observação do resultado de suas ações. Por isso, o sábio grego contemporâneo, conhecido como Daskalos, afirma que as verdades não experimentadas rapidamente degeneram em dogmatismo.

Assim, mesmo correndo o risco de esquecer muitas pessoas que iluminaram o meu caminho, cito desordenadamente: J. Kerouac, Fellini, Bergman, Lapassade, Freud, Júlio Verne,

Thelonious Monk, Luis Bufluel, Paramahansa Yogananda, Stanislav Grof, René Magritte, José Lacerda de Azevedo, Richard Gerber, Marcel Duchamps, Waldo Vieira, Platão, Alice A. Bailey, Frei Luiz, Patrick Drouot, Miró, Fernando Pessoa, R. D. Laing, Brien Weiss, Edward Bach, Érico Veríssimo, Sallinger, C.W. Leadbeater, Barbara Ann Brennan, Miles Davis, Wim Wenders, C.G. Jung, Mozart, Isadora Duncan, Simone de Beauvoir, Dr. João Pedro, Ben-te-ví, Jeremias, Alan Watts, Lina Wertmüller, L. Ron Hubbard, Fritjof Capra, Lacan, En-gels, Irmã Maria do Carmo, Benedito, Dr. Frederic, Dr. Monteiro, Annie Besant, D. T. Suzuki, além de tantos outros que já foram ou serão citados ao longo desta obra, e que serviram de base e estímulo à minha caminhada.

Com a terapia de vidas passadas, pude compreender que a consciência sobrevive à morte física e adquire outro corpo para continuar seu aprendizado com novas chances de acertar. As diversas personalidades vividas e os diversos papéis desempenhados permitem uma mudança na percepção de mundo e nas relações com as pessoas.

Da mesma forma que lembramos os fatos de nossa infância, embora estejamos tão distantes da criança que fomos um dia, e quase nada exista da forma física daquele tempo, Podemos também lembrar os fatos de outras vidas, pois eles estão gravados no registro geral de nossas existências.

As vivências apresentadas aqui não podem ser comprovadas pela ciência oficial, mas podem ser constatados seus resultados práticos. Por isso, fica a critério pessoal acreditar ou não nelas. Cada qual tem o livre-arbítrio para deixar de lado os preconceitos, as ideias cristalizadas, e arriscar sair dos padrões de pensamento repetitivos.

Assim como nós, o planeta está doente, seu sistema circulatório está congestionado, os órgãos internos sangram e a respiração está insuficiente. Nós, seres humanos, sentimos a emergência

de novos valores, enquanto assistimos à derrocada dos valores que ditaram as leis até então, do ego se sobrepondo ao espírito e separando os seres humanos do universo em que vivem.

Ao sair da paralisação, podemos nos deslocar para novos pontos de vista, aptos a compreender o ser humano multidimensional, possuidor de uma consciência em constante evolução. Seguindo essa linha de pensamento, podemos participar das mudanças que começam a ser delineadas e seguidas por um número maior de pessoas. Já não vemos como normalidade o ser humano viver com medo, ansiedade, depressão e violência, mas sim a felicidade e a harmonia como uma possibilidade para todos.

Inconformados, podemos avançar por zonas consideradas proibidas, penetrando cada vez mais no conhecimento do ser humano e da vida. Podemos desenvolver uma nova ciência capaz de conceber o corpo e a mente interagindo com o espírito, em busca da verdadeira natureza humana. Quem sabe, a partir daí, encontraremos respostas para a questão ancestral: “Quem somos, de onde viemos, para onde vamos?”

Para atingir essa etapa, todo conhecimento adquirido deve ser praticado para que se torne uma realidade. Ao agirmos, por exemplo, impulsionados pela raiva, estamos separando e destruindo qualquer possibilidade de harmonia. A energia criada por esse sentimento ataca nosso organismo como um veneno, exatamente o oposto do que provoca a energia criativa do amor. Mas não adianta negar ou abafar a raiva e qualquer sentimento negativo, e sim aceitá-los e trabalhar a sua lapidação até que sejam superados.

Esse processo é considerado como a religação consigo mesmo, a busca da conexão com o Deus interior que todos temos em nós, e dispensa religiões, seitas e dogmatismos, passando apenas pela aceitação da condição humana, com seus defeitos e limitações.

No Bonde da Ciência

“Todo o conhecimento é apenas memória.”

— Platão, século III

“Vejo através dos olhos e não com eles.”

— William Blake, século XIX

Na segunda metade deste século, o Ocidente foi invadido pela cultura oriental: acupuntura, massagens, yoga, técnicas de cura baseadas na milenar filosofia do equilíbrio entre o físico e o espírito. Esse conhecimento vem sendo respaldado pelas mais recentes descobertas científicas, delineando, assim, uma trajetória que vai ao encontro da espiritualidade.

As mais recentes descobertas da ciência falam dos fenômenos de materialização e desmaterialização, matéria e anti-matéria, que, apesar de já serem testadas em laboratório, ainda não fazem parte do conhecimento geral da população planetária. Para muitas pessoas, os limites de questionamento terminam com a realidade material e, a partir daí, tudo é “farinha do mesmo saco” — misticismo sem embasamento científico.

É muito comum a reação negativa de várias pessoas diante de questões ligadas à chamada espiritualidade. “É absurda a hipótese de existência de vida após a morte”, dizem alguns. Vida em outros planetas, nem se fala!

O argumento mais usado é de que as nossas naves espaciais não encontraram vestígios de vida humana por onde andaram, mesmo considerando a atual realidade científica que se estrutura nas diversas dimensões, e nos vários níveis de energia invisíveis aos nossos olhos, em campos fora do nosso universo tangível.

Existem, ainda, os que exigem provas para acreditar na

vida extrafísica, muito embora os paradigmas materialistas que estruturam a cultura em que vivemos não apresentem comprovação para os fenômenos da vida e da morte. Portanto, nada prova que a vida material é a única realidade. Pelo contrário, as descobertas recentes da física e da química mostram diferentes formas de vida na multidimensionalidade.

Por que não abrir o horizonte para reflexões mais profundas, ao imaginar que as estrelas e planetas deste sistema solar não estariam no cenário cósmico apenas para nos agradar?

Essa visão foi expressa pela primeira vez por Ptolomeu, 2000 a.C., e, bem mais tarde, já no século XVI, confirmada por Galileu, que derrubou a crença equivocada de que a Terra era o centro do universo.

A especulação sobre a existência de vida em outros planetas fazia parte das reflexões de muitos filósofos da Antiguidade, e sabe-se que muitas dessas reflexões permitiram, posteriormente, à ciência investigar, experimentar e comprovar muitas verdades.

As pesquisas arqueológicas descobriram que, na Mesopotâmia e em outras culturas antigas, era comum o liso de pedras e tabletes de argila com efemérides para o estudo dos corpos celestes de nosso sistema solar.

Uma de minhas pacientes, em regressão, trouxe ao consciente uma vivência no Egito Antigo, à beira do rio Nilo. Alba, médica cardiologista, 33 anos, fala de uma vivência que a pesquisa revelou ter ocorrido a.C., na Mesopotâmia: Eu sou um homem que estuda o céu, observando o movimento dos astros, reproduzo-os nas pedras coloridas que vou colocando sobre um tabuleiro com desenhos de figuras geométricas.”

Estudos de arqueologia constataram que no segundo milênio antes de Cristo já havia a observação dos astros a olho nu, para a interpretação de fenômenos meteorológicos, tidos como a ação dos deuses sobre os reis e seus reinos.

Tantas vezes ridicularizados, os “aventureiros” que dedicaram suas vidas ao estudo do universo e seus fenômenos deram o impulso para o desenvolvimento da ciência e da astronomia até os dias de hoje. Essa trajetória permitiu uma mudança no enfoque da relação do ser humano com o universo e suas leis, acenando para a possibilidade de existir vida além da morte, em múltiplas dimensões além da física.

Uma pesquisa da Universidade de Harvard estuda pessoas que tiveram contato com naves e extraterrestres, demonstrando interesse pela realidade fora dos padrões convencionais. Não estaria também na hora de arriscarmos o olhar para além do nosso mundinho estratificado por conceitos desatualizados, e que continuamos a repetir sem averiguar sua validade? Que tal exercitarmos, mesmo que só do ponto de vista filosófico, a possibilidade da existência de vida além da morte, e de outras dimensões, fora dos limites espaço-tempo da nossa realidade?

Não seria um grande disparate achar que estamos sozinhos no universo, sabendo que a minúscula Terra se encontra no rabo da Via Láctea e o nosso sistema solar representa um grão de areia em meio a milhões de sóis; ou seja, em meio a milhões de sistemas solares desta e de outras galáxias?

Já se perguntaram sobre o absurdo de negar a existência de outros habitantes do espaço, quando se sabe, por exemplo, que quando observamos o brilho intenso que emana de uma estrela, ele muitas vezes está refletindo apenas uma luz que já se extinguiu bilhões de anos atrás?

Estaremos sozinhos perdidos na imensidão dos universos?

Com o nível de Inteligência e evolução que atingimos, seremos os únicos representantes da raça humana?

Não é de hoje que o ser humano faz indagações a respeito de sua origem e do sentido da vida. Já nos primórdios da humanidade, havia registros do ser humano tentando compre-

ender o desconhecido e as leis que regem o universo.

Parece que os mitos nascem da necessidade de se entender e organizar a realidade, os fenômenos da natureza, a origem da vida e da morte, numa tentativa de compreender a mente do Criador. Em todas as culturas, encontramos as mais diversas representações do Absoluto e da Criação.

Os índios Hopi dos Estados Unidos, em suas lendas, falam de um começo para a criação do universo. Já a religião hindu considera que o universo sempre existiu, simbolizando-o na forma cíclica pela dança de Shiva. Para o mito taoista (2000 a.C.), a Criação surge como resultado da união dos opostos Yin e Yang, que representam a interação entre luz e trevas, símbolo da União com o Todo.

Mas, para melhor compreender os mitos, deve-se levar em conta a cultura a que cada mito pertence, considerando que a sua função é lidar com a angústia de sua gente na tentativa de superar o vazio que o ser humano enfrenta diante dos mistérios da Criação.

É necessário então desenvolver uma percepção mais ampla, livre de preconceitos e crenças, como ponto de partida para qualquer reflexão mais profunda, possibilitando, assim, uma visão espacial da realidade enfocada. Para ajudar a compreender melhor as múltiplas realidades imaginem uma criança que nunca saiu do quarteirão do bairro em que mora. Pensaram na percepção desta criança a respeito de sua cidade?

O que aconteceria com a sua percepção, caso ela sobrevoasse de asa-delta essa mesma cidade? Certamente seria mais completa, capaz de perceber realidades até então inimagináveis.

Com essa disposição, iniciamos então o voo ao desconhecido, permitindo que nossa consciência ultrapasse os limites planetários e os preconceitos reinantes — debatendo as inúmeras experiências relacionadas à prática de expansão da

consciência, impulsionadas por novos conceitos científicos que revelam um mundo “espiritual” que não é captado pelas antenas enferrujadas dos nossos cinco sentidos.

Para tentar clarear nossa relação com o cosmo, faremos uma breve retrospectiva da trajetória científica e do desenvolvimento do pensamento ao longo da evolução humana, sintetizando alguns padrões estabelecidos e sua influência na consciência individual e social. Paradigmas que tiveram lugar em cada época da história, mas que vieram sendo substituídos por novos valores — com os conceitos sobre o que é considerado “normalidade” se transformando continuamente.

Infelizmente, porém, tem sido uma caminhada demorada essa busca eterna por mais conhecimento. Um atraso causado muitas vezes — até mesmo inconscientemente! — pela resistência de representantes do poder político, econômico, científico e religioso. Lideranças que muitas vezes se mostram preocupadas em manter as pessoas distantes de novas descobertas, para que fiquem ignorantes e, assim, mais facilmente manipuláveis.

Não é de hoje: aqueles que rumam contra a maré das crenças estabelecidas sempre foram execrados, encarcerados ou até mesmo executados. Durante a terapia de vidas passadas, encontramos vários exemplos que comprovam isso, como as vivências de Mariana, jornalista, que morreu com uma pedra sobre o peito, castigo por ter ultrapassado os limites do conhecimento, estudando as irradiações que formam a matéria humana.

A história nos mostra que mesmo aqueles que, tempos depois, encontram um lugar ao sol no mundo “oficial”, muitas vezes pagam o preço de anos de incompreensão e perseguições mesquinhas por suas ideias renovadoras para a sua época. Um exemplo clássico ocorreu com o psiquiatra austríaco Sigmund Freud que, até o início do século XX, foi intensamente

combatido pelos meios acadêmicos por sua revelação da existência do inconsciente e os estudos iniciais sobre a prática psicanalítica.

Mais tarde, quando reconhecido pela ciência oficial, o próprio Freud adentrou os mistérios do subconsciente com a monografia sobre o *déjà vu*, uma percepção inconsciente da realidade. Trata-se da impressão de já termos visto, reconhecido algum lugar ou pessoa, mesmo que isso esteja ocorrendo pela primeira vez. Esse fato, bastante reconhecido pelos estudos dos fenômenos da consciência, foi muito bem pesquisado por J. B. Rhine, psicólogo e investigador metapsíquico, catedrático na Universidade de Duke, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Em 1930, Rhine já desenvolvia um trabalho sobre os fenômenos ESP (percepção extrassensorial), as atividades psíquicas além dos limites dos cinco sentidos conhecidos.

Desde o século passado, alguns cientistas vêm revelando uma realidade que ultrapassa o universo material, mostrando que o que percebemos através dos cinco sentidos representa apenas uma fração da existência. Um universo mais amplo se estende através das atividades extrassensoriais e dos fenômenos da consciência, muitas vezes contrariando os antigos modelos científicos que ainda vigoram na realidade cotidiana.

Ainda é muito comum encontrarmos posições radicais sobre esse tema, provocando certo desdém contra os assuntos relacionados com a realidade extrafísica. Apesar de tudo, estamos chegando a um momento importante da história da humanidade. Aos poucos, mas de maneira firme, consistente, a ciência oficial começa a ser minada pela evidência dos fatos que correspondem a uma realidade mais ampla que a percebida por nossos olhos. E isso significa uma mudança profunda operando nas bases da cultura planetária.

A união da ciência e da espiritualidade, do racionalismo e da intuição, nos leva a ingressar em uma nova era do

Conhecimento, dando um passo importante para seguir, com discernimento, um caminho levado ao autoconhecimento. Cada vez mais, nos distanciamos das imposições externas que tentam forçar a população a engolir verdades absolutas e dogmas, dificultando a compreensão de uma realidade maior.

Pipocam aqui e ali novas formas de pensar a existência humana, religando-a ao espírito e trazendo respostas para conflitos e sofrimentos que assolam os habitantes da Terra. Viver é uma experiência inédita, rápida, que não deve ser desperdiçada com um comportamento de “vaquinhas de presépio”, que balançam a cabeça para fórmulas gastas impostas por determinados grupos sociais ou étnicos.

Precisamos refletir e questionar a lógica baseada em conceitos científicos que imperam há mais de trezentos anos, que foram úteis em sua época mas já estão superados para a apreensão e o entendimento da vida. No entanto, muitas vezes preferimos nos agarrar a essa lógica, cegos ao movimento evolutivo, perdendo assim o “bonde da história”.

O cientista Albert Einstein, nas primeiras décadas do século XX, começou a colocar a física newtoniana de cabeça para baixo, dando uma forte pancada no cartesianismo reinante, ao sustentar que o observador de um fenômeno participa da realidade, e que a análise das experiências físicas necessita do sistema de referência do observador. Do ponto de vista da nova ciência e da filosofia, essa descoberta reforça uma discussão importantíssima, que clareia as relações humanas: além de uma atuação meramente física, as pessoas podem influenciar a realidade com seus pensamentos, pela força de suas vibrações mentais.

Descobertas como essas dão respaldo a experiências sensitivas que têm demonstrado que, quanto mais a consciência analisa e interage — deixando de lado uma posição passiva para assumir a responsabilidade por seus atos —, mais

influencia positivamente a realidade que a cerca. Essa compreensão tem importantes consequências filosóficas, morais e éticas, porque deve ser a meta evolutiva de todo ser humano se conscientizar sobre sua participação nos próprios sucessos e fracassos, entendendo como sua mente pode afetar sua vida pessoal e social.

O fundamental é que, apesar de duros obstáculos, a nova ciência acabe evoluindo, vencendo conceitos, preconceitos e inúmeras atrocidades cometidas em nome dos valores estabelecidos de cada época. A verdadeira ciência não acredita em conceitos eternos, pois os bons cientistas sabem ter chegado apenas a novos e parciais conhecimentos, fragmentos de um Todo maior que será sempre incognoscível. Pratica a verdadeira ciência aquele que entende o conhecimento como um eterno aprofundar, um movimento sem fim que leva a descoberta de hoje parecer apenas um detalhe de um estudo maior, ou mesmo, quem sabe, apenas uma pedra no quebra-cabeça cósmico.

Santo Agostinho contestou a prepotência da ciência de sua época que negava a existência do milagre como algo contrário às leis da natureza. Ele afirmou: “O milagre não é contra as leis da natureza, mas sim da natureza conhecida.” Ou seja, o que conhecemos sobre as leis universais é uma ínfima parcela da realidade e dos mistérios que nos envolvem.

A filosofia pode ousar voos extensos, utilizando a imaginação criativa, e mostrando que as ideias dos grandes filósofos como Platão permanecem atuais até os dias de hoje. É desta forma que a filosofia impulsiona a ciência, apontando caminhos para a pesquisa e a comprovação.

Assim, as reflexões devem servir como prática dialética, método de pensamento que provoca a libertação de conceitos cristalizados, muito combatido quando os vanguardistas de todas as épocas apontavam além dos padrões determinados

como “normalidade”. Logo suas asas eram cortadas.

A medicina é uma prova disso, e o nível que atingimos hoje deve muito a Hipócrates que, antes de 2000 a.C., acreditava na influência da mente na origem das doenças, no poder das plantas e outras ousadas. Hipócrates utilizou a salicínea, extraída do salgueiro, para o alívio da dor, um produto que hoje é a base da aspirina.

Suas ideias encontraram continuidade em várias épocas. Na Renascença, o médico suíço Paracelso, baseando-se nos estudos de Hipócrates, elaborou um sistema de atendimento à saúde que acreditava no poder da mente humana sobre os processos de cura do corpo, com a doença refletindo as falhas da personalidade. Partindo desse princípio, se a mente pode produzir doenças, pode também curá-las.

As perseguições do Estado e da Igreja contra a vanguarda da pesquisa ocorreram em várias épocas, combatendo qualquer verdade que pudesse emergir a favor do esclarecimento. Para manter o domínio sobre as mentes, era preciso abolir qualquer possibilidade de conhecimento, pois este é o antídoto para o veneno causado pelo medo e a ignorância.

E, afinal, que verdades esses vanguardistas proferiram para serem tão perseguidos?

Jesus Cristo pregou a liberdade do espírito através do autoconhecimento, sinalizando as bases da psicologia, da medicina espiritual e das soluções para as relações de poder que causam os males que até hoje a humanidade enfrenta.

Em todas as épocas, mentes evoluídas procuraram sinalizar o caminho da evolução, trazendo para o devido lugar a condição humana no espaço cósmico. Embora não sendo cientista, o filósofo, astrônomo e matemático Giordano Bruno antecipou com suas ideias a mesma concepção do universo que os cientistas descobriram no século XX.

No final do século XVI, a sua visão sobre a infinidade de

mundos afinava-se com as ideias de seu antecessor, Copérnico, que anulavam a ideia de que a Terra seria o centro do universo. Essa ousadia proporcionou-lhe inúmeros dissabores.

Entre outras coisas, Bruno assinalou que o ser humano não está completo, e que para a sua evolução deverá experimentar a vida de muitas formas diferentes, levando em conta a infinita maleabilidade da matéria.

Durante os vários julgamentos a que foi submetido, Giordano Bruno usou como tática de defesa suavizar seus revolucionários conceitos filosóficos, mas não escondeu as suas divergências com a Igreja. Sua trajetória acabou sendo um capítulo marcante na história do escamoteamento do conceito de reencarnação no Cristianismo. Seus livros sobre a teoria dos mundos infinitos e a reencarnação foram para o índice dos livros proibidos, e ele terminou na fogueira da Inquisição.

Pouco tempo depois, Galileu só não teve o mesmo destino porque, na hora H, capitulou para não perder a vida, invalidando publicamente suas descobertas.

Considerado hoje o pai da ciência moderna, Galileu combinou conhecimentos empíricos e matemáticos para confirmar as hipóteses de Copérnico, revelando que a Terra girava em torno do Sol. Portanto, não éramos mesmo o centro do universo. Essas revelações o levaram a passar os últimos anos de sua vida numa prisão.

Muitas regressões em sessões de tvp (Terapia de Vidas Passadas) mostram que a opressão e o bloqueio ao conhecimento existiram desde o início da história da humanidade — um jogo de poder que levou grande parte dos seres humanos nas mais diversas épocas à morte em fogueiras, calabouços, forca, cabeças cortadas e toda sorte de violências.

Atualmente, isso tudo pode parecer uma bobagem, porque ninguém mais é mandado para a fogueira. Mas, por outro lado, aqueles que continuam a afirmar conceitos inovadores correm

o risco de sofrer o desprestígio social e o escárnio por parte de pessoas despreparadas para uma visão mais ampla da vida e do universo. A Igreja levou 359 anos, depois da morte de Galileu, para admitir seus erros. Vamos esperar mais 359 anos para refletir sobre paradigmas que as mais diversas fontes nos comprovam e que as bases da atual ciência não conseguem desdizer?

É verdade que há radicalismos por todos os lados, como demonstram o fanatismo religioso e aqueles que, mesmo aparentando um discurso inovador, adotam uma prática voltada para interesses puramente pessoais. Mas essas atitudes nocivas, que chegam ao charlatanismo, não podem — ou pelo menos não devem — desqualificar todo um conhecimento das leis universais que há cerca de cinco mil anos faz parte da cultura brâmane da Índia, dos magos da antiguidade na Caldeia e dos antigos egípcios, através de seus sacerdotes médicos.

Esse conhecimento está comprovado por vários registros encontrados, mostrando ritos de iniciação reproduzidos em desenhos, como, por exemplo, a saída da consciência para fora do corpo e a utilização do magnetismo humano pela imposição das mãos, para tratamento em processos de cura.

Muitas das gravações em cavernas sugerem, inclusive, que essas e outras práticas já eram utilizadas desde o período neolítico, levantando suspeitas de que seres humanos avançados trouxeram conhecimentos de outras dimensões para ajudar a humanidade terrena em sua caminhada.

Para refletir sobre isso, é necessário abstrair-se da realidade física, imaginando seres habitando planetas em dimensões de diferentes frequências vibracionais, já reveladas pela física quântica. Assim, por que não existiriam formas inteligentes e humanas, habitando corpos mais sutis que o estágio material?

É difícil precisar se houve e quando houve essa

interferência, porque a trajetória evolutiva desenvolvida pelo ser humano foi irregular, realizada entre altos e baixos, com momentos de grande apogeu e grandes quedas, que deixaram cair no esquecimento o conhecimento dessas culturas. Vestígios dessa história se mantêm vivos até hoje, podendo revelar-se quando uma pessoa, através da regressão de memória, atinge o núcleo do inconsciente passado.

Em todas as épocas, a história da humanidade mostra que apesar das dificuldades que enfrentaram, pensadores e pesquisadores ultrapassaram os limites do conhecimento oficial, aumentando o interesse pelas forças da consciência e pelo poder da mente. Assim caminha a evolução. E essa evolução depende da capacidade do ser humano de construir e remodelar-se para dar a si a forma que preferir, como afirmava o pensador italiano do século XV, Pico Della Mirandola. Para ele, “o ser humano pode tanto criar a realidade nas formas inferiores de vida, como utilizar a força do espírito para gerar as formas mais elevadas”.

O Que os Olhos Não Veem, o Coração Sente

“A palavra articulada possui grande poder...”

— Helena Blavatsky

Embora a maioria das pessoas considere realidade apenas o que é visível, podemos dizer, contrariando o ditado popular, que muitas vezes o que não é percebido pelos olhos físicos, o coração sente. Basta aprofundar um pouco a observação dos

fatos para perceber que a realidade não se restringe apenas à matéria que os nossos olhos podem perceber.

Ninguém duvida dos terríveis estragos que os vírus e bactérias podem causar ao organismo humano, embora a maior parte das pessoas jamais tenha visto um deles sequer. Lavamos as verduras antes de comer e esterilizamos injeções, porque sabemos da existência dos males que habitam regiões invisíveis aos nossos olhos. Levamos em conta, no caso, a afirmação dos que fizeram essas observações por equipamentos adequados e constataram os estragos causados por eles ao organismo humano.

O que dizer, então, daqueles que duvidam do que não veem, mas, sem qualquer questionamento, utilizam aparelhos de micro-ondas, controles remotos, telefones celulares e outras coisinhas mais? Apesar da constante interação com a multidimensionalidade, e da convivência com os diversos campos de energia invisível, muita gente nega a eternidade do espírito, baseando-se, exclusivamente, na argumentação de que essa é uma realidade inexistente, por não ser captada pelo olhar.

É bom lembrar que a visão material não é a única percepção da realidade. Apesar do familiar “ver para crer” expressado por São Tomé, cada vez mais se torna necessário ampliar os horizontes para além da realidade convencional. Com certeza, foi o que fez o cientista Albert Einstein, para conseguir avançar seus estudos. Contrariando o senso comum, ele ousou afirmar que “é preciso crer para ver”, e esse novo paradigma foi responsável pelo movimento que o levou a penetrar os mistérios da física quântica.

Para o avanço dos estudos científicos, essa atitude investigativa é fundamental, encorajando novos trabalhos e descobertas. Muitas vezes, o pensar filosófico coloca questões que, só mais tarde, serão comprovadas pela ciência. Embora o exemplo prático seja importante, o avanço das ciências não pode

ficar limitado àquilo que seja comprovado imediatamente. A trajetória percorrida pela física dá mostras disso, pois em vários momentos de sua evolução os cientistas chegaram a formulações matemáticas, a antecipações teóricas que só depois puderam ser comprovadas.

O próprio Einstein, por exemplo, desenvolveu sua teoria da relatividade entre 1907 e 1915, apresentando novos conceitos sobre a relação tempo e espaço. Mesmo assim, suas formulações teóricas só ganhariam credibilidade nos meios científicos em 1919. O universo é energia, e o que os nossos sentidos primários percebem como “vazio” encerra, na verdade, um oceano de energias em diversas frequências e em diferentes formas de vida. A matéria também é energia, apesar da forma equivocada em que fomos condicionados a raciocinar, separando energia e matéria.

Partimos do princípio de que luz é energia e que esta se propaga no éter. Assim, se a luz é uma onda eletromagnética e o pensamento também, podemos dizer que o pensamento é energia e luz e se desloca na mesma velocidade desta. Por sua vez, a cor também são ondas eletromagnéticas variando de frequência, o que explica o campo áurico formado por nossos pensamentos e sentimentos — com as cores conforme suas frequências.

Ignoramos a importância dos pensamentos e dos sentimentos em nossa vida, mas cada vez que elaboramos uma ideia, pensamento ou vivemos uma forte emoção, estamos projetando uma energia que produz um duplo efeito: uma vibrante radiação e uma forma de estrutura energética e cor, que flutuam como um balão pelo espaço. Essas vibrações vão se enfraquecendo à medida que se afastam do centro que as produziu. Mas se mantêm vivas quando repetimos o mesmo padrão de pensamento, exercendo, dessa forma, um efeito sobre o meio ambiente.

Assim, um constante pensar positivo acaba atraindo a realização de coisas boas, enquanto um recorrente pensamento negativo estimula fatos desagradáveis.

É importante, para a melhor compreensão da natureza, do universo e da consciência humana, desenvolvermos a percepção de que tudo são energias que se relacionam interativamente. E mais: a cura para doenças que afligem a humanidade passa pela desobstrução dos canais do corpo, por onde circulam essas energias.

Cada vez mais, a ciência deve se colocar aberta aos estudos dos fenômenos parapsíquicos, pesquisando inclusive dados mais sutis, como os que surgem das regressões a vidas passadas — para uma maior compreensão da natureza humana.

Ao observar a trajetória realizada pelo ser humano até hoje, percebemos o desgaste e o desequilíbrio provocados pela ótica materialista. A busca do equilíbrio nos leva a intensificar o encontro entre a ciência e a espiritualidade, para a integração entre o aspecto espiritual e a vida material. Esse caminho integra o coração e a mente.

A tentativa de se estabelecer a conexão da intuição com a razão, atingindo-se maior lucidez e discernimento, vai ao encontro do equilíbrio que rege os novos paradigmas da cultura emergente.

Podemos perceber, pela prática da regressão de memória, que a ciência tende a caminhar de mãos dadas com a espiritualidade. Essa expectativa não é novidade, pois muitos filósofos e cientistas assinalaram esse encontro, entre eles Einstein, para quem o sentimento religioso cósmico seria um forte e nobre estímulo à pesquisa científica.

Uma nova concepção surgiu nesses últimos cinquenta anos. Impulsionado pela física quântica, um número crescente de cientistas e pesquisadores vêm confrontando a realidade invisível ao atravessar a fronteira da espiritualidade. De

formação acadêmica conceituada, o físico francês Patrick Drouot e o psiquiatra americano Brien Weiss, por exemplo, tornaram-se best-sellers com livros que tratam de suas pesquisas e descobertas com terapias de vidas passadas.

Psiquiatra de formação tradicional nos bancos escolares americanos, Brien Weiss é hoje reconhecido internacionalmente por suas pesquisas no campo da espiritualidade. Mas iniciou sua trajetória com ceticismo, segundo ele mesmo, despreparado ao enfrentar, pela primeira vez, a realidade da espiritualidade. Durante o tratamento tradicional com uma paciente, sem obter nenhuma melhora nos sintomas, Weiss percebeu, durante uma sessão, uma comunicação inesperada, que posteriormente foi identificada como uma regressão espontânea a uma existência passada.

Ao aprofundar sua pesquisa, humildemente, o psiquiatra admitiu estar diante do desconhecido — e não de uma alucinação qualquer — e abandonou os métodos tradicionais para acompanhar a trajetória de sua paciente de volta ao passado e os contatos com os mestres espirituais. Seguindo essa nova trajetória, Weiss permitiu que sua paciente se libertasse da origem de seus sintomas.

Patrick Drouot, por sua vez, iniciou sua pesquisa atraído pela curiosidade nos fenômenos causados pelos estados alterados da consciência. Físico francês diplomado pela Columbia University, de Nova York, é considerado na França o maior expert em regressão a vidas passadas. Ao estudar a regressão até vidas pretéritas, “essa coisa inexplicável experimentada por pessoas de todas as idades e de todas as condições socioculturais, e são de espírito”, decidiu tentar pessoalmente a experiência. Sua primeira regressão trouxe à consciência uma reencarnação como monge no século XI, e, a partir daí, Drouot mergulhou fundo no estudo da tvp.

Além de Weiss e Drouot, vários outros cientistas avançam

no conhecimento do ser humano, como, por exemplo, a Dra. Helen Wambach de Nova Jersey, que, pela regressão a vidas passadas, pesquisa regiões da memória e registros da vida atual e de outras vidas como a parte material da mente humana que expressa a consciência. Essa postura opõe-se ao conceito mais antigo de que a mente seria uma criação acidental do desenvolvimento do sistema nervoso, portanto, material.

Uma nova visão do mundo e da realidade começa a ser delineada e importantes contribuições surgem dos vários pontos do planeta, como a visão holística apresentada pela pesquisadora norte-americana Marilyn Ferguson. Em seu livro *A conspiração aquariana*, ela relaciona relatos impressionantes sobre as diversas áreas do desenvolvimento humano, e um número considerável de trabalhos e pessoas envolvidos com os conceitos da nova era.

Ferguson fala de “uma forte rede, embora sem liderança, trabalhando no sentido de provocar uma mudança radical, cujos membros romperam com alguns elementos-chave do pensamento ocidental, e até mesmo podem ter rompido com a continuidade da História... uma conspiração sem doutrina política, sem manifesto, com conspiradores, baseada apenas no pensamento, energia poderosa expandindo-se em direção a profundas transformações...”

É importante caminhar no fluxo dessas transformações e da reconstrução nas estruturas do pensamento em todas as áreas da humanidade, passando pela filosofia, saúde, educação, arte e política. A partir de novas concepções sobre o ser humano e sua relação com o cosmo, torna-se bem mais fácil transformar a realidade para melhor.

O estudo da mente humana pela ciência de vanguarda tem revelado descobertas importantes sobre os registros vibratórios que se encontram no psiquismo e os modelos psicológicos que determinam os nossos comportamentos individual e

social. Dados preciosos já se encontram disponíveis para ajudar nas pesquisas dos cientistas e estudiosos menos pre-conceituosos. Como é costume dizer, “o pior cego é aquele que não quer ver”, e os cegos de nossa época ainda não conseguem enxergar que estudos mais avançados apontam para a evidência da continuidade da vida.

Pesquisadores sérios, em vários países do mundo, detectam inúmeras manifestações de seres em outras dimensões físicas a partir, por exemplo, de técnicas de expansão da consciência, de percepções extrassensoriais laboratoriais, da fenomenologia espiritual, e, ainda, pela transcomunicação instrumental.

Nos últimos anos, a tendência de alguns pesquisadores é demonstrar que a física quântica e a teoria da relatividade se aproximam de postulados das místicas orientais, como meios de conhecimento espiritual.

Defensores da psicologia transpessoal, como Pierre Weil, Stanislav Grof e Maurice Buck, falam da expansão da consciência como algo há muito citado por poetas e místicos. Durante a experiência, o indivíduo deixa de se perceber fora do universo e passa a fazer parte dele, pois ele se integra ao cosmo e sente que a consciência sobrevive além da morte física. Existem também recentes pesquisas científicas sobre o poder do pensamento nos processos de cura e ainda sobre a capacidade da memória humana de registrar vivências fora do corpo. Barbara Brennan, ex-pesquisadora da NASA no Centro de Voo Espacial de Goddard, com mestrado em Física Atmosférica pela Universidade de Wisconsin, considera que a Alta Percepção Sensorial é uma etapa evolutiva natural da raça humana. Segundo ela, a relação entre causa e efeito mostra como nossos pensamentos influem em nossos campos de energia, os quais, por seu turno, agem na saúde do corpo.

Barbara Brennan parece ter motivos suficientes para fazer

essa afirmação. Pelo menos, um crédito inicial deve ser dado como ponto de partida para aprofundarmos reflexões e questionamentos nessa área.

Na Califórnia, no Stanford Research Institute, físicos e psicólogos investem o tempo de suas pesquisas efetuando experimentos sobre os fenômenos de visão a distância, telepatia e premonição. Isso demonstra que o interesse pelas coisas do espírito não é comum apenas aos místicos ou ignorantes, como a maioria afirma, mas coisa de observadores sensíveis que podem perceber o que está além da comunicação normal, apreendida pelos cinco sentidos convencionais.

Grupos em vários países trabalham em pesquisas sobre a transcomunicação instrumental, confirmando a comunicação de entidades espirituais que habitam outras dimensões. São utilizados instrumentos de alta tecnologia, com o envio de informações sobre a realidade extrafísica por equipamentos como telefone, fax, secretária eletrônica e computadores.

As entidades espirituais, segundo pesquisadores de vários países, se utilizam de alta tecnologia para construir pontes de comunicação, canais que seriam os “miniburacos” negros e brancos da espuma quântica. Essas comunicações informam que para essas transmissões são criados campos de contato entre receptor e emissor pela força mental, que opera o aparelho sem necessidade da ação manual.

Pela sintonia das ondas mentais, pode-se estabelecer a comunicação entre duas ou mais pessoas, e essa “ligação” permite a interpenetração dos campos mentais, por onde são transmitidos sentimentos e pensamentos, como acontece durante o processo terapêutico, quando o terapeuta interage com o paciente, criando um campo de força propício à regressão de memória.

Ao se comunicar livremente, seja encarnada ou desencarnada, uma consciência se utiliza de um processo de sintonia

pela afinidade das ondas cerebrais, fora das leis que regem a realidade física. A mente não possui natureza material, embora utilize o cérebro como instrumento receptor e transmissor de sua vontade.

O Instituto Monroe, nos Estados Unidos, realiza pesquisas laboratoriais sobre os estados alterados da consciência, e foi detectada a presença de uma nova frequência de ondas mentais, denominadas *gama*, possivelmente responsável por um tipo de estado de hiperconsciência. Quando estamos despertos funcionamos em ondas *beta*, e as ondas *alfa* podem ser atingidas por relaxamento, ao realizar tarefas como jardinagem, lavagem de louça e mesmo assistindo à tevê.

No caso de relaxamento profundo, estados de transe ou meditação, estamos atuando em ondas *teta*. Durante o sono, em estado de inconsciência, nos entregamos à frequência *delta*.

O controle do pensamento, a atenção constante determinam o padrão mental em que atuamos. No dia a dia, muitas vezes, nos misturamos ao campo mental de outra pessoa ou de um grupo. Ao nos envolver numa esfera psíquica negativa, agimos como se estivéssemos “presos” a um padrão de comportamento ou a uma determinada relação, como se um botão fosse acionado cada vez que estamos juntos com determinada pessoa. Isso ocorre porque o campo negativo pode ativar a cadeia cármica de nossos sentimentos negativos. Como se estivéssemos ancorados no passado, sentindo e agindo compulsivamente por meio de uma visão cristalizada em um ponto qualquer de uma vivência antiga.

Não sabemos onde nem quando isso aconteceu, mas sentimos, por momentos, a incapacidade de mudar a nossa forma de sentir e agir. Estamos, dessa maneira, colocados como um observador imobilizado, sem possibilidade de deslocar-se para outros pontos de vista. Portanto, essa imobilidade impede o

pensamento de interagir no presente.

Apesar do vasto material de pesquisa na área da consciência, a maioria das pessoas — mesmo convivendo com as parabólicas, as tevês a cabo, as pesquisas em informática que já colocam em teste computadores que recebem ordens tele-páticas do operador — prefere avaliar os fenômenos da consciência e a realidade extrafísica a partir de uma ótica do século passado, limitada pelo racionalismo cartesiano.

Assim, para não sermos levados na correnteza de eventos desconhecidos, e para compreendermos melhor a alma humana, precisamos estar a par do conhecimento desenvolvido desde a antiguidade até as recentes pesquisas sobre a consciência que se desenvolvem segundo as mais diversas abordagens.

Abrir os olhos para os fenômenos da vida nos ajuda a compreender melhor os mistérios que as antigas revelações já procuravam explicar — como a importante referência que se encontra nos textos sânscritos, a língua sagrada da antiga Índia, e os escritos de sábios anônimos, considerados “videntes”. Para eles, todos os eventos que nos cercam nada mais são do que manifestações da realidade da alma, o que nos é revelado por uma linguagem poética, caminho de pesquisa que muitos cientistas vêm utilizando, como Fritjof Capra, doutorado em Física pela Universidade de Viena.

Em seu livro *O tao da física*, Capra procura traçar um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental, dois caminhos que tendem a se cruzar como sugerem as recentes pesquisas neurológicas que conceituam com funções distintas os dois hemisférios cerebrais — resultando da interação de ambos o equilíbrio de nossa percepção e atuação na vida.

Ao acreditar que a visão científica e os caminhos da espiritualidade se cruzam neste final de milênio, trazendo uma percepção da realidade muito mais ampla do que a que con-

cebíamos até então, Capra relata uma curiosa experiência que o levou a percorrer o caminho até a realização de seu primeiro livro. Para ele, o conhecimento que tinha dos átomos se resumia a simples teorias, mas a partir da experiência que será descrita a seguir, o verdadeiro conhecimento desabrochou.

“Eu estava sentado na praia e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento, subitamente, percebi intensamente o ambiente que me cercava: este se afigurava como se participasse de uma gigantesca dança cósmica. Como físico, eu sabia que a areia, as rochas, a água e o ar a meu redor eram feitos de moléculas e átomos em vibração e que tais moléculas e átomos, por seu turno, consistiam em partículas que interagiam entre si através da criação e da destruição de outras partículas. Sabia, igualmente, que a atmosfera da Terra era permanentemente bombardeada por chuvas de 'raios cósmicos', partículas de alta energia e que sofriam múltiplas colisões à medida que penetravam na atmosfera. Tudo isso me era familiar em razão de minha pesquisa em física de alta energia: até aquele momento, porém, tudo isso me chegara apenas através de gráficos, diagramas e teorias matemáticas.

No entanto, sentado na praia, senti que minhas experiências anteriores adquiriam vida. Assim, vi cascatas de energia cósmica, provenientes do espaço exterior, cascatas nas quais, em pulsações rítmicas, partículas eram criadas e destruídas. Vi os átomos dos elementos — bem como aqueles pertencentes a meu próprio corpo — participando desta dança cósmica de energia...”

Fluidos

Aos trancos e barrancos, vamos evoluindo graças aos inconformados com os padrões vigentes de realidade, que com firmeza apontam para um mundo melhor.

Passo a passo, seres iluminados contribuem para ampliar o conhecimento da humanidade, perseguindo sonhos que, mesmo se destruídos, encontram mentes resistentes que trabalham a sua reconstrução.

Desde o século X, alguns sábios já afirmavam que o espírito age sobre o corpo e pode ainda interagir a distância com outros corpos. Mas somente no final do século XVIII o magnetismo — essa força decorrente da atividade das células que formam o corpo humano — foi profundamente estudado pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer. Ele sustentava que todo ser vivo era dotado de um fluido magnético capaz de ser transmitido a outros indivíduos, e que essa influência pode tranquilizar as pessoas e até mesmo provocar a cura de doenças.

Mas os fluidos recebem a intenção de quem os emite, assim, eles podem também, dependendo da intenção do emissor, gerar desequilíbrio, baixa de energia e até doenças.

Muitas vezes, o caminho percorrido pelos pesquisadores da mente se torna tortuoso e sujeito a equívocos, embora não anule as descobertas realizadas. Boa parte foi acusada de charlatanismo. Em alguns casos, pesquisadores chegaram a cair nas armadilhas da vaidade, tornando-se presas fáceis do exibicionismo. Mas o importante é que, mesmo assim, o estudo dos fluidos continuou a ser desenvolvido.

Hoje em dia, sabe-se da influência magnética entre as pessoas, que estabelece interferências psicossomáticas recíprocas. Dependendo da intenção ou da frequência vibratória do

pensamento, essas interferências poderão ser benéficas ou maléficas. Claro que muitas pessoas continuam rindo em reação a essas afirmações, ignorando que esses estudos já foram descritos pela cabala, a teosofia mística judaica desenvolvida em 538 a.C., que denominava “luz astral” a energia que exala dos seres humanos.

A aura humana é um fenômeno facilmente perceptível. Basta a mente aberta para observá-la, num ambiente com pouca luz e o olhar relaxado sobre uma outra pessoa, tendo como foco o centro entre os olhos. Após alguns minutos, poderemos perceber uma luminosidade envolvendo a pessoa.

Outra forma de percepção da realidade extrafísica ocorre quando um ambiente de paz e tranquilidade recebe a entrada de uma pessoa em estado de cólera. Mesmo que ela não tenha qualquer reação física, sua carga negativa será pressentida pelos mais sensíveis. É como se o ambiente se transformasse, para pior. O mesmo acontece quando uma pessoa serena e cheia de boas intenções de ajudar participa de um momento de confusão. Sua simples presença acalma e harmoniza o ambiente, permitindo que a lucidez se expresse, trazendo solução para o problema em questão.

O estudo de Mesmer sobre os fluidos do magnetismo e sua influência sobre o corpo físico e o psiquismo humano encontra comprovação nas práticas mediúnicas. Esse tipo de magnetismo é usado como força operante nos passes de cura e ainda para complementar as cirurgias nos tratamentos realizados pela medicina espiritual.

Esses fluidos atuam até mesmo como agentes telepáticos, propiciando transmissões de pensamento a grandes distâncias do ponto onde se encontra o emissor. Isto explica os processos usados para a cura a distância, uma técnica de projetar o pensamento a longas distâncias com a intenção direcionada a um determinado doente.

Esses fenômenos vêm sendo estudados, e mais cedo ou mais tarde estarão explicados à luz da ciência oficial, provando que a espiritualidade e a racionalidade científica caminham para um encontro inevitável.

A dificuldade de se aceitar as coisas do espírito foi acentuada pelas teorias do filósofo, físico e matemático francês do século XVI René Descartes e pela física mecanicista do inglês Isaac Newton, no século XVIII. Ambos concebiam o mundo imutável, sem a noção do livre-arbítrio, seguindo leis fixas e determinantes.

O pensamento materialista criou a dualidade espírito/matéria, que ganhou um reforço inusitado a partir de meados do século XIX, com os estudos do materialismo histórico e seus desdobramentos filosóficos desenvolvidos pelo pensador alemão Karl Marx. Ao descortinar todo um sistema de opressão existente no mundo e ao sustentar que a matéria precede a consciência — que os homens formavam seus pensamentos, suas realidades culturais, seus sistemas políticos e econômicos a partir de suas relações sociais, do trabalho, do modo de produção em que estavam inseridos —, Marx parecia se candidatar ao posto de grande coveiro das discussões sobre a existência de realidades espirituais.

Mas conceber as diferenças sociais tendo como causa apenas as relações de Poder e do Capital me parece insuficiente. Não foi à toa que, paralelamente, na segunda metade do século XIX, a lei de equilíbrio universal fez despertar, em várias partes do mundo, outras correntes de pensamento baseadas na espiritualidade.

Ainda no século XIX, a França contribuiu com os pensadores Allan Kardec e Léon Denis, que pesquisavam os mundos invisíveis, a força psíquica e a vida após a morte, em busca de respostas para os inúmeros fenômenos da espiritualidade. Ao mesmo tempo, em outros países, Sidgwich comprovava o fe-

nômeno da telepatia, William Crookes pesqui-sava os processos de materialização, Flammarion com suas experiências junto a sensitivos pesquisava os fenômenos me-diúnicos.

Enquanto isso, a mecânica newtoniana começava a ser superada pelos novos conceitos da eletrodinâmica de Max-well, acenando para a possibilidade de o universo ser muito mais complexo do que seus antecessores haviam imaginado.

Nas duas primeiras décadas do século XX, novo horizonte se descortina com as percepções dos fenômenos atômicos e subatômicos, do espaço e do tempo, que vieram à luz a partir da teoria da relatividade de Albert Einstein e, principalmente, dos estudos da física quântica inicialmente desenvolvidos por Werner Heisenberg. Esta nova realidade científica destronou os fundamentos mecanicistas newtonianos.

Estava, assim, aberta uma porta fundamental para a mudança de paradigmas da ciência contemporânea. Por essa nova visão, os objetos que conhecemos não eram mais constituídos de matéria estática. Com a descoberta de novas partículas atômicas e subatômicas, cujas velocidades e posições possíveis só podem ser determinadas por probabilidade estatística, a matéria passou a ser entendida como sendo formada por um complexo energético em eterno movimento.

Um complexo não mais de partículas isoladas, como pensava Newton, mas de frequências de energia de campos diversos. Com o avançar da física quântica, fica evidente que novas partículas subatômicas ainda serão descobertas, assim como suas interações mútuas — indicando que não só do ponto de vista macroscópico, mas também do microscópico, o “mundo” que nos cerca é infinito e capaz de liberar e mexer com energias inimagináveis.

À luz dos novos conhecimentos, é possível afirmar que o universo é formado pela interação de energias, que, ao se concentrarem, cristalizam-se sob determinadas condições,

formando a matéria visível como hoje a conhecemos. Muitos fenômenos extrafísicos ainda carecem de estudos científicos aprofundados, mas acredito que uma visão mais esclarecida é capaz de compreender — ou pelo menos admitir a hipótese! — que existem energias “invisíveis” que nos cercam e interagem, provenientes de diferentes dimensões.

Energias capazes de produzir experiências que ainda não conseguimos explicar racionalmente, como a materialização de objetos ou até mesmo de espíritos de pessoas já desencarnadas. Energias como as liberadas pela explosão da bomba atômica na cidade japonesa de Hiroxima, em 1945, que, ao desintegrar um habitante, deixou apenas a marca de seu cor-po impressa no chão.

Algumas questões importantes, porém, já estão mais claras para a humanidade. E não só a física quântica contribuiu para essa maior conscientização, mas também, por exemplo, os fundamentos da psicanálise de Sigmund Freud, apesar de limitar-se a olhar o ser humano como um mecanismo biológico animado por instintos rebeldes.

Mesmo assim, a partir dele, as pesquisas da mente avançaram alguns passos, enriquecidas pelas elaborações apresentadas pelo psiquiatra suíço Carl Jung, sobre os arquétipos e o inconsciente coletivo.

Esses elementos representaram os fundamentos da ponte de integração entre espírito e matéria na estrutura do pensamento ocidental. A partir de Jung, o inconsciente humano passou a ser entendido como o depósito de imagens mentais que encerravam não só a herança genealógica de seus ascendentes, mas também mitos que traduziam a pré-história e a história da humanidade. Um inconsciente que, pelo fenômeno da sincronicidade, podia até mesmo “falar”, enviando mensagens mentais para outros inconscientes.

O próprio Jung pagaria o preço de suas teses inovadoras,

sendo rejeitado pelo próprio Freud, que inicialmente o havia tratado como um filho e herdeiro de sua prática psicanalítica. Mas ainda limitado a conceitos materialistas, como a formação do ego e seus distúrbios, um inconsciente individual, a pulsão sexual recalçada e o instinto de autodestruição, Freud rejeitou as formulações de Jung, comparando-as a práticas do ocultismo.

Não importa. O fundamental é que, a cada nova reflexão, novos horizontes se descortinam, propiciando estudos que venham a contribuir para novos experimentos, teorizações e práticas direcionadas ao autoconhecimento.

Sem entender que o ego é estruturado não só a partir de experiências e traumas relacionados à nossa vida atual, mas também a partir de outras realidades, como encarnações passadas, a psicologia não avançará nos estudos de alguns sintomas graves da mente humana, que costumam ser definidos apenas como alucinações.

Alucinação ou realidade?

O Invisível

As fotos Kirliam, que possibilitam uma avaliação do estado de saúde energética de uma pessoa, foram descobertas no final dos anos 30 do século XX, na Rússia, pelo engenheiro elétrico Semyon Kirliam. Essas pesquisas sobre o campo de irradiação dos seres detectam os campos bioenergéticos dos sistemas vivos. A foto Kirliam trabalha com processo eletrográfico, registrando em filme fotográfico os tecidos energéticos de propriedades bioelétricas conhecidos como aura.

A foto Kirliam pode detectar também os campos ener-

géticos dos vegetais, revelando que após uma folha ter sido retirada da árvore, o campo energético com a mesma forma desta folha permanece vivo por algum tempo.

Através do estudo dos padrões de energia, podem ser diagnosticados os desequilíbrios que provocam diversas doenças no organismo. No entanto, apesar dos avanços expressivos, em vários países do mundo, de estudos e práticas que comprovam a existência de realidades extrafísicas, um dos maiores problemas ainda existentes é que as informações sobre descobertas de ponta não são de fácil acesso à população em geral.

Isto provoca uma grave lacuna entre a realidade do pensamento popular e do da elite científica. A maior parte das informações sai da comunidade “científica” oficial, que continua afirmando, categoricamente, que não existe vida além da realidade material, visível aos olhos físicos.

Mas as novas descobertas podem ajudar na pesquisa da causa de muitas doenças, tanto físicas quanto mentais, que até hoje permanecem misteriosas. Elas poderão ser compreendidas se as analisarmos sob a ótica das diversas correntes que assinalam a relação das doenças com os distúrbios emocionais.

Mesmo as posições um tanto mecanicista do psiquiatra alemão Wilhelm Reich trouxeram nova luz à ciência de sua época, ao falar da energia universal que denominou de “orgone”. Ao relacionar a desarmonia do “orgone” com o aparecimento de doenças, Reich acabou desenvolvendo uma técnica terapêutica que integra práticas físicas, a fim de liberar os bloqueios dessa energia. Suas atitudes eram tão contestatórias que, nos duros anos 50, nos EUA, acabou indo para a prisão, acusado de práticas ilícitas, e impedido de continuar suas pesquisas.

Nos anos 60, a investigação dos campos da energia hu-

mana foi acentuada, e relacionada com as doenças e a cura da “alma”. Alguns estudos sobre essas emanções luminosas — que as antigas tradições orientais denominavam “aura” e o pensamento cristão, “alma” — sugerem a possibilidade de haver uma relação com as ondas eletromagnéticas produzidas pelo cérebro humano, e que se deslocam à velocidade da luz.

Uma prova de que o caminho que associa a realidade material ao espírito não parece absurdo, como os leigos argumentam, é que, em todo o mundo, estudiosos responsáveis continuam desenvolvendo suas pesquisas. É o caso do psicólogo Eugene Gendlin, da Universidade de Chicago, que analisou as atividades integradas dos dois hemisférios cerebrais, para um maior conhecimento da realidade humana. Por sua vez, o médico americano Richard Gerber criou um modelo operacional para estudar as dimensões físico-etéricas — o campo energético intermediário entre o corpo material e o espírito.

Este estudo é muito importante, pois contém informações essenciais para a detecção de doenças que se formam nesse campo energético intermediário, e que só depois são projetadas para o corpo físico.

Pesquisas como essas demonstram que, ao contrário dos parâmetros que conhecemos, o universo físico, material, não é algo totalmente distinto de nossos pensamentos. Parece haver uma conexão entre o pensamento e a realidade física, embora tão sutil, que dificulta a sua percepção aos sentidos físicos.

As novas descobertas científicas, aos poucos, vêm sendo colocadas em prática, passando a interferir na concepção geral que se costuma ter da realidade.

Tem sido longo o caminho que nos trouxe até as grandes mudanças que hoje ocorrem nas áreas do conhecimento humano. Diante dessa pesada herança cultural, ainda imperam pensamentos e atitudes que negam a realidade espiritual, pre-

valecendo afirmações de que nada existe após a morte: “Morreu... morreu, acabou tudo.”

O Instituto Gallup, nos Estados Unidos, revelou que cerca de oito milhões de americanos já passaram por experiências de “quase morte”. Os relatos dessas pessoas dão conta de vivências que convergem na mesma direção, confirmando a realidade de vida após a morte.

Grande parte do sofrimento que assola a humanidade é consequência da dualidade entre a consciência e a matéria, e o bem-estar de todos depende da integração desses opostos, mesclando o materialismo ocidental e a espiritualidade oriental.

Pouco a pouco, vão sendo eliminadas as barreiras entre o sentimento e a razão. Para que esse equilíbrio aconteça, devemos participar ativamente, complementando a razão com a intuição. Estaremos assim atuando como cocriadores — compondo, esculpindo e lapidando o nosso Ser, para prepará-lo para a nova etapa da humanidade, de harmonia e maior compreensão dos problemas gerais.

Os Dois Hemisférios Cerebrais

“Quando tornardes os dois em um, quando fizerdes o interior se tornar igual ao exterior... quando criardes uma imagem no lugar de uma imagem, então, entrareis no Reino.”

— Evangelho de Tomé

A realidade que percebemos se expressa pela percepção separada dos dois hemisférios cerebrais. O esquerdo nos permite ter a visão do mundo físico, e o direito, o mundo imaterial, invisível. Portanto, não podemos tentar compreender os mistérios do universo infinito por um raciocínio linear e finito, utilizando o hemisfério esquerdo.

Somos seres finitos sim, fisicamente, mas podemos ultrapassar essa limitação imposta pelas leis da matéria, usando a potencialidade infinita de nosso espírito, ao desenvolver o potencial adormecido do hemisfério direito.

No universo visível, denominado pela ciência de “ordem explícita”, a realidade apresenta-se separada do Todo. Já com o hemisfério direito cerebral, podemos expandir nos-sas percepções para além das aparências da realidade material, percebendo o que alguns físicos, como o americano David Bohm, denominam “ordem implicada”. Essa ordem oculta, fora do tempo e do espaço, em que não existem distâncias nem separação, permeia todas as coisas e a tudo interliga.

Mas para se apreender integralmente a realidade, incluindo o visível e o invisível, o primeiro passo é integrar a percepção racional do hemisfério esquerdo às funções espaciais do hemisfério direito cerebral, estabelecendo a união do ser encarnado com sua consciência maior ou espírito, como se queira chamar.

A ciência contemporânea tem apresentado interessantes resultados de pesquisa sobre a atividade cerebral e as funções diferenciadas de seus hemisférios direito e esquerdo. Por esses estudos, ficou constatado que o hemisfério direito cerebral trabalha as funções criativas, sendo a sede da imaginação, o canal de manifestação da consciência, da realidade extrafísica. Trata-se da parte do cérebro mais utilizada pelos artistas, que em geral são encarados como “loucos” ou “es-quisitos”, por fugir da regra da cultura vigente, ousando a manifestação de

sua alma.

Como é comum que as chamadas coisas do espírito provoquem medo, tudo que está relacionado à espiritualidade costuma ser associado com a loucura, com a anormalidade. Esse mergulho na realidade invisível e imaterial do universo extrafísico, realizado por místicos e artistas, é percebido pelo pai da antipsiquiatria, o inglês R. D. Laing, por uma ótica que traz um novo conceito para o sentido de anormalidade. Ele diz que “os místicos e os esquizofrênicos se encontram no mesmo oceano, só que nele os místicos nadam, enquanto os esquizofrênicos afundam”.

Esse oceano em que habita o inconsciente tem como instrumento de expressão o hemisfério direito cerebral, por onde se comunicam as vivências emocionais — e suas misteriosas microestruturas que, estimuladas, produzem os variados fenômenos de estados alterados da consciência.

Dessa forma, quando trazemos à tona as vivências inconscientes do passado, estas são transferidas para o hemisfério esquerdo, provocando a interação entre os dois lados do cérebro. Ao tornar consciente essas vivências, o hemisfério esquerdo se encarrega de ordená-las linearmente, dar realidade espacial, somar, subtrair, compartimentar.

Apesar de todo o conhecimento desenvolvido nas três últimas décadas do século XX sobre a atividade cerebral e as funções dos hemisférios direito e esquerdo, essas descobertas na área da consciência humana ainda não foram assimiladas pela maioria das pessoas. Argumentos baseados na desinformação são amplamente utilizados para invalidar os fenômenos de manifestação da consciência, entre outras coisas.

No entanto, essas informações, que dizem respeito à evolução da consciência, precisam ser divulgadas, para que essa realidade possa ser assimilada pela humanidade e incorporada aos novos paradigmas que deverão reger as sociedades.

Questões sobre a relação tempo e espaço precisam estar na pauta das grandes discussões de nosso tempo.

Ao expandir a consciência para além dos limites espaço-tempo, podemos ter uma leve percepção do universo. A consciência é pensamento, e este é energia, ondas eletromagnéticas que se propagam no éter. Se o pensamento viaja na velocidade da luz, e esta atinge 300 mil quilômetros por segundo, ele pode cruzar o cosmo como a luminosidade de uma estrela.

A terapia de vidas passadas opera fora dos limites espaço-tempo, confirmando o que a milenar filosofia taoista já sustentava, e hoje em dia é reafirmado pela física contemporânea: o tempo é uma ilusão e, portanto, não existe. Assim, só podemos medi-lo em função direta do espaço, o que significa que devem ser considerados uma só coisa.

O tempo seria uma ilusão criada por nós, convencionalizada como sendo realidade e indispensável para administrarmos a dimensão material e sua transitoriedade.

Que tal exercitarmos nossa mente refletindo sobre o exemplo que os cientistas usam para explicar a relação tempo-espaço? Imaginemos os irmãos gêmeos, um deles viajando numa nave espacial durante algum tempo, enquanto o outro permanece na Terra. Quando a nave volta à Terra, o irmão que ficou aqui estará mais velho do que o que estava no espaço.

Esse tipo de reflexão demonstra que a realidade temporal em que vivemos é relativa, e só se aplica dentro dos parâmetros terrestres. Como a regressão de memória ultrapassa esses parâmetros, podemos brincar com a ideia de que a máquina cerebral pode nos levar na viagem do tempo tão sonhada pelos poetas.

A tvp ajuda a mudar a forma de perceber o mundo. Para atingir um estado alterado de consciência, o relaxamento pode ser superficial ou profundo, o que não significa dissociação ou inconsciência, mas a ampliação das percepções pela

concentração mental, direcionando as energias num mesmo sentido, para o mergulho no inconsciente.

Para isso, o paciente precisa participar conscientemente, embora seja comum algumas pessoas desejarem um transe hipnótico que lhes tire os problemas sem que estejam presentes ao processo. Isso não existe, nenhum processo evolutivo ocorre por estados de inconsciência, exigindo, sim, total participação da consciência.

O acesso às camadas do inconsciente pode ocorrer em diversos níveis, por vivências desta existência que encontram no inconsciente experiências semelhantes em outras vidas, e que, reativadas, voltam a ser experimentadas com toda a carga de emoção passada.

Lucas, 35 anos, músico, revive momentos marcantes da infância, mergulhando com emoção nas imagens, odores e sensações da época em que, fascinado pelas revistas em quadrinhos, as trocava com o jornaleiro da esquina. Surpreende-se ao soletrar sua caligrafia incerta, escrevendo o nome do jornaleiro na capa de uma revista. Rememora também o forte sabor dos biscoitos palito que o tio trazia no final da tarde, enquanto ele desvendava os mistérios das histórias em quadrinhos.

Muitas vezes, a regressão faz emergir memórias desta vida que estão interligadas a existências anteriores, criando imagens em fusão que devem ser separadas e compreendidas, como aconteceu com Andréa, artista gráfica, 25 anos. Quando trabalhávamos sua infância, ela descreveu uma praia, onde se perdeu da família. Esse rápido trauma ativa a reestimulação de uma vida passada. Enquanto aguarda que venham buscá-la, as emoções se misturam com as de um passado distante. “Estou sentada na areia e sinto medo, ninguém vem me buscar.”

Chorando muito, ela descreve a fusão de duas situações: a praia ensolarada em que seu tio a encontrou à beira d'água e a areia deserta e escura em que está sentada, e ninguém vem

buscá-la. Pergunto onde estava horas antes de anoitecer nesta areia, e ela descreve uma tenda em que moram várias pessoas, além dela, os irmãos e os pais.

Quando se perdeu na praia com os tios, essa situação reestimulou a vivência de uma outra vida em que se sentiu só e perdida nas areias do deserto. Emocionada, ela se agita, e diz que quer ir embora, pra cima, sair dali para um lugar branco.

Nesse momento, foi reativada a memória de uma vida passada, e quando eu dou o comando de voltar atrás no tempo, ela já está revivendo a trilha emocional interligada ao seu presente, descrevendo-se como um garoto de uns quatorze anos que não gosta dos pais, porque eles não o ouvem nem o entendem.

Após trabalhar a regressão sob diversos pontos de vista, ela descobre que o sentimento de incomunicabilidade e rejeição tinha origem em sua mudez. Essa deficiência provocou-lhe na vida anterior a sensação de não ser ouvida, e esse resíduo de incompreensão ela trouxe para a vida atual. No final da sessão, ela entoa baixinho uma canção, exercitando suavemente a voz, que aperfeiçoou no canto coral nesta vida. Articulando bem as palavras, ela deixa-se encantar pelo dom que adquiriu após tanto sofrimento.

Essa vivência continua numa outra sessão, quando ela revive a morte no deserto, compreendendo por que fugiu de casa. “Eu me sinto um fardo para os meus pais. Se eu não comer, sobrá mais comida para meus irmãos”, relata, com muita emoção e chorando muito. “Decido fugir, para deixar de ser um peso para meus pais”, diz, descrevendo a caminhada durante dois dias e duas noites para atravessar o deserto. “Eu rezo muito, tenho muito medo, e invoco Deus, quando o medo me traz o desejo de voltar para casa.”

Depois de dois dias e duas noites andando, já sem forças, ele senta na areia escura, sentindo um enorme vazio e solidão.

“Fiquei assim muito tempo, até que comecei a subir. Fui subindo, e quando percebi meu afastamento, quis voltar, mas não dava mais tempo, porque já não havia mais vida. Eu podia ver meu corpo magro deitado na areia, enquanto o sol começava a clarear a noite escura.”

Chorando muito, Andréa continua descrevendo a visão de sua morte: “O medo e a fome me tiraram a vida, e eu morri sem sentir nada, apenas vi o Sol muito iluminado que me atraía, e senti vontade de subir em direção a ele, e fui seguindo a sua luz.”

Ela percebe então que, se quisesse, poderia falar. “Mas o dom da fala é um dom divino, e eu não queria falar pra não ter que enganar os outros, como meus pais ciganos que fingiam ler a sorte em troca de moedas de ouro. Mas percebo também que poderia ter encontrado um jeito diferente para sobreviver, sem ter que enganar os outros. Mas não consegui.”

Ao continuar vendo a realidade além da dimensão física, Andréa descreve as cognições que vivencia: “Eu não tive coragem de amar meus pais com todos os defeitos deles, não fui capaz de perdoo-los. E sinto que preciso aprender mais antes de voltar a reencarnar. Preciso aprender a amar e perdoar, e só assim aprenderei a confiar.” E, assim, ela descreve a etapa em que sua consciência é levada para um lugar branco e tranquilo para descansar, onde irá se recuperar para uma nova reencarnação.

Carlos, dentista, reviveu uma vida em que morreu ainda criança, atacado por um animal feroz. Como geralmente acontece após o trauma da separação da mente do corpo físico, ele descreve as dores que sentia e a tentativa de voltar para casa, sem perceber que não fazia mais parte deste mundo. Tempos depois, e já muito cansado, ele nota durante a terapia que está morto.

Deixo-o descansar. Quando se sente melhor, ajudo-o no

processo de conscientização, acompanhando-o mentalmente de volta à sua casa do passado, porque a dimensão extrafísica não está sujeita às limitações tempo-espço. Passado e presente não se separam. Assim, quando uma vida passada está sendo revivida, a energia daquela encarnação interage com a existência presente.

Ao pressentir algo, ele teve medo de voltar à sua casa. Mas quando comuniquei que iria acompanhá-lo mentalmente, sentiu-se mais seguro de confrontar a realidade. Chegamos a uma casa numa floresta. Pelas características de construção e dos objetos, provavelmente estávamos por volta do século XVII. Dentro da residência, havia uma senhora chorando. Era sua mãe.

Ao subir até o seu quarto, encontrou seus brinquedos de madeira organizados numa caixa. Seguindo para o quarto do casal, viu seu pai deitado na cama, com expressão de tristeza e desânimo. Percebeu então que havia morrido. Sentiu um forte desejo de ir até a cozinha, e lá encontrou a cozinheira, que muito amava. Nesse momento, expressou a vontade de ficar na casa, atraído pelos pensamentos que o prendiam àquele ambiente.

Com paciência, fui explicando a importância de ele continuar seu próprio caminho, já que não fazia mais parte daquela realidade. Acalmou-se e concordou em seguir em frente. Chegamos até um lago, onde em vida fora brincar após escapar de casa. Constatou que nada mais havia. Ele re-feria-se ao próprio corpo e ao medo que sentira ao ser atacado. Assim, desapegando-se da vida anterior, Carlos prosseguiu em seu caminho evolutivo, até encontrar uma senhora — uma guia espiritual que passaria a orientá-lo em sua nova vida.

Essa experiência mostra que carregamos muitos pontos de incompreensão, ciclos mal resolvidos no passado que — aprisionando partes de nossa consciência — permanecem

fragmentados em diferentes realidades, conectados com o presente e influenciando-o de forma negativa. Carlos sentia-se culpado e ameaçado, embora sem lógica alguma. De-sejava sair da casa da família e construir sua vida, mas essa ideia era ameaçadora, e ele adiava a mudança, ficando muito infeliz. Após fazer emergir essa existência e outras ligadas a sentimentos de prisão no passado, sentiu-se capaz de realizar seu sonho.

Dependendo do paciente, é possível um mergulho nas regiões mais profundas do inconsciente — canalizando-se o inconsciente puro, como ocorreu com Carlos e Andréa. Eles atingiram a zona mais desenvolvida do inconsciente conectando-se ao registro de onde provêm energias desconhecidas que se irradiam e alimentam toda a região da psique.

As vivências contidas nesse inconsciente puro são o centro de onde emana a Vontade ou Espírito, e podemos perceber o seu potencial energético, que tem como meta a evolução. Essa experiência provoca novas percepções, impulsionando o paciente a sair do estado primário para uma condição superior de consciência.

Razão e Sentimento

Como reconhecer de onde vêm os impulsos que nos movimentam? É preciso diferenciar o desejo da vontade. O primeiro é produto da mente instintiva, enquanto a vontade emana do espírito, o que permite o livre-arbítrio diante dos caminhos a seguir em cada situação que se apresente para nós.

Algumas pessoas têm maior facilidade de acessar os níveis mais profundos da consciência, e outras necessitam de um tempo maior para dissolver os bloqueios que o ego constrói. Por isso, para trabalhar o equilíbrio, devemos permitir a interação dos dois hemisférios cerebrais que exercem funções distintas.

A importância de se combinar o pensamento racional e o autoconhecimento emocional, para o equilíbrio psíquico e o sucesso na vida, é demonstrada por estudos recentes na área da neurofisiologia. O uso exacerbado de apenas um dos hemisférios do cérebro provoca desequilíbrios, como, por exemplo, quando o lado esquerdo atua isoladamente, impossibilitando as atividades lúdicas e a criatividade.

Da mesma forma, o hemisfério direito precisa equilibrar as percepções emocionais e atemporais com o apoio do hemisfério esquerdo, com sua função lógica, linear e temporal. O desenvolvimento do hemisfério direito cerebral permite acesso ao registro integral de nossas vivências, desta e de vidas anteriores, fazendo emergir a memória com a carga de emoção reprimida.

Muitas reações comportamentais estão baseadas numa matriz, uma espécie de pen drive de computador, onde ficam registradas as vivências traumáticas. Quando o corpo físico acaba, esse pen drive é transferido para um novo corpo, da mesma forma que um programa pode ser usado em outro computador além do que lhe deu origem.

Quem sabe, muito em breve, os estudos biocelulares, atingindo o conhecimento dos campos energéticos mais sutis, revelarão cientificamente à existência dos registros das vivências passadas?

Uma pesquisa interessante sobre “metaemoção” foi realizada em 1984 pelo americano John Gottman, que desenvolveu o conceito revolucionário de inteligência emocional. Seus estudos foram mais longe quando Robert Levenson, outro pesquisador da mente, construiu o primeiro laboratório de psicofisiologia, em São Francisco, na Califórnia.

Essa linha de pesquisa mostra que a inteligência emocional resulta da interação entre a razão e a emoção, superando os tradicionais conceitos que não consideram as emoções que estão por trás das relações humanas. Trata-se de um trabalho que

relaciona a percepção material do hemisfério esquerdo cerebral com a percepção criativa e extrassensorial do hemisfério direito.

É possível então compreender melhor os sentimentos negativos de ira, tristeza, medo e tantos outros mais, e pelas técnicas de reeducação sair dos estados compulsivos, ou excessivamente racionais. A inteligência passa pelos canais da emoção para, depois, ser elaborada e conduzida pelo bom senso.

A inteligência emocional não anula a função de um hemisfério em favor do outro, mas atua com os dois hemisférios cerebrais de forma harmônica, exercendo importante papel na transformação da Consciência. Para esse equilíbrio, os exercícios de atenção e concentração representam uma excelente ajuda. Eles desenvolvem a sensibilidade e a capacidade e perceptiva do cérebro, tornando-o um instrumento cada vez mais sensível e capaz.

Mas, geralmente, restringimos o uso de nossas percepções ao hemisfério esquerdo, deixando que ele domine as funções conscientes. E ao deixar atrofiado o hemisfério direito, diminuímos nossa possibilidade de perceber a vida de forma global. Com essa fragmentação, fica dificultada a expressão consciente dos sentimentos represados, provocando a sensação de “falta, incompletude e vazio”, que leva a uma série de neuroses e doenças.

O pesquisador da espiritualidade age como os antigos cientistas, observando os fenômenos e a realidade extrafísica, para depois ordená-los, como faziam os astrônomos até 1609, que observavam a olho nu os astros e faziam correlações entre os diversos corpos celestiais.

A vivência de Antônia, 33 anos, cardiologista, mostra a dedicação e a fé de muitas pessoas que, avançando em sua época, romperam com os limites do pensamento estabelecido. Seguindo a intuição de que havia algo mais além do que o conhecimento estabelecido afirmava, avançaram na pesquisa, dando

espaço às percepções desenvolvidas pelo hemisfério di-reito cerebral.

E se não fossem essas pessoas ousadas e inconformadas, a humanidade estaria até hoje na Idade da Pedra Lascada. Por isso, sempre que quisermos acessar as vivências passadas, devemos trabalhar a expansão do hemisfério direito.

Desde 1982, a Universidade de Connecticut, nos EUA, realiza pesquisas para compreender as funções deste hemisfério cerebral. Uma das pesquisas mostrou que as crianças até cerca de 11 anos possuem a percepção da realidade ampliada, porque trabalham mais com o hemisfério direito do cérebro. São, portanto, capazes de perceber a realidade sem o sentido de separação entre o visível e o invisível, o explícito e o implícito. A pesquisa concluiu que elas viam a aura das pessoas, as luzes coloridas que envolvem o corpo humano e refletem o nosso estado de espírito, representando a soma dos pensamentos, sentimentos e ações do momento.

Essas crianças, porém, ficavam surpresas ao saber que os adultos não enxergavam essa realidade. A maioria delas, quando procurava alguém para comentar suas percepções, era desencorajada por comentários do tipo: “Isso tudo é bobagem... É pura loucura.”

Não é à toa que, a partir dessa faixa etária, as crianças em geral vão fechando os portais que se abrem para o universo extrafísico, e acabam por se adaptar apenas ao mundo material. Esses condicionamentos bloqueiam o desenvolvimento do hemisfério direito, e as percepções das pessoas vão se afunilando, juntamente com as atividades cerebrais que priorizam apenas o hemisfério esquerdo e a realidade física.

Consideramos que o atual processo educacional não nos incentiva a conservar essas faculdades sensitivas, ao taxá-las de incompatíveis com a razão. A tvp, por outro lado, permite recuperarmos essas capacidades, desenvolvendo nossas percepções

de forma harmônica, ao estimular a interação dos hemisférios em busca de uma captação mais consciente da “realidade”.

É lamentável, por exemplo, que o sistema educacional, de uma maneira geral, tenha se mantido alheio ao grande avanço tecnológico atingido pelos processos de comunicação, ainda fazendo uso, em sua quase totalidade, do ensino verbal. Ensinar precisa ser um ato criativo, não uma ação mecânica, com os professores passando as informações verbalmente de forma linear, visando ao aspecto apenas de memorização do ensino.

Esse método provoca distanciamento na comunicação entre mestres e alunos, sendo necessário que as instituições educacionais acompanhem a grande mudança que começa a ocorrer a partir dos vários estudos do comportamento humano.

A vivência sensível e criativa que passa pelo hemisfério direito precisa fazer parte do cotidiano humano, sem ficar restrita apenas aos artistas. Essa capacidade do cérebro foi muito bem descrita pela pesquisadora norte-americana Marilyn Ferguson, ao afirmar que, ao utilizarmos o hemisfério direito cerebral, “podemos nos deixar arrebatados por uma sinfonia sem nenhum conhecimento ou qualquer necessidade de analisar sua estrutura de composição...”

Essa percepção lúdica, sem referência espacial ou temporal, se estabelece também em nossos sonhos, em que passado, presente e futuro misturam-se curiosamente. A utilização integrativa dos dois hemisférios produz uma nova percepção da realidade, reconciliando o cérebro e o coração, e deixando fluir, assim, um novo ser humano.

A visão integral aponta para uma expansão dos padrões de normalidade e para um novo conceito de realidade, com diversos ramos de pesquisas de ponta sendo direcionados para a união da ciência com a espiritualidade. Amit Goswami, Ph.D. em física pela Universidade de Calcutá, na Índia, e professor da Universidade de Oregon, nos EUA, é um bom exemplo dessa nova

prática, ao desenvolver um trabalho de expansão da consciência voltado para a integração da psicologia à nova medicina e à biologia.

Esse equilíbrio no uso das funções dos hemisférios do cérebro ajudaria a acabar com as contradições muito comuns encontradas nas vidas de algumas personalidades, que apresentam em determinadas áreas total genialidade, enquanto, em outras, tornam-se completos fracassos. Um exemplo é o físico Einstein, autor da teoria da relatividade e competente na compreensão das relações subatômicas. Mas, segundo historiadores, foi incapaz de encontrar equilíbrio em suas relações afetivas. Afinal, tratava sua companheira, a matemática Mileva Maric, quase como uma escrava.

Muitos exemplos como esse podem ser percebidos no dia a dia, e revelam o desequilíbrio que ocorre quando apenas um hemisfério cerebral é desenvolvido e o outro, atrofiado. O cérebro, assim, age de forma primária, criando forças contraditórias. Quando essas forças se integram, facilitam a evolução espiritual, abrindo as portas de comunicação do ser humano com um todo — um algo maior que muitos chamam de Deus.

Esse estado, que pode ser atingido por qualquer um, traz a consciência da parcela divina que todo ser humano possui. E encontrar essa parte divina significa trilhar o caminho do meio, convivendo com a luz e as trevas de nossa existência, equilibrando os opostos. Um equilíbrio que o poeta e romancista alemão Hermann Hesse descrevia como a interação que traz a harmonia, ao dizer que “o Oriente contempla a floresta e o Ocidente conta as árvores”.

Essa percepção não dualista encontra-se na antiga filosofia chinesa taoísta, que descreve a união dos opostos como a reconciliação entre o que é dividido. Na mesma direção, a ciência contemporânea fala sobre a evolução do ser humano a partir da união entre matéria e psiquismo, do ser humano e o universo.

A compreensão da dualidade dissolve a separação, criando interação entre os opostos, e a unidade se estabelece. Isso explicaria, por exemplo, por que as guerras são o reflexo das lutas internas do ser humano, e a paz entre os povos significaria a sua harmonia interior.

Ao mergulhar na trajetória do autoconhecimento, a pessoa que não estiver amadurecida o suficiente para atravessar a primeira etapa, que é o confronto com as próprias fraquezas, acabará encontrando uma justificativa para abandonar o processo. Isto deve ser respeitado, mas é bom que se diga que qualquer um pode atingir estados alterados de consciência. Dependerá da intensidade de seus mecanismos de defesa, do nível de intenção de modificar a sua própria maneira de agir.

A experiência do autoconhecimento trata de olhar com lucidez e distanciamento crítico as crises da vida, e pode ser compreendida pela imagem descrita pelo psiquiatra Carl Jung em seu livro *O segredo da flor de ouro*:

“Aquilo que num primeiro degrau levava aos conflitos mais selvagens e a tempestades pânicas de afetos, revela-se agora, considerado de um nível mais alto da personalidade, uma tempestade no vale, vista do cume de uma elevada montanha. Com isto, a tempestade não é privada de sua realidade, mas, em lugar de se estar nela, se está acima dela.”

Autoconhecimento

É importante exercitar o autoconhecimento para deixar de ser um barco à deriva agindo e raciocinando influenciado pela onda de pensamentos gerada pela maioria e que envolve a todos que não estejam com as ideias e a vontade firmes.

Eu penso ou sou pensado?

Esta pergunta deveria ser feita sempre pelas pessoas, pois na maior parte do tempo estamos sendo influenciados por valores externos da sociedade distantes da nossa vontade real.

A maior dificuldade para se atingir o autoconhecimento é quando não reconhecemos nossos próprios impedimentos ao bem-estar e à felicidade. Isso se deve ao alto grau de apego e de dependência aos vícios que servem para escondermos nossos pontos fracos, que precisamos reconhecer para superá-los.

No entanto, por mais dura que seja, a jornada do autoconhecimento leva o ser humano por vários estágios a caminho do resgate cármico, da libertação pela responsabilidade e maturidade consciencial.

O mais árduo no processo de autoconhecimento é o trabalho de limpeza do medo residual do passado, que traz muitos empecilhos à vida presente, e de reconhecimento, com visão cristalina, do funcionamento da própria mente. Para isso, deve-se desenvolver uma atenção constante, sem confundi-la com tensão, e observar os pensamentos, sentimentos e atitudes, conceitos e preconceitos que permitirão uma reforma na nossa personalidade.

A oportunidade de se viver diferentes situações em diferentes corpos em sucessivas encarnações desenvolve a capacidade de superação dos nossos pontos fracos. O processo terapêutico de regressão de memória demonstra, por exemplo, que os princípios machistas de um homem não permanecem os mesmos após reviver uma experiência, em outra existência, no corpo de uma mulher. Ou então uma mulher frágil, que só consegue se imaginar em situações em que é oprimida, sofrerá profundas transformações ao vivenciar uma encarnação passada na pele de um opressor ou guerreiro.

Anete, geóloga, descreve uma vivência como líder de uma tribo na época da Pedra Lascada: “Estamos dentro de uma

caverna, e tenho a sensação de esfregar a testa numa pedra... não, parece um ritual... estou lutando com minha testa contra a testa do meu adversário, que usa um enfeite de pedra na testa. Estamos medindo força, e eu disputo o lugar dele na tribo... ele é mais velho e tento conquistar o seu lugar de feiticeiro. O chi-fre que ele tem no capacete fere o meu olho, e caio em seguida mortalmente ferido.” A experiência fracassada criou mecanismos de defesa que vieram se estendendo ao longo de sua trajetória cármica, imobilizando-a diante de confrontos diários, como as disputas profissionais. Relembrar essa dolorosa vivência ajudou-a a dar mais um passo em direção à sua reelaboração profissional.

Também trouxe transformação o processo vivido por Jonas, 27 anos, que me procurou pois sentia excessiva timidez e medo exagerado que o imobilizavam tanto na vida profissional quanto na afetiva. Na fase de separação de seu casamento, com duas filhas pequenas, ele iniciou o tratamento.

A sua primeira regressão trouxe à tona uma época primitiva, quando sua esposa foi roubada por homens de outra tribo. Seu medo o imobilizou a ponto de não ter qualquer reação para defendê-la. Acuado, considerando impossível reagir à força dos dois homens, observou sua mulher desaparecer diante dos seus olhos.

A culpa o acompanhou pelo resto de suas vidas e, hoje, decidido a não mais empurrar o problema com a barriga, confrontou a origem do seu medo ancestral. Reviver e compreender isso ajudaram-no a criar mecanismos positivos para sobreviver diante das situações de insegurança.

Em dois meses, ele apresentava outro aspecto. Sua voz estava mais clara e firme, sua postura mais confiante. Com muita satisfação, realizava algumas vitórias. Uma delas foi a capacidade de enfrentar os campeonatos de sinuca de que tanto gostava e que sempre perdia, embora, fora deles, conseguisse jogar com

maestria. Outra vitória: repensar a relação com a ex--esposa, sentindo-se menos acuado e culpado em relação a ela.

Sem dúvida, o aumento considerável de sua autoestima terminou por refletir globalmente em sua vida, possibilitando mudanças em todas as áreas.

Um outro caso que esclarece o processo de autoconhecimento pela regressão a vidas passadas é o de Priscila, jornalista, 28 anos. Apesar de bonita, alegre e comunicativa, apresentava dificuldades nos relacionamentos afetivos, provocados por baixa autoestima.

Durante a entrevista inicial, percebi forte componente de medo e culpa, e assim que iniciamos o trabalho, constatei a facilidade com que chegava a um estado de relaxamento profundo, atingindo a memória de uma vida passada. Era uma criança negra e beijuda, que ouvia o pai, deprimido e alcoólatra, afirmar constantemente que “na vida nada vale a pena”.

“Eu estou com cinco anos de idade, com meu pai. Vejo bem seus cabelos grisalhos e suas mãos grandes e unhas largas. Ele se senta onde começa a ponte de madeira, e eu a sinto, fina e mole, mexer-se sob meus pés. Meu pai é orgulhoso e não gosta de ser mandado, porque se sente humilhado, e tem sido assim toda a sua vida, sempre trabalhando para o dono da fazenda onde vivemos.

Vejo-o com as mãos grandes levantadas para o alto, no ar uma frente à outra, e olhando para mim. Eu quero sair dali, sinto uma coisa esquisita. Corro e atravesso a ponte em direção à nossa casa. Ele vem correndo atrás de mim, mas está muito bêbado e tropeça, caindo lá embaixo. Eu estou do outro lado da ponte, eu o vejo cair... eu fiz isso...”

Ela balbucia o medo e a culpa carregados por décadas e mais décadas, e quando esse, sentimento emerge à sua consciência, explode em lágrimas: “É como se ele estivesse esse tempo todo sempre atrás de mim, querendo me pegar, sufocar. Eu tenho

medo que ele se levante e consiga... e me bata porque fugi, deixei-o cair e se afogar....”

Repassamos várias vezes esse momento, até que a emoção fosse completamente escoada. Fui adiante, solicitando que contasse o momento seguinte:

“Eu chamo minha mãe, e as pessoas correm para o rio com a gente, e assim que chego lá, vejo seu corpo caído sobre uma pedra, a cabeça de lado, as pernas e os braços afastados... e não vejo sangue... Sinto medo de morrer, e apodrecer, de ficar como aquele monte de carne. Sinto medo da minha mãe me bater porque ficou sem homem...”

Imagine a importância de Priscila ter liberado esses pensamentos e sentimentos inconscientes, culpa e medo que a acompanhavam como fantasmas, obrigando-a a fugir sempre das situações, acovardando-se diante da vida. Com a terapia, não mais se sentiu beijada nem rejeitada, e o postulado impresso por seu pai, antes de morrer, de que “nada na vida valia a pena”, deixou de ter validade para ela. Viver passou a ser um ato de alegria.

Dois obstáculos à felicidade, que fazem as pessoas passarem suas vidas tentando parecer perfeitas, é o orgulho e a vaidade, impedindo a aceitação dos próprios defeitos. É mais fácil julgar o comportamento dos outros e compará-los conosco, com a intenção inconsciente, é claro, de valorizar a nossa condição.

É como se disséssemos para nós mesmos: “Quanto mais defeitos tiver o 'outro', mais perfeitos seremos.” Mas, como no fundo somos todos imperfeitos na busca da perfeição, esta meta só pode ser atingida se convivemos com nossas imperfeições e contradições, percorrendo o conflituoso caminho da integração das diversas facetas de nossa personalidade. Faceta às vezes mesquinha, em outras, generosa; inteligente em alguns aspectos, ignorante em outros.

Ao desenvolver o autoconhecimento constante, podemos compreender as metas do processo reencarnatório, e isso per-

mite criar harmonia interna, transformando os hábitos negativos em qualidades, integrando-nos cada vez mais ao processo de criação da vida.

Nessa caminhada, atravessar uma zona inconsciente ajuda, na libertação de pontos traumáticos, despertando a consciência para a construção de novos núcleos psíquicos criativos e harmônicos. Alçamos um novo voo nas etapas da evolução humana ao absorver as experiências anteriores, compreendendo as perdas e os erros cometidos.

Esse é um trabalho que desativa as programações de resíduos cármicos. Assim, atingimos a zona do amor, soterrada pelo medo, e fazemos emergir a energia que rege a integração dos universos e desperta a consciência, elemento ordenador de nosso processo evolutivo.

Foi o que ocorreu com Janete, quarenta anos, secretária administrativa, que vivia deprimida, se lamentando pela relação que tinha com o ex-marido, que manipulava os filhos, no intuito de castigá-la pela separação. Ela se colocava há anos no papel de vítima, sem tentar mudar a situação. A terapia mostrou que na verdade ela alimentava esse estado de coisas, levada pelo sentimento de culpa que desenvolvera em suas existências passadas.

O ponto culminante da terapia acontece quando Janete revive o sentimento de culpa, que veio após abandonar o irmão com os problemas da casa e a difícil fase da agricultura.

Órfãos, eles cresceram apoiando-se um no outro, mas ao sair e buscar uma vida melhor, o irmão ficou fragilizado para solucionar os problemas.

Na cidade grande, pensava encontrar melhores chances para sobreviver, mas culpava-se, achando-se egoísta, e esse permanente sentimento negativo acabou levando-a a punir-se inconscientemente. Sua vida tornou-se cinzenta e sem prazer. Vivia apenas para o trabalho como faxineira num hotel.

Concentrava-se no trabalho para fugir da forte amargura que carregava e, assim, sua fisionomia foi perdendo o brilho, e a culpa acabou minando sua saúde. Ela adoeceu e morreu solitária.

A regressão a fez entrar em contato com o sentimento que carregara desde então, percebendo a vida através de seu olhar cheio de culpa.

Na primeira vez em que reviveu a morte, descreveu o quarto em que desencarnou, escuro e apertado, onde não entrava a luz solar. Com fortes sintomas psicossomáticos, ela sente o peito inflar, como se fosse explodir. Uma ardência se espalha pelos pulmões e por um dos braços, revivendo o momento de sua morte, provavelmente por um acidente cardíaco.

Após repassar essa cena, de outro ponto de vista, ela descobre uma realidade diferente, livre da carga emocional que a fazia perceber o seu quarto como sombrio, apertado. É surpreendente o momento em que desencarna e, livre do peso da matéria, percebe que o quarto é claro e arejado, pintado de rosa e muito diferente do que havia visto até então.

Quando compreendeu que a vida é percebida através do olhar subjetivo, ela pôde entender que essa impressão equivocada de que a vida era cinzenta e pequena como seu quarto fora transferida para sua encarnação atual, assim como a impossibilidade de se sentir feliz.

Janete entende então que sua percepção da vida é que era cinza, pois possuía uma visão do mundo que correspondia aos seus sentimentos escuros, sombrios e repletos de culpa. Tanto a doença como a morte prematura foram consequência do desinteresse que tinha pela vida, e essa nova percepção trouxe uma nova luz à sua existência atual.

Ela acabou por reconhecer a mesma amargura que ainda carregava, e foi gradativamente começando a substituir o filtro cinza que encobria a visão de sua vida por um olhar mais vi-

brante e colorido.

Janete resolve agir no sentido de transformar o seu presente, assumindo sua parte de responsabilidade nos acontecimentos atuais. Em vez de ser passiva espectadora, parou de se lamentar, lutando para transformar-se no agente de sua vida.

Tomou decisões importantes que mudaram o quadro dos acontecimentos que pareciam sem saída. Um dos filhos voltou para a sua companhia, enquanto o mais velho começou a esboçar um melhor relacionamento com ela. Sua vida se transformou para melhor, ela começou a recuperar a autoestima e a adquirir maior chance de desenvolver uma relação afetiva com os filhos.

Como podemos ver por esses casos, um alvo importante para o autoconhecimento é a “autocura”, que só pode ser atingida através da responsabilidade pelos próprios atos e da autoestima. Quando esse nível é atingido, o núcleo do amor é ativado, e essa poderosa energia unificadora se encarrega de reger todas as organizações moleculares, com base na harmonia, na saúde e na felicidade.

As etapas desse processo incluem o confronto com as várias características da personalidade, para em seguida se avaliar seu potencial e os próprios pontos fracos. Só assim, podemos fazer a integração do lado sombrio com os vários outros aspectos da personalidade.

O autoconhecimento pode representar um passo importante em nossa caminhada evolutiva, quando ultrapassamos a fácil tentação de julgar os outros, que é um meio de encobrir nossas próprias fraquezas.

“Quem sou?” é uma pergunta que nos leva a atravessar as barreiras limitadoras da vaidade. Novos horizontes se descortinam na compreensão de nossas capacidades e incapacidades quando aceitamos que nem sempre somos aquilo que pensamos ser ou que conhecemos em geral apenas uma parcela da nossa realidade interna.

Nesse jogo, quanto mais entendemos nossos pontos fracos, mais fortes nos descobrimos. A vida começa, então, a ser compreendida como um processo. Os velhos conceitos de derrota e vitória, que atormentam o ser humano e tantos danos causam, desaparecem do cenário, dando lugar à sabedoria.

E sabedoria é reconhecer que estamos sempre mudando, e não existe nada em que possamos nos segurar, a não ser no presente. E mesmo este, um minuto depois de existir, já se transformou em passado.

Cena vez, eu era membro do júri de um festival de filmes latino-americanos em Bogotá, na Colômbia, quando assisti a um documentário sobre o Titicaca, o maior lago da América do Sul. Nele existe uma ilha formada de junco trançado que funciona como uma balsa, embalada pelo eterno movimento das águas do lago.

Quando perguntaram a um dos habitantes se não tinha medo de viver sobre uma ilha móvel como uma enorme balsa, ele responde que não, “porque toda semana refazemos o trançado da balsa que sustenta o chão da ilha”.

A vida é o eterno movimento — não apenas essa ilha, mas as montanhas, a Terra, o Sol, os planetas e as estrelas e, com eles, a nossa consciência. O nosso trabalho é refazer o chão em que pisamos.

Os Venenos da Alma

“Como os grandes rios e as marés dominaram as centenas de rios menores?
Sendo mais baixo que eles.”

Como primeiro passo em direção à meta evolutiva, devemos aceitar aquilo que somos. Jung disse certa vez que aquele que olha para fora, sonha, enquanto quem olha para dentro, acorda. Nada mais adequado para explicar o processo de autoconhecimento que o olhar voltado para o interior. Não como prisioneiro do próprio umbigo, mas para descobrir os mecanismos do seu inconsciente.

A milenar psicologia budista fala de três venenos da alma: o medo, que gera o apego e muitos outros sentimentos negativos, a cólera e a ignorância, capazes de distanciar o ser humano do caminho da felicidade e da evolução.

A vida não precisa ser um “vale de lágrimas”, mas o desconhecimento de suas leis básicas nos conduz ao sofrimento sem fim. Estamos encarnados para aprender sobre essas leis, e quanto mais tempo insistirmos em ficar cegos em relação à preponderância do espírito sobre a matéria, mais difícil será o caminho que, invariavelmente, nos levará a aceitar essa realidade.

Muitas religiões manipularam o pensamento pelo medo e pela culpa. Por isso, esses sentimentos costumam nos acompanhar e os associamos, quase sempre, à compulsão para fugir da responsabilidade por nossas ações.

O olhar auto-observador traz o contato com o espírito, que é o verdadeiro regente de nossas vidas, embora a maior parte do tempo priorizemos a personalidade.

A personalidade é formada pelas características básicas que trazemos das experiências de outras vidas, com seus vícios e virtudes, aliadas às condições genéticas, familiares e culturais. A partir dessa composição, teremos o livre-arbítrio para desempenhar o papel que iremos interpretar na peça cósmica, encenada de improviso por seus participantes.

“Nem sempre ganhando nem sempre perdendo, mas sempre

aprendendo a jogar.” Para muitos que se perguntam sobre o sentido da vida, este ditado popular explica bem o significado desse jogo cósmico.

O que nos impede de aprender com alegria? Os sentimentos negativos que envenenam a alma, trazidos basicamente pelo medo e suas degenerações, provocados pelo imaginário, uma parte da mente que conserva as programações do passado que já não fazem mais sentido. O medo gera uma infinidade de sentimentos, como a inveja, a ira, o apego, a preguiça, a possessividade, o ciúme, o orgulho e por aí adiante. Ao manter essas programações vivas, impedimos o pleno desenvolvimento de nossas capacidades, e interpretamos sempre um mesmo papel.

O espírito é a totalidade de nossas existências até agora, sendo assim, ninguém melhor do que ele para assumir o comando de nossa vida presente, deixando à personalidade o papel de viabilizar sua vontade no mundo material.

Certamente foi isso o que Jesus quis dizer ao afirmar que somos escravos da vontade do Senhor, assinalando que não somos apenas a personalidade que acreditamos ser. O que somos nesta vida representa apenas uma parcela do que somos na totalidade de nosso Ser, e a maneira mais sensata para se evitar o desequilíbrio e o sofrimento que o ser humano fez questão de acumular, é ouvir a nossa voz interior.

O conhecimento antigo nos fala da necessidade da busca interior. No entanto, lançamos nosso olhar apenas para o exterior, desligados de nossa realidade interna e das raízes que nos unem ao cosmo. Assim, mergulhamos no medo e na desesperança que inundam a mente, criando cada vez mais fobias para a humanidade que cresceu sem levar em conta a antiga sabedoria de nossos ancestrais.

O medo sempre existiu como meio de sobrevivência, mas quando excessivo, como atualmente, torna-se um obstáculo ao crescimento e à felicidade. O medo está presente desde o nasci-

mento, quando lutamos para sobreviver às contrações uterinas que nos expulsam do útero materno, e nos acompanha até o final da vida, quando percebemos a aproximação da morte.

Esse medo nos faz viver em constante fuga inconsciente. Acordamos, andamos, comemos, amamos de forma fragmentada, fugindo de nosso corpo físico, deixando que nossas emoções estejam presas ao passado e nossa mente projete situações futuras, enquanto nosso corpo, abandonado, age como autômato. O resultado é a insatisfação geral que invade a realidade atual, impedindo o bem-estar e a felicidade.

Aprender a identificar o limite que separa o medo que protege a nossa sobrevivência do que paralisa nossas ações, impedindo o movimento em direção à evolução, é condição indispensável a uma vida mais serena e feliz. Caso contrário, tudo se torna absolutamente ameaçador.

O medo se apresenta em múltiplas facetas, prendendo o nosso olhar no passado e levando-nos a pular em direção ao futuro, eternamente fugindo do presente. Esse vilão invisível nos impede de comer, andar, amar, trabalhar, viver em tempo presente, tirando a nossa atenção do que estamos fazendo, apenas por medo do que possamos sentir.

Andamos assim distanciados dos aromas do presente e dos sentidos que nos fazem perceber a vida em toda a intensidade. Prisioneiros, nos contentamos com as pálidas cores do passado e as sensações vividas, com prazer ou dor. Lamentamos a perda dos momentos felizes e revivemos as dores pretéritas, sempre ausentes do aqui, agora.

Viver significa manter a consciência ou espírito incorporado ao corpo físico, gerando movimento e transformando a realidade à nossa volta. O mais comum, porém, é que o medo rompa a comunicação entre a consciência e o corpo físico, deixando que a personalidade se julgue a nossa representante integral. E isto é tão desastroso quanto deixar uma criança dirigir um carro.

G. Cherques, dentista, 43 anos, é um exemplo disso. Ela aprimora-se nos mecanismos de defesa baseados na agudeza mental, o tempo todo compensando um sentimento de incapacidade e impotência. A rapidez mental foi desenvolvida a partir de uma de suas vivências passadas, quando encarnou como um homem débil mental numa corte, relegado aos porões da criadagem. Enciumado, um dia, consegue chegar aos aposentos da rainha e à espreita de um momento de desatenção, estrangula o recém-nascido, herdeiro do trono. Por esse crime, ele é condenado à morte.

Sua trajetória cármica foi marcada por situações alternadas de culpa e castigo, e a fonte do sentimento de impotência que ela desenvolveu deve-se a duas vivências. Na primeira, foi condenada pelo pai, imperador de um povo antigo, a parir só, na montanha, seu filho bastardo com um escravo, vendo-o sair e apodrecer enquanto permanecia amarrada.

Na segunda, ela reencarnou como índia asteca e, como eram os costumes da época, foi sacrificada em honra aos deuses. Confusa, ela descreve o momento em que é vestida e preparada para o ritual, e por ter sido escolhida a mais linda virgem foi considerada pelas outras mulheres da tribo como uma privilegiada. Ser linda e virgem só lhe trouxe traumas profundos que deixaram resíduos negativos na sexualidade, beleza e feminilidade até a sua vida atual.

Muito significativa também é a vivência de Áurea, que trabalhou o desapego durante uma regressão quando viveu na Itália várias perdas. Era um menino ainda, quando perdeu a mãe, e esse trauma seguiu-o por toda a vida e além dela. Sentado num carro antigo, no início deste século, seu olhar estava preso ao vidro traseiro por onde olhava o carro se distanciar de um casarão, para levá-lo com o pai a morar com uma tia. A partir daí, a trajetória de sua vida manteve-se restrita, preso ao passado e às perdas, evitando mudanças, sempre olhando para trás, criou um

amor impossível pela prima.

A morte do pai deixou-lhe de herança uma loja de tecidos. Nesta loja ele enterrou-se com todos os sonhos, e, perto dos quarenta anos, morre de um fulminante ataque cardíaco. A resistência que ofereceu à perda da mãe na infância, a paixão platônica pela prima e o afeto paternal que desenvolveu pelo menino que o ajudava na loja dificultam a sua partida do plano material. Ele levou esses sentimentos para após a morte e a regressão de Áurea mostra o conflito que viveu até desapegar-se da realidade material:

“O peito arde e uma dor profunda me traz a sensação de que vou explodir... queima muito e tudo escurece...”

Minutos depois, ele percebe seu corpo no chão, enquanto o menino, assustado, tenta reanimá-lo. Como nada consegue, corre em direção ao telefone preso à parede da loja. Alguns lapsos ocorrem até que ele se vê seguindo um carro que o leva ao hospital onde é declarada a sua morte clínica.

Sem saber como isso pode estar acontecendo, ele descreve que está de volta à loja, onde vê o menino atrás do balcão, com a fisionomia triste, atendendo um cliente. Percebe também, um pouco distante, algumas pessoas de vestes claras que parecem aguardá-lo, do lado de fora.

Embora confuso com o que lhe está acontecendo, sente-se atraído pelo clima de serenidade emanado pelo grupo que o observa do lado de fora da loja. Ele vai até a porta, e de lá vê o interior da loja, iluminada por dentro, e o letreiro antigo de vidro pintado com as datas 1840-1940. As pessoas o aguardam e ele percebe que existe uma diferença entre a imagem da loja e as pessoas ao lado. Sente então que elas não fazem parte do mundo físico. Ele está dividido entre ficar ou segui-las, mas, pacientemente, um senhor do grupo coloca o braço sobre seus ombros e o convence a ir.

A cada trecho da caminhada ele se volta para trás, vendo a

loja iluminada cada vez mais distante. Seu coração está apertado e o senhor parece ajudá-lo ao levar a sua atenção para o local por onde caminham, explicando que esse caminho escuro corresponde à estrada do mundo físico que leva para fora da cidade: “Estamos numa dimensão paralela. As mesmas árvores, a mesma estrada que existem na dimensão extrafísica.”

E, para provar o que está dizendo, arranca uma flor e lhe entrega para que sinta o toque e o aroma, tão real quanto na vida física. Nesse momento, passa um gato, e assim que os vê, sai correndo assustado, e ele percebe que o gato que existia na dimensão física percebeu-os na dimensão extrafísica: “Estou confuso... parece que o gato tem sensibilidade para perceber as energias, pois nós somos agora energia, e ele nos viu...”

Mas o apego fala mais alto e, no momento em que chegam perto de uma luz, que ele logo identifica como um transporte, aberto, com três filas de cadeiras, e iluminado, sente receio de entrar e não poder mais voltar. Fica indeciso, sente novamente o aperto no peito, e deita-se ao longo da estrada, deixando-se envolver pela imensidão do céu estrelado.

O senhor e os outros três do grupo aguardam paciente-mente, sentando-se também à beira da estrada. Seu pensamento está no menino e na loja, e o senhor lhe afirma que ele está bem, que não precisa se preocupar. Todos participam da conversa, e ele expressa o desejo de olhar pela última vez o céu estrelado. Eles lhe garantem que ele vai para um lugar que não é definitivo, onde poderá ver o mesmo céu e, no momento adequado, voltar à loja e ver o menino.

Ele tem medo de seguir, de abandonar as coisas de que gosta, o menino, a cidade, a casa, mas acaba decidindo ir com eles. Pede, porém, para olhar pela última vez o céu estrelado.

Ele então se levanta e, seguindo o grupo, entra no carro e viajam em direção às estrelas.

Ao trabalhar o apego que carrega de outras vidas anteriores,

Áurea desenvolveu maior capacidade para olhar de frente o presente, melhorando a autoestima e a realização profissional e afetiva, com menos medo de seguir o movimento que a leva em direção ao futuro.

Ainda a respeito do apego, eu me lembro de que, quando criança, sempre que alguém ficava a lamentar alguma coisa perdida, eu ouvia minha avó, do alto de seus noventa anos, puxar dos alfarrábios um antigo ditado popular para ilustrar seu ponto de vista: “Foram-se os anéis, mas ficaram os dedos.”

Redimensionando as perdas, paramos de imobilizar o fluxo da vida, entrando em harmonia com a realidade da natureza, cujo exemplo mais evidente está no processo celular. Diariamente morrem células que dão lugar a novas para que continuemos vivos. E, para refletir sobre a impermanência das coisas, reviver a morte numa vida passada pode ser uma experiência reveladora. Podemos perceber que após a perda do corpo físico, nossa consciência continua viva numa outra realidade.

Essa prática ajuda no exercício do desapego e traz maior bem-estar e felicidade à vida atual, libertando-nos dos sentimentos de mágoa, raiva e ressentimento, que nos prendem ao passado.

Aprender a lidar com a frustração é o primeiro passo para o bem-estar, abrindo mão da ideia de que a vida é uma linha plana feita apenas de momentos de felicidade. Quantas vezes a pessoa perde o sono por situações que já passaram, termina-ram há muito tempo e, mesmo assim, ela continua alimentando os sentimentos negativos, construindo um sofrimento perfeitamente dispensável.

O nível de frustrações baixa consideravelmente, quando compreendemos que tudo está em eterno movimento e, portanto, as metas que não puderem ser atingidas no presente, aguardarão a oportunidade de se realizar mais adiante ou numa vida posterior.

Isso não implica comodismo, pois somente o aprimoramento possibilitará que se ultrapassem as fronteiras que nos limitam agora.

O apego à vida ou à morte, aos bens materiais ou afetivos, apego ao dinheiro ou à falta dele, às lembranças, à infância, ao sofrimento, à felicidade são laços que aprisionam a consciência à vida física.

Por sua vez, o sentimento de culpa costuma perpetuar a irresponsabilidade sobre nossos atos, pois sempre que este se torna insuportável, escapulimos num círculo vicioso de autopunição.

Nosso comportamento reativo pode ser substituído por ações conscientes, pois se temos a capacidade de criar, podemos consequentemente “descriar”, interferindo positivamente na programação gerada no passado pelo medo, ódio ou culpa, trazendo, assim, o conhecimento e a possibilidade de respostas para o sofrimento que há séculos aflige a humanidade.

Nesse processo, não adianta querer apenas mudar, é necessário vivenciar essa mudança que inclui parar o movimento interno, entrar no movimento e no ritmo do universo, deixar de ser efeito e passar a causa, agente de sua própria vida. E a regressão a vidas passadas é uma forma de pesquisar a trajetória do ser humano em sua carreira evolutiva, proporcionando uma avaliação da mente humana sob novas perspectivas, baseando--se na observação do processo contínuo do ciclo nascer, viver, morrer, renascer, em busca da libertação do ciclo cármico.

Jung pesquisou a fundo o lado obscuro da personalidade que habita a natureza humana e, sempre que que entra na cena psicológica, cria conflitos. Para dissolvê-lo, não devemos lutar para sufocá-lo, mas fazê-lo emergir e transformá-lo à luz da superfície. Compreender os aspectos dessa dualidade nos liberta da dissociação que constitui a causa da maioria das doenças, pois estas surgem quando o lado sombrio de nossa personalidade passa a

agir por conta própria, rompendo a comunicação com o espírito.

Uma nova perspectiva surge pela mudança do sentimento de culpa que, ao ser substituído pelo sentimento de responsabilidade, permite um salto quântico na evolução psíquica. Não acredito num Deus punitivo, vingativo, mas em leis cósmicas harmoniosas que têm como objetivo levar todo ser vivo para a evolução.

Gradativamente, o paciente deve assumir a responsabilidade por sua caminhada evolutiva, demonstrando que pode criar sofrimento em sua vida, se ficar aprisionado à ilusão da dualidade, dos opostos, ou felicidade, se acreditar que o bem existe independente do mal.

Uma visão global da vida elimina um passado de culpa e medo, eliminando o apego ao ódio e ao sentimento de vingança. Em qualquer dessas situações, como vítimas ou agressores, carregamos um sofrimento que já não existe mais. O pensamento baseado na dualidade mantém a consciência num estágio infantil, de limitação e irresponsabilidade. Observar e analisar a trajetória, a forma como nos relacionamos com as dificuldades, o fracasso e as vitórias, como pensamos e agimos, observar os aspectos negativos e positivos, ajuda a compreender que futuro estamos construindo. É possível prever determinadas situações futuras a partir dos dados que analisamos do presente. Estamos criando um futuro em expansão ou um estreito caminho recheado de mágoas e ressentimentos?

Carma

“Com o juízo com que julgardes, sereis julgados, e, com a medida com que tiverdes medido, vos não-de medir a vós.”

— Sermão da Montanha

Carma é uma palavra que está na moda. Como tal, acaba perdendo um pouco de seu significado, costumando ser interpretado como fatalidade. É muito comum ouvirmos comentários do tipo “isso é meu carma, fulano é meu carma”, o que dá a impressão de que os fracassos, perdas e sofrimentos não são de nossa responsabilidade, como se estivessem depositados nas mãos dos outros.

Para se ter uma ideia melhor do que seja o carma, busquemos na milenar filosofia oriental o sentido de força da criação. Carma é o conjunto de tendências que trazemos das outras vidas, e sobre o qual assentamos a vida atual. Esse movimento é baseado nas leis cósmicas de causa e efeito, que pode também ser chamada de lei da responsabilidade.

Essas tendências são apenas possibilidades, pois a opção de criarmos caminhos novos oferece a oportunidade para que as incompreensões sejam superadas, de acordo com o livre-ar-bítrio, a liberdade de opção. Não precisamos repetir os mesmos enganos do passado, embora estejamos tentados a nos atrair pelas tramas de uma mesma situação, repetindo um mesmo papel por várias encarnações.

Ninguém é obrigado a suportar passivamente o próprio carma nem a se contentar com a fatalidade. Entretanto, é preciso acreditar que, abandonando os esquemas repetitivos, po-de-se lapidar uma vida melhor.

Uma visão completa das leis de causa e efeito implica compreender o outro lado da moeda — enquanto o carma representa ir contra as leis universais, o darma representa viver em harmonia com essas mesmas leis. Para desenvolver o aprendizado e o

aperfeiçoamento da consciência, devemos compreender o movimento de nascer, morrer e renascer, o jogo cósmico de infinitas possibilidades de evolução oferecendo de forma democrática a todos, sem exceção, a chance de corrigir os enganos do passado.

Por esse ponto de vista, fica compreensível tantas desigualdades, miséria e riqueza acumuladas. Nascemos poderosos e, se não usamos devidamente esse privilégio, em outra vida poderemos estar numa situação de oprimido, vivendo um papel oposto para melhor entender o jogo de causa e efeito na dança evolutiva.

O livre-arbítrio vai determinar de que maneira cada um vai usar a riqueza obtida numa reencarnação. Em outra situação, a experiência da miséria possibilitará o outro lado da moeda: a compreensão das incapacidades não superadas nas fases de fartura.

Isso não significa acomodação, cada qual tem a chance de desenvolver a generosidade, a solidariedade e a participação nas transformações sociais, partindo da mudança pessoal. Caso contrário, o resultado não se sustentará por muito tempo, como mostram os exemplos da história político-social.

Os mistérios da reencarnação, da vida e da morte foram e continuam sendo uma preocupação constante do ser humano, desde os povos da Antiguidade, até chegar à era cristã. A reencarnação fazia parte da cultura oriental védica, assim como da dos antigos egípcios, chineses de cinco mil anos atrás e a Grécia do século VII a.C.

Para compreender melhor a essência dos ensinamentos religiosos, devemos eliminar a influência, as distorções culturais e os interesses políticos que vigoraram nas diversas épocas atravessadas por esses ensinamentos. As noções essenciais sobre a lei do carma, sem dúvida, podem ser encontradas na cabala da cultura hebraica, nos ensinamentos milenares revelados na

Bhagavad-Gita e nos profundos ensinamentos da Bíblia.

Para os iogues, a sabedoria apaga o carma, ou seja, a partir do momento em que tomamos consciência das causas que nos levam ao sofrimento, nos libertamos dele, pois saímos da roda da repetição, das leis de causa e efeito.

Esses ensinamentos demonstram que a todos é dada a mesma oportunidade de evolução, e para esse aprendizado são necessários incontáveis experiências e vários ciclos de vida, a fim de que, através das reencarnações, a consciência vivencie situações diversas. Assim, a cada nova reencarnação, colhemos o resultado das relações criadas no passado, dos vínculos estabelecidos e da capacidade de superar as mágoas, raivas e medos préteritos.

No entanto, nem sempre a maturidade do ser humano foi tema de interesse da política e da religião. A história, por exemplo, está repleta de casos que mostram não apenas o desinteresse, mas também interferências violentas, como aconteceu em 533, quando o concílio de Constantinopla retirou das Escrituras Sagradas todas as referências à reencarnação.

Os sinais mais evidentes sobre reencarnação existentes na Bíblia sofreram modificações nas interpretações. A Igreja criou, então, o céu e o inferno, para punir os atos negativos, afastando o ser humano da responsabilidade e do direito de encontrar o seu Deus interior. A imagem de Deus acabou deslocada para o exterior, numa busca frustrante cada vez mais distante do âmago das pessoas.

Uma das passagens significativas a respeito da reencarnação diz que João Batista era o profeta Elias que retornara, e Jesus afirma em público: “Como foi profetizado este é João, que um dia foi Elias.” Outra das várias passagens que tratam da reencarnação é a do cego de nascença, que leva os discípulos a perguntar: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?” E Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais, mas foi assim, para

que nele se manifestem as obras de Deus.” Essas palavras têm como objetivo abrir novas reflexões sobre a causa dos males congênitos.

Segundo o judaísmo, as pessoas sofreriam pelos erros de seus pais, e a pergunta dos discípulos levanta a possibilidade de que algumas doenças sejam provocadas por erros numa vida anterior.

Portanto, não devemos julgar a história cármica das pessoas, pois suas leis são determinações divinas, acima da nossa , compreensão atual. Vários fatores conduzem a um defeito de nascimento, não apenas os genéticos, circunstanciais. Existe ainda o desequilíbrio energético trazido de outras vidas, como também atos de generosidade de seres bastante evoluídos, que aceitam reencarnar suportando uma deficiência física, para encorajar e mostrar novos caminhos, cumprindo um importante papel nas transformações culturais.

No século XVIII, a ciência já possuía elementos para reflexão sobre a lei de causa e efeito, quando o físico Newton concluiu que “a cada ação corresponde uma reação oposta e de igual intensidade”.

Sem que se desse conta, podia-se perceber claramente em seu postulado os princípios que regem a lei do carma. Assim, entre “trancos e barrancos” a humanidade vem evoluindo, através da lei de causa e efeito gerada pelas leis cósmicas, permitindo que a noção de responsabilidade se desenvolva. Cada ato nosso se reflete sobre todos que nos cercam, inclusive sobre nós mesmos, embora a maioria pense que sairá ilesa da série de atitudes inconsequentes que toma em sua vida, do micro ao macro-universo.

Kátia e sua irmã Tânia faziam terapia comigo. Sempre tiveram um relacionamento difícil. Mesmo depois do casamento de uma delas, continuavam a competir entre si. As várias regressões realizadas permitiram deixar bem claro as dificuldades

cármicas entre elas. Amigas numa vida passada, iniciaram um jogo de traição, quando uma tornou-se amante do marido da outra. Surpreendendo-os na cama, Kátia perde a razão, matando-os com uma espada que decorava a parede do castelo em que vivia. A decepção, a raiva e o ciúme deixaram-na fora de si. Mas, desesperada com o que havia feito, acaba jogando-se de um penhasco.

Reviver essa tragédia não trouxe uma melhora imediata para a convivência atual, mas iniciou um ciclo de compreensão dos fatores que, por debaixo dos panos, influenciavam o relacionamento entre elas.

Foram vividas outras vidas, algumas em que não se encontraram, e outras em que ficou evidente a competição estabelecida entre ambas. Vingança, vingança, clamava o inconsciente de Kátia. *Mea culpa, mea culpa*, sentia Tânia, baixando cada vez mais a autoestima, e ressentindo-se por isso.

Gradativamente, a cada vida, foram adquirindo a compreensão de seus erros, até que nesta vida tiveram a compreensão completa da trajetória cármica que haviam percorrido. Desta forma, o relacionamento entre as duas melhorou bastante e assim puderam criar uma convivência amorosa e livre de competições.

De posse dos elos negativos que unem as trajetórias cármicas, pode-se iniciar uma nova fase, desenvolvendo o auto-conhecimento e a atenção constante para uma real desprogramação dos impulsos inconscientes que prejudicam nossas ações.

Como ficou claro com o exemplo acima, o jogo cármico se desenvolve pelo livre-arbítrio e, sem dúvida, a família representa uma excelente oportunidade para as melhores partidas. Nela encontraremos amigos e inimigos do passado, o palco onde poderemos improvisar um novo roteiro para as nossas vidas ou sucumbirmos diante da repetição de velhas jogadas do passado.

Como regra desse jogo, encontramos ainda a lei de causa e

efeito, que mesmo quando demora a “colocar as manguinhas de fora”, cedo ou tarde, com seu estilo bumerangue, acontece. Isso pode ser observado nos personagens da história e também nos fatos a nossa volta. Algumas pessoas obtêm aparentemente sucesso com atitudes negativas, despertando comentários do tipo “se existisse Deus, sua justiça não permitiria isso”. Porém, essa é uma visão restrita à realidade presente, pois ao ampliar o enfoque, avaliando um pouco a trajetória reencarnatória dessa pessoa, poderemos perceber que, em certo momento, a lei do carma começará a atuar. A energia negativa criada é trazida de volta à fonte, pela reação dos que foram atingidos inicialmente, devolvendo, com igual ou maior intensidade, a carga negativa recebida.

Quando estamos inconscientes e aprisionados a ligações cármicas, reproduzimos um padrão de comportamento passado, provocando um mesmo tipo de acontecimento. De encarnação em encarnação, repetimos esse mesmo comportamento até completar o aprendizado evolutivo cuja meta terrena é a compreensão da verdadeira natureza humana.

A cada morte teremos a chance de renascer e, ao mergulhar na matéria, trazemos densidade para os invólucros que protegem o espírito, onde se encontra o registro integral de nossas vivências. A memória acumulada desde a primeira encarnação, no início de sua trajetória evolutiva, permanece inconsciente até que a evolução permita que a consciência atinja seus núcleos.

Nesse jogo cármico vamos realizando os ciclos nascer, morrer, renascer e, passo a passo, nossas histórias individual e coletiva são impressas em cada átomo de nossa mente. Assim, em cada célula de nosso corpo existe o registro de tudo o que fomos e de tudo o que seremos, e a Consciência carrega consigo as matrizes codificadas de todas as etapas que devemos cumprir em nossa evolução.

Muitas pessoas perguntam qual é o tempo que a consciência

leva entre uma e outra reencarnação. Pelo que pude observar, tudo depende da história de cada um. Enquanto algumas pessoas tomam rapidamente consciência de que morreram, outras mantêm-se inconscientes, preferindo permanecer em estado letárgico, atrasando por muito tempo o aprendizado necessário.

Enfim, um ano, vinte anos, mil anos? As centenas e centenas de regressões realizadas em meu consultório mostram que não existe um tempo determinado entre uma e outra reencarnação. Isso vai depender de inúmeros fatores: a dimensão do trauma sofrido na última morte, o grau de recuperação e aprendizado de que se necessita no período entre uma vida e outra e a disposição em retornar ao corpo físico para mais uma aventura na dimensão material.

É importante reencarnar, pois, embora a consciência continue em eterno aprendizado nos mundos extrafísicos, é na dimensão da matéria que grande parte desse aprendizado é colocado em prática. Aqui, encontramos as probabilidades para melhor exercitar o aprendizado teórico elaborado na vida entre vidas. Essa elaboração conta com a orientação dos instrutores cármicos que estudam as melhores possibilidades, incluindo o local de nascimento, cidade, família, condição social, política e o tempo de permanência em cada vida. Outros fatores importantes determinam o tempo de vida de uma pessoa — sua condição energética, os fatores sociais e genéticos e a maneira como conduz seus hábitos e comportamento.

Eliane estava trabalhando o sentimento de derrota e autopiidade quando reviveu uma existência como um bebê e descreve sua experiência com forte sentimento de abandono: “Minha mãe me tem perto de seu peito, mas eu sugo e o leite não sai. Tem algo errado e eu não quero mais mamar. Ela fica nervosa porque não consegue me alimentar, e quando ela me põe no berço eu sinto a falta dela e tenho a sensação de que fiz algo errado.”

Eliane trouxe dessa vida a sensação de castigo e abandono,

em que entrou em estado de inanição que a levou à morte. Esse sentimento só se dissolveu quando pedi que deixasse a sua consciência expandir-se para além do corpo e acompanhasse sua mãe na última vez em que a viu.

Com a compreensão de agora, Eliane pôde perceber melhor o que aconteceu.

“Minha mãe é muito gorda e eu a vejo cuidando de outras crianças, parecem meus irmãos. Ela parece cansada e cai quando desce os degraus da varanda. Quando dois homens de branco a levam para o hospital, uma outra mulher gorda, parecida com ela, vem para cuidar da gente.

O leite dela é diferente e forte e eu tenho muita diarreia. Me sinto muito só e tenho a sensação de que não tenho ninguém para interceder por mim, vou perdendo as forças e acabo morrendo no berço. Tenho a sensação de leveza cada vez maior e percebo alguém que me leva dali.”

Eliane relata o tempo em que fica num espaço escuro mas onde não sente medo. Depois, uma pessoa de manto claro diz que ele deve esperar um pouco e quando o leva dali, passa por um túnel iluminado que os leva até um jardim onde estão várias criancinhas acompanhadas por adultos que brincam num gramado muito verde.

Cada vida oferece a chance de aprender um pouco mais, e um exemplo disso é Nélide, que teve várias vidas voltadas para o ideal social, mas uma delas representou um grande equívoco. Ela reencarnou muitos séculos atrás, no Oriente Médio, como um profeta que pregava a vida celestial através do desapego. Pressionado pelo senhor feudal acabou direcionando suas pregações para a captação de mais dízimos para o feudo. De livre pensador, passou a funcionário público, e, por comodismo, conforme compreende durante o processo de autoconhecimento, preferiu acreditar no senhor feudal, como legítimo representante de Deus na Terra.

Preferiu convencer-se disso e recolher da população explorada as doações que, segundo ele, garantiriam sua vida no Céu. Acumulando riquezas no galpão de sua casa, aguardava que, um dia, Deus viesse resgatá-lo levando consigo, não apenas a sua alma, mas todas as almas generosas que contribuíram para a riqueza “celestial”.

Quanto mais pessoas pagassem mais completa estaria a sua missão de pastor de ovelhas perdidas, e mais perto do céu estaria. Desviou-se assim de sua meta original, adaptando-se inconscientemente ao novo senhor. Antes de morrer, muito idoso, descobre a falcatrua em que se enfiou, vivendo forte decepção, que carregou após a morte:

“Levo muito tempo para recuperar as minhas forças até me desligar das energias negativas que trouxe dessa última reencarnação. Só então posso perceber o meu instrutor e ele me ajuda a compreender como me deixei levar pelo medo e, iludido pelo senhor feudal, tornei-me seu cúmplice na exploração dos camponeses.

Percebo os prejuízos que causei não apenas aos outros, mas a mim mesmo. Decido então, na próxima reencarnação, adotar uma postura de não me comprometer, não me expor, não me arriscar. Meu orientador vai pouco a pouco mostrando que, assim, eu estaria bloqueando a minha evolução, assumindo uma postura oposta, ainda deixando-me levar pelo medo.

Meu instrutor se despede deixando-me o livre-arbítrio de caminhar pelo caminho que achar melhor. Ele é translúcido e luminoso, aparentando uns sessenta anos, com longas barbas brancas até a base do pescoço, e se despede abaixando a cabeça. Fico entregue às minhas reflexões, sem saber como eliminar esse medo tão antigo e caminho por um bom tempo. Mais adiante encontro um jovem de aparência serena e ele me diz que preciso eliminar as energias negativas acumuladas. Ele mostra a densidade e os tons escuros no campo energético que me

envolvem, sugerindo que eu faça um tratamento com banhos de imersão numa lagoa próxima ao local em que estamos.

Ele me deixa sozinho e eu mergulho em água de temperatura agradavelmente morna. Quando saio, reenergizado, o jovem reaparece e sou encaminhado para o aprendizado que antecede a reencarnação seguinte.”

A reencarnação seguinte de Nélide é na Bélgica, na família imperial, príncipe cujo pai, apesar de religioso, usava os dogmas divinos para intensificar o poder da realeza. Desde cedo ele é sensível às diferenças sociais e decide lutar por eliminá-las. O império belga cai e o sistema republicano procura se instalar. Ele refugia-se no anonimato em outro lugar, iniciando uma vida simples de luta pela sobrevivência. Transformado num homem simples do povo, ficou mais fácil lutar pelos ideais sociais. Ele entra para o movimento popular e, desta vez, conseguiu desenvolver uma etapa de seu aprendizado: a coragem e a força de vontade. Sua vida termina num conflito de rua, quando morre atingido por uma bala.

Seu nível de consciência está em estágio bastante evoluído e ao retornar à espiritualidade faz uma avaliação da vida que acabou de deixar, compreendendo que desta vez faltou apenas completar a sua meta. Morrera antes de realizar a obra social a que se havia proposto, e descreve detalhadamente as etapas que antecedem a sua próxima reencarnação:

“Eu me preparo para reencarnar fazendo meditação individual e em grupo. Num local tranquilo, passo longos períodos em reflexão sobre as dificuldades que irei enfrentar na próxima vida. Procuo superar a ansiedade que provoca a espera para o momento da nova concepção.”

Muitas vezes, a pessoa prefere permanecer estagnada negando-se a reencarnar e, só depois de longo tratamento e pela orientação do instrutor cármico, aceita voltar ao processo reencarnatório. Assim aconteceu com Virgínia, mas, depois de

reencarnar, os motivos que a mantinham paralisada falam mais alto e, ainda criança, ela antecipa a sua morte: “Estou jogando bola na calçada em frente à minha casa. Vejo um carro e sinto a possibilidade de voltar à condição de espírito e reencontrar aqueles que amo. Chuto a bola em direção ao carro e corro atrás.”

Semelhante, foi o caso de Antônio, que reencarnou com alguma resistência, apesar de ter concordado em aprofundar a experiência na dimensão material. Estabeleceu-se o conflito, levando-o a passar a maior parte de sua vida a lamentar o paraíso perdido. Sentia-se desamparado, intolerante com suas fraquezas. Com a terapia, Antônio vai atingindo a compreensão dos motivos que o trouxeram à dimensão física, visando a aceitar a vida através de um olhar mais tolerante e mais compreensivo com os próprios defeitos e as falhas alheias.

Reencarnamos com a possibilidade de interferir nas características que trazemos das vidas anteriores.

Toda a programação anterior se comunica com o novo corpo pelos centros de força, ou chacras. É comum a pessoa sentir dores, incômodos ou alegrias geradas por essa memória que, da mesma forma, ao imprimir as características positivas de seu aprendizado anterior, transfere também as marcas negativas das experiências traumáticas.

Mesmo que o véu do esquecimento caia no momento da reencarnação, tudo permanece registrado na memória integral que poderá ser acessada consciente ou inconscientemente. Desenvolver a consciência nos leva a condição de operar a mente, como fazemos com computadores. Ao trazer à tona essas vivências, podemos perceber que a maior parte do tempo costumamos dramatizar as vivências passadas, repetindo de forma inconsciente os papéis desatualizados a que estamos aprisionados.

Essa dramatização costuma se estender por falta de discernimento, levando as pessoas a manterem o olhar preso no

passado, achando que porque foram bruxos da Idade Média, devem repetir os mesmos hábitos, vestimentas e atitudes na vida atual, o que as faz perder o bonde da evolução.

Não é porque fomos druidas ou monges tibetanos numa reencarnação passada que teremos de repetir, nesta vida, o mesmo papel. O momento é outro e as metas também. Temos o livre-arbítrio, mas se vivemos de forma agarrada à realidade material, com sistema de crenças baseado na posse, culpa, raiva ou outro sentimento qualquer que nos mantenha aprisionados ao passado, a qualquer evento que não faça parte do pre-sente, certamente estaremos fadados a repetir o mesmo padrão de comportamento, atrasando o processo evolutivo.

A prisão a um modelo de comportamento fortalece o lastro de arquétipos, imagens psíquicas do inconsciente coletivo criadas pelo ser humano e patrimônio comum a toda a humanidade, mas a compreensão de seu significado irá provocar uma mudança comportamental, que renovará os arquétipos.

Pontos como esse ainda são obscuros, e por isso precisamos continuar a pesquisar os resultados das regressões de memória. O importante é que, pelo menos, já acumulamos estudos suficientes para afirmar com segurança que essas vivências passadas podem ser trazidas para o consciente, ajudando na solução de muitas dificuldades da vida atual.

O corpo físico tem a função de uma casca, ou vestimenta protetora semelhante às usadas pelos astronautas nas viagens espaciais, quando em trabalho por regiões inóspitas à condição humana. Da mesma forma, o espírito se envolve em várias camadas protetoras para descer ao nível da matéria, durante a sua estadia de aprendizado terreno. E os traços, que carregamos de outras vidas, determinam nossos talentos ou deficiências.

A reencarnação é a oportunidade para que a consciência complete a sua trajetória evolutiva através do tempo e do espaço. Utilizando diferentes corpos durante as várias reencar-

nações, a soma dessas vivências — como negro, branco, judeu, mulher, homem, opressor, oprimido, experimenta-se uma extensa variedade de papéis — permitirá diversos pontos de vista, e pela multiplicidade, maior riqueza de aprendizado.

Geralmente, a pessoa sente dificuldade em perceber a sua própria imagem, e o terapeuta deve usar vários recursos para que ela se identifique, como aconteceu com Ana, branca nesta vida, mas que, após alguma dificuldade, acaba percebendo que numa vida passada foi negra:

“Estou cuidando de uma mulher jovem, ela está feliz porque teve um filho, e sua pele é muito branca... nessa casa, todos têm a pele muito branca e leitosa...”

E, mais adiante, quando está num trem, observa uma criança no colo da mãe e constata:

“Todos estão bem vestidos, ela e a criança são muito claros, é estranho...”

E quando olha as outras pessoas no trem, percebe que todos ali também são muito leitosos, e neste momento eu peço que ela olhe suas mãos e ela se surpreende com a cor negra.

De forma inversa, Nilce, negra na vida atual, sofria de baixa autoestima pela condição de negra e mulher, mas começou a refletir mais profundamente sobre o racismo introjetado, ao regressar a uma vida numa cidade americana nos anos trinta:

“Minha pele é branca, alva, e o estranho é que não me sinto melhor nem mais bonita... sinto o peito oprimido, e tenho medo do homem com quem vivo, uma casa numa região deserta e longe da cidade.”

Tanto uma quanto outra tiveram a oportunidade de experimentar a vida sob o ponto de vista de uma mulher negra e de uma branca, o que lhes proporcionou uma ampliação na percepção do mundo. De um extremo a outro, sentiram na pele os preconceitos que tanto atrasam a evolução humana.

Após determinadas vivências são criadas novas conexões

neurônais, ampliando as capacidades da consciência, conforme indicam os recentes estudos sobre os fenômenos da mente, que tratam da revitalização da memória pelo treinamento da atenção, concentração e pela capacidade de retenção das informações recebidas. Esse processo nos faz crer que o pouco que conhecemos da mente humana nos permite acreditar na possibilidade apresentada pelas experiências de regressões a vidas passadas. Quando atingimos os bancos da memória, podemos acessar os registros de memória do espírito, onde estão armazenadas as vivências das vidas anteriores, e podemos então mudar a forma como percebemos o presente.

Como um cineasta ou escritor cria a sua obra ao evocar a memória percebida no passado, descrevendo o aroma da terra molhada ou o sabor dos bolinhos de fubá da infância, podemos trazer à tona as vivências de vidas passadas, para conhecer um pouco da própria caminhada evolutiva. O espírito se utiliza de várias reencarnações para desenvolver-se. Da mesma forma, o instrumento que ele utiliza para viver na dimensão material, o corpo físico, também vai se aprimorando para melhor servi-lo. A forma física do ser humano vem se desenvolvendo desde tempos remotos, e o corpo humano na Idade da Pedra muito se modificou até os dias de hoje. Como o corpo físico, a personalidade também vem sendo construída ao longo das reencarnações, ajudando no aprimoramento do espírito através das várias experiências vividas: repetindo, reparando e compensando os enganos do passado, interferindo positivamente no curso de seus pensamentos, sentimentos e ações, tornando-se responsável por eles e, portanto, se harmonizando com a lei cósmica do carma, também chamada de lei da justiça.

O mais importante, nesse jogo, é entender que, em geral, a vida ocorre fora do que planejamos e, para seguir esse roteiro desconhecido, é preciso ter a capacidade de improvisar papéis que se alternam, e cada nova chance de reencarnação traz uma

preciosa possibilidade de troca de papéis.

O carma não deve ser interpretado erroneamente como um conceito de castigo, mas sim como um instrumento de ajuda, eliminando a possibilidade de um Deus carrasco, que pune condenando ao fogo do inferno aqueles que fogem à sua lei. São nossos próprios pensamentos e atos que criam o céu ou o inferno que nos envolve.

A lei de causa e efeito apresenta sempre possibilidades de reparo dos erros tendo como meta a responsabilidade, a novidade da consciência humana. O sentido de responsabilidade se estende a cada sentimento, pensamento e ação. Desta forma, se desejamos uma vida de bem-estar e paz, não devemos espalhar à nossa volta a discórdia e a violência. Assim, dificilmente teremos uma vida serena e generosa, pois como já diz o velho ditado popular: “quem semeia vento, colhe tempestade”.

Ciente das causas que provocam o seu carma atual, a pessoa pode interferir positivamente em sua vida, criando novo padrão de conduta através da implantação de novos pensamentos e sentimentos, para que o movimento iniciado anteriormente pelas ações negativas do passado seja anulado.

Mas não devemos nos iludir, achando que basta aparentar uma vida exemplar, ficando “bonzinhos”, para não sermos atingidos por essa lei. O carma é bem mais amplo do que este conceito, não se baseando nas aparências, mas na real intenção do espírito.

Podemos agir como manda o figurino, mas se em nosso coração habita a separação, o ódio ou o ressentimento, continuaremos presos à lei cármica. Nossa cultura está repleta de conceitos de culpa e esse é um dos mecanismos que alimenta a nossa prisão e os ciclos cármicos.

Certamente, a autopiedade ou a frustração não representam o caminho do paraíso celestial, como pregam algumas correntes religiosas. Essa postura nos parece um equívoco de

interpretação humana das verdades cósmicas reveladas por mestres que na Terra encarnaram para transmitir um pouco da realidade além dos limites terrestres, imprimindo no inconsciente coletivo as pegadas do caminho evolutivo, cuja principal meta é o amor incondicional.

Comparando as minhas vivências passadas com as regressões que acompanhei em meu consultório, observei surpreendentes semelhanças sobre a maneira como se nasce e as circunstâncias como se morre.

A maneira como alguém reage diante deste ou daquele evento muitas vezes depende das vivências das vidas anteriores, e a experiência adquirida nas vidas passadas pode determinar maior ou menor habilidade nesta vida. Assim, reencarnar é uma nova possibilidade de reparar os enganos do passado que geram tanto sofrimento moral e físico.

Através da terapia de vidas passadas, podemos compreender melhor o processo cármico e como atuar com responsabilidade sobre a trajetória do nosso destino. Abandonamos a cômoda posição de quem espera do “alto” a solução para os problemas, e passamos a uma etapa da consciência adulta, ciente do mau uso que viemos fazendo de nossas vidas. Deixamos de responsabilizar o “outro” por nossos fracassos, fazendo a nossa parte, passando a vislumbrar uma sociedade mais adulta e justa.

Jean Paul Sartre tratou muito bem desse sentido de responsabilidade, quando escreveu: 'Agora já não importa o que fizeram de ti, mas sim o que vais fazer com aquilo que sobrou do que fizeram de ti.'

Reencarnação

“Nós, que agora somos homens, podemos depois nascer mulheres, e alguém que hoje é uma virgem, amanhã, poderá vir a ser uma prostituta.”

— Orígenes, Alexandria, século III

Não existe uma prova cabal da reencarnação, mas tampouco existe uma prova científica de que ela não exista. Partindo desta realidade, fica mais fácil penetrar o terreno empírico em que se baseiam as pesquisas que no futuro poderão trazer confirmações científicas.

É uma perda de tempo discutir se existe ou não a reencarnação, pois o meio mais evidente de chegar a alguma conclusão é abandonar a vontade de formar um time de prós ou contras e enveredar pelo caminho fascinante da experiência.

Afinal, que história é essa de perceber além dos cinco sentidos?

Pode-se mesmo sentir o universo pulsando? Como?

Resgatando o sentido de curiosidade infantil, abrimos um novo caminho à nossa frente, dissolvendo o musgo e as teias de aranha que invadem os lugares fechados, deixando que o sol e a vida penetrem nos labirintos inimagináveis de nossa mente.

Einstein afirmava que não existe nenhum caminho lógico para a descoberta das leis e verdades elementares do Universo; o único caminho seria o da intuição.

Intuição é o ato de perceber com clareza uma realidade sem ser levado pela lógica, mas por um sentido global de captação. Com essa percepção, podemos penetrar o mundo abstrato e descobrir leis que regem os princípios universais.

Dentro desses princípios se encontra a lei da reencarnação,

que permite o aprendizado da consciência humana através do método repetitivo. Algum sentido deve haver para que desde o ser das cavernas até os dias de hoje, pelo menos cinco mil anos da história que a humanidade conseguiu reorganizar contenha, em sua maioria, a crença na reencarnação.

Já nos desenhos paleolíticos das cavernas, encontramos figuras semelhantes aos astronautas de hoje, discos voadores, seres duplos e presos apenas por um cordão semelhante ao cordão de prata que une nosso espírito ao corpo físico. Os vedas da cultura indiana, e o Egito e a China da Antiguidade trazem em sua filosofia as questões sobre a reencarnação, e em todas as épocas e em todos os povos encontram-se assinalados os conhecimentos relativos à vida após a morte.

Ao nos aprofundarmos no estudo dessas culturas, fica mais claro que sempre existiram dois grupos básicos: aqueles que consideram apenas a existência do universo material e os que acreditam nos múltiplos universos da espiritualidade.

Muitas vezes esses grupos entraram em confronto tentando fazer prevalecer suas ideias, causando, assim, enormes tragédias, e a história dessa trajetória pode ser revista através da terapia de vidas passadas: os dramas da alma humana em sua caminhada evolutiva, muitas vezes patética, outras, cômica e outras ainda, banais. E, nessa caminhada, o ser humano em geral percorre caminhos tortuosos, mas um forte magnetismo superior o atrairá sempre ao encontro consigo mesmo.

Atualmente, um crescente interesse pelos assuntos da espiritualidade demonstra que uma mudança considerável está ocorrendo na mentalidade planetária e, mesmo que ainda carregada de misticismo, o tempo irá filtrando os excessos e incompreensões. Embora a maior parte das escolas de psicologia e medicina ignorem, e os intelectuais façam pouco, inúmeros cientistas e pesquisadores da mente já acumulam em seus arquivos numerosos casos de desdobramento da consciência, vida após a

morte e provas da reencarnação.

Se considerarmos a Terra como um planeta escola, onde as consciências de diversos níveis estão passando por um aprendizado através da repetição, o sentido de reencarnação fica mais claro. Estaríamos aqui para aprender sobre as diferenças e a aceitação, sobre o amor incondicional e a fraternidade e, sobretudo, sobre o sentido de responsabilidade, sinônimo de maturidade que permitiria o nosso ingresso em outras dimensões mais adultas.

Mas como se daria o processo?

Muitos pesquisadores de renome, europeus e americanos, como o psiquiatra inglês Dennis Kelsey e os doutores Morris Netherton, Ernie Pecci e Edith Fioré nos Estados Unidos, encontram-se no mesmo caminho da filosofia oriental, ao desenvolver uma nova terapia psicanalítica através da rememoração (das vidas passadas. Para eles, a memória fica registrada no campo energético intermediário entre o corpo físico e o espírito, e esse campo trata de passar essa memória para as células do novo corpo em que a consciência irá reencarnar.

Embora isso faça tremer nas bases os ortodoxos doutores da mente, essa realidade só demonstra que a etapa da psicanálise convencional teve seus dias de glória, mas a insuficiência para produzir a cura, efeito sobre a realidade, não a tornou verdadeiramente terapêutica. Os resultados são mínimos, e falta muita humildade para reconhecer que as descobertas até hoje representam apenas uma ínfima parcela da totalidade da mente humana. Existe muito mais a ser pesquisado, levando adiante o estudo e as descobertas iniciais realizados pelo pai da psicanálise.

Vamos sair dos divãs para uma aventura pelos aspectos maravilhosos da mente humana, conscientes de que o que existe até agora é apenas um esboço da realidade integral.

Quem se aventura?

Também estamos apenas engatinhando no conhecimento

das funções da mente humana, por que não refletir então sobre tantos ensinamentos milenares que falam da memória global, acervo das muitas reencarnações que a consciência desenvolve durante a sua evolução?

Suponhamos que reencarnar nos traz a chance de repetir até aprender, compreendendo o nosso potencial criativo e superando as tendências negativas, criadas por nossos pontos fracos, adquiridos em vidas anteriores. Isso faz sentido?

Faz sentido ainda imaginar que as leis cósmicas são flexíveis a ponto de permitir o tempo necessário para que cada um compreenda as lições básicas desta dimensão e, portanto, cada reencarnação permite o livre-arbítrio, através do qual podemos aumentar as características negativas ou lapidá-las, enfrentando as situações com novas soluções que permitam encontrar saídas positivas para os problemas?

Temos que admitir a impotência diante do passado, ele é imutável, mas não somos impotentes diante do presente e do futuro. Isso já me parece uma vantagem compensadora, e mesmo sendo uma poeira minúscula diante do esplendoroso universo que nos envolve, o livre-arbítrio nos coloca dentro deste universo, participando na cocriação do roteiro de nossas vidas. Um jogo cósmico, em que temos sempre uma nova chance de recuperar uma jogada infeliz, arriscando a cada vez um novo jogo.

Podemos nos fixar na repetição de velhos padrões de conduta ou ousar novas jogadas, experimentando novos enganos e acertos. Temos o direito de escolher o caminho dos que arriscam conhecer a verdade, ou só admiti-la mais tarde, depois da descoberta feita por outros e oficialmente aceita. Os primeiros comportam-se como pioneiros que avançam a civilização através da ciência, da arte e da filosofia.

Um bom exemplo disso ocorreu em 1938. Um médico bastante conceituado tentou convencer a esposa de seu paciente de que seu marido estava sofrendo de uma grave patologia, vítima

de um processo fantasioso, e sugeriu sua internação num conhecido hospital psiquiátrico em Paris.

Louis Danguerre foi a quase vítima, salvo por um triz, porque conseguiu provar a tempo que podia imprimir traços humanos e qualquer outra imagem sobre placas de cobre. Assim nasceu a fotografia.

Ao avançar para além dos limites estipulados, corremos o risco de críticas nem sempre construtivas. Como, no terreno da psicologia, muita coisa ainda precisa ser descoberta, cabe aos pesquisadores ter coragem de trilhar os caminhos não convencionais, buscando métodos que possam ser estudados com seriedade.

Para aqueles que precisam de referência histórica para confiar em seus próprios passos, existem numerosos nomes respeitáveis que acreditaram na reencarnação, e nem todos eram religiosos, mas sim filósofos ou poetas, como Platão ou Orígenes que, no século III, ocupou posição de destaque na Igreja primitiva e foi, ainda, filósofo e professor na Escola de Alexandria, onde ditou cerca de dois mil livros para uma equipe de estenógrafos.

Goethe, Yeats, Voltaire, Balzac e Victor Hugo foram alguns entre muitos que acreditaram que a consciência permanece viva após a morte, e que construíram as bases do conhecimento atual. Mesmo após centenas de anos, permanecem hoje respeitados pelas mesmas pessoas que negam a possibilidade de reencarnação, afirmando que esta é coisa para ignorantes ou desequilibrados.

Dentro desta linha, as escolas de psicologia fecham seus olhos aos resultados obtidos pela terapia de vidas passadas e à interferência do processo reencarnatório, mas, paralelamente, órgãos oficiais desenvolvem pesquisas sobre o assunto, como o Instituto Gallup nos Estados Unidos. Em 1982, essa entidade dedicou um bom tempo de suas pesquisas para saber o que pensa

a maioria dos americanos sobre reencarnação. Os resultados revelaram que “um americano entre quatro aceita a reencarnação e, mesmo não sendo aceita pela Igreja, 25% dos católicos também acreditam nela”.

Portanto, essa hipótese não parece tão absurda, caso contrário não estariam tantos pesquisadores e cientistas de vários países perdendo seu precioso tempo, estudando os mistérios da reencarnação, como o médico e psiquiatra Dr. Winnifred Lucas, que há vinte anos estuda o fenômeno da reencarnação e ministra um curso de terapia de vidas passadas na faculdade de medicina da UCLA.

As irradiações dos corpos energéticos, que envolvem a consciência ao reencarnar, possuem a memória integral das vidas anteriores, arquivada como um verdadeiro “banco de dados”, onde se encontram as características adquiridas no passado. Tive a oportunidade de constatar em várias regressões o processo que faz emergir a memória que antecede a concepção, no momento em que a consciência está se preparando para a reencarnação, como aconteceu ao acompanhar o caso de Né-lida, quando terminou o período de limpeza energética que procedeu ao seu desencarne. Recuperada, realizava estudos e reflexões acompanhada por seu orientador cármico. Ao acessar a memória integral, ela descreve os preparativos para a sua próxima reencarnação:

“Estamos embaixo de uma árvore, conversando sobre minha vida anterior. Eu fora covarde, e eu compreendo que por várias vidas esse medo prejudicou a mim e aos outros.

Fico sem saber como eliminar o medo de dentro de mim, mas ele não me ensina, indicando-me uma lagoa onde deverei ficar submersa por algum tempo, para eliminar as energias negativas do medo acumulado e que provoca uma névoa escura em alguns pontos do meu corpo.

Um jovem, que trabalha como seu assistente, explica que

essas manchas foram provocadas pela soma de pensamentos e sentimentos criados nas vidas anteriores, pelo medo de viver coisas ruins. O tratamento indicado ajudaria a eliminar uma boa parte delas, mas para a perfeita purificação, eu deveria reencarnar. Eu me sinto muito bem ali, mas ele me explica que no plano espiritual é muito fácil manter o equilíbrio, não se têm riscos, enquanto na vida material enfrenta-se a luta pela sobrevivência e, sendo o corpo perecível, temos a oportunidade de desenvolver o aprendizado necessário.

Decido então reencarnar nobre e poderoso, ao contrário da vida anterior, para exercitar a vontade e tentar não me acovardar como da vez passada, e defender meu objetivo, que é lutar contra a exploração do ser humano. Se nascesse pobre mais uma vez, lutar seria uma reação natural em mim, e eu precisava desenvolver a força de vontade e o desapego. Numa situação confortável o exercício seria difícil, mas eficaz. O passo seguinte me leva a reencontrar meu orientador que está no jardim. Ele me mostra o local e a família mais apropriada para a reencarnação, para que eu desenvolva meu objetivo. Nessa família eu não reconheço ninguém, meus pais serão espíritos que encontrarei pela primeira vez, para eu ampliar as minhas relações ainda muito restritas. Mas adianta que minha mãe é um espírito forte que me ajudará no processo evolutivo e que meu pai estará evoluindo comigo, auxiliado por minha mãe.

O esboço está delineado, e eu sinto insegurança diante dessa nova oportunidade. Para me desapegar da realidade em que estou, adormeço por algum tempo, toda a memória se apaga e acordo sendo levado pelo meu orientador até uma fila na entrada de uma gruta. Nesse local as pessoas vão gradativamente baixando as suas vibrações, até chegar ao nível da matéria. Ficamos concentrados na próxima experiência. De vez em quando, os orientadores comunicam, por projeção mental, dados sobre a família que se prepara para nos receber. Um espírito que aguarda

como eu a próxima reencarnação diz que deverá aprender a valorizar as pessoas e ser mais tolerante e compreensivo.” Quando chega a sua vez, ela escorrega como num tobogã, cada vez mais rápido até que não vê mais a paisagem onde estava. Tudo desaparece, e ela não percebe mais nada, perdendo por completo a consciência. Outra vivência do momento da reencarnação foi descrita por Gilda, no período que antecede a descida ao nível da matéria; acompanhada por um espírito vestido de branco e muito iluminado, ela sente-se afundar num poço, um túnel negro e macio, levando consigo uma expectativa muito forte. O espírito a deixa num lugar na Terra, se despede e ela se sente encolhida, pequena. Não vê nada, mas sente-se confortável quando percebe seu novo corpo crescendo no útero materno. Algumas vezes a consciência está em conflito sobre a sua reencarnação, com medo ou outros sentimentos que provocam forte resistência ao seu renascimento, assim aconteceu com Anete ao descrever seu nascimento em uma breve vida passada. “É ruim... sou homem e faço muita força empurrando com os pés... custa muito, demora... me reteso... acho que estou nascendo, a respiração fica difícil, eu não tenho ar, parece que vou sufocar. É ruim... antes, eu não precisava de ar... agora preciso.” Anete faz uma longa pausa até se recuperar do esforço realizado para reencarnar e continua algum tempo depois: “Vejo a minha mãe sentada numa cadeira, e ela me segura no colo.” Peço que ela se aproxime e volte a se sentir pequena e amparada no colo da mãe. “Ela é gorda e eu gosto, é confortável... eu sinto espasmos e reteso as pernas... eu acho que não gostei de encarnar, sinto que não vou sobreviver...”

Essas impressões foram confirmadas com o desenrolar da regressão, quando Anete descreve o desencarne do bebê, pouco tempo depois de nascer.

Muitas vezes reencontramos pessoas com as quais não temos afinidades amorosas, e a reencarnação se faz pelos laços

negativos para que possam ser superados através da convivência ou, ainda, pela vontade de reencontrar esses laços do passado e perpetuar relações de ódio, vingança, ou outros motivos que aprisionam as pessoas a ciclos negativos de vida.

Somente a partir da consciência de seu carma, o paciente estará apto a compreender suas dificuldades no passado, as frustrações, as raivas, sentimentos de vingança, mágoas, ressentimentos e toda a sorte de incompreensões que o prendem a pessoas e situações de infelicidade.

Foi o caso de Andréa que reconheceu seus pais como os mesmos de duas vidas anteriores. Nas duas primeiras, a vivência com eles foi marcada pelo abandono e rejeição por sua condição defeituosa. Na vida atual, ela nasceu perfeita, bonita e inteligente, mas o sentimento de abandono permanecia de forma inexplicável. Após a terapia de vidas passadas, ela pôde reconhecer que os sentimentos que nutria por seus pais na vida atual não correspondiam à realidade presente, mas sim a resíduos das relações das vidas anteriores. Reconhecendo o esforço que fizeram nesta vida para dar-lhe o melhor, conseguiu perdoá-los pelos erros do passado e criar condições para um relacionamento positivo e sem ressentimentos.

Esses são apenas trechos de algumas regressões que falam da vida e da morte, e se em vez de contestarmos a hipótese da reencarnação, usarmos alguns minutos de nossas vidas na busca de informações credenciadas, poderemos tirar conclusões mais fundamentadas.

Muitas pessoas sofrem de “síndrome de estrangeiro”, uma forte inadaptação à realidade física, vivem a sensação de estar no lugar errado, no momento errado, quase sempre mantendo o olhar atrás, querendo voltar para o que considera o seu lugar, no passado.

Esses sinais visíveis de inadaptação à vida terrena podem ser causados por muitos motivos, mas, através da regressão,

encontrei um ponto em comum: estas pessoas não queriam reencarnar, mas foram convencidas da necessidade desse aprendizado, para saírem da inércia em que se encontravam no plano extrafísico. Outros, acomodados, se arrependeram assim que sentiram a densidade da matéria e as provas pelas quais teriam que passar, como um novato que decide voar de asa-delta e, na hora da decolagem, “amarela”, como diz a gíria entre eles.

A característica geral é o forte sentimento de apego ao passado, por alguma pessoa ou por uma situação em particular, que provoca uma nostalgia que não sabem situar nesta vida, como é o caso de Cristiane, com quarenta e poucos anos, sofrendo de descolamento seroso da retina, edema na vista esquerda e manchas na direita. O diagnóstico médico considera a causa desconhecida, com suspeita de estresse. Durante a regressão, ela lembrou-se de um pesadelo de anos atrás, quando, ao atravessar um túnel, sentiu-se sufocar e achou que fosse morrer. Logo a seguir lembrou-se de outro pesadelo que acontecia constantemente na infância, desde os dois anos de idade: Era noite, e ela subia na cabeceira da cama e jogava-se no escuro, tentando voltar pelo túnel de onde viera, em busca do paraíso perdido. Em vez de interpretar apenas com os dados freudianos, do desejo de volta ao útero materno, resolvi deixar emergir de seu inconsciente qual seria esse lugar.

Ela realiza o mergulho e descreve um lugar claro, luminoso, com pessoas de vestes claras, etéreas e expressão muito carinhosa que corresponde a muitas outras descrições relacionadas às dimensões espirituais. Num capítulo mais adiante, farei sobre essas dimensões, onde vivemos a maior parte de nossa existência, e de onde saímos para cumprir mais uma etapa de aprendizado na Terra.

Cristiane conseguiu curar-se e surpreender o médico que a tratava, pois, segundo ele, é muito raro vencer essa doença que acaba provocando a perda da visão, mas ela mergulhou nas

causas que bloqueavam a sua capacidade de ver, o medo que a impedia de olhar o futuro, e limpou os resíduos que trazia de outras vidas, aceitando a experiência da reencarnação como uma chance de aprendizado.

Nestes casos, a terapia vai ajudar a desenvolver a capacidade de adaptação ao tempo presente, colocando em circulação a energia vital que está imobilizada no passado. Isso proporciona maior vitalidade e potencial criativo de realização.

É importante estudar os casos de reencarnações consanguíneas, pois aceleram, segundo a vontade de seus participantes, as partidas do jogo cármico, trazendo a possibilidade de pessoas que desencarnaram com ciclos incompletos poderem recuperar o tempo perdido, voltando na mesma família, para a continuidade do jogo que fora interrompido, só que, desta vez, com papéis diferentes.

Anete mostra como aconteceu em uma vida passada a sua reencarnação numa mesma família. Inicialmente, viu-se escorregando numa pedra num rio, então percebeu uma certa confusão, e como havia fusões de tempo e imagem, pedi apenas que se fixasse na imagem inicial.

Ela estava percebendo duas vidas ao mesmo tempo. A primeira quando morreu no dia do casamento, durante o ataque de invasores ao castelo de seu pai. A segunda na reencarnação seguinte quando escorregou nas pedras de um rio próximo às ruínas desse castelo. Ela, reencarnando como um rapaz, sente a sensação de *déjà vu* e através da terapia pôde compreender que estava reconhecendo de certa forma o local de sua vida anterior. Ela havia nascido na mesma família, alguns anos depois.

Alguns pacientes reconhecem um membro da família que acaba de nascer como o avô que morreu há vinte anos, um tio que vem desta vez como filho, ou o pai que quinze anos depois nasceu como filha de sua filha, e tanto as características positivas quanto as negativas são reativadas acelerando o aprendizado

do grupo cármico familiar.

Nascer

“O tempo é um momento em movimento; a eternidade é um instante em repouso.”

— Mr. Léon.Meurir

Segundo o dicionário Aurélio, nascer é vir ao mundo, começando a ter uma vida exterior, e como essa vida exterior se encontra na dimensão material, nascer é ganhar um novo corpo físico.

Para a milenar cultura iogue, cada nascimento significa um renascimento para a alma e, para renascer, o ser humano processa a alquimia dos quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo, criando gradativamente um corpo para cada etapa da descida da alma ao universo material.

Nos workshops que costumo realizar, proponho exercícios envolvendo cada um desses elementos com o objetivo de trazer a consciência para os vários corpos energéticos que servem de invólucro à consciência. Como a Terra representa o plano físico e etérico, trabalhamos a respiração, a circulação e a flexibilidade das articulações; já para a consciência física, trabalhamos o tato, o equilíbrio, a harmonia corporal e a dança.

A água representa a nossa dimensão astral, e portanto os exercícios visam à consciência de nossas emoções e à interpretação das fantasias reprimidas e dos sonhos.

O ar significa o nível mental, e para atingi-lo são realizados trabalhos de mentalização criativa e projeção da consciência. Finalmente, o contato com o espírito fica mais fácil de se fazer quando já atravessamos as camadas que nos levam até ele. E desde os tempos ancestrais, o elemento que o representa é o fogo ou, mais completamente, o Sol, centro do nosso universo exterior, e chama interna do nosso espírito.

Em cada uma dessas camadas se encontram revelações importantes que ajudam na compreensão do processo reencarnatório, pois, no momento de reencarnar, o espírito se reveste de diversos corpos de energia. Em cada fase de sua descida ao mundo físico, a consciência vai imprimindo as características das vidas anteriores, desde a memória integral do espírito, passando pelo corpo das ideias até as emoções, chegando ao físico, que será moldado de acordo com as condições genéticas dos pais e, ainda, com a soma dos pontos fracos e fortes do que foi acumulado nas vidas anteriores.

Allan Kardec, pesquisador do século passado, que iniciou a união da filosofia, da ciência e da espiritualidade através da codificação do espiritismo, afirma que o espírito vai se ligando gradativamente ao corpo físico, do momento da fecundação até o nascimento. Para ele, o espírito é atraído por um magnetismo irresistível, que o liga ao embrião desde o momento da concepção, e à medida que este se desenvolve, a atração se torna mais forte. Assim, os laços que unem o espírito ao novo corpo físico em formação, pouco a pouco, se consolidam, da mesma forma que uma planta se enraíza na terra.

Para que esse processo se realize, o espírito necessita de um corpo energético intermediário entre ele e a matéria, o perispírito, uma zona intermediária que serve de comando e orientação para o corpo físico e a formação do código genético. No perispírito estão gravadas as vidas passadas que se refletem sobre o corpo físico atual em variadas manifestações.

A fase de gestação é lembrada sem que se faça distinção entre o bebê e a mãe, e os sentimentos dela são confundidos com os do feto, e durante a terapia deve-se trabalhar a distinção entre esses sentimentos. Da mesma forma, toda a dor precisa ser revivida para que o material residual possa ser escoado, liberando diversos sintomas. Todas as vivências positivas que ficam registradas na memória inconsciente provocam a ativação dos mecanismos de defesa orgânica, fortalecendo o sistema imunológico e irradiando para a zona afetivo-emocional vibrações de segurança, equilíbrio e bem-estar. Já as vivências negativas emitem sinais desarmônicos que agredem e fragilizam a estruturação das zonas psíquica e física, criando desequilíbrio, tendência a doenças e distúrbios comportamentais.

Através da minha própria experiência e do trabalho realizado com meus pacientes, pude confirmar a conclusão de vários cientistas, psicanalistas e psicólogos que vêm pesquisando a vida intrauterina. Entre eles, Grof, Janov e Hubbard afirmam que já no ventre da mãe a consciência registra, no inconsciente, as percepções tanto internas quanto externas.

No ventre materno, o feto percebe sensações luminosas, térmicas, sonoras, entre outras vivências que ficam impressas na psique da criança, e o mundo assume o aspecto dessas primeiras impressões.

O estudioso da vida intrauterina, Albert Berenstein, do Hospital Albert Einstein em São Paulo, afirma que o feto tem memória desde a concepção. Segundo ele, mesmo antes que haja neurônios, as células devem ter alguma maneira de registrar, quimicamente, o que lhes aconteceu. Essa afirmação abre um novo horizonte para a realidade da vida e da morte. Também a pesquisadora Vera Iaconeli, especialista em psiquismo fetal da Universidade de São Paulo, afirma que o feto sonha 65% das dezesseis horas que passa dormindo no ventre materno, embora não saiba com o que ele sonha. Mas eu arriscaria dizer que, além

de sonhar com as impressões captadas durante a vigília, o feto sonha com as lembranças da vida entre vidas, e a experiência que antecede a reencarnação.

Durante a gestação, a consciência vai se entorpecendo, para ajustar-se às limitações do corpo físico em formação. Desta forma, a memória integral que tem o registro de todas as vivências passadas se apaga, e o feto passa a sentir o mundo que o cerca através da mãe.

Os anos 1970 representaram uma grande abertura para a pesquisa pré-natal, e um dos pais da psicologia transpessoal, o psiquiatra de origem tcheca Stanislav Grof, mergulhou fundo para compreender os mistérios que envolvem a fase fetal, pelos registros de uma constelação dinâmica de lembranças relacionadas à época intrauterina.

Para ele, a dor emocional e física, quando muito intensas, costumam ser interpretadas como o ato de morrer experimentado em outra vida. A traumática experiência do parto pode reativar vivências relacionadas à morte em uma vida passada. Grof traçou um modelo utilizando como base os quatro estágios que antecedem ao nascimento. Isso ajuda muito na pesquisa das psicopatologias e traz revolucionárias possibilidades de cura. Segundo ele, mais que biológico, o processo perinatal tem profundas dimensões espirituais e distintos aspectos psicológicos determinados desde a fase inicial do feto, seguindo a segunda etapa, quando o aconchego no ventre materno sofre alterações desagradáveis embora a fonte de desconforto não possa ser identificada. Na terceira etapa, as contrações aumentam e a pressão se torna quase insuportável. A quarta fase produz grande alívio com a travessia pelo canal vaginal, tendo influência no tipo de parto realizado.

Desenvolvi um trabalho com as gêmeas Gilda e Nélide, e cada qual vivenciou as regressões separadamente, descrevendo, emocionadas, a lembrança do momento em que são

encaminhadas pelo orientador cármico até o ventre de sua nova mãe:

“Vejo luzes douradas, um ser de manto branco, cabelos claros e longos, iluminados por uma forte luz, me diz que vou encontrar alguém que já conheço.”

A outra descreve quando o ser que a acompanha para a reencarnação lhe diz o momento de descer: “Está havendo a fecundação, percebo pontos dourados muito fortes... eu sinto um certo medo do que me espera, das pessoas, da família não ser receptiva...”

Esse receio ocorre durante o período de gestação, e Gilda tenta sair várias vezes, mas encontra sempre o seu mentor num lugar que descreve como muito agradável, amplo e cheio de luzes e cores:

“Ele me diz carinhosamente para eu voltar e ficar, e eu confio nele.”

Quando a gestação já está adiantada, Nélide sente os movimentos de alguém a seu lado, e percebe que não está sozinha no ventre de sua mãe. Seu orientador espiritual lhe comunica que ela tem a oportunidade de crescer ao lado de alguém que muito amou em outra vida e com quem aprenderá sobre a necessidade de desapego. A dependência que desenvolveram em outras vidas será agora avaliada pela experiência de crescer lado a lado e pela luta que terão de travar para garantir a própria identidade.

Do ventre dá para perceber a variação de humor da mãe, e, segundo Nélide, “em alguns momentos, quando ela está ansiosa, percebo um sentimento de rejeição e, outras vezes, me sinto protegida dentro dela”.

Ambas estavam vivenciando o mesmo processo de gestação, na mesma barriga, na mesma época, mas cada qual recebeu a experiência e percebeu a realidade que as envolvia de uma maneira muito particular.

As regressões à vida intrauterina geralmente falam de

vivências semelhantes como estas: “Estou submersa num lugar amplo, de clima quente, como se fosse um óleo... um som repetitivo bate como um martelo...”

Mais tarde, quando já crescido, o feto sente o espaço diminuir:

“Eu quero nascer logo, é ruim ficar aqui, apertado... mas tenho medo, não sei o que me espera...”

As duas gêmeas, por sua vez, apresentam experiências diferentes. Para Nélide, “a saída é difícil, falta espaço, eu estou numa posição ruim, atravessada e não posso fazer nada”.

Enquanto para Gilda, de temperamento mais extrovertido e ousado:

“A agitação da pessoa que divide o lugar comigo me agita também... é estranho perceber que não estou só... existe uma outra vibração a meu lado, mas sinto-me bem com a sua presença, é agradável...”

Mais adiante, quando chega o momento de nascer, ela relata uma energia sufocante, algo mais forte do que ela:

“Sinto uma força me empurrar para fora... vou nascer primeiro e me sinto desprotegida e vulnerável atravessando um corredor escuro que me comprime...”

As regressões com Gilda e Nélide foram realizadas separadamente e, acompanhando os relatos de cada uma, poderemos confirmar as impressões pessoais, registradas na memória inconsciente durante a vida intrauterina.

Nélide descreve: “Sinto frio, angústia, fraqueza... faz muito barulho... Minha irmã demorou mais para nascer... ela sentiu mais medo que eu... Vou para uma incubadora... me sinto muito aflita ali dentro... os aparelhos... procuro sair dali e logo encontro o ser de luz que me acompanhou durante todo o tempo da gestação. Ele me envolve numa luz branca, que me transmite muita energia, ele me acalma e me manda voltar para a incubadora.”

Após o tratamento, as duas gêmeas definiram suas características, escolheram diferentes cortes de cabelo, a maneira de vestir tornou-se pessoal, e a relação entre elas e a família ficou mais verdadeira. A vida profissional também foi afetada para melhor, uma formada em História, a outra em Sociologia, com mais segurança cada qual ficou mais apta a desenvolver melhor atuação profissional.

O mesmo medo que sentimos ao imaginar a morte, passa, para uma dimensão que imaginamos desconhecida, foi o que levou Leboyer, médico francês, a desenvolver uma prática mais humana para receber o ser que acaba de chegar a este mundo. Compreendendo o sofrimento causado pelo esforço de nascer, o Dr. Leboyer revolucionou a década de 1970 com uma medicina voltada para o nascimento, com um atendimento carinhoso ao bebê e à mãe que está dando à luz.

O contato com a água, um ambiente com iluminação suave, abolindo por completo a luz fria de até então, é muito importante, diz Leboyer, pois o bebê nasce com determinados cristais ópticos que permitem a percepção do mundo etéreo, mas que são destruídos precipitadamente pela luz elétrica muito forte.

A relação imediata com o corpo da mãe e as inter-relações com o médico, enfermeiras e o bebê, para ele devem ser mais humanas e calorosas, e nada de virá-lo de cabeça para baixo e estapear seu bumbum, aumentando assim o trauma da violência que representa o ato de nascer. Leboyer substituiu essa prática por um despertar mais delicado e sem medo, algo já desenvolvido na Antiguidade, quando muitas das parteiras tinham a clarividência e nascer na penumbra ajudava no equilíbrio emocional, evitando que se rompesse bruscamente a comunicação do bebê com o mundo astral do qual acabava de chegar.

Por que alguns bebês mesmo vivendo experiências semelhantes reagem com raiva e alimentam sentimentos de revolta e culpa? Talvez a terapia de vidas passadas possa explicar através

das relações e traumas anteriores que são reativados durante o momento do nascimento. O feto percebe a experiência como grande ameaça de morte, pois a separação da mãe determina um ciclo desconhecido que se apresenta com grande componente de perda e dor.

Silvia reviveu o nascimento, sentindo-se pressionada e espulsa por contrações violentas, com fortes dores localizadas em várias partes do corpo, sua temperatura subiu até que o ambiente, até então acolhedor, tornou-se insuportável.

Algumas pesquisas mostram que a experiência do nascimento cria um padrão de comportamento que costuma se repetir nas diversas situações da vida. Através da regressão de memória, essas experiências podem ser revividas, e a psicoterapia é capaz de ajudar a superar os padrões negativos impressos durante a vida intrauterina, aumentando a capacidade de enfrentar a vida e superar os problemas, resgatando o potencial bloqueado.

Essas impressões se estendem ao momento do parto e permanecem gravadas no inconsciente, afetando a estrutura comportamental das pessoas. Vamos acompanhar a regressão de uma religiosa que atravessava uma forte crise vocacional, sofria dificuldades no relacionamento com a mãe, pois alimentava a ideia de que não fora amada por ela. O sentimento de rejeição era muito forte assim como a culpa pois, no íntimo, achava que algo muito ruim fizera para não ser amada e ansiava por tornar-se merecedora desse amor. Dividida entre a raiva e a culpa, seu tratamento começou a dar resultados quando regredindo ao momento em que sentiu mais forte a rejeição materna ela vivencia:

“Me sinto muito ligada a ela, somos muito unidas e grandes amigas, mas houve um momento em que ela me abandonou e, quando voltamos a nos encontrar, já não era a mesma coisa.”

Percebo que ela está falando do seu nascimento, do momento da separação, quando as contrações a expulsaram do

aconchego do ventre materno, e para que ela tome consciência disso, peço que ela deixe emergir imagens desse momento e dos sentimentos que a envolvem. Ela descreve:

“Tenho a sensação de estar caindo de uma árvore muito alta e a minha mãe não vem me socorrer. Sinto-me abandonada, tenho vontade de gritar, eu tento me agarrar mas não consigo. Ela grita muito porque sabe que estou caindo, mas não faz nada...”

O mesmo sentimento que carregou por toda a sua vida, de abandono, rejeição e perda da unidade com a mãe, a raiva pelas contrações e expulsão do ventre materno.

Continuando a experiência, Sílvia fica em silêncio por alguns segundos e a expressão de desespero se dissolve em seu rosto, até que volta a falar:

“Agora, me sinto em algo macio, parece água e não choro mais, estou sem roupa e sinto um vento muito frio que me faz tremer muito até que alguém me envolve numa toalha... tem um fio que me agarra na cintura e logo alguém corta esse fio. Não sinto nada porque alguém me aperta contra o peito e depois me enxuga. Eu tento chorar, faço força e esse alguém conversa comigo e me acalma.

Eu me sinto muito pequena diante dela, fico quase toda em sua mão. Eu queria ter pernas para sair dali de perto dela.”

Novamente a raiva pela expulsão do ventre materno e a impotência diante da mãe foram trabalhadas até se dissolve-rem.

“Está apertado, não posso me mexer, não sei o que estou fazendo aqui, continua apertando cada vez mais.”

Ao levar a experiência até o momento do nascimento, é comum a descrição de um túnel, escuridão e depois uma claridade ofuscante, que quase cega, e o desconforto de nascer. Anete vivenciou seu nascimento na vida atual para compreender as relações entre a mãe, ela e as irmãs, que havia identificado na sua última vida.

Assim que regride à vida intrauterina, percebe um feto

grande com o cordão umbilical enrolado ao pescoço como uma força. Mesmo sabendo do ocorrido, surpreendeu-se com a imagem e sobretudo com a sensação de imobilidade e congestão da circulação no tórax e na cabeça. Mais surpresa ainda ficou quando pedi que fosse mais atrás, à causa do cordão ter-se enrolado no pescoço, e ela descreveu a sensação de medo terrível que a levou a girar muitas vezes, em espiral, subindo em busca de energização.

“Estou no ventre de minha mãe e sinto muito medo. Circulando, girando e subindo, tento encontrar a fonte de energia que me alimenta, e que preciso para enfrentar a nova vida que me espera... tenho medo de não estar preparada...”

Mais adiante ela continua descrevendo a experiência:

“Parece estupidez, porque já não sou mais apenas espírito e enrolar-me assim acabou me prejudicando. Estou presa, imobilizada, e do coração para cima a temperatura é muito quente, enquanto as pernas eu não as sinto, estão frias, sem energia.”

Ela percebe as consequências desse medo na vida atual, a insegurança faz com que tente fugir das situações novas e se enrolar nos relacionamentos, até ficar imobilizada.

As inúmeras regressões da vida intrauterina ao momento do nascimento revelam sensações de bem-estar inicial substituídas por forte pressão durante a travessia de um canal estreito, até o alívio do encontro com a luz onde identificam o momento do nascimento. A maioria dos pacientes, regredindo ao nascimento e à morte anterior, demonstra semelhanças nas duas situações: ao nascer, os relatos falam da travessia de um túnel escuro até chegar à luz, seguido da sensação de aperto e limitação dos movimentos. Ao contrário, os relatos de morte falam da travessia de um longo túnel até encontrarem a luz, quando sobrevém um sentimento de expansão e libertação. Isso porque a matéria é energia condensada, diferente da condição do espírito que, energia pura, pode se expandir em várias dimensões.

O trauma do nascimento permanece registrado no inconsciente, revelando a dolorosa luta travada pelo feto, e representa importante influência no desenvolvimento da personalidade. Toda essa vivência deixa um medo inconsciente e residual, que se manifesta durante a regressão como sensação de enforcamento, sufocamento, afogamento e até mesmo esmagamento da caixa craniana.

“Está tudo escuro, vou passar por um túnel... tenho que passar, mas está muito estreito e tenho medo... Acho que posso ver uma luz bem longe... tenho medo e não quero ir..., estou sufocando... alguma coisa entra pela minha boca.”

Estas são descrições comuns durante as regressões ao nascimento. Com o término do parto, finalmente a luz e a sensação de enorme alívio seguida da sensação de frio e de vazio. É comum a reativação, nesse momento, de traumas de mortes de vidas anteriores que tragam sensação de sufocamento, afogamento, quedas. E o caso descrito por Anete ao conseguir atravessar o túnel escuro e nascer:

“Estou caindo..., é uma queda brusca, de um só golpe... e posso respirar... posso me movimentar.”

Quando isso acontece, a reativação estabelece a continuidade dos dramas cármicos do passado que, durante a terapia de vidas passadas, emergem à consciência, evidenciando os traumas passados carregados de dor física. Trata-se da vivência consciente e da dissolução da dor antiga transferida para o corpo atual, mas dor que existe apenas na memória.

Paulo, cineasta, 27 anos, é tímido profissional e afetivamente. Quando fez o seu renascimento, descreveu “uma força maior que me oprime, algo insuportável, que me faz sentir pequeno diante dela, tenho muito medo”. Essa sensação, carregava desde pequeno, interferindo no seu dia a dia de forma negativa, sobretudo nos relacionamentos afetivos, porque diante de uma mulher, sem saber o porquê, ele se sentia “oprimido por uma

força maior”, pequeno, insignificante, ameaçado de ser engolido ou rejeitado. Não é preciso dizer o quanto isso lhe provocava reações negativas e mecanismos de defesa equivocados.

Os relatos confirmam outro dado interessante: o uso de anestesia durante o parto é descrito como intensa agitação no local, dor de cabeça, aperto no peito, sufocamento e muitas outras vivências. Os resíduos costumam ficar retidos não apenas no corpo do recém-nascido, mas também nas estruturas sutis do corpo energético, perdurando, em alguns casos, até a vida adulta e prejudicando a estrutura fisiológica e o padrão de comportamento, através de fobias, paralisções e também da predisposição para o uso de drogas.

Uma paciente, embora fosse criativa, sofria séria dificuldade de realização e desequilíbrio diante das relações de poder. Reviveu uma vida como um líder italiano, por volta do século XVI, que foi atraído e envenenado. Durante o seu nascimento atual, essa experiência foi ativada quando sua mãe precisou ser anestesiada para o parto cesariano. O anestésico ao penetrar em sua corrente sanguínea reestimulou a vivência anterior de envenenamento. Ao fazer a regressão, ela viveu as mesmas sensações de sufocamento e as convulsões que a levaram a paralisção seguida de morte, na vida anterior.

A experiência trouxe também a causa da asma que sofria desde a infância, e a compreensão de que, até então, confundia a possibilidade de sucesso profissional com risco de vida, traição e morte.

Infelizmente, ela achou que apenas a percepção dos fatos seria suficiente para curar-se, e isso acontece com frequência. A maioria das pessoas tem pressa para atingir os resultados e preguiça para desenvolver um processo de cura que exige disciplina, perseverança e continuidade para desprogramar-se de um comportamento negativo e substituí-lo por uma nova programação comportamental.

Não é impossível a partir da compreensão atingir-se a transformação, mas, abandonando-se a terapia, o processo é mais demorado e muitas recaídas podem gerar frustração e desânimo.

Nascer é uma experiência de transição de uma forma de existência à outra, e esta travessia inclui perdas e ganhos. Para atingirmos a liberdade e termos acesso às diversas possibilidades de evolução, precisamos abrir mão da condição paradisíaca em que nos encontramos um dia, quando na fase intrauterina.

Muitas pessoas resistem radicalmente a operar essa mudança. Evitando amadurecer, tentam a qualquer preço retornar ao paraíso perdido, mas o caminho da evolução não tem volta. Sendo assim, não podendo voltar ao útero da mãe, só nos resta nascer, abrindo caminho, de forma quase sempre dolorosa.

O casal de pesquisadores franceses, Anne e Daniel Meurois Givaudan, trabalha em estado de expansão da consciência, projetando-se astralmente e acompanhando, por comunicação telepática, o processo de reencarnação. Segundo eles, uma adaptação suave vai se desenvolvendo entre o feto, a mãe e também o pai, permitindo que, a cada passo da gestação, o espírito aprenda um pouco da história de seus futuros pais. Da mesma forma que existe a genética do físico, existe a genética da alma, e, desde os primeiros meses que seguem a concepção, a consciência constrói o registro das vivências intrauterinas e as incorpora juntamente com sua herança genética e cármica ao novo veículo físico.

“Seu conteúdo vai inscrever-se nas diferentes camadas etéreas que lhe servem de ímã”, afirma o casal de pesquisadores, que se dedicam à investigação dos “mundos da pós-vida” e outros universos mais sutis, realizando um trabalho sobre as fases de evolução da consciência na fase de reencarnação. Os nove passos para a reencarnação é um relato da aventura destes cientistas acompanhando uma consciência no processo de enraizamento no ventre materno, e essa pesquisa revela a luta para

adaptar-se à nova realidade no corpo físico que ela ajuda a formar.

E quando uma alma incorpora o bebê?

Parece que não existe regra fixa, dependendo da consciência que irá reencarnar e da relação com os futuros pais, embora isto ocorra, por completo, no momento do parto.

Portanto, o corpo físico é um importante veículo de aprendizado, devendo ser tratado com atenção e cuidado, para melhor utilizarmos esse laboratório. Não estou falando de gastar horas e horas malhando para ganhar contornos “desejáveis”, isso é uma opção pessoal. Falo de cuidados com a alimentação, com a respiração, com a higiene e o lazer. Mente sã em corpo são é essencial para o equilíbrio necessário ao processo evolutivo.

Estou cada vez mais confiante que a compreensão dos processos ligados à reencarnação pode trazer luz tanto para os problemas de ordem física quanto para os de ordem psíquica. E graças aos inúmeros pesquisadores da alma, certamente estamos caminhando para o desabrochar de relações com um pouco mais de amor, de ternura e de alegria na superfície da Terra.

A Terapia de Vidas Passadas

“O que somos hoje provém dos pensamentos de ontem, e nossos pensamentos de hoje constroem a nossa vida de amanhã, pois esta é pura criação da mente.”

— O Dhammapada (texto budista)

A tvp atua fora dos limites do espaço e do tempo fazendo um trabalho de arqueologia da alma, buscando a origem das

dificuldades que afligem a nossa vida. Esse processo visa à retirada das camadas de defesa cristalizadas sobre a memória. uma após a outra, ao longo das várias reencarnações.

São séculos e séculos de vivências que compreendem a nossa história integral, numa trajetória que a consciência realiza em direção à evolução. Trabalhar a alma humana é estar num movimento incessante em direção ao conhecimento e revelações diversas. É motivo de intensa satisfação acompanhar os passos trôpegos de uns e os surpreendentemente rápidos de outros — mas todos saindo da imobilidade, superando, muitas vezes, a completa rigidez em que se encontravam.

Com a regressão e terapia de vidas passadas, podemos dissolver os nódulos cármicos, liberando o fluxo de energia retido no passado e, assim, aumentar o potencial que conduz a uma qualidade de vida melhor.

Pouco a pouco, percebemos o poder que temos de modificar nossas vidas, estimulando uma maior capacidade de compreensão e transformando o carma adquirido nesta e em outras vidas.

A tvp trabalha com a expansão da consciência, desenvolvendo várias percepções para captar as experiências vividas em outras encarnações. A vidência e a intuição, entre outras capacidades, são atingidas por desdobramento, com a pessoa entrando em contato com as suas personalidades do passado, quando ultrapassa os limites físicos do tempo e do espaço.

A Terra é um planeta-escola, onde reencarnamos para aprender pela prática repetitiva, até que estejamos aptos a encarar uma nova etapa evolutiva. Assim como as crianças repetem sílabas até desenvolver o aprendizado da palavra, reencarnar nos traz a chance de aprender pela repetição a viver.

Ao avançar para além dos limites estipulados, corremos o risco de críticas nem sempre construtivas. No entanto, cabe aos pesquisadores a coragem de trilhar caminhos não convencio-

nais, servindo-se de métodos que possam ser empregados com seriedade e buscando respostas para as questões da mente e do comportamento humano.

A terapia de vidas passadas é um campo para a pesquisa. Não é misticismo nem religião, mas um estudo que deve ser realizado levando-se em conta as leis da experimentação, da observação e da comprovação científica.

Para melhor compreendermos o comportamento humano, é preciso levarmos em conta três formas de agir. A primeira é o instinto, uma espécie de hábito hereditário, daqueles que passam de pais para filhos, como a risada ou as tendências emocionais e mentais. A segunda, o hábito adquirido, é determinada pela educação, as boas ou más maneiras. A terceira é a inteligência nata, capacidade individual que nada mais é que mecanismos construídos a partir de vivências e da observação das mesmas, a descoberta de novos meios para a sobrevivência.

Viver bem implica a capacidade de enfrentar e resolver problemas, e a terapia de vidas passadas permite reviver diversas situações que não foram bem resolvidas no passado. Essas situações se refletem de forma inconsciente em nosso comportamento atual, e a maior causa do sofrimento humano pode ser encontrada na infância, na vida intrauterina ou nas vidas anteriores.

Ao observar uma vivência passada com o olhar mais experiente do presente, podemos compreender melhor o que não conseguíamos entender antes. Novos mecanismos de ação são desenvolvidos quando eliminamos os padrões de comportamento repetitivos.

Um exemplo bastante claro encontrei com Luzia, uma médica clínica geral com dificuldade nos relacionamentos afetivos. Competitiva, algo a fazia desprezar o companheiro, além de sentir-se prisioneira nos relacionamentos. Ao reviver uma vida passada, percebeu com novo olhar uma experiência traumatizante.

Filha de um poderoso senhor feudal, ela está deitada no leito de morte da mãe, que lhe sussurra ao ouvido para não confiar nos homens. A mágoa que lhe é passada nesse momento a faz retrair-se no afeto que dedicava ao pai. Para atraí-la de volta, o pai a presenteia com um lindo cavalo branco. Mas cada vez mais ela se afasta dele, transferindo para o cavalo toda a sua afeição. Enciumado, ele resolve colocar o animal de estimação da filha numa competição, e ela percebe nisso um golpe para destruir seu cavalo.

Na noite que antecede a luta, ela pega o cavalo na baia e tenta fugir cavalgando-o no pelo (sem sela). Ao chegar ao pátio do castelo, os escudeiros cercam a sua saída e o cavalo, assustado, empina-se. Ela cai e bate com a cabeça nas pedras do pátio.

“Estou desmaiada. Em semicírculo os cavaleiros se aproximam, vestindo gorro e corpete de malha metálica. Eles não estão usando armas. Eles fecham o círculo sobre o meu cavalo. Tenho vontade de gritar para que ele fuja, mas não consigo.

Estou sem forças e a minha fraqueza enfraquece o cavalo. Os homens o deitam no chão, e, imobilizada, concentro as forças na minha mão e cravo as unhas no tornozelo de um deles. Ele se assusta e sacode a perna. Dois deles me pegam e me carregam pelas escadas até o quarto de meu pai. Deitam-me sobre a cama que era de minha mãe. Ele está de pé, com uma taça metálica com vinho e anda de um lado para o outro preocupado. Estou inerte. Ao longe, escuto o relinchar fraco de meu cavalo, como se fosse um chamado.

Passo a noite ali, na cama em que minha mãe morreu. Percebo agora que meu pai sofre ao me ver sofrer. Ele é imbecil mas gosta de mim. Não me parece tão mau, embora prepotente, uma besta como todos os homens, que só sabem usar a força e acabam sem domínio algum. Só sabem governar através do medo e da ameaça. Falta-lhes sabedoria, sensibilidade e amor.

Meu pai me olha e sinto que ele procura entender por que

cheguei a esse ponto. Por que não fui dócil e lhe obedeci? Ele sofre muito com isso e, num rasgo de inteligência, percebe que ao matar o meu cavalo estaria me matando também.

Vai amanhecendo e eu percebo, pela janela do quarto, que o céu está ficando rosa e azulado. Nesse momento, compreendo a burrice dele. Mas não adianta mais, não dá para voltar atrás. Eu já morri (ela não percebera antes que realmente havia morrido no acidente), e meu pai me olha com tristeza. Paralisada, enfraquecida, não consigo mexer um dedo sequer. Não adianta correr, gritar, saltar em cima dele e fugir do castelo à procura do meu cavalo.

O sol começa a brilhar, e meu pai sai do quarto, enquanto duas amas entram trazendo um lindo vestido azul-celeste. Lindo! Como uma nuvem esvoaçante de muita leveza, com brilhantes gotas de orvalho na blusa.

Elas me levantam, me vestem e penteiam meus cabelos. Uma outra entra com uma coroa, um diadema também, como gotas de orvalho brilhantes. Sinto que tudo o que estão fazendo comigo é uma maldade. O diadema era de minha mãe. Eu não quero tomar o lugar dela e não quero viver esse momento, mas me sinto sem forças, como se tivessem sugado toda a minha energia.

Sou levada e pareço hipnotizada. Passamos pelo pátio e sou colocada numa carruagem pequena onde só cabe uma pessoa. É marrom e tem cortinas do mesmo azul-celeste do meu vestido. A carruagem sai do castelo e desce uma colina. Lá embaixo, está preparado o camarote, um toldo onde meu pai assiste às lutas. As duas amas me colocam sentada no camarote, que está vazio. Tenho a sensação de irrealidade, como se não estivesse ali.

Meu pai chega e senta-se a meu lado. Parece orgulhoso de ter conquistado mais uma batalha. É covardia olhar dessa forma uma pessoa impotente como eu. Tudo parece um sonho.

Vejo agora um cavaleiro negro, ele me assusta e quero acor-

dar. Acho que durante a noite fui envolvida numa atmosfera de sonho e irrealidade.”

Observem que ela está revivendo a confusão da morte, a perda do contato com a realidade conhecida, e se debate em busca de compreensão, como alguém que vive um pesadelo.

“Acordo e fico desesperada. Onde está o meu cavalo?”

A imagem fica amassada e sei que meu cavalo está no fundo da imagem, mas preciso passá-la a ferro para definir a sua imagem. Tudo está muito confuso. Ouço vozes, sons se sobrepondo a outros sons, imagens sem definição.”

Faço uma contagem regressiva e peço que volte ao momento em que reencontra seu cavalo.

“Agora posso ver o meu cavalo branco, com o pelo brilhando ao sol, montado por um cavaleiro de armadura prateada, metálica. Seus cabelos loiros saem pelo capacete e o manto que cobre o cavalo é azul, do tom celeste do meu vestido.

O olhar do cavaleiro diz para eu confiar, pois após a luta irei me libertar. Eu tenho medo de viver nessa dimensão terrena, e meu cavalo e o cavaleiro parecem etéreos.

Meu pai dá o sinal, e suplico que ele espere, preciso só de um pouco mais de tempo para me preparar para sair da realidade e entrar naquele sonho.”

É interessante saber que ela vivenciava tudo isso sem ter percebido que se tratava do ritual do seu funeral, confundindo-o com a luta que o pai havia preparado para seu cavalo.

“A luta começa. O cavaleiro negro cavalga em direção ao cavaleiro prateado, que não está armado, levando apenas o escudo. Covardia! Ele aponta a lança em direção ao cavaleiro prateado, que me olha serenamente, tentando me dizer que não me preocupe, pois ele não precisa da arma.

A lança é cravada no pescoço do meu cavalo. Ele cai e não vejo mais o cavaleiro prateado. De repente, posso entender a mensagem que havia nos olhos dele. Observo meu cavalo caído

e ensanguentado, e compreendo que, aconteça o que acontecer, ninguém poderá tirar a essência do que sinto por ele. Pulo então a cerca e corro para ele, e com as mãos em concha bebo o sangue ainda quente que jorra de sua garganta, passando-o pelo meu rosto e pelo meu vestido azul. Agora eu sinto força, poder e liberdade. A partir deste momento, serei esquecida por estas pessoas, não faço mais parte de suas vidas, e saio feliz, andando livre. E meu pai, que tinha medo de me perder, acabou me perdendo para sempre.”

Ela continua descrevendo o momento em que toma consciência de sua morte, que ocorrera no pátio do castelo, e toda a trajetória até o seu funeral, com a luta em que seu cavalo morre atravessado pela lança do cavaleiro. Foi revivida a confusão e a angústia, que precedem a morte e o ritual do enterro, quando ela pede ao pai um momento mais para tomar coragem.

“Vou andando e caminho pela floresta que circunda o castelo, penetrando-a cada vez mais. Ninguém vem atrás de mim, porque todos temem se aproximar, como se eu fosse alguém de outro mundo. A caminhada me traz alegria e liberdade completa, e eu nem olho para trás, vou andando e atravesso o lago, depois um campo de trigo, e caminho infinitamente.”

Processos semelhantes de conscientização provocam profunda melhora na saúde física e emocional de quem experimenta as diversas perdas do corpo físico pelas mortes passadas. Mesmo assim, as escolas de psicologia fecham os olhos aos resultados obtidos pela terapia de vidas passadas.

A maior parte das pessoas que contestam a existência da reencarnação nem ao menos dedicou um dia sequer de suas vidas para buscar informações credenciadas e tirar suas conclusões de forma mais fundamentada.

Uma argumentação bastante corriqueira contra a terapia de vidas passadas é aquela que diz “não me interessa o passado, apenas o presente”. Trata-se de uma premissa verdadeira, mas,

apesar de concordar em gênero e número, devemos considerar com atenção que muito poucas vezes vivemos em tempo presente, desperdiçando nossas vidas encaalhados em problemas que têm a sua origem nas zonas sombrias do passado.

Dessa forma, pensamos no “que não dissemos, no que não fizemos, no que nos fizeram, no que faltou fazer” e assim por diante. Basta dar uma olhadela nos três últimos dias e observar durante quanto tempo em que seus pensamentos estiveram em sintonia com a realidade presente. Provavelmente, em boa parte do tempo os pensamentos estiveram dissociados da ação, situando-se em outro momento e em outro lugar, ou seja, em outro espaço e tempo.

Fizeram essa retrospectiva?

Muito bem, certamente concluíram que os pensamentos vagaram entre o que foi feito nos dias anteriores e o que deixamos de fazer ou dizer, ou foram mais longe, em fatos ocorridos anos e anos atrás. Não é verdade?

Sempre que deixamos um ciclo aberto, inacabado, nossa atenção fica presa, nossos pensamentos vagueiam em Passeios pelo passado e por expectativas futuras. E entre cada frustração e ciclos mal resolvidos, procuramos compensações através da nossa imaginação, criando belos roteiros em que nos situamos como heróis e vencedores. Não é?

Os problemas afetivos, as frustrações profissionais, as dificuldades nos relacionamentos familiares e toda uma gama de situações que empurramos com a barriga, adiando o confronto e a busca de soluções adequadas, tornam-se “magicamente resolvidos” entre um voo e outro pelo passado e pelo futuro. Mas o presente permanece estagnado, e cada vez mais insupportável.

O passado já foi vivido e não podemos mudá-lo, o futuro é a soma das vivências do passado e do presente. Assim, como estamos construindo o nosso presente?

Essa é uma pergunta que pode mudar a nossa postura diante do presente. Saindo da imobilidade podemos atuar no presente e transformar o futuro? É a pergunta que o leitor deve estar se fazendo, ansioso por uma resposta.

Um dos caminhos que apresentam resultados é revisitar o passado, com um novo olhar, aberto para observar detalhes antes escondidos. Confrontar o que não pôde ser feito no passado, aceitar o que não pode ser mudado e, assim, superar as deficiências que se refletem no momento presente, interferindo negativamente em nossos pensamentos e sentimentos e, consequentemente, em nossas atitudes.

Sem dúvida que nosso objetivo maior deve ser o de viver apenas o presente. O problema é que, na maioria das vezes, isso não acontece. Nossas atitudes quase nada têm a ver com algo que ocorre no presente, pois carregam uma forte carga do passado — uma reestimulação que ocorre por paixões que nos envolveram no pretérito, seja há vinte ou há dois mil anos, e que estão vivas, pulsando em nossos corações.

Quando vivemos acorrentados ao passado, distanciados da realidade presente, desperdiçamos energia alimentando fantasmas, formas-pensamento negativas. Ao mergulhar no passado, em buscas das correntes que nos aprisionam, revivem-se os traumas submersos no inconsciente. Trazidos para o nível da consciência, são transmutados em rica experiência.

Um exemplo disso é o caso de Leise, professora de línguas, que tinha medos que interferiam em sua vida desde a infância, gerando pânico e imobilidade sempre que se encontrava diante de situações de ameaça. Foram necessárias várias sessões para trabalhar o bloqueio que a impedia de atingir o núcleo traumático que a paralisava. O pavor inexplicável enrijecia seu corpo e os músculos faciais, e eu precisava conduzi-la de volta ao presente, solicitando um momento agradável, para que a lembrança de vivências positivas desativasse os efeitos negativos da

regressão.

Pouco a pouco, a carga de pânico acumulada há séculos foi sendo escoada. As emoções negativas, que emergiram com a regressão, começaram a ser eliminadas até que penetramos suavemente em direção ao núcleo traumático.

Ao atingir o registro de sua memória, vieram à tona momentos que antecederam ao assassinato de sua mãe. Sem saber do que se tratava, ela sente seu corpo enrijecer de medo, sua respiração e frequência cardíaca aceleram bastante, e a musculatura facial fica sem movimento por alguns minutos.

Com a continuidade do tratamento, ela consegue reviver a experiência de uma vida passada em que estava com cerca de três anos de idade. Ela descreve o medo que sente enquanto está encolhida embaixo de uma cadeira, assustada e imóvel, para não ser percebida pelo homem que está assassinando sua mãe.

Depois de atingido o núcleo traumático, o fato é repassado algumas vezes, até que a carga de mal-estar físico seja liberada e possa haver uma diferenciação da situação passada e presente. Assim, ela adquire maior capacidade de agir adequadamente diante das novas situações de medo que venha a enfrentar nesta vida.

Todos os problemas que emergem vindos de acontecimentos cotidianos, assim como os dados biográficos, genéticos, existenciais e transpessoais podem ser trabalhados durante a terapia. Também os traumas de morte em outras encarnações, o do nascimento, e ainda os traumas físicos, têm grande importância na tvp por estarem ligados à ameaça à sobrevivência do veículo físico, deixando marcas profundas na consciência.

Todo trauma deve ser cuidadosamente revivido para que a carga de dor reprimida seja eliminada. Devemos estar atentos para jamais conduzir o caso levados por ideias preconcebidas, mantendo sempre o coração e a mente abertos para uma postura investigativa. Estaremos então aptos a receber os dados

imprevisíveis que o paciente libera de seu inconsciente.

Com Denise, professora de francês, pude perceber as surpresas a que o paciente e o terapeuta estão sujeitos. Ela havia procurado a terapia para solucionar os problemas de relacionamento com seu filho e sua autoexigência exagerada. Aparentemente, não tinha interesse pela área espiritual. No entanto, após “limpar” alguns bloqueios relacionados com o emocional e o racional, quando terminava a vivência de uma morte passada, se encontra consciente de estar na dimensão espiritual, na companhia de alguns seres luminosos e transparentes. Eles apontam um longo caminho, e ela os segue, compreendendo o significado desse momento e despertando para a realidade espiritual.

Denise começou assim a desenvolver um sentimento mais universal, expressado pela vontade de expandir a sua atuação em um trabalho social. Como ela, é comum pessoas procurarem a terapia por um determinado motivo, para mais tarde perceberem que outra causa mais profunda estava por trás de tudo.

Esse também foi o caso de Marília, comissária de bordo, que procurou a terapia em busca de alívio para o sentimento de perda causado pela morte de Zeus, seu cão. O tratamento se desenvolveu com base nas perdas que ela experimentou nesta vida, até que, ao ultrapassar os limites da realidade atual, entrou em contato com uma vida anterior.

Num país árabe, cerca de três séculos passados, ela fora vendida a um sultão e, embora não soubesse, já estava nas primeiras semanas de gravidez. Quando a criança nasceu, foi mantida no harém para ser criada como escrava, e a mãe foi devolvida às ruas, onde mendigaria até ser novamente vendida como escrava.

Marília era casada, mas adiava a decisão de engravidar, e a morte de seu cão despertara o sentimento de perda muito forte que trazia em seu inconsciente. A terapia mostrou a origem desse exacerbado sentimento, que bloqueava a sua realização como mãe, e lhe indicou um caminho a ser percorrido para o

autoconhecimento.

Mas nem sempre a pessoa está disposta a dar continuidade ao trabalho. Marília considerou-se satisfeita com o que havia compreendido a respeito das suas dificuldades com a maternidade, e do que estava por trás do sentimento insuportável provocado pela morte de Zeus.

Como Voltar no Tempo

A mente humana parece estar estruturada por três tipos de memória: factual, hábil e integral. A factual contém os registros de curto prazo desta vida, as lembranças momentâneas, como o texto decorado por um ator para um comercial de tevê ou a matéria sem interesse decorada para os exames de fim de ano. Já a memória hábil corresponde ao aprendizado adquirido por práticas repetitivas, como andar de bicicleta, o aprendizado profissional, pilotar avião ou tocar piano.

Por último, temos a memória integral, que mantém o registro do conhecimento adquirido em todas as existências passadas, formando o acervo completo das personalidades das re-encarnações anteriores até a vida atual.

Gilda, cientista social, sofria de excessiva timidez. Ao reviver com intensidade o momento de sua morte numa existência passada, pouco a pouco foi adquirindo mais coragem de se expor. Constatar que sua consciência permanecia viva após a experiência de morte do corpo físico diminuiu a sensação de fragilidade que sentia, aumentando a sua autoconfiança. Vamos acompanhar um pouco a sua experiência com a regressão a vidas anteriores:

“Agora sou um menino, e estou num campo, onde vejo

várias tendas feitas em couro de ovelha e uma estaca de madeira ao centro que serve como estrutura de sustentação. No interior, bem ao centro, uma mesa rústica e, sobre ela, uma cuia de madeira escura.

Vivo com minha família, minha mãe, pai e irmãos. O chão da tenda é de areia. Para dormir, espalhamos sobre ela panos e pedaços de couro.”

Como podemos lembrar detalhes de existências pretéritas com tanta nitidez é a pergunta que muita gente se faz, tentando uma melhor compreensão do processo da memória. Imaginemos congelados no tempo os registros tanto desta como de outras vidas, como uma partitura à espera de um músico para expressar-se. Então, quando sofremos algum estímulo, ela emerge do inconsciente, despertando uma realidade adormecida, que se manifesta pelos sentidos visual, olfativo, tátil, auditivo e gustativo.

Existem na memória núcleos que registram nossas vivências com detalhes. Para melhor compreendê-los, devemos considerar duas zonas: a memória inconsciente, que registra as experiências da existência atual; e a memória inconsciente do passado que registra as experiências de outras vidas. Em ambos os casos, quando fatos da vida atual reestimulam vivências negativas, surgem sérias desordens comportamentais.

O campo aberto para a psicologia transpessoal teve início em 1929, com Otto Rank, e não exclui nenhuma corrente da psicologia, mas amplia o conhecimento da consciência humana para além dos limites conhecidos.

Pela regressão de memória pode-se reviver o trauma em mais de um nível da psique ou faixa de consciência. Uma experiência traumática na infância pode ser liberada e a pessoa continuar mantendo forte conteúdo emocional bloqueado. Aprofundando um pouco mais o nível de memória, atinge-se a vida intrauterina, liberando os traumas adquiridos durante a luta e a travessia pelo canal do nascimento. Mas, muitas vezes, só

conseguimos um bom resultado na terapia, se aprofundarmos até uma ou outras vidas, onde se encontra a origem do sintoma.

E onde fica a memória passada que contém as vivências de outras vidas?

Fora do terreno da personalidade, no campo energético chamado psicossoma ou perispírito — um corpo energético, que reflete as vibrações positivas e negativas provocadas por nossos pensamentos. Esse campo emocional se situa entre a periferia do corpo físico e a do espírito. Funciona como se fosse uma ponte, uma zona intermediária entre o corpo físico e o espírito, que continua existindo após a morte e carrega o registro de todas as nossas vivências. Podemos compará-lo a um *pen drive* sofisticado que contém imagem, sons, sentimentos e as impressões vividas desde o início de nossa existência terrena.

Os registros das vivências não se encontram gravados no cérebro, que é apenas um instrumento receptor e transmissor, como um computador ou aparelho de tevê. Esses registros estão armazenados no corpo extrafísico que permanece após a morte. Assim, sem o corpo físico, ou seja, um invólucro, a consciência precisa reencarnar para continuar o seu aprendizado no mundo material.

Quando esses núcleos traumáticos estão sendo atingidos, fazem emergir alguma vivência de dor, e o paciente, para se proteger, utiliza mecanismos de defesa inconscientes, desviando a sua atenção para outro momento da experiência ou deixando a imagem desaparecer; e até mesmo adormecendo durante a terapia.

O processo terapêutico procura atingir as energias bloqueadas em outras vidas, que se mantêm em núcleos traumáticos no inconsciente. Quando se atingem esses núcleos, essas energias são liberadas gradativamente, de acordo com os mecanismos de defesa do paciente.

As vivências são trazidas fragmentadas para a zona consci-

ente, necessitando de que o terapeuta tenha profundo conhecimento dos mecanismos de defesa e sensibilidade para captá-los. Dessa forma estará apto a sinalizar comandos adequados que possam trazer mais informações do inconsciente, e ajudar a pessoa a organizá-las de forma linear e, assim, melhor compreender o fato revivido.

Para fazer escoar os núcleos das vivências negativas, é necessário deslocá-las para a zona consciente, possibilitando a catarse, indispensável ao processo terapêutico. Expelidas as energias negativas geradas pela vivência ocorrida em época pretérita, surgem verdadeiras descargas de energia no corpo físico, sob a forma de dores, contrações, tremores, suores, entre outros sintomas decorrentes do processo de expansão da consciência.

Quando a consciência ultrapassa os limites da realidade física, atingimos então as diversas fases da memória integral, onde se encontram os registros inconscientes das vidas anteriores, inclusive os períodos entre uma vida e outra. Assim que o paciente penetra na vivência passada, passamos a solicitar percepções físicas, para trazer à memória os cinco sentidos, utilizados em determinada reencarnação.

Tudo o que vivemos é percebido por nosso corpo físico através dos cinco sentidos, e essa programação é transferida para as células do corpo da reencarnação seguinte, que contém a nossa história pessoal e genética.

Para atingirmos esses registros, levamos o paciente a voltar no tempo, através de um estado alterado da consciência. Tira-se então sua atenção da realidade física, usando-se técnicas de respiração, relaxamento, cromoterapia mental, visualização criativa e harmonização dos chacras.

Os chacras são centros de força e contêm os registros de toda a nossa existência na Terra. Com a respiração consciente, direcionamos a mente a um estado de serenidade e ativamos os chacras para melhor acessarmos a memória integral.

A respiração consciente ajuda a restabelecer a ponte entre a personalidade atual e o espírito ou consciência integral. Quando o bebê se desliga do corpo da mãe através do corte do cordão umbilical, seu primeiro ato é inspirar, rompendo a dependência de seu espírito com o corpo materno. Começa então sua jornada em direção ao mundo exterior. Da mesma forma, ao morrer, o ser humano desliga-se do mundo físico dando o último suspiro, e iniciando sua jornada em direção ao mundo espiritual.

Assim, para manter a boa conexão com o espírito, é importante corrigir a respiração, ampliando a captação de energia vital e eliminando as toxinas filtradas do organismo. Ao expirar, estamos eliminando não apenas as toxinas físicas, mas todos os resíduos emocionais e mentais, acumulados durante a trajetória de muitas vidas passadas.

Devemos utilizar ainda a energia do pensamento, criando imagens positivas e cores que atuam diretamente sobre os chacras e, a partir destes, sobre os órgãos de todo o corpo. A harmonização interior facilita a comunicação entre os corpos físico e mental, permitindo que o processo de cura se instale.

À medida que a consciência vai se expandindo para além dos limites da realidade física, algumas pessoas costumam sentir seu corpo ou parte dele adormecido. Às vezes, sentem como se estivessem fora do eixo de equilíbrio ou têm a impressão de estar inflando como um balão. Muitos percebem uma cópia — mais leve e sutil — do seu corpo girar ou virar para trás, numa ou mais cambalhotas, desdobrando-se e locomovendo-se fora do campo da gravidade.

Tive a oportunidade de trabalhar com profissionais de diversas áreas: médicos, enfermeira, advogados, donas de casa, dentistas, engenheiro, publicitário, artista plástico, professores, estudantes, atores, jornalistas, freira, ex-padre, ex-seminaristas, músicos, bailarina, psicóloga, geóloga, motorista de táxi, funcionário público, bibliotecária, comerciante, aposentados,

executivos, bióloga, telefonista, piloto de avião, aeromoça. Apesar dessa variada gama de experiências, diferenças e condicionamentos, todos tinham um ponto em comum: atitudes semelhantes e os mesmos anseios diante dos mistérios da vida e da morte.

As marcas profundas deixadas pelos traumas físicos e emocionais das vidas anteriores causavam a mesma sorte de distúrbios mentais e equívocos emocionais — inclusive os sintomas que se refletem no corpo físico da reencarnação atual.

Mesmo nos casos em que a pessoa resiste em aceitar a existência de vidas passadas, ela pode interpretar as vivências que surgem como material do seu inconsciente e, portanto, importante na compreensão dos sintomas que pretende curar.

Quando a regressão se mantém nas experiências desta vida, traz os traumas desta vida que estejam provocando dificuldades, como foi o caso de Marli, 67 anos, dona de casa e viúva. Sua vida estava complicada pela fobia de elevador e medo de escuro. Moradora em andar alto de um edifício, precisava sempre usar o elevador. O medo de escuro foi acentuado após a morte do marido, já que era obrigada a dormir sozinha, e essa situação estava levando-a a criar uma dependência dos filhos casados.

Marli, com um temperamento independente, estava desenvolvendo também dependência aos remédios antidepressivos, que tomava para abafar o medo de ficar só, dormir sozinha e entrar em elevadores.

A regressão levou-a a um incidente da infância, o velório de uma criança da vizinhança. Por um hábito da época, Marli foi forçada pela mãe a beijar “o anjinho”, como eram chamadas as crianças mortas.

O medo foi tanto que ela desmaiou e, a partir daí, o medo foi pouco a pouco se desenvolvendo e ampliando. Ao desmaiar, percebeu a dimensão espiritual e visões que surgiam na escuridão, demonstrando que mesmo quando estamos inconscientes,

a mente continua registrando a experiência na dimensão extrafísica.

Ficar só passou a representar uma ameaça. Como havia se casado cedo e o marido ou os filhos estavam sempre à volta, essa dificuldade permaneceu mais ou menos disfarçada. Mas a morte do marido e a realidade dos filhos casados fizeram aflorar o medo em sua mente.

Marli reviveu o fato até liberar a carga de emoção contida e, com ela, as impressões aterrorizantes que o ambiente do velório provocaram antes e durante o desmaio, quando se sentiu desamparada e impossibilitada de pedir ajuda.

Os sintomas regrediram, e continuamos por mais alguns meses trabalhando a sua autoconfiança. Marli reduziu então, gradativamente, o uso de calmantes e soníferos, passando a dormir sozinha. Causou surpresa sua reação no dia em que o elevador de seu prédio enguiçou, quando ficou presa com um adolescente: foi ela quem o tranquilizou, até que as providências fossem tomadas.

O terapeuta deve seguir a intuição e o bom senso diante de situações inéditas. Assim, procuro agir para decidir, diante de fatos desconhecidos, qual o rumo que a terapia deve tomar em cada momento.

Priscila, uma paciente de 28 anos, jornalista, procurava o autoconhecimento para melhorar a sua dificuldade em desenvolver um relacionamento afetivo, já que o medo e a desconfiança impediam que se envolvesse mais profundamente com alguém.

Fazendo a regressão à sua infância, seguimos a trilha dos momentos em que se sentiu ameaçada, até que atingimos a idade de um ano, quando ela descreve uma cena em que está no colo da mãe, ao lado da cama da avó doente, que presenteia sua irmã mais velha com uma calça de veludo vermelha. Sua avó está terminal. Ela sente muita tristeza por ter chegado tarde, quando a avó já está para morrer.

Nesse exato momento, eu poderia prosseguir pesquisando, seguindo o método, até esgotar as vivências da infância, para depois penetrar nas vidas passadas. No entanto, minha voz interior intuiu-me para desviar o caminho, pegando a lembrança da avó, que eu via como um elo bastante significativo no seu processo cármico. Ali estava a ponte que nos levaria ao passado.

Dei o comando para que atingisse um momento passado em que estive com a avó, e ela se vê num campo: “Está um vento agradável, e eu estou cheirando uma margarida.” A cada passo, ela descobre mais sobre aquele momento, percebendo que está descalça e tem pés largos, de mulher, veste roupa de algodão até os tornozelos, se encontra perto de um casarão alto e bege em que, na varanda, vê uma mulher de preto.

“Ela está de luto, é alta e magra, aparenta uns quarenta anos de idade, tem os cabelos claros com um chapéu com fita e olhos verdes, e parece ser minha madrasta e minha avó nesta vida.”

É importante estar atento para perceber uma brecha em direção ao inconsciente, para nadar a favor da correnteza, e assim, como neste exemplo, compreender que naquele momento em que ela descreve a tristeza de ter chegado tarde para a convivência com a avó, uma porta se abria, levando a uma vida que estava diretamente ligada a esta — e provavelmente com experiências traumáticas a serem compreendidas e superadas.

Foi muito bom para Priscila reconhecer sua avó nesta vida como tendo sido sua madrasta numa vida passada, pois confirmou a proteção que ela vinha lhe dando desde a reencarnação anterior. Seu pai era muito violento, e com ela era possível sentir-se aconchegada. Por isso, Priscila compreendeu por que lamentou, ainda bebê, ter chegado tão tarde para a convivência com alguém que fora tão querido em outra vida.

Técnicas de Apoio

A terapia de vidas passadas pode lançar mão, em determinadas situações, de algumas técnicas das diversas correntes da psicologia, como a humanista, que, apesar de ter como base a idolatria dos sentimentos, pode ser útil em certos momentos da trajetória de pacientes muito controlados pelo corpo mental.

A corrente humanista, porém, visa apenas à catarse, muito útil para evitar o estresse. Mas como a realidade é criada pela forma como pensamos a vida, é preciso compreender que, sem atingir a causa, o alívio emocional desaparece apenas por dois ou três dias. Depois, a mente acaba recriando a mesma dificuldade, e os sintomas retornam.

Já a psicologia cognitiva compreende que uma nova realidade pode ser construída a partir da estrutura dos pensamentos, mas falha quando não atinge o entendimento de que as emoções bloqueadas impedem a construção de uma nova estrutura de pensamento.

Essa corrente da psicologia não leva em conta que somos capazes de provocar a transformação de sentimentos negativos somente quando mudamos a forma de pensar. Mesmo assim, essa técnica pode trazer alguma contribuição para pessoas dominadas pelas emoções. Elaborar melhor os sentimentos e compreendê-los ajuda aqueles que vivem afogados em emotividades excessivas.

A escola Gestalt, baseando-se na experimentação antes da razão, não dá atenção devida ao corpo mental, embora também possa ser uma técnica de apoio para se transcender o ego negativo. Fritz Pearl, seu fundador, costumava dizer: “Quando o mandachuva ou o pau-mandado aparecer na sua mente, expulse-o do palco com uma gargalhada.” Uma boa dica, afinal o senso de humor costuma ser uma arma poderosa diante de qualquer

dificuldade.

A psicologia transpessoal tende a ser mais completa, ao expandir, para além das fronteiras da matéria, o conhecimento da consciência. Ao entender que o cérebro humano é apenas um instrumento da consciência, avança suas pesquisas para os fenômenos psíquicos e a paranormalidade. Pode compreender, então, que o cérebro não é o emissor, mas o instrumento que funciona como estação receptora da consciência.

Os fenômenos psíquicos atuam na dimensão extrafísica, que, apesar de extensa, representa uma ínfima parte da realidade multidimensional de atuação do ser humano. A tvp utiliza essas percepções para compreender melhor a realidade humana e sua relação com as outras dimensões.

Ainda existe muita resistência, por parte da maioria dos profissionais da psicologia, em aceitar as múltiplas dimensões da realidade. Essa limitação dificulta a identificação e a distinção do que é psicótico ou espiritual. Não se deve ignorar contribuições fundamentais, desde o início deste século, por parte de cientistas como Otto Rank, Assagioli, Maslow e Stanislav Grof, pesquisadores da psicologia que têm como base de estudos as relações transpessoais.

Nessa linha científica de pesquisa, a reencarnação e a vida após a morte não têm mais a ver com crença ou misticismo, mas sim com conhecimento. A terapia de vidas passadas pode então ser um poderoso instrumento de estudo que orienta e ajuda a distinção entre as coisas do ego e do espírito, o psicótico e o espiritual.

Uma correta investigação nas regressões pode determinar as diferenças entre as vivências do ego — que possui a apreensão temporal, é suscetível a erros e considera-se onipotente — e as vivências espirituais, que são intemporais. A integração dessas duas percepções é indispensável ao equilíbrio e à evolução do ser humano, já que o ego comanda o pensamento lógico e nos

conduz pela realidade objetiva a partir de uma visão limitada. O espírito, ao contrário, possui capacidades muito mais amplas que o ego, pois contém o acervo da vivência integral pessoal e coletiva, e o acesso a esse conhecimento amplia a compreensão das dinâmicas que regem a vida e a sobrevivência.

Essa consciência superior à qual me refiro pode ir ao passado ou ao futuro, na regressão ou na progressão, ao mesmo tempo que interage com outras consciências, através de fenômenos conhecidos como a telepatia e a sincronicidade, ainda em desenvolvimento na maioria dos seres humanos.

Os pesquisadores que consideram a mente como um aparelho transmissor da memória compreendem que a doença mental nem sempre é proveniente de alguma disfunção cerebral. Pesquisas em hospitais psiquiátricos têm demonstrado que, em alguns casos, os estados psicóticos podem surgir por reestimulações de traumas de vidas pretéritas ou podem mesmo estar associados a interferências de espíritos obsessores desencarnados; assunto a ser mais bem desenvolvido no capítulo Processos Obsessivos.

Os que contestam a tvp costumam afirmar que tudo não passa de uma vivência imaginária. A tvp não pode ser comprovada cientificamente, provocam outros. Ora, do ponto de vista prático, material, como uma atividade científica, tal qual a psicanálise, pode ser comprovada? Pelos resultados alcançados pela terapia, com a melhora ou muitas vezes a eliminação dos sintomas negativos. Pela própria lógica da prática psicanalítica, e também da tvp, não há outra forma de confirmar seus postulados.

Afinal, não são os fatos e os resultados práticos que importam?

O Terapeuta

“É evidente que partes do Novo Testamento provêm de um homem extraordinário, enquanto outras foram produzidas por mentes muito inferiores. Diferenciar estas duas partes é tão fácil quanto apanhar diamantes no estrume.”

— Thomas Jefferson, 1814

É comum surgirem questões sobre como o terapeuta pode saber se as imagens da livre associação do paciente são realmente lembranças de fatos vividos em outras vidas ou mera alucinação.

Além do conhecimento técnico, de comandos precisos, que fazem brotar do inconsciente as vivências bloqueadas, o terapeuta que utiliza outros sentidos, além dos cinco físicos, pode reconhecer com mais precisão a dimensão de onde emergem essas imagens.

Durante uma entrevista, o respeitável psiquiatra espírita Lauro Neiva foi questionado sobre como reconhecia um doente mental de causa espiritual, e respondeu: “Conheço um doente de causa espiritual pela intuição, e quando a causa é apenas mental, reconheço-a pela dedução.”

É assim que o terapeuta deve agir, usando a dedução, que é um método científico, e associando-a à intuição, um privilégio da alma. A pesquisa e a prática tratam de trazer comprovação aos fatos.

Todas as descobertas científicas começam pelas percepções intuitivas. A intuição, aliada à investigação, foi o método utilizado pelos primeiros astrônomos para afirmar que a Terra não era, como se supunha, o centro do nosso sistema.

O terapeuta deve usar a sua competência para emitir comandos que irão revelando situações em direção aos núcleos

traumáticos relacionados com os sintomas apresentados pelo paciente. Finalmente, os resultados passam a falar por si próprios, quando os sintomas começam gradativamente a regredir. A partir daí, a pessoa apresenta considerável progresso em sua vida, com a redução e até mesmo a extinção dos sintomas que a levaram a procurar a terapia.

Não é assim que funciona a psicologia convencional? Não foi esta a maneira pela qual ela foi considerada válida pelos órgãos oficiais?

Alguns exemplos falam mais fundo que muitas explicações teóricas, e, mesmo assim, a dúvida é sempre normal e saudável. Em geral, os pacientes, em determinado momento do início do tratamento, questionam-se se estariam vivendo uma fantasia, se tudo não seria fruto de uma fértil imaginação. Eu mesma, quando iniciei minha viagem ao passado, comecei perguntando se minha experiência como cineasta não estaria influenciando na criação de roteiros tão fabulosos. Logo concluí que, mesmo que isso fosse verdade, de qualquer maneira seria um material de importante significado, por ter sua fonte nos registros do inconsciente.

Como nenhuma imaginação estaria desvinculada do processo pessoal, lancei-me no grande mergulho da pesquisa da memória inconsciente, das vivências passadas e de seus significados.

A exemplo das outras ciências, os bons resultados do processo terapêutico são o meio mais seguro de saber se estamos trabalhando na linha certa. Como a ciência se faz com uma mistura bem dosada de antecipações teóricas e da repetição de casos ou fenômenos que possam ser usados como objetos de estudos, as regressões efetuadas e catalogadas estão à disposição para pesquisas, discussões, análises e troca de informações e avaliação dos resultados.

Do ponto de vista dos casos clínicos e das experiências acu-

muladas, já existe muita coisa a ser observada e concluída na área da tvp. A catarse obtida com a tvp, por exemplo, resultado da vivência pelo paciente de um fato bloqueado em um passado qualquer, surge de uma forma que se situa além da compreensão de dogmas religiosos e da ciência oficial. E essas experiências acumuladas podem ser observadas de forma científica, qualitativa e quantitativamente.

A psicologia e a psiquiatria alcançarão níveis inimagináveis de progresso se forem capazes de incorporar à terapia os antecedentes reencarnatórios e a intercomunicação com os espíritos. Esse novo caminho apresenta técnicas terapêuticas de eficácia e segurança em sua atuação.

É muito importante manter uma postura de observação e pesquisa diante dos fenômenos de manifestação da consciência, e quando decidi agir assim, muitos fatos surpreendentes aconteceram. Na época em que eu realizava o estudo teórico e prático da terapia de vidas passadas, meu marido, o jornalista e escritor Roni Lima, fazia ao mesmo tempo a sua terapia regressiva. Para pesquisarmos sem margem de dúvidas, interferências ou sugestões, combinamos não comentar as nossas experiências, até que estas fossem concluídas.

Num determinado momento, revivi uma vida na Áustria e, relutando, reconheci-o entre as pessoas de minhas relações. Éramos amantes, eu estava casada desde os quatorze anos de idade e sentia-me revoltada por não ter tido o direito de escolha.

Meu marido de então recebe uma carta anônima sobre meu amante, e os dois entram em duelo. Trancada em meu quarto, aguardo nervosa o desfecho da história. Ouço os passos firmes de meu marido subindo a escadaria que levava ao meu quarto. Desesperada, concluo que ele fora o vencedor do duelo e, sem querer confrontá-lo, encontro a morte pulando pela janela, voando em busca da liberdade.

Apenas dois anos depois, quando eu já havia concluído a

primeira parte da pesquisa, conversamos sobre as nossas vivências. Grande foi a minha surpresa ao constatar que ele também havia nos reconhecido na mesma vivência. Acompanhando os dados de um e do outro, revelando-os pouco a pouco, cruzando as informações, constatamos a mesma tragédia enfrentada numa vida em Viena, na Áustria do século XVIII.

A festa de ano novo, a orquestra, as roupas, os mínimos detalhes dos cabelos, a barba, a casa, a carruagem. Ali, naquele momento, sob intensa emoção, percebemos que não havia dúvidas. Sem que nunca tivéssemos feito qualquer comentário um para o outro, víamos as mesmas cenas, o mesmo desenlace, a mesma Viena. Estávamos de volta, nesta vida, com mais uma chance de corrigir a consequência de nossos atos do passado, eliminando as marcas da tragédia que ficaram impressas em nossas mentes e nas das pessoas que foram envolvidas por nós.

Dessa forma, nessa vida passada, o momento da minha morte ficou registrado com culpa, raiva e revolta pelas pressões culturais, além de uma intensa necessidade de liberdade. Ficou claro também que o mecanismo mental se repete, apesar do novo corpo físico, trazendo de volta a programação negativa que não foi compreendida. Outras vidas foram vividas até que eu chegasse à atual, mas o trauma registrado em Viena veio se manifestando em todas essas vidas posteriores, com sentimentos residuais ainda provocando reações inconscientes em minha atual reencarnação.

Gradativamente, o meu comportamento e o do meu marido foram melhorando em todos os aspectos, e os conflitos gerados por culpa, raiva e medo — bastante reativados a partir de nosso reencontro nesta vida — começaram a ser substituídos por uma grande confiança mútua.

O livre-arbítrio poderia nos levar a acumular um novo carma, e fracassaríamos na proposta que antecedeu a esta reencarnação, que certamente incluía o resgate de nossas mágoas e das

consequências que nossos atos passados tiveram sobre terceiros. Mas não foi essa a nossa opção. Mesmo que uma escolha como essa não seja feita a partir da completa consciência dos fatos, muitas vezes tomamos um caminho de forma intuitiva, seguindo o bom senso e o coração.

Apesar das dificuldades em se determinar os limites que separam os fenômenos de regressão a vidas passadas e o que seria imaginação, é importante adotarmos uma postura de estudo e pesquisa, para deixar que o processo se desenvolva com equilíbrio.

A imaginação geralmente é criada com base em fatos reais. O paciente se deixa levar pela ansiedade de compreender, precipitadamente, as informações que lhe chegam do inconsciente ou tenta fugir da essência da experiência dolorosa, escapulindo para a fantasia. Nestes casos, é importante manter muita atenção e imparcialidade diante da cena apresentada, extraindo o máximo de compreensão do tema. Aceitá-las e realizar as conexões com a realidade é a atitude mais adequada nesta situação.

São muitas as transformações que ocorrem na vida dos pacientes quando é revivida e confrontada a carga emocional reprimida ao longo de anos e até séculos. A etapa seguinte será compreender sua atuação sobre a vida atual.

Reviver os traumas determina profundas transformações, mesmo que eles escoem através de situações imaginárias. Quando o “imaginário” se apresenta no lugar de uma situação real, deve ser cuidadosamente pesquisado como dramatização da realidade e trabalhado como material importante.

Um exemplo disso é a vivência de Anete quando descreve um ser de luz que, fora da dimensão material, surge à sua frente, ajudando-a a ver cenas de suas vidas passadas. Ela tem muita dificuldade em reviver suas experiências, mas depois que ele coloca as mãos sobre sua testa, Anete desenvolve uma maior facilidade para trabalhar a memória.

Imaginação ou realidade, no caso, não faz muita diferença.

Importante são os traumas liberados e a facilidade que ela desenvolveu a partir daí.

Afinal, o que leva alguns pacientes a perceber e vivenciar fatos como esse? Por que esses fatos ajudam pacientes a liberar núcleos traumáticos importantes? Perguntas como essas servem para refletirmos sobre o assunto. Embora as regressões possam algumas vezes conter parcelas de imaginação, um processo bem conduzido se encarregará de revelá-las, cabendo ao terapeuta ajudar o paciente na interpretação desses mecanismos da mente.

Agora, cabe uma importante questão: como avaliar se as imagens percebidas pelo paciente têm realmente a ver com vivências do passado?

Ao contrário da imaginação, sempre descrita pelo paciente com controle da situação, de forma linear, as imagens ou outras percepções vividas em regressão surgem de forma inesperada e fragmentada, sem linearidade. Além disso, o núcleo traumático depende sempre de muita ajuda para ser acessado, pois o paciente vai vivenciando o incidente pelas beiradas, evitando o ponto mais doloroso da experiência. Quando se acessa esse núcleo, uma forte carga emocional é liberada. Com o desenrolar do processo terapêutico, paulatinamente o paciente se sentirá livre de determinado sintoma.

O que podemos afirmar quando alguns pacientes têm um problema crônico de fobia e, de repente, ao voltar no tempo e reviver as experiências que a causaram, tornam-se gradativamente livres dos sintomas? Bem, pode até ser que tenha sido uma alucinação, como afirmam alguns, mas fica difícil de entender como, ao enfrentar uma imagem falsa que veio à mente, instalou-se a cura.

Não devemos esquecer também que muitos desses pacientes costumam procurar a tvp após o fracasso dos métodos tra-

dicionais de tratamento da medicina e da psicologia.

Se a realidade é vista apenas como algo que você pega nas mãos, é óbvio que nunca poderemos provar, a partir das experiências com a tvp, a existência de vidas passadas e processos reencarnatórios. Mas se levarmos em conta as superações dos sintomas dos pacientes e a solução para graves problemas que, muitas vezes, não são resolvidos pela psicanálise, estaremos então bem próximos das provas que buscamos.

Na avaliação sobre a realidade vivida por um paciente, o terapeuta deve seguir os seguintes critérios: ele sofreu transformações positivas em seu comportamento? Durante a experiência de regressão, a percepção de um trauma passado foi vivenciada como uma realidade tão forte quanto se estivesse sendo vivida no presente? Os sintomas melhoraram ou atingiram a cura completa?

Depois dessa experiência, a visão de mundo do paciente mudou? Suas relações com os outros se modificaram? Em caso positivo, ficamos discutindo sobre imaginação ou realidade passa a ser uma questão secundária, pois o importante mesmo — até para o bolso do paciente — é analisarmos o conteúdo e avaliar as metas alcançadas pela eliminação dos sintomas negativos.

É difícil precisar, mas acredito que ainda existe um percentual reduzido de profissionais da mente trabalhando com os novos paradigmas multidimensionais da ciência de ponta. Mesmo assim, representam uma semente que floresce rapidamente, provocando importantes transformações no mundo. Embora apenas uma pequena parcela de cientistas abnegados dediquem suas vidas a pesquisas e conceitos renovadores sobre a vida e a consciência humana, muitas e significativas revelações têm despontado no cenário científico, descortinando a multidimensionalidade do ser humano e as inúmeras manifestações da consciência.

Os psicoterapeutas que optam por uma técnica avançada,

baseada em paradigmas holísticos, devem ter como postulado a necessidade de aprofundar o estudo das diversas correntes da psicologia, além de possuírem conhecimentos sobre bioenergia, física, sociologia, espiritualidade, política comportamental e todo o tipo de informação que possa ajudar na compreensão do funcionamento e dos processos da mente. A formação do terapeuta deve passar por um processo de autoconhecimento pela terapia de vidas passadas, dissolvendo bloqueios nas dinâmicas relacionadas em nível pessoal, familiar, social e planetário, incluindo aí todas as formas de vida. Essa formação é indispensável ao profissional responsável. Os que querem passar por um processo terapêutico devem estar atentos para não cair nas mãos de charlatões. Trata-se de um risco que ocorre em todas as áreas profissionais, mesmo quando existe a “garantia de um diploma oficial”. Qual o critério de avaliação que usamos na escolha de um dentista, médico ou da babá de nossos filhos? Pois bem, devemos usar os mesmos critérios de avaliação na escolha do terapeuta: além de boas referências sobre seus resultados profissionais, é importante a avaliação mútua durante os primeiros contatos, realizados pela entrevista inicial.

Para aqueles que pretendem se desenvolver na tvp, convém lembrar que a ética deve andar de mãos dadas com o bom senso. O terapeuta trabalha em vários níveis da consciência e em diferentes dimensões energéticas, necessitando de uma percepção apurada para captar a realidade invisível dos campos de energia que envolvem o paciente. É ele, ainda, um mediador que ajudará o paciente a fazer a ponte entre o espírito e a personalidade, e, muitas vezes, encontrará conexões com entidades de luz ou, ao contrário, seres perturbados.

Nunca estamos sós, mas envolvidos por um oceano de energias, interferindo nelas e sofrendo suas interferências. Portanto, o terapeuta precisa primeiro aceitar e depois conhecer essas dimensões extrafísicas, mantendo a mente aberta para não ser

surpreendido por situações desconhecidas. Se estiver despreparado para enfrentá-las, limitará não apenas o processo de cura do paciente, mas a sua própria pesquisa e aprendizado.

Durante a tvp, podemos confrontar situações que colocam à prova, sobretudo, a nossa capacidade de aceitar o imponderável e administrá-lo de acordo com a realidade de cada situação. O tempo é uma ilusão. A terapia, assim, pode levar à regressão a fatos passados, ou, algumas vezes, a consciência pode se perceber ou atingir dimensões de realidades paralelas à nossa. Já ocorreu de uma pessoa descrever uma imagem e sentir-se confusa, como foi a experiência de Marisa, médica, que, numa vida passada, como homem, desencarnou numa prisão, após matar a esposa que o havia traído.

Suas percepções da realidade continuam após a morte. Com surpresa ela descreve a fase de recuperação numa colônia espiritual: “Desperto de um longo sono, mas ainda me sinto bastante cansado. A luz do sol começa a entrar pela janela e me sinto revigorado...”

Depois descreve detalhadamente o lugar — um campo verde com flores silvestres e casas distantes umas das outras, interligadas por trilhas entre o gramado. Ainda se sente abandonado, como nos longos anos na prisão, onde morreu em profunda solidão. Quando um instrutor lhe dá de presente uma linda maçã, sente-se feliz, começando a recuperar o ânimo.

“A maçã surge do nada... como se eles a materializassem à minha frente, pela força do pensamento.

Todo o ressentimento se esvai, e o homem amargurado que eu era até então passa a ver o mundo pelos meus novos olhos. Ou quem sabe, eu passo a ver o mundo pelos olhos dele? Só sei que não vejo mais as cenas, mas as vivo em tempo presente.”

Ela aprende então que o passado deixou de existir ao compreender que aquele homem amargurado vivia dentro dela, era uma parte dela, o passado e o presente se fundindo. Como

vemos, o tempo é uma ilusão, uma referência para nos situarmos na vida material. Esse conceito de tempo pode ser superado quando a consciência, fora dos limites físicos, percebe-se além do raciocínio linear.

Assim, as duas personalidades, o homem do passado e a paciente reencarnada, representam uma só realidade quando se integram fora do tempo linear. Não tenho dúvidas: quando uma experiência passada é revivida na terapia, a energia daquela vida está presente e pode ser influenciada pelos atos da atual existência. Podemos modificar o passado quando ele está vivo no presente.

Sem dúvida, o conhecimento dos mecanismos psicológicos e dos fenômenos parapsicológicos é necessário para a identificação dos inúmeros processos que podem ocorrer durante uma sessão, como o caso de obsessões, que surgem com muito mais frequência do que costumamos imaginar, como mostraremos no capítulo Processos Obsessivos.

Infelizmente, muitos terapeutas mais ortodoxos deixam de avançar num tratamento porque, rejeitando as descobertas da psicologia e da medicina espiritual, acreditam estar diante de alucinações de seus pacientes. É importante, quando diante de uma situação dessas, saber agir sem suggestionar, permitindo que os dados se manifestem e avaliando possíveis mecanismos de defesa e de manipulação por parte do paciente.

Ao ser constatada, por exemplo, a interferência de um obsessor, é preciso trabalhar o paciente encarnado e, paralelamente, o ser desencarnado, buscando desatar os nós que os unem. Nesse sentido, é indispensável ter consciência de que necessitamos de ajuda das equipes espirituais especializadas nestes casos. É preciso usar a vontade firme, uma energia poderosa que entrará em contato com a ajuda necessária ao bom encaminhamento do caso.

Fundamental é não se assustar diante daquilo que ainda não

se pode compreender, mantendo-se atento para novas realidades que surgem da mente do paciente, para aceitá-las e ajudar na sua compreensão. É também importante lembrar que não somos nós quem curamos. Somos apenas intermediários, acionando a vontade e a mente superior do paciente, para colocá-lo em sintonia com frequências mentais mais criativas que o retirem dos ciclos repetitivos da neurose.

O autoconhecimento e a autocrítica constante permitem a identificação de qualquer transferência por parte do paciente e impedem que os pontos fracos do terapeuta sejam tocados. É um mito achar que o terapeuta pode manter-se completamente fora de envolvimento com os problemas do paciente. Uma técnica bem aplicada garante o distanciamento, mas o bom profissional sabe que, a qualquer momento, pode ser atingido pelos sentimentos do paciente.

Por isso, o terapeuta precisa ficar atento para perceber quando a identificação com o paciente se instala. Consciente de seus pontos fracos, o “ego” e suas limitações não conseguirão interferir na condução do processo. A visão limitada do ego torna-o incompetente para guiar o processo terapêutico.

Outro ponto importante a lembrar: o terapeuta não deve jamais influenciar, avaliar ou sugerir, pois não é a sua terapia que está em questão, mas a do paciente, cujo tempo, estágios e metas devem ser respeitados.

Sempre que possível, dependendo da ação descrita pelo paciente, os comandos terapêuticos devem solicitar que ele preste atenção aos sentidos físicos, que observe, por exemplo, como está o dia, se o espaço é ao ar livre ou fechado, como são os móveis, sua percepção da cor e do sabor. No entanto, não se deve perguntar o que o paciente está comendo, pois muitas vezes a pessoa não conhece o alimento, mas pode descrever a sensação e a semelhança com algum prato conhecido.

Quando o paciente bloqueia uma sequência de cenas, ao

pressentir uma grave ameaça à sua integridade física e/ou emocional, é necessário um comando para levá-lo de volta ao momento que antecedeu a sua chegada àquele local. Neste caso, o terapeuta deve estar atento para perceber os mecanismos de defesa do paciente, e não se satisfazer com a primeira resposta que vier.

A paciente Anete, ao vivenciar urna regressão, percebeu que estava na vida intrauterina, e concluiu, precipitadamente, que se tratava do seu nascimento na atual vida. Aceito a resposta, mas vou mais adiante, direcionando sua atenção para o hemisfério direito do cérebro, onde está a memória inconsciente. Assim, retiro a sua atenção do hemisfério esquerdo, o lado racional que procura avaliar e concluir, e levo-a para as sensações do interior da barriga.

Ela vai descrevendo e penetrando na trilha da vivência até chegar ao nascimento, e então surpreende-se: “Sou menino...” Neste instante, compreende que não estava vivenciando a vida atual.

Ao trazer para o consciente as vivências traumáticas, o terapeuta não deve forçar o escoamento das emoções, mas respeitar o tempo do paciente, que pode necessitar de duas ou mais sessões para liberar por completo os seus bloqueios. Tendo em mente que cada paciente tem a sua trajetória pessoal, e que a responsabilidade do terapeuta acaba onde começa a do paciente, é conveniente seguir sempre os preceitos da “cosmoética” — o conjunto de normas universais, situadas acima das regras e valores sociais.

Essas normas levam em conta as dinâmicas que envolvem o indivíduo e sua relação harmônica com todos os seres vivos com os quais lida direta ou indiretamente. Fazem parte dessa relação o próprio ser, os outros, as organizações sociais, os reinos animal, vegetal e mineral, o país, o planeta e o cosmo, além das inteligências superiores que o regem.

Para não assumir uma postura onipotente, o terapeuta deve lembrar que não tem responsabilidade sobre o livre-arbítrio de ninguém. Um caso que ilustra muito bem essa questão está citado no livro *O mago de Strovolos*, de Kyriacos C. Markides, sobre o sábio e curador grego da atualidade, Dáskalos.

Entre 1955 e 1959, Dáskalos esteve envolvido em uma organização guerrilheira contra a invasão inglesa na Grécia, e sua participação como militante tinha como objetivo único salvar o maior número de vidas, tanto de um lado como de outro. Para ele, um Pesquisador da Verdade só deve se envolver em política para servir a uma causa maior, que transcenda os interesses pessoais e o senso comum de patriotismo.

Durante essa experiência, uma situação sobre a questão do certo e do errado gerou em Dáskalos muita confusão e angústia. Vários chefes guerrilheiros tramavam a morte de um militante considerado informante dos ingleses, e ele fez firme intervenção, convencendo-os a mudar de ideia sobre a execução. Vários anos após a independência grega, esse mesmo homem assassinou diversas pessoas, levando Dáskalos a uma forte crise de consciência, por ter sido responsável por salvar a vida daquele homem.

Angustiado, mergulhou em retiro e reflexão por muitos dias. Em estado de meditação, ouviu a voz de seu mestre, o anjo Yohannan, que lhe disse: “Quando você faz o bem a um ser humano, não está em hipótese alguma negociando pelas suas ações futuras. Suas intenções foram boas, e se você faz o bem, não cabe aí julgar sobre o futuro. Isso pertence a Deus e às leis do carma.”

E a Lei do Carma conduz ao autoconhecimento. Trata-se de uma tarefa complexa, levando-se em conta que estaremos vulneráveis às influências familiares, educacionais e sociais. Mesmo lentamente, porém, a Consciência humana está em eterno aprendizado, em desenvolvimento e evolução. À medida

que cada indivíduo expanda a sua capacidade perceptiva, haverá uma forte reação em cadeia que transformará toda a espécie humana, com mudanças de leis, de comportamentos culturais e do atual modelo de produção, baseado no mercado e no dinheiro, com suas aberrações e desperdícios.

O que acontece com urna pessoa se reflete em toda a humanidade. Assim, quanto mais consciências tiverem acesso autoconhecimento, mais este aprendizado fará parte da consciência planetária. Por isso, é muito importante desenvolvermos o sentido de solidariedade, pois, como diz um antigo ditado russo: “No outro eu me torno eu.”

A roda da verdade ou os ciclos cármicos podem representar para alguns um verdadeiro “vale de lágrimas”, mas quando a necessidade de mudanças surge vem a questão: como acabar com o ciclo cármico?

Criando uma nova programação mental, não repetir os mesmos padrões de comportamento destrutivo, aceitar a impermanência das coisas e compensar as frustrações que ocorrem na vida com novas realizações, acabando com a ilusão de que algo ou alguém nos pertence.

É inútil imaginar que podemos paralisar o fluxo da vida, porque ele é eterno movimento. Cair nesta ilusão provoca o sofrimento e a frustração de jamais se conseguir parar o tempo.

Nem Reis Nem Rainhas

As pessoas que descreem da tvp costumam sustentar, com uma ponta de ironia, que todos que voltam no tempo afirmam ter sido Cleópatra, reis e rainhas, poderosos, gente famosa que encabeça a história da humanidade. Mas na prática diária dos

consultórios, a realidade é bem diferente: a maioria das regressões traz histórias de gente simples.

A exemplo da pesquisadora norte-americana Helen Wambach, que disse nunca ter encontrado “um César ou Henrique entre seus pacientes, eu também me deparei com raros personagens que pertenciam às classes dominantes de sua época. O mais comum são lembranças sobre o cotidiano de camponeses, escravos, soldados, mendigos e até defeituosos físicos e dementes.

Gilma regrediu a uma vida num corpo de um deficiente mental, cujo pai era servo de um senhor feudal. Anete foi uma camponesa com grave defeito congênito que a obrigava a se arrastar entre as ovelhas de um vilarejo no Oriente Médio. Reinaldo percebeu que sofria de alguma demência ao reviver uma vida como empregado de um prepotente dono de fazenda. Pedro se viu na pele de um primogênito com síndrome de Down que foi trancafiado num celeiro, porque a família se envergonhava de sua existência. Esses e tantos outros encontraram em suas trajetórias corpos ou mentes defeituosos, o que facilitou a compreensão de algumas das dificuldades que se refletiam em sua vida atual.

Voltar ao passado possibilita ainda o desenvolvimento da memória, através da lembrança de vivências que podem ser descritas de forma detalhada, numa perfeita retrospectiva dos hábitos da época.

A maior parte das pessoas regride a situações em que eram analfabetos e ignorantes da realidade que as cercava, limitadas pelos primários sistemas de comunicação que as isolavam em estreitos horizontes, por guetos e vilarejos miseráveis. Seres tiranizando ou sendo tiranizados, vivendo a miséria humana nos mais diversos aspectos, quando o desespero atinge um nível insuportável.

Percebe-se também, através dos relatos, o quanto sempre foi difícil sobreviver às grandes pestes que assolaram a

humanidade. É o caso dos três irmãos que abandonam a casa após a morte da família, durante uma peste que está exterminando a maioria da população de um vilarejo feudal. Em cada fronteira existem guardas castelonas tentando impedir que as pessoas fujam para outras cidades, espalhando a doença. A paciente fala que está organizando a fuga com os irmãos, na tentativa de sobreviver à peste:

“A maioria está doente... aparecem manchas roxas no peçoço e depois vão ficando avermelhadas e abrindo-se em feridas que se espalham por todo o corpo. Eu vejo a minha criada assim, ficando amarela até morrer. Os objetos e as pessoas são queimados... Ninguém entra ou sai da cidade... Tem muita gente morrendo... Tenho medo... Pela estrada pessoas tentam fugir, e adoecem e vão morrendo. Muitos moribundos pelo caminho. Eu e meu irmão tentamos fugir por outro caminho, levando a nossa irmã menor. Ela tem oito anos e minha mãe morreu durante o seu parto.

Esse caminho é muito perigoso... soldados tentam impedir que, desesperadas, as pessoas fujam da peste deslocando-se para a cidade vizinha. Com meus irmãos, atravessamos a noite, as barricadas, levando um saco com as joias da família. Sinto muito frio e medo, está muito escuro e quase não enxergamos a estrada...

Quando amanhece, estamos atravessando o rio, e eu posso perceber as manchas escuras que começam a aparecer em meus braços. Compreendo que minhas chances acabaram, e decido ficar. Dou a meu irmão um pequeno pote com um pouco do veneno que trouxe. Se eles vierem a adoecer, isso evitará o enorme sofrimento que a doença traz.

Ele hesita em me abandonar pelo caminho, mas eu o convenço de que é a melhor solução. Eles seguem e eu os vejo se distanciar. Tomo o veneno que é grosso e escuro, com cor de chumbo, parecendo metal com gosto amargo e viscoso. É muito

ruim, mas o efeito é rápido. A garganta começa a fechar e o corpo se contrai. Sobe uma forte dor pela cabeça e me falta o ar. Tudo escurece... Pronto, acabou.”

Outras vivências trágicas como essa falam de pessoas que morreram quando o pânico diante das pestes fazia com que as autoridades de então ordenassem a queima das casas, dos pertences e dos mortos, e muitas vezes o próprio vilarejo desaparecia pelo fogo, inclusive com pessoas vivas e gozando da mais perfeita saúde.

As regressões mostram o sofrimento de pessoas comuns, suas dores em tempos difíceis, e muitas outras situações que nada têm a ver com a megalomania apregoada algumas vezes. Dos poucos casos de pessoas de maior destaque, encontrei um membro da família real responsável pela construção do Estado de Portugal, e o filho de um rei dos países nórdicos, cujo pai é destronado pela revolução republicana. São dramas vividos com muita intensidade e carregados de lições de vida — pois, nessa dança das cadeiras, alternamos experiências de poder e de opressão, tendo a mesma oportunidade de aprender tanto como opressor quanto como oprimido.

Ao utilizar a terapia de vidas passadas, podemos resgatar a história individual e, inclusive, as vivências dolorosas da humanidade, os dramas e o envolvimento histórico: pessoas queimadas na Inquisição, assassinatos, crimes políticos, guerras, ódios, vinganças, traições ou simples acidentes. Dos povos celtas ao Egito antigo, passando pelos cenários da Grécia, na pele de camponeses, aristocratas ou marginais, enfim, são repassados aspectos da trajetória humana contados por aqueles que os viveram.

Eu mesma tive uma experiência que me fez compreender a raiva descomunal que brotava em momentos em que me sentia impotente diante da realidade. Numa vida anterior, morava num castelo medieval e possuía conhecimentos de cura. Vejo-me num quarto no alto da torre, amplo e construído com enormes

pedras. Meu filho, um bebê muito doente, está num berço rústico de balanço em madeira maciça. Ao lado, existe uma enorme tina no centro do quarto.

Estou desesperada para tentar salvá-lo de uma febre intermitente. Com as mãos, misturo terra e ervas, num ritual de cura que usava para o tratamento das pessoas do vilarejo. No entanto, desta vez constato a ineficácia de meus poderes, e esfrego as ervas, a terra e as raízes no corpo frágil e inerte de meu bebê, sem conseguir reanimá-lo. Revolto-me por ter salvado tantas vidas e, agora no entanto, quando mais precisava de meu poder de cura, sentia-me impotente diante de uma força maior que levava a vida de meu filho.

Fora de mim, suspendo-o em meus braços, já morto, e contra a luz do sol que entra pela enorme janela no alto do quarto, amaldiçoo os dons de cura que desenvolvera. Afirmo, revoltada: “Se não serviram para salvar meu filho, não servirão para salvar mais ninguém.”

A partir de então, dedico-me à magia, visando apenas ao poder pessoal e aos bens materiais, desviando-me dos processos de cura e terminando na fogueira, acusada de bruxaria.

Ao reviver esse momento doloroso, o núcleo traumático é liberado, e compreendo por que nesta atual vida rejeitara a inclinação para os processos de cura que a intuição sinalizava, temendo a impotência diante dos casos impossíveis. Daí em diante, o medo diminui, minha sensibilidade aflora, e as percepções entram em expansão, dando início a uma trajetória de estudo diretamente ligado ao resgate dos processos de cura espiritual.

Sonho ou Vida Passada?

A teoria freudiana que fala da representação do desejo reprimido é incapaz de explicar a origem de alguns sonhos. Como pude constatar muitas vezes em minha experiência clínica, determinadas imagens oníricas têm a ver com cenas de vidas passadas — e não apenas com desejos recalçados. Em regressão, um paciente pode rememorar cenas de uma vivência passada como realmente aconteceram ou então percebê-las de forma mesclada, confundindo incidentes de encarnações passadas com situações de dificuldades da vida atual.

Pietrina, bailarina, trouxe um sonho que serviu de ponte para que penetrasse numa vida passada: ela entrava na minha sala e se surpreendia ao me ver sentada numa cadeira no espaço vazio, e a chamo para mostrar algo embaixo da cadeira. Puxando uma fresta do assoalho, que se abre para um porão, descemos e, lá embaixo, tudo é escuro, cavernoso. Bonecos, marionetes penduradas, brinquedos de criança empoeirados provocam medo, e ela se sente engolfada por sentimentos de culpa muito fortes.

Até aí, Freud explica. Percebo que ela tem medo de mexer nos porões do inconsciente, pois neles estão fortes sentimentos de culpa.

Aproveito essa dica, e conversamos sobre o medo que ela trouxe da semana que passou, com noites sem dormir, acordando com pesadelos. Num deles havia uma mulher e, apesar de não conhecê-la, sentia muita familiaridade nela. Essa mulher dizia que ela deveria se curar, caso contrário o filho não nasceria bem. E ela via um bebê deformado, monstruoso.

Pietrina queria engravidar, mas, além do medo inexplicável, alguns problemas de ovário complicavam a situação. Peço então que ela relembre o sonho, e quando chega ao porão, ela percebe, desta vez, homens e pinturas terríveis nas paredes. Sente medo, chora. Os homens a acusam de tê-los fascinado. Ela não sabe do

que se trata. Seu corpo entra em altíssimo estado vibratório, tremendo dos pés à cabeça, de forma ondulante.

A seguir, ela aprofunda a memória e se vê numa casa muito pobre, de madeira. Descreve-se como uma mulher miserável, que chora muito, lamenta-se e sente muita fome.

“Sobrevivo da prostituição e estou grávida. Estou desesperada, e morrerei de fome se não puder trabalhar. Só me resta tirar essa criança...”

Ela mesma faz o aborto, mas a gravidez está muito adiantada, ela sente muita dor e lamenta-se por não poder criar o filho. Ambos morreriam de fome.

O aborto causa infecção, e ela adocece. Com muita febre, acaba morrendo sozinha no casebre. Ali fica por muitos dias, o corpo apodrecendo até que o encontrem.

Ajudo-a a acompanhar todos os momentos, até quando ela sai da casa. Ela descreve uma mulher de roupas brancas, parece uma médica, acalmo-a e ela continua relatando o contato com a realidade espiritual após a morte. A médica a leva pelo braço muito carinhosamente, e fica feliz ao perceber que a médica não a culpa, dizendo-lhe que agora poderá cuidar do bebê. Coloca-o então em seus braços, guiando-os para longe dali.

É interessante observar que várias outras pacientes com problemas ovarianos e algum tipo de bloqueio com a maternidade apresentaram regressões relacionadas a morte por parto ou aborto malsucedido. Uma delas, Luci, administradora de empresas, descreveu as dores insuportáveis que sentiu ao dar à luz uma criança muito grande em circunstâncias primitivas, em uma tribo que vivia sob tendas. Quando seu marido termina de fazer o parto, ela sucumbe à forte hemorragia, levando para a regressão as dores e a ardência que sentiu durante a morte.

Contorcendo-se, ela geme: “Parece que meu ventre está em chamas. Ele arde, queima.”

Ainda sobre a questão dos sonhos: Nilda, dona de casa,

iniciando seus estudos nas bioenergias, relatou-me um sonho em que se afogava. Como era um sonho repetitivo, resolvi fazê-la vivenciar o sonho, e ela se vê numa vida passada, pressionada pelo marido para que escolha ficar com ele ou com a mãe autoritária, a quem se submete sem questionamentos.

Muito dependente do poder que a mãe exerce sobre ela, e sem saber o que fazer diante da excessiva exigência do marido, entra em desespero, e pensa solucionar o problema jogando-se de um penhasco junto ao mar.

Enquanto se afoga, se arrepende e tenta voltar atrás. Mas é tarde, murmura, revivendo as cenas de desespero e impotência que sentiu enquanto morria no penhasco.

A carga emocional deve ser escoada pela repetição do incidente até que a ponte entre o passado e o presente seja criada e surja a compreensão das consequências do trauma anterior na vida atual.

Um Caso de Depressão

Arlinda, aposentada, procurou a terapia para compreender as crises de depressão que tinha desde os 37 anos. Ela não encontrava explicação para o desânimo e a vontade de morrer que sentia. Sua vivência, relatada durante a regressão, ocorreu no Rio de Janeiro do século XX, no final dos anos vinte, quando se viu num prédio no centro da cidade. Sem saber que está encarnada no homem que espera o elevador, descreve-o como muito bem vestido, elegante, cerca de trinta e poucos anos.

Ao chegar ao escritório, acompanha-o até a sua sala, onde ele se instala, enquanto a secretária lhe passa a agenda do dia. O homem é proprietário de um estaleiro e, da janela de sua sala,

observa com expressão preocupada alguns navios ancorados na Baía de Guanabara. Depois, caminha até a sua mesa e senta-se, abrindo a gaveta. Arlinda vai descrevendo detalhadamente cada gesto, até que, assustada, afasta-se para trás, balbuciando: “Não... não é possível, ele não pode fazer isso.”

Perplexa, descreve o homem pegando um revólver na gaveta e atirando no próprio peito. Seriam necessárias algumas sessões para trabalhar a sua volta aos momentos anteriores, para que compreendesse as causas que o levaram a se suicidar. Ao conseguir reviver o incidente na primeira pessoa, descreve que ele sofre forte depressão após um de seus navios afundar com enorme carregamento de azeite. A perda financeira representou um enorme fracasso, pois adolescente jurara, junto ao leito de morte da mãe, que seria sempre um vencedor, para vingar-se do pai que os abandonara numa situação de penúria.

Ambicioso, realizou com sucesso a escalada para o poder, e, desta forma, qualquer fracasso seria inadmissível, fatal.

Arlinda compreende então a causa das depressões iniciadas justamente aos 37 anos, idade em que ele se suicidara. Sempre que enfrentava qualquer possibilidade de fracasso, por mais insignificante que fosse, surgia a forte depressão e a vontade incompreensível de morrer.

Os que desejam avançar na caminhada e na compreensão dos mistérios da vida precisam se conscientizar de que a nossa visão de mundo é imperfeita, por ser fruto de nossa mente ainda limitada. Portanto, temos ainda muito o que aprender com a expansão de nossas percepções. Vivemos presos a conceitos e preconceitos, e o medo de caminhar em terreno desconhecido nos leva a ficar, na maioria das vezes, “pendurados” no passado, repetindo os mesmos padrões antigos de comportamento diante dos incidentes atuais.

As consciências aferradas ao passado vivem uma inércia que acaba levando-as a adotar comportamentos extremados.

Com medo, ansiedade e angústia de que tudo acabe, as pessoas se jogam de cabeça nos exageros e atitudes materialistas desregradas, como beber muito, comer e dormir além da conta e erotizar tudo o que vê pela frente. Esse sentimento de finitude persegue as pessoas, levando-as a uma qualidade grosseira de vida.

Um Caso de Transferência

Adélia, uma jovem assessora de imprensa, 27 anos, rememora uma vida sua como um homem participante da Revolução Francesa. É acusado, aprisionado e, após um interrogatório traumático, acaba denunciando seus companheiros. Ao confrontar um deles antes de ser decapitado, é acusado de traidor. Isso o deixa transtornado, pois, ao ser preso, fora abandonado por eles, sofrendo torturas insuportáveis. Ainda assim, fora considerado traidor. Adélia sofria de asma e sentimento de culpa que comprometia a sua autoestima. Enquanto a terapia se desenvolvia, reestimulada vivenciava o momento do interrogatório, deslocando a figura do inquisidor para o meu papel de terapeuta.

A cada comando que eu dava, ela seguia em silêncio e com contrações musculares, tentando desta vez não abrir a boca, como o fizera no passado. Durante quase uma hora, qualquer comando era recusado com silêncio, até que percebi o que estava acontecendo e decidi comunicar-lhe que ela não precisava responder a mais nada. Poderia permanecer calada por quantas sessões quisesse. Assim consegui vencer o bloqueio causado pela fusão das vivências do trauma do interrogatório, que no presente ela tentava compensar com o silêncio, mudando a realidade para não se sentir traidor.

Com a terapia de regressão, muda-se o enfoque e, deslo-

cando-se o ponto de vista do observador, leva-se o paciente a confrontar e superar seus medos e a sair da paralisação que impede a sua evolução nesta vida. Após se ver em corpos femininos e masculinos e em vários níveis sociais, o paciente costuma compreender e superar as dificuldades em sua existência atual — além de desenvolver a expansão de suas percepções que o levam à compreensão dos fenômenos relacionados à vida e à morte.

Assim, os registros da memória integral, esses vórtices de energia onde se encontram gravadas as vivências passadas, podem ser atingidos, desativando-se os núcleos traumáticos que vibram negativamente e influenciam o presente.

Quando isso acontece, olhamos de frente e compreendemos as desordens passadas, deixando que escoe toda a carga energética das emoções bloqueadas. Mas o processo depende do ritmo do paciente e do trabalho persistente de remover o lixo acumulado do passado que impede a comunicação entre a personalidade atual e o espírito, onde se encontra o conhecimento adquirido por toda a existência até o presente.

É um método bastante eficaz, mas deve ser visto como um processo de médio e longo prazos e que só dá resultados se houver, por parte do paciente, uma firme decisão de mudar os seus antigos padrões de comportamento. Se a tvp for bem utilizada, a pessoa desabrocha em todo o seu potencial, ampliando a capacidade de realizar suas metas na vida atual. Essas metas estarão sempre ligadas ao amor, à generosidade e à paz, estados que se refletirão na sua vida pessoal, profissional e afetiva, além de se expandir ao mundo à sua volta.

Em relação à terapia de vidas passadas, o pesquisador Jorge Andréa dos Santos, em seu livro *Psiquismo: fonte da vida*, afirma que o valor do método está na busca dos blocos traumáticos dos fatos pretéritos, e que as revelações mostram, com frequência, a existência de vidas passadas, comprovando o processo de

reencarnação.

Ele continua dizendo que “o método em questão busca, por determinado processo de relaxamento e sem perda da consciência, o aparecimento de quadros e lembranças passadas, onde se encontrarão, amiúde, os núcleos responsáveis pelos traumatismos psicológicos. Estes, por sua vez, deslocam-se e projetam-se na zona consciente, sendo nada mais nada menos que desordens do passado incrustadas no inconsciente — leia-se: Espírito”.

Portanto, sempre que terapeutas divulgarem resultados “milagrosos” a partir de uma ou poucas sessões, desconfie, pois a eliminação dos sintomas é gradativa. O processo terapêutico trabalha com a desprogramação mental negativa, e conta com a resistência criada pelos mecanismos de defesa do paciente. Essa desprogramação elimina as emoções reprimidas e, ainda, restaura os corpos energéticos afetados pelo desequilíbrio desse núcleo de emoções.

Um bom exemplo dos mecanismos de defesa que encontramos durante a terapia pode ser demonstrado na experiência de Denise, professora de francês. Durante três sessões, ela insistiu em desviar o roteiro original de sua vivência para um desfecho que, inconscientemente, construía para fugir à dor de uma morte violenta. Na reencarnação em questão, ela era um garoto, no Oriente Médio, cerca de setecentos anos atrás.

Vivendo uma existência miserável, o menino faminto costumava roubar pão e frutas na feira da vila em que morava. Certa vez, um mercador furioso quis obrigá-lo a devolver o pão que acabara de roubar sornateiramente. Mas ele corre assustado, sendo perseguido pelo homem transtornado de raiva. O menino esconde-se dentro de uma enorme cesta, entre várias outras amontoadas perto de uma barraca. Com a aproximação do mercador, Denise bloqueia a sequência seguinte, que é a do assassinato, e conclui que alguém distrai a atenção do comerciante,

que perde o menino de vista.

Custa-lhe perceber o que está para acontecer. O medo a impede de “ver” o óbvio, e apesar dos meus comandos para que retorne ao início da cena e a repasse várias vezes, ela mantém-se firme no mecanismo inconsciente de não enxergar o que ocorre diante dos seus olhos.

De dentro do cesto, o menino via o homem se aproximar com um facão curvo. A partir daí, Denise começou a interferir, afirmando que de dentro do cesto via quando o homem chegava bem perto e alguém lhe chamava a atenção. Olhando então de um lado para outro, o mercador perde-o, desistindo de encontrá-lo.

Após essa regressão, Denise passou uma semana se sentindo ameaçada. O pai estava para voltar de viagem, e ela tinha muito medo de sua reação, pois havia gastado um dinheiro dele indevidamente. Mesmo sabendo racionalmente que, ao explicar o motivo, ele compreenderia e aguardaria que resgatasse a dívida, achava que algo terrível iria lhe acontecer. Ela não compreendia que vivenciava apenas um sentimento deslocado do passado, e passava a postular que “não havia saída” e que “não podia contar com ninguém”.

Ao perder o contato com a realidade, confundia o passado com o presente, imaginando terríveis reações do pai quando chegasse de viagem. “Tudo estará perdido”, ela afirmava, desesperada, mesmo achando insensata esta suposição. Quando percebi a reativação desses sentimentos do passado, continuei a emitir comandos que a levassem a liberar o núcleo traumático da vivência pregressa.

Foram necessárias três sessões para que Denise desbloqueasse o mecanismo de defesa. Um dia, em casa, num momento de relaxamento, ela percebe a cena que vinha impedindo de chegar à sua consciência. O confronto com o núcleo traumático permite que ela reviva o momento em que, de dentro do

cesto, acompanha o homem furioso se aproximar e, ao levantar a tampa do cesto, degolar o menino com um só golpe.

Durante a terapia, a cena foi revivida até que a carga emocional desaparecesse e, a partir de então, os sintomas passaram a regredir, sua ansiedade e medo diminuíram e sua autoconfiança e autoestima melhoraram.

Os mecanismos de defesa fazem o paciente desinteressar-se pelo processo ou considera-lo concluído antes da hora. Isso acontece em geral quando ele está diante de um momento doloroso, e sua primeira reação é fugir. O paciente adianta-se então nas conclusões, elaborando uma sequência que elimina as cenas reais, e assim blefa consigo mesmo. Nesse momento, é necessária uma ampliada percepção do terapeuta que, pela clarividência ou intuição, pode notar a sequência real e, por comandos precisos, levar o paciente ao confronto necessário.

A percepção ampliada é possível a partir de um trabalho bem-intencionado, muita pesquisa, estudo e a mente aberta para que o terapeuta receba os dados do paciente, mesmo quando mecanismos de defesa impeçam a comunicação direta. Ocorre nesse momento a interação das mentes do paciente e do terapeuta.

Vale citar mais uma vez a cientista americana Barbara Ann Brennan quando fala sobre a expansão da consciência, que provoca uma percepção ampliada do nosso corpo e da nossa mente e pode ser explicada, segundo ela, como a relação entre a vela e a sua chama. Barbara compara o estado de consciência ampliada com a luz que vem da chama. Onde começa a luz e onde termina a chama? Apesar de haver uma linha divisória, a chama é completamente penetrada pela luz.

As experiências com a regressão a vidas passadas levam a expansão da consciência para fora dos limites da realidade física, para além da personalidade. Durante esse processo, percebe-se a realidade ampliada, que inclui os corpos físico,

emocional, mental e espiritual. O limite de tempo e espaço é ultrapassado, e o paciente mergulha num tempo integral.

A terapia pode então ajudar na compreensão de sentimentos negativos que atormentam o ser contemporâneo. Como aconteceu com Virgínia, que reviveu sua existência como escravo numa fazenda de Minas Gerais, roubado ainda criança de sua família, vendido e trazido para o Brasil em navio negreiro.

As lembranças relatam a sua trajetória de horror, desde o momento em que fora roubado, quando brincava atrás de uma borboleta — atravessou o oceano entre desconhecidos, uma vida inteira arrancado de suas raízes, até a velhice e a morte. “Estou velho e cansado... estou perdendo as forças.”

Após a morte, percebe-se jovem e vigoroso, continuando a descrição: “Sinto frio, mas flutuo... voou por cima da casa da fazenda, pareço um balão, tudo começa a passar muito rápido, atravesso o oceano, vejo florestas, rios, vejo cachoeiras e o campo cheio de borboletas, e me vejo pequeno, sem roupa, correndo atrás delas, livre, leve...”

A psicoterapia que utiliza a regressão de memória a vidas passadas pretende levar o paciente a compreender os motivos que o fazem repetir um mesmo padrão de comportamento diante de situações que tenham alguma semelhança. Portanto, durante a terapia, os comandos encaminham o paciente em direção ao cerne do trauma, para que a carga emocional se escoe, e ele possa atingir a compreensão de seus problemas.

Se continuarmos nos aprofundando nas zonas de memória, poderemos atingir fragmentos do inconsciente puro, onde se encontra o acervo de todas as vivências que foram incorporadas ao espírito através das várias encarnações. Nesses casos especiais, que ocorrem após o desbloqueio dos traumas desta e de outras vidas que estejam impedindo o acesso em níveis mais profundos da memória, dá-se uma canalização direta da personalidade atual com o seu espírito.

Esse centro da memória, definido como o inconsciente puro, representa a presença cósmica do Eu, um campo alimentado pelos impulsos “divinos”. Trata-se da sede do nosso espírito cósmico, por onde a Grande Lei Universal se manifesta. Quando este núcleo é atingido, canalizamos informações diretas das dimensões de luz, fora da relação tempo e espaço, além do orbe terrestre, de onde provêm fontes espirituais de imensa sabedoria.

Quem Sofreu Mais do Que Eu?

São comuns os casos de pessoas que vivem lamentando esse ou aquele fato infeliz que ocorreu em suas vidas, não importa se há dois mil ou apenas dois anos. Continuam vivendo o mesmo episódio, cegas para qualquer outra realidade, vítimas do medo de seguir adiante. No que se refere ao medo, preferem se apegar ao ditado popular “ruim com ele, pior sem ele”.

O que nos leva a “arrastar correntes” pela vida afora?

Quais são as maiores causas do sofrimento humano?

A essas perguntas, podemos responder: medo, tanto para as questões da sobrevivência material quanto emocional. E o medo imobiliza, colocando toda a nossa energia criativa no sentido oposto ao fluxo da vida.

Para liberarmos os medos antigos, as angústias indefinidas e uma gama de sentimentos perdidos no tempo, é preciso voltar ao passado, para assim exorcizá-los e superá-los. No entanto, grande parte dos seres humanos se arrastam massacrados pelo peso do sentimento de impotência diante do imponderável.

Essa impotência se reflete nos valores culturais que passam de pais para filhos, sendo que as mulheres, por dedicarem a

maior parte do tempo à educação dos filhos, raramente percebem o jogo de opressão que lhes transmitem por uma esmerada educação para o sofrimento. Para os homens, geralmente, crescer significa iniciar uma jornada em nome da supremacia masculina, do racionalismo e do afastamento da sensibilidade, dando-se um enfoque exagerado ao sexo, especialmente o proibido — única ocasião em que se sentem de volta à infância, brincando de “esconde-esconde” e “pega-ladrão”.

Por outro lado, a mulher adota uma excessiva sensibilidade que beira a caricatura dramática, utilizando apenas um aspecto do potencial humano, cada qual representando apenas um lado da moeda — o sentimento ou a razão.

Por causa desse desequilíbrio, extremos são cometidos de ambas as partes, e o vilão e a vítima se encaixam como luvas nesse jogo em que nenhum lado sai vencedor.

Paralelamente à gincana masculina que corre em busca de troféus para o melhor desempenho sexual, grande parte das mulheres, sentindo-se desvalorizadas e sem identidade própria, prefere caminhar de mãos dadas com o sofrimento. Acreditam assim compensar as frustrações esperando as glórias da recompensa final — a entrada para o paraíso.

Em busca da própria valorização, avaliada segundo o índice de sacrifícios que conseguirem atingir, as mulheres seguem abrindo mão de si mesmas em favor da ilusão de segurança que o papel de “esposas e mães perfeitas” possa lhes oferecer.

Quantas vezes nós mulheres nos encontramos em pleno exercício desse papel?

Quantas descrições intermináveis de sofrimento em nome do namorado, depois do marido e até do amante, seguindo os filhos, netos, bisnetos, o maior número de sacrifícios para serem apresentados “do outro lado”. E, só então, a morte — que na fantasia da maioria representa o descanso final tão esperado.

Em algum momento, já dissemos ou ouvimos frases do tipo:

“Não, o meu sofrimento é pior”; “Não, a minha dor é maior”; “Você não sabe o que eu passo”; “Há mais de vinte anos que não sei o que é comprar um alfinete pra mim, tudo é pra eles”. Enfim, é como se a vida fosse uma espécie de via-sacra, cujo ponto final é o “reconhecimento de Deus”, com a recompensa de algum imaginário troféu cósmico para a “melhor mulher do mundo” e o direito a lindas e comoventes palavras na lápide fria de seu túmulo.

Assim, essa visão da vida vai sendo passada de geração a geração, tendo como o seu principal veículo a própria mulher, que cuida de educar os filhos e manter esses princípios bem ativos, mesmo quando os papéis familiares possam estar invertidos, adotando a mulher o “papel masculino” e vice-versa.

E por quê? Certamente, homens e mulheres aceitam esse jogo porque acreditam nos resultados. E que resultados são esses? Quais são os lucros obtidos? Geralmente, uma ilusória sensação de segurança, que alivia o medo das “ameaças da vida” e dos acontecimentos que fogem ao próprio controle.

Assim era Márcia, cinquenta anos, envolvida nos problemas dos dois filhos. Sem vida própria, sofria o tempo todo pela vida alheia, evitando encarar o próprio sofrimento. Desgastada, resolveu procurar a terapia em busca de uma solução. A maior parte do tempo ela passou procurando provar que estava certa e que a culpa de sua infelicidade era dos filhos. Um estava usando maconha, uma deixava a casa numa bagunça e o outro tocava bateria o tempo todo. O marido já a havia traído e agora ela insistia em não confiar mais nele, embora permanecendo a seu lado.

Pouco a pouco, suas defesas foram amolecendo e, após algumas regressões a vidas passadas, compreendeu a sua trajetória de culpas. Ela também não havia sido tão fiel quanto o modelo de perfeição que divulgava. Assim, vendo-se sob um prisma mais realista, deixou de lado a trajetória de infelicidade

que vinha percorrendo e passou a navegar no fluxo da vida. Sem dúvida, os problemas familiares não acabaram, mas melhoraram bastante, inclusive o seu relacionamento com os filhos. Estes por sua vez sentiram-se mais próximos da mãe e passaram a colaborar um pouco mais com ela.

Quando nos perguntamos o que fazer para aprender a viver de forma saudável, iniciamos uma nova etapa, como aconteceu com Fredy, um microempresário. Na infância aprendeu a ser “perfeito” mascarando qualquer fracasso e empurrando com a barriga o confronto com as dificuldades. Agora, estava diante de um impasse. A sua empresa estava falida e ele não queria aceitar essa realidade. Cada vez a situação ficava mais difícil.

Ele precisava sentir-se perfeito, infalível. Apesar de ter escolhido um ramo comercial inadequado para ele, sempre arranjava desculpas para seus erros, responsabilizando todos que cruzavam o seu caminho. Sem poder aceitar a possibilidade de fracasso, olhava apenas as possibilidades de sucesso, afastando-se de soluções que pudessem impedir a extinção da empresa.

Estressado, sofrendo de insônia, crises renais e pressão alta, mantinha-se paralisado. Aceitar esse fracasso lhe traria a possibilidade de recomeçar mais experiente em outro ramo, de forma mais simples e dentro de suas possibilidades atuais. Ao contrário, ele deixava as coisas seguirem sem rumo, sempre à espera de uma solução mágica, de um “milagre”.

Mesmo na iminência de despencar numa falência irremediável, e com a saúde cada vez mais atacada pela tensão diária, fracassar numa experiência continuava significando para ele fracassar como pessoa, confundindo o papel que exercia de comerciante com a sua essência.

Sua vida somente retomou um rumo satisfatório após aceitar as dores, perdas e fracassos, vivendo a falência de sua empresa e, mais ainda, a falência de muitos paradigmas em que baseava a sua vida. Isso foi possível quando experimentou inúmeras

vivências em que fracassara. Ao aprender com elas, conheceu seu lado negativo, mas também seus aspectos positivos.

Fredy trabalhou uma vivência muito significativa em todo o seu processo de reformulação dos velhos paradigmas que o paralisavam, ao regredir ao momento do seu nascimento, há alguns séculos. Num celeiro, sua mãe, uma camponesa viúva e pobre, cortou o umbigo e tratou do corte umbilical, fato descrito em detalhes carregados de muita emoção.

A vivência de um momento de emocionante fragilidade possibilitou o contato com o aspecto feminino de sua personalidade, ao mesmo tempo que trouxe à tona a força para que sobrevivesse nos momentos difíceis. Não tendo condições para alimentá-lo, sua mãe partiu para um vilarejo próximo em busca de trabalho, deixando-o junto à porta de um convento. Lá, ele cresceu e tornou-se um padre de carreira internacional.

Ao deparar-se com uma existência baseada no sentimento de abandono muito semelhante ao sentimento de rejeição que trazia da infância, ele percebeu a força que possuía e que o fez superar a dificuldade na vida passada. Mais surpreendente ainda foi perceber sua capacidade para sobreviver e refazer-se do nada.

Ao ampliar a percepção de si mesmo, tinha em mãos a possibilidade de começar uma nova fase, desta vez mais estruturada.

Isso significa amadurecer. E amadurecer significa aprender a lidar com os fluxos e refluxos da vida, com as perdas e ganhos, resgatando a alegria e, com ela, adquirindo o “jogo de cintura”, para saber cair do cavalo, levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Essa gincana do sofrimento pode ser superada recuperando-se o sentido de alegria e sua energia revigorante, criando novos valores, focalizando a abundância e a fartura, características encontradas na natureza. Não é preciso refazer diariamente o

caminho do calvário para ser aceito no “reino dos céus”, nem viver negociando o paraíso, pois ele não será atingido dessa forma, que contém muita arrogância, pretensão e menosprezo pela condição humana.

O ser humano é imperfeito, e a busca da perfeição deve passar pela aceitação dos defeitos, inseguranças e medos. Como a morte é o ponto mais frágil do ser humano, revivê-la algumas vezes ajuda a transformar o sentimento de impotência que ela provoca.

Os vários confrontos com a morte diminuem o medo em relação a ela, fazendo surgir um sentimento de integração, de não dualidade — uma visão de união em que viver e morrer fazem parte de um mesmo movimento, de um mesmo ciclo, em que um não pode existir sem o outro. Compreender isso nos faz perceber a existência como forma eterna e a realidade física como transitória. Trata-se de um instrumento precioso de evolução e aprendizado, que provoca profunda reforma em nosso sistema de crenças.

As personalidades vividas no passado, quando são integradas à atual personalidade, facilitam a compreensão das dificuldades do presente e provocam maior responsabilidade pessoal. Ao percebermos que a consciência sobrevive à experiência corporal, recuperamos o sentido transitório da vida, facilitando a existência atual, liberando-nos dos vínculos de apego excessivo que interferem negativamente no presente.

A tvp permite desatar os nós que as terapias convencionais levam anos e anos para atingir, despontando no horizonte como uma técnica capaz de trazer sangue novo aos campos da biologia, da medicina e da psicologia.

A Fé Consciente

É preciso compreender a fé como sendo a confiança nas leis cósmicas. Essa fé nos liberta da roda cármica, e, ao penetrar no darma, o sofrimento deixa de fazer parte da vida. Não por negarmos a sua existência, mas por conhecermos as suas causas, e superá-las. O darma está ligado ao sentido do universo e suas leis, à verdade e à sabedoria. É uma fé consciente, que não significa de forma alguma unir-se a alguma religião, seita ou mestre que possa ser encontrado fora de si mesmo.

No estágio adulto da consciência, a fé passa a ser guiada pelo discernimento, pela integração do sentimento e da razão. Isto já fora previsto no século passado, pela teosofista russa Helena Blavatsky, que afirmou que à fé cega não seria mais necessária na nova fase que a humanidade estava para atingir, e que esta deveria ser suplantada pelo Conhecimento.

A nova fase da consciência humana vem se desenvolvendo ao longo dos séculos, e muitos relatos das regressões durante a terapia de vidas passadas esboçam essa trajetória evolutiva da humanidade. Ao acompanhar os hábitos mais primitivos — que vão das lutas pelas conquistas de territórios vizinhos, utilizando-se as catapultas para o arremesso de pedras contra as rústicas escadas usadas para invadir as fortalezas, aos meios mais sofisticados da guerra psíquica, que vivemos neste final “de milênio —, podemos concluir que, apesar da longa caminhada, ainda utilizamos a violência como expressão de nosso interior.

Dar o salto quântico, abandonando no passado a violência e desenvolvendo outros meios de expressão, é o grande desafio para a humanidade atual. E a condição indispensável para isso é a fé consciente, garantia para a travessia segura desta trajetória cheia de caminhos tortuosos.

Cissa, proprietária de um antiquário numa cidade serrana do

Rio de Janeiro, sentia-se imobilizada diante de decisões importantes. Seu comportamento melhorou de forma impressionante após reviver uma vida na Antiguidade, na pele de um forte lutador, que do alto de uma muralha tenta com seu grupo invadir um castelo. Ela descreve o desespero das mulheres e crianças na praça interna, enquanto os homens do alto das muralhas que cercavam o castelo tentavam impedir a invasão. Os invasores usavam enormes escadas para atingir as entradas pelas torres, e combatiam com armas feitas por pedras amarradas de forma primitiva.

Ela descreve a cena em que luta para invadir a fortaleza, mas é atingido, despencando da escada e fraturando a coluna. Derrotados, eles desistem da invasão e levam dias para retornar à cidade de origem. Numa padiola, ele sofre dores insuportáveis até chegar a sua casa, onde é recebido pela mulher e a filha pequena.

Cissa compreende a fonte de suas crises de cólera, que surgiam de forma inexplicável, sempre que se encontrava diante de uma situação de impotência ou diante de qualquer impossibilidade.

Na sua vida anterior, durante um longo período de sofrimento, paraplégico, o guerreiro percebe o mundo apenas pelo olhar, e seu espírito guerreiro não aceita a imobilidade, guardando um sentimento de muita raiva, a mesma raiva residual que Cissa carrega até hoje diante de situações com qualquer sombra de semelhança.

Após reviver a morte do guerreiro, ela percebe que uma parte sua permanecia até hoje imobilizada. Ao recobrar os movimentos, ao descobrir que, livre do corpo físico, podia movimentar-se, ela percebe uma realidade mais ampla e supera o sentimento de paralisia que vivia de forma inconsciente.

Tudo isso nos faz acreditar nas inúmeras possibilidades de reconstrução do ser humano, apesar da cruel continuidade das

guerras, da fome, das injustiças sociais e da destruição ambiental — forças construtivas parecem puxar a humanidade para os portais da idade adulta. Claro que ainda predominam as forças da destruição, e seria estúpido não reconhecermos que o equilíbrio da vida na Terra continua sob grave ameaça. Mas se existe a chance de um futuro harmônico para a humanidade, ele vem sendo moldado e fortalecido por uma mudança no pensamento coletivo impulsionado por seres evoluídos, que interferem nas mais diversas áreas das atividades socioeconômicas, políticas e culturais em toda a face do planeta.

Se observarmos atentamente as diferentes culturas e religiões do Ocidente e do Oriente, dos tempos mais remotos, poderemos perceber que, apesar de aparentes discordâncias, elas se entrelaçam nas verdades mais sutis. Verdades que aos poucos começam a emergir para a consciência coletiva.

Um interessante estudo sobre essa mudança do pensamento pode ser encontrada na já citada obra *A conspiração aquariana*, da norte-americana Marilyn Ferguson, que prevê uma profunda transformação social, “uma mudança de dentro para fora, que surge num crescendo e que se move a uma velocidade estonteante”.

Esse processo é descrito como uma conspiração, palavra cujo sentido significa “respirar junto”, o que estabeleceria uma ligação íntima entre determinadas pessoas — justamente o que, no início deste século, o cientista e teólogo francês Padre Teilhard de Chardin exaltava como a “conspiração do amor”. Segundo ele, a humanidade para sobreviver terá que levar em conta a estrutura do universo e se unificar com ela. Essa integração amorosa, tão desejada por sábios e visionários, seria a união com o “Todo”, pregada pela milenar cultura oriental e por Jesus.

A idade adulta da humanidade sugere o fim do império do medo criado por mentes manipuladoras ao longo da história,

com o intuito de manter o poder sobre os ignorantes do espírito.

As verdades sobre a mente humana, os estágios da consciência, assim como o conhecimento cósmico e a realidade universal foram revelados pelos grandes mestres, mas só agora começam a ser compreendidos à luz da nova ciência, que aponta para a integração do espírito e da matéria.

Hoje, essa realidade multidimensional vem sendo investigada pela psicologia transpessoal em muitos centros universitários mundiais, que concentram suas pesquisas nos estados alterados da consciência e nas percepções extrafísicas, que captam esses aspectos “escondidos” que cercam e animam a vida na Terra.

Finalmente, a semente da harmonia e do amor universal, semeada há pelo menos cinco mil anos pelas antigas filosofias orientais começa a frutificar.

Sexo e Poder

A sexualidade usada como instrumento de poder aparece em inúmeros relatos das regressões, sendo grande a frequência dos casos de estupros nos diversos períodos da história. A experiência de estupro, seja nesta ou em outras vidas, provoca repercussões graves, como problemas de aceitação e dificuldades para se afirmar diante dos relacionamentos afetivos, menos autoestima, revolta interior e fobias.

Este trauma cria uma armadura emocional que, muitas vezes, pode se expressar sob a forma de obesidade. O excesso de peso, independentemente da possibilidade de tendência genética, pode ter como fator predominante a condição emocional e os mecanismos usados para esconder o medo da sexualidade.

No caso de um estupro, a tendência à obesidade se acentuaria mais ainda.

Lídia, 48 anos, funcionária pública, apresentava problemas de obesidade e de dificuldade na eliminação das toxinas. Numa vida passada, viveu dolorosa experiência. Era uma adolescente e foi estuprada por soldados de passagem pela cidade quando apanhava água na fonte.

Um outro caso de estupro no passado ocorreu com Tina, 52 anos, bibliotecária, que nesta vida não tinha problemas de obesidade, mas dificuldade em expressar sua afetividade. Escondia-se por trás de uma racionalidade exagerada. Por duas vidas, experimentou o trauma da violência sexual, sendo estuprada muito jovem, e sua confiança no sexo oposto ficou bastante comprometida. Desenvolveu então uma couraça emocional para proteger-se do medo que sentia da afetividade e da sexualidade.

Os mecanismos de defesa de pessoas com problemas sexuais podem não só estar ligados ao excesso de alimentação, mas também ao consumo exagerado de bebidas alcoólicas e até de drogas mais pesadas. Qualquer que seja o vício, a pessoa fica aprisionada numa cadeia de acontecimentos previsíveis. A dependência impede ainda qualquer movimento fora desse mecanismo de reações inconscientes, levando à fuga da responsabilidade.

Alguns pacientes alcoólatras, fumantes compulsivos ou viciados em qualquer outro tipo de drogas costumam chegar ao meu consultório sufocados pelo tédio. Carregam um peso invisível causado pelas toxinas de ordem física e mental, que podem ser percebidas na aura densa que os envolve. O sinal mais evidente desse estado é a falta de energia para viver, que os coloca submissos ao objeto de dependência e à vontade alheia.

O alcoolismo e a dependência a outras drogas podem estar relacionados aos resíduos trazidos de outras vidas. O trabalho com alguns pacientes alcoólatras trouxe-me a constatação disso.

Pedro, 37 anos, ator com dificuldades de sobrevivência financeira, contava com a ajuda da família mas gastava todo o seu dinheiro com bebidas e noitadas em busca de parceiros homossexuais.

Como ele, constantemente sou procurada por jovens que sofrem muito, divididos pela forte atração pelo mesmo sexo e um inconsciente medo do pecado. O que fazer? O que dizer a esses jovens atormentados pela culpa? É antinatural, dizem alguns pais; é contra as leis divinas, afirmam os mais religiosos, mas nem mesmo essas ameaças foram suficientes para evitar que não apenas leigos, mas também padres e freiras, ao longo da história, superassem suas tendências homossexuais.

Guto, estudante, 17 anos, veio ao meu consultório porque a família estava desesperada com a revelação de suas tendências homossexuais. Uma sequência de regressões mostrou uma passagem no Egito onde viveu como uma mulher que abre mão do grande amor de sua vida, pois este era seu escravo. Numa outra vida como mulher, ele volta a encontrar o escravo, que desta vez era um jovem camponês. Eles se apaixonam, e ela acaba engravidando. Quando o pai rigoroso descobre a gravidez, expulsa-a de casa. O maior trauma veio ao perceber que o rapaz acabou por abandoná-la e ela, para sobreviver, teve de ir para uma cidade para se prostituir. No jogo da vida, o rapaz, de forma inconsciente, aproveitou a oportunidade para se vingar por ter sido rejeitado por ela no Egito. Assim, perpetuaram mais uma vez o ciclo repetitivo cármico.

Nesta vida, Guto trouxe a ideia fixa de reencontrar a sua alma gêmea, conhecida nas vidas anteriores como homem. Provavelmente então, acredita que deverá procurá-lo no sexo masculino.

Há dois equívocos aqui. Primeiro, nem sempre reencontramos nossos antigos amores em nossas novas encarnações. Segundo, podemos encontrá-los com o sexo oposto ao de outras

épocas.

Guto vai conseguir compreender isso? Não sei. Às vezes, levamos várias vidas para entender uma realidade. Mas o que importa é que elimine a carga emocional de frustração, culpa e raiva das vidas anteriores, pois isso certamente o levará a ter maior lucidez nesta vida.

A psicanálise tem uma visão parcial do desenvolvimento da homossexualidade. Traumas de infância e o complexo de Édipo mal resolvido explicam apenas em parte a questão. Por outro lado, um trauma em outra vida também não justificaria por si só o desabrochar dessa opção sexual na existência atual. Um problema de mau relacionamento afetivo em outra encarnação se estabelece como raiz, um dado latente, que pode vir à tona a partir de um evento traumatizante desta vida. Assim, problemas nesta existência seriam apenas condicionantes, mas não determinantes. Ou seja: serviriam para fazer com que algo mais profundo, de outra encarnação, irrompesse.

Sem essa raiz do passado, um trauma de infância desta vida pode não derivar para o homossexualismo. Isto, porém, não quer dizer que na ausência dessa raiz ficaria afastada a possibilidade do desabrochar da homossexualidade.

Há muito ainda que pesquisar nesse complexo setor da psique humana — e certamente desenvolveremos uma visão a mais objetiva possível se não descuidarmos das eventuais e importantes relações entre a vida atual e outras encarnações. Se for confirmada, por exemplo, a hipótese da corrente científica que considera que há uma predisposição genética para o homossexualismo, quem sabe se não acabará sendo revelada uma memória cármica contida nos genes, e não apenas uma conformação de origem física?

No presente estágio da evolução humana, essas são questões ainda de ordem essencialmente teórica. De um ponto de vista prático, no sentido de melhorar desde já a vida das pessoas,

considero mais sensato ajudar os pais a compreender a importância de orientar os filhos, mas sem dirigir suas escolhas em qualquer nível, seja profissional, afetivo ou sexual.

Não temos o direito de interferir em seus destinos. Devemos, ao contrário, respeitar as dificuldades dos filhos, aceitando, sem culpas, os próprios medos, as frustrações e a história cármica de cada um, pois nem sempre a realidade se desenvolve como idealizamos. Cabe a eles o direito de escolha, o livre-arbítrio para que possam desenvolver a maturidade e a responsabilidade por seus atos.

É puro egoísmo querer moldar a vida dos nossos filhos, numa tentativa vã de evitar o nosso sofrimento, promovendo comportamentos falsos e casamentos destrutivos que têm como único objetivo manter uma imagem correspondente aos anseios da família e da sociedade.

Quantos casais infelizes estendem a sua infelicidade aos filhos, deixando aos seus descendentes uma herança de revolta e amargura, apenas porque optaram por representar uma imagem de “normalidade”, ignorando seus medos, anseios e preferências.

Para aqueles que consideram o homossexualismo uma doença, lembro que todos nós estamos também, de alguma forma, doentes de medo, raiva, ressentimentos, vingança. E o remédio para os males que assolam a humanidade começa com a aceitação do conflito e a capacidade de convivermos com a realidade, olhando-a de frente. Certamente, assim, os pontos fracos de cada um poderão ser gradativamente superados, havendo consequências bem menos desastrosas para as pessoas.

O que ganhamos com atitudes hipócritas? O que aprendemos com elas?

Acompanhei alguns casos de jovens que me procuraram envolvidos por uma aura cinzenta de culpa e com a autoestima muito baixa. Como resultado de estarem se sentindo à margem

da vida, viviam sem dignidade, de forma promíscua.

Márcio foi um destes: indefinição profissional e sexual, solidão, problemas de afirmação em todas as áreas. Apesar da formação de antropólogo, sua atenção apontava em várias direções sem que ele se dedicasse mais profundamente a nenhuma delas. Às vezes, jornalista; outras, escritor de roteiros e peças para teatro. Assim, sua vida corria sem rumo, direcionado apenas pela carência afetiva.

Sentia-se atraído pelo submundo, pelo excesso de bebidas e drogas, usadas para fugir da depressão que o acompanhava desde a adolescência. Com 33 anos, dependia da mesada do pai e confundia-se oscilando entre situações homo e heterossexuais.

A trajetória para o seu amadurecimento e independência em vários níveis iniciou-se a partir de uma regressão à Grécia antiga, quando teve a oportunidade de reviver traumas sofridos que deram origem à sua atração por situações perigosas ligadas à sexualidade. Márcio retornou a uma vida como um lindo menino que, na puberdade, é oferecido em sacrifício num ritual para a fertilidade.

Nesta vida, o medo e a opressão da autoridade suprema da época, que decidiu sobre a sua vida, se refletiam como aversão indiscriminada a qualquer forma de poder.

Durante a regressão ele se vê vestido de branco, com uma guirlanda presa aos cabelos loiros e cacheados. Uma bebida forte lhe é oferecida, provocando uma sensação inebriante que o faz esquecer o pavor do sacrifício que o aguardava. A partir daí, a bebida ficaria associada a uma sensação de bem-estar, válvula de escape para situações ameaçadoras.

Duas jovens de branco o seguem lado a lado no cortejo, que é acompanhado por uma multidão excitada. Algumas pessoas levam animais para as oferendas. Drogado, ele dança freneticamente na frente de todos, movimentando-se ao som de tambores e pandeiros, e, em estado de êxtase, faz estranha coreografia

com os braços e as mãos. Com o olhar vidrado, segue à frente da procissão e sobe a escarpa de um rochedo, ouve apenas o barulho do mar batendo nas pedras.

De repente, o medo se instala, e ele se confunde, as imagens se misturam em fusão, impedindo-o de perceber o que acontece a seguir. A cada novo comando terapêutico, encontra uma forma de desviá-lo, até que finalmente esse medo é atingido e descarregado, permitindo que Márcio continue a reviver a cerimônia de sacrifício que o levou à morte.

O menino é colocado preso a uma grossa estaca e seu pênis é cortado, enquanto uma sacerdotisa bebe o sangue que jorra do seu corpo desfalecido. Mesmo assim, ele percebe de fora do corpo a multidão que comemora freneticamente o ritual de fertilidade. Uma fogueira queima animais para o banquete, e as frutas são comidas embebidas em seu sangue. A excitação é geral, dando-se início a uma orgia sexual. Ele morre criando uma programação mental que associa a morte ao prazer sexual. Ao mesmo tempo, ter sido escolhido e ofertado aos deuses passa a ser motivo de orgulho e vaidade. Essa imagem do adolescente passa a ser perseguida em suas fantasias, como a imagem masculina idealizada.

Mas as dificuldades de Márcio não terminaram com essa regressão, apenas ficaram enfraquecidas, abrindo portas para outros núcleos traumáticos ligados a insegurança, sentimento de abandono e pouca autoestima, cujo tratamento está em curso com considerável progresso.

Sua vida profissional vem se desenvolvendo com sucesso, a relação com o pai e o poder melhoraram consideravelmente, e assumiu a responsabilidade por sua vida.

Posso imaginar as questões brotando nas mentes de muitos, querendo saber se os pacientes que me procuraram para curar suas tendências homossexuais obtiveram resultado. Não. Continuaram homossexuais, mas com menos conflitos, eliminando

sim os momentos de convulsividade, de inconsciência e de destrutividade. Passaram a administrar melhor o seu desejo, a sexualidade e o uso de bebidas e outras drogas, amadurecendo e tornando-se consequentes e responsáveis pelos seus atos.

Sem dúvida, os processos terapêuticos que trabalham com a memória integral podem ajudar as pessoas a entender melhor o funcionamento de sua mente, com seus fracassos e vitórias, e a liberar os traumas ocorridos no passado, desta ou de outras vidas, que estejam, inconscientemente, interferindo no momento presente.

Podemos acompanhar um passado de solidão e de revolta feminina pela opressão e falta de perspectivas, cuja alternativa à prisão familiar era a prostituição. Por outro lado, percebemos a trajetória masculina, cujo destino não foi mais fácil. Para os homens, a força física era indispensável, pois encontravam-se, a maior parte do tempo, à frente de batalhas sangüinárias, sem poder enfrentar seus medos e inseguranças.

As regressões falam de medos, perdas, do lado fraco humano, como o caso de Cecília, cineasta, quarenta e cinco anos, que em uma de suas vidas fora um camponês levado ao campo de batalha para defender interesses que não faziam sentido para ele.

No campo de batalha, encontra-se trêmulo diante do inimigo, e a única questão que martela em sua mente é saber o que estava fazendo ali. O fato de ter ficado segundos imobilizado pela dúvida deu vantagem ao inimigo que o atingiu fatalmente.

Como ela, a maioria não compreendia os ideais que os levavam às lutas e às conquistas, e muitas vezes sentia medo, não desejando estar na posição em que se encontrava.

É o caso de Lídia, funcionária pública, 45 anos, solteira, que viveu uma existência na Idade Média em que não correspondeu à imagem de coragem exigida pela sociedade. Por isso, sofreu as consequências desastrosas vividas por aqueles que, ao longo

da história, não seguem as leis vigentes. Como homem, foi guardião noturno de um castelo, única saída para sobreviver no feudo em que nasceu. Mesmo soldado, era muito medroso e, certa noite, quando estava de guarda, viu três homens invadirem o castelo para saquear alguns barris de pólvora. Imobilizado pelo medo, fingiu estar dormindo.

Sua covardia foi descoberta. Acusado e condenado, ela descreve as minúcias da sua caminhada até o cadafalso: “Vejo o carrasco e pessoas em volta aguardando a execução. Tenho muito medo, minhas pernas estão coladas ao chão, e dois guardas arrastam-me contra a minha vontade. Vejo entre as pessoas um amigo, que se aproxima e se oferece para ser executado em meu lugar, pois ele sabia que eu não estava preparado para morrer. Como eu gostaria de ser como ele”, diz, entre soluços. “Eles me empurram em direção ao degrau que me leva à força.”

Ela descreve os preparativos do carrasco e a angustiada subida para a morte. Quando os tambores tocam, o gesto do carrasco determina a sua sentença. Sufocada, a paciente solta grunhidos enquanto descreve as sensações da corda apertando--lhe o pescoço. Sente forte dor e sua fisionomia se transforma, sua língua parece sair em busca de ar, seus olhos saltam para fora da face.

Segundos depois, tudo se acalma, ela relaxa e, após alguns segundos de silêncio, descreve seu corpo balançando no ar. Pouco a pouco, sente-se distanciando-se do local e pode ver seu amigo com lágrimas na face aproximar-se com outro soldado para soltar seu corpo da corda que o pendura. Seu corpo cai como um saco vazio.

Inconsolável, o amigo segura nos braços a sua cabeça pendente. O espetáculo acabou, e o público começa a se dispersar. Ela fala de uma força que o atrai para longe, enquanto o desejo de ficar perto do amigo gera o conflito que o prende ali por mais algum tempo.

Toda essa volta no tempo serve para nos ajudar a viver “o aqui e agora”, aprendendo a distinguir entre o passado e o presente, deixando de misturar emoções e formular pensamentos que pouco têm a ver com a realidade atual.

A regressão a vidas passadas possibilita observar como as experiências relacionadas ao medo e ao sofrimento físico deixam resíduos que ficam gravados nos campos energéticos que contêm a memória das várias personalidades vividas até então. Essa memória é transferida para o novo corpo físico, estabelecendo uma programação mental negativa. Então, quando se experimenta na existência atual algo semelhante a essas vivências traumáticas, surge a reestimulação que traz de volta a carga emocional do passado.

Gilse, dentista, 43 anos, é um bom exemplo. Ela aprimora os mecanismos de defesa baseados na agudeza mental, para o tempo todo compensar um sentimento de incapacidade e impotência. A potência mental foi desenvolvida a partir de uma de suas vivências passadas, quando reencarnou como débil mental filho de um serviçal numa corte europeia.

Relegado aos porões da criadagem, ele cresce revoltado. Um dia, enciumado com o primogênito do rei que acaba de nascer, consegue chegar aos aposentos da rainha e, à espreita de um momento de desatenção, estrangula o recém-nascido, herdeiro do trono. Por esse crime, é condenado à morte.

Pouco a pouco, após inúmeras reencarnações, a consciência vai sendo lapidada, até se tornar um foco de luz irradiante. Nessa caminhada de amadurecimento, o nível de frustrações baixa consideravelmente quando compreendemos a transitoriedade das coisas. Como tudo se encontra em eterno movimento, as metas que não puderem ser atingidas no presente aguardarão a oportunidade de realização mais adiante ou numa vida posterior. Isto não significa comodismo, pois só o aprimoramento possibilitará que se ultrapassem as fronteiras que nos limitam

agora.

No consultório acompanho diariamente os dramas, a dor e os aspectos que o ser humano considera “vergonhosos”. Na maior parte das vezes, vejo com muita alegria o desabrochar do espírito emergindo em direção à luz, após a profunda faxina que realiza em sua existência.

Muitas vezes, as dificuldades de relacionamento entre as pessoas têm como causa não apenas as incompreensões e traumas desta vida, pois mesmo havendo o reconhecimento desta realidade, o problema continua. Assim aconteceu com Denise, professora de francês, com dificuldades na relação com seu filho de oito anos. Ela não encontrava explicação lógica para as reações no relacionamento entre eles.

A intolerância dela e a agressividade dele tornavam o clima entre os dois insuportável, permeado por sentimentos de culpa a cada vez que ela percebia a atitude excessivamente exigente com que o tratava.

Já tínhamos pesquisado as possibilidades da causa estar nesta vida, e como nada encontramos que justificasse o problema, que se agravava a cada dia, avançamos para além da existência atual. A lembrança de sua vida mais recente ocorreu num campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Num pátio, prestes a ser executada, Denise reconhece o soldado que empunha a metralhadora e põe fim à sua vida. O soldado encarregado de exterminá-la é seu filho hoje em dia.

Denise mantinha com o filho o mesmo padrão de sentimento de raiva e impotência que teve nos últimos instantes de sua vida anterior. Por outro lado, essa atitude reativara nele a culpa que provocava um comportamento autopunitivo. Agredia para ser punido por ela, criando um círculo vicioso interminável.

Prisioneiros num mesmo jogo, sem dúvida, a vida familiar tornara-se insuportável para ambos. E a família costuma reunir personalidades em busca de reconciliação, em situações e

papéis apropriados para o exercício de novas capacidades.

A compreensão do jogo que os unia pôde ser atingida pela percepção da repetição causada pelos resíduos emocionais transferidos de uma encarnação à outra.

Gradativamente, o processo de conscientização foi então se instalando, com a conseqüente melhora do seu comportamento em relação ao filho. Denise continuaria a terapia acessando algumas dimensões espirituais, através do cerne de seu espírito, como veremos adiante, no capítulo Dimensões de Luz.

Distúrbio do Pânico

A mente instintiva não diferencia nem o tempo nem o espaço em que ocorre uma ameaça, assim, tanto faz um fato ocorrido no passado e um fato atual, desde que haja semelhanças, ela reagirá de forma cumulativa. Por isso, a soma das vivências desta e de muitas outras vidas passa a ser percebida como um fato presente.

Essa memória fica registrada nos sete centros captadores e eliminadores de energia, os chacras, e neles estão os arquivos de nossa vivência integral. Na ocorrência de um trauma criam-se nódulos bloqueando a circulação de energia nesses centros, e esse bloqueio vai impedir que a energia vital que rege a vida chegue aos órgãos que cada centro de força alimenta. Isso provoca desequilíbrios e futuras doenças.

A memória de nossas experiências em outras vidas é codificada no novo corpo através da programação celular, e a mente transfere para a nova personalidade a experiência adquirida no passado. O cérebro é apenas o instrumento que a mente utiliza para operar na dimensão material.

Os registros dessas vivências assim como as emoções residuais do passado ficam então concentrados em cada um dos sete centros de força espalhados pelo corpo, podendo ser acessados consciente ou inconscientemente. Quando o paciente consegue atingir conscientemente um desses circuitos, além da compreensão da realidade passada, pode ainda desprogramar os registros negativos — reprogramando as experiências positivamente, por um enfoque mais lúcido.

Há muitos séculos que místicos, poetas e visionários sinalizam com revelações sobre como os aspectos negativos da vida influenciam na formação das doenças. A natureza das emoções está diretamente ligada à saúde ou à doença, porque a repetição dos padrões de emoções negativas se reflete no corpo físico, provocando desequilíbrios. Isto tem levado muitos cientistas a se dedicarem ao estudo dos efeitos do amor e do ódio sobre o organismo humano.

Ao registrarmos um trauma na memória, uma situação semelhante no futuro poderá reativá-lo, provocando o desenvolvimento de doenças, pelo bloqueio da circulação das energias que unem o corpo emocional ao físico. Essas doenças muitas vezes têm origem na memória cármica, e quando a carga emocional estocada neste registro é liberada, desaparece o problema físico que estava começando a se instalar.

Se uma pessoa, por exemplo, tem um núcleo traumático iniciado numa vida passada, ao sofrer uma experiência similar nesta vida, o sentimento se duplica. E este excesso de energias bloqueadas pode desenvolver doenças ou sensações semelhantes a doenças vividas em encarnações passadas, como foi o caso de Virgínia, funcionária pública, que começou a sofrer crises fracas de distúrbio do pânico ao ficar noiva do marido.

Mais de vinte anos depois, quando descobriu que o marido a estava traindo, os sintomas pioraram. Depois de rolar de consultório em consultório, em busca de solução para o problema,

inicia a terapia de regressão de memória a vidas passadas.

Numa vida anterior, ela foi um revolucionário levado à forca após haver sofrido a traição de um amigo. Ao viver a traição nesta vida, o núcleo traumático anterior foi atingido, duplicando-se. A carga emocional tornou-se insuportável, reativando a sensação de ameaça de morte da vida anterior, e que pensava estar na realidade presente.

Como consequência, foi tomada pelo distúrbio do pânico, provocado pela impressão de estar num beco sem saída.

A medicina batizou de distúrbio do pânico o medo descontrolado que surge sem razão aparente. Segundo a visão tradicional, os sintomas aparecem como consequência de forte estresse, em geral em forma de suor excessivo, dificuldade para respirar e dores no peito. A impressão de que algo terrível está para acontecer acaba provocando tonteiras e taquicardia, entre outras coisas.

Em minhas pesquisas, tomei conhecimento de inúmeras pessoas que, desde o início do século, habitavam vilarejos tranquilos e sofriam os mesmos sintomas de pânico. Portanto, o estresse da vida urbana não parece ser a única causa para esses sintomas. Em minha prática clínica, tenho ajudado pessoas com esses sintomas a localizar a origem em vidas passadas.

A observação me leva a acreditar que esses sintomas surgem quando uma situação de muita pressão desencadeia um circuito de medos desta encarnação, que se fundem com registros de memórias de vidas anteriores — um fator acumulativo que parece ser o estopim que coloca em cena o distúrbio do pânico.

Voltando ao caso de Virgínia, ela compreendeu a imobilidade que sentia diante de algumas situações e a fobia de viagens que começou após seus vinte anos.

A sua regressão começou com a caminhada para o cadafalso, liberando a forte tensão e pânico que a envolveram na primeira vivência conscientizada: “As minhas pernas pesam e não

consigo caminhar. Os dois guardas me puxam pelos braços e me arrastam. Tenho muito medo, estou tenso, todo duro e sou arrastado para uma praça. Vejo muitas pessoas e um padre com barrete na cabeça, uma bíblia e um crucifixo nas mãos. O carasco usa uma máscara no rosto. O guarda me força a ajoelhar, enquanto o padre reza, ele prepara a minha cabeça para a guilhotina, e eu vejo embaixo uma cesta e uma toalha branca. Aperto um lenço branco em minhas mãos com a inicial R bordada em tons rosados. Quero fugir e não posso.”

Ela revive até o momento em que foi decapitada na França, sentindo forte dor de cabeça. Para que eliminasse os resíduos emocionais da vida anterior, repassamos o fato até que os sintomas somáticos desaparecessem.

Nos casos de morte por guilhotina, tudo se passa muito rápido. Isso cria dificuldade para a consciência abandonar o corpo físico, como pude perceber na descrição de Virgínia, que continuou percebendo a cabeça rolando para o cesto.

Aprofundando as regressões atingimos a vida que deu origem à sequência de traumas residuais, quando, ainda criança, fora roubada de sua tribo na África e trazida para o Brasil num navio negreiro. Uma história de árduo trabalho escravo, a nostalgia de sua gente e sua terra, e o sentimento de liberdade que nunca mais experimentaria em vida.

Para completar o ciclo de medo e raiva ela teve uma vida mais recente no interior do Brasil, no início deste século. Muito jovem, ela veio para o Rio de Janeiro tentar a vida e acabou amante de um rico relojoeiro.

Durante a regressão, identifica o amigo que a traiu durante a revolução francesa reencarnado no amante idoso que a sustentava. Inconsciente da trama que se passa nos bastidores de sua mente, reflexo dos sentimentos do passado, a prostituta alimenta um desejo inconsciente de vingança, e age com cruel rejeição ao amante. Sente intenso prazer em torturá-lo, e assim o faz até

levá-lo ao suicídio.

Ela permanece fria e indiferente ao desespero dele e acompanha com desdém cada momento até que ele se envenena à sua frente. Somente horas depois, cai em si, e mergulha em profundo sentimento de culpa que acaba levando-a de volta à família no interior. Mas a tentativa de encontrar paz não acontece, e, envolvida pelos laços negativos do passado, ela se confunde entre os sentimentos de raiva, medo e agora de culpa. Desesperada, ela acaba jogando-se no poço do vilarejo.

Com Breno, microempresário, aconteceu algo parecido. Ele procurou a minha ajuda porque temia cometer alguma violência contra as pessoas que mais amava, e ficava aterrorizado diante de qualquer objeto cortante.

Acreditando que além da dificuldade de relacionamento entre ele e o pai, havia algo mais para explicar os sintomas, abandonei uma análise precipitada, e encaminhei a regressão para o início dos sintomas. Tudo começou quando Breno e o pai foram despedidos do sólido emprego em um banco que entrou em falência. Deslocando-nos cada vez mais em direção ao passado, seguimos a trajetória vivida com o “medo de não conseguir sobreviver”. Atingimos, então, uma encarnação em que fora lavrador. O pai, um senhor feudal, não o reconheceria como filho, que cresceu com muita dificuldade acompanhando a mãe, uma camponesa que plantava para sobreviver.

Ainda muito jovem, via-se com a responsabilidade de ajudar a mãe. Durante uma fase de perda da safra que levava para vender na cidade, ele se desespera e, já envolvido num processo de grande desequilíbrio, acaba matando a mãe pelas costas. Para o crime, serviu-se do facão que a mãe usava para descascar batatas.

Ao reviver o processo de loucura que se desencadeou após esse ato, o medo de objetos cortantes e o medo de cometer algo terrível contra as pessoas que amava foram diminuindo. Quando

o medo surgia, podia ser reconhecido e desativado pela consciência.

Sempre em busca da fonte que originou a dificuldade do camponês em enfrentar os desafios da sobrevivência, retornamos até uma existência num passado muito anterior, na Grécia antiga. Ele chefiara um exército para proteger a cidade dos invasores, mas acabou derrotado. Nesse momento, fixou-se um postulado que afetaria suas várias vidas futuras: “não sou capaz”.

A esposa e o filho recém-nascido partem para as montanhas com velhos, mulheres e crianças, enquanto os homens procuram defender a cidade:

“É uma luta feroz, todos gritam muito, eu não sei para onde correr... preciso matar todos os inimigos, preciso conseguir. Minha mulher e meu filho dependem de mim.

Consigo matar apenas uns poucos e logo sou atingido por uma espada, que me atravessa o tórax.”

A morte veio sem que ele pudesse defender a cidade e a família que dele dependiam. O sentimento de incapacidade instalou-se, assim como outro postulado que se impôs antes de morrer: “Tenho que matar todos que ameaçam a minha segurança.”

Em sua vida como camponês, o sentimento de impotência levou-o a assassinar quem identificou como fonte de angústia: a mãe, a quem teria que sustentar até a morte, como ela o lembrava constantemente. Para ele, a mãe representava também o inimigo, que lhe tirava a paz. E, na vida atual, ao perder o emprego e, conseqüentemente, a segurança, reativou o postulado: tenho que matar todos para sobreviver.

Veio então o receio de fazer mal aos seres que mais amava, pois havia duas reativações: a vida na Grécia, que gerou sentimentos de impotência, e a vida de camponês, quando a repetição ampliou esse sentimento, provocando a loucura.

Para desprogramar esses sentimentos é preciso reviver o

fato traumático, repassando várias vezes o acontecimento, desativando os postulados negativos que foram proferidos no passado, e que, apesar de desatualizados, ainda estão atuando no presente, provocando comportamentos inconscientes e compulsivos.

Carregamos no presente muitos postulados proferidos no passado, tais como “não posso me controlar”, “é mais forte do que eu”, “não consigo” ou “tudo de ruim me acontece”. Essas programações negativas prejudicam nossas realizações e, só quando desativadas, permitem a criação de outros postulados mais construtivos.

Quando fazemos afirmações negativas, estas podem ser ativadas em qualquer existência futura. Um exemplo muito significativo encontrei em Lídia, funcionária pública, que criou em uma existência passada um postulado que vigorou até esta vida, atravessando várias encarnações. Durante o enterro do marido, no século XVII, jurou com profunda convicção, diante de seu túmulo, que jamais amaria outro homem.

Reviver esse momento do passado a fez compreender o sentimento de traição e culpa que sentia sempre que se envolvia com um homem na vida atual. Esse sentimento impedia que ela se aprofundasse nos relacionamentos, criando uma vida solitária.

Diva, assessora de imprensa e estudante de psicologia, viveu, em uma de suas vidas, como um camponês na Itália. Cresceu com o pai que fora abandonado pela esposa e, desde jovem, após conhecer um artista que visitara seu vilarejo, sonhava em virar escultor e morar na cidade. Porém, quando o pai descobre que seria mais uma vez abandonado, perde a cabeça e, para impedi-lo de partir, atinge-o com um machado ferindo-o mortalmente.

Na vida seguinte, ele traz, além dos resíduos de frustração de seu sonho de liberdade, a revolta pela violência que o pai

cometera. Nasce desta vez na França, desenvolvendo um roteiro em busca da liberdade tão desejada. Ultrapassando barreiras morais, mantém uma relação incestuosa com a irmã e mata o pai bêbado que tenta violentá-la. Os dois fogem para Paris, e lá estudam e frequentam a roda da intelectualidade, participando dos movimentos da Revolução Francesa.

Mas o motivo que o leva a esse envolvimento é mais pessoal do que político ou social. A irmã acaba se envolvendo com um político de destaque e, quando o movimento é descoberto, ela é poupada pelo amante. O irmão não. Este morre com a raiva multiplicada, acumulando um novo carma, pois se sente traído e abandonado, e permanece aprisionado à vontade de vingança.

A regressão de Diva trouxe-lhe a compreensão da raiva contida nesta vida e da dificuldade em colocar-se diante de situações de violência, que provocava alergia e dores de cabeça insuportáveis. Seu tratamento está em curso e ela obteve melhoras consideráveis após a liberação dos núcleos traumáticos e do entendimento de seu processo cármico residual.

Para completar os exemplos, convém citar o caso de Sandra, especialista em informática, 33 anos, que pretendia com a terapia melhorar as dificuldades nos relacionamentos afetivos.

A origem básica de sua dificuldade estava no postulado negativo que construía numa vida anterior, quando seu marido a abandonara sem qualquer explicação, apesar de apaixonados e vivendo um relacionamento feliz. Ela descreve o desespero que sente no momento em que ele se despede e leva apenas algumas peças de roupa. Ela regride até umas semanas antes e fala do estranho comportamento do marido, distante e preocupado. Diante da dor, ela formulou a crença de que não valia a pena amar, pois o abandono era inevitável. Na vida seguinte e na atual, ela compulsivamente fugiu de um relacionamento mais profundo, ao mesmo tempo que a solidão passou a ser um dado torturante em suas vidas.

Depois de reviver os detalhes que não foram percebidos na época, ela descobre que a fuga fora consequência de uma reunião entre os membros do Conselho para o qual o marido trabalhava. Como não concordava com o golpe que estava sendo preparado, havia sido ameaçado de morte e, para poupá-la, fugiu sem nada dizer. Ela revive a chegada dos homens que o procuravam e a questionavam. Ela está enraivecida pelo abandono e eles concluem que ela nada sabe. Resolvem persegui-lo e, numa emboscada, matam-no.

Depois dessa compreensão, fica mais fácil apagar a crença de que o amor é algo perigoso e associado a abandono. Gradativamente, pode-se desligar circuitos negativos de mágoas e desenvolver um novo caminho em direção à felicidade.

Saúde e Doença

Todos sabem que uma boa saúde depende de alimentação adequada, vida ao ar livre, exercícios físicos, mas também de pensamentos e sentimentos harmoniosos. Vários estudos hoje comprovam que até mesmo o câncer pode ser provocado por estados de profunda depressão.

Já na década de 1930, o médico inglês Edward Bach, um grande pesquisador das essências florais, concluiu, baseado em anos de estudo, que “nós criamos o sofrimento e as doenças”. Segundo ele, a maioria das doenças é gerada na mente: “é essencial compreendermos que o ser humano possui dois aspectos — o espiritual e o físico. Este último tem um papel infinitamente menos importante na causa das doenças”. Para ele, a origem espiritual é preponderante, porque os conflitos da personalidade geram bloqueios que impedem o fluxo de energia vital do

espírito para o corpo físico. Este fluxo determina, entre outras coisas, o bom funcionamento do sistema imunológico.

O medo, por exemplo, cria placas no sistema circulatório que bloqueiam o fluxo de energia vital ou provocam um esvaziamento de energia. Como resultado, podemos ter o congestionamento ou enfraquecimento dos órgãos, com a deterioração de todo o organismo.

Aqueles que possuem uma capacidade de visão que transcende a matéria, podem perceber a camada energética que envolve o corpo físico. Quando existem pontos turvos nessa camada, significa que a energia está bloqueada. São estes pontos que causarão doenças físicas. O corpo sadio é sempre reflexo de sua camada energética brilhante e transparente.

Essa capacidade de leitura do campo energético pode ser feita pela vidência ou pelo tato magnético. O curador passa as mãos a alguns centímetros do corpo do paciente e sente os pontos de falta ou excesso de energia. Tanto um quanto outro representam desequilíbrio. O excesso provoca congestões, tumores, inflamações. Já a falta de energia traz anemias e diminui a resistência imunológica, entre outras doenças.

Sempre que a nossa personalidade atual não ouve as necessidades do espírito, deixando de ser um instrumento de expressão deste, começamos a adoecer. Devemos lembrar que o espírito contém a soma de todas as nossas existências anteriores e comunica-se com a nossa personalidade atual através de um canal, no alto de nossa cabeça, que está conectado com o cérebro.

Assim como um maestro rege a orquestra, o cérebro distribui a energia e as informações que vêm do espírito, mantendo o equilíbrio e o bom funcionamento de nosso corpo. Um certo dia, a personalidade rompe essa comunicação, bloqueando a entrada da energia e das informações, e, sem competência, passa a reger o corpo físico como uma orquestra sem maestro.

O que acontece? O caos se instala, desafinamos e tocamos

individualmente sem a integração necessária. Como uma planta que tem a sua raiz arrancada, começamos a sucumbir, perdemos o contato com a fonte de energia que nos alimenta e nosso estado emocional vai sendo afetado. Consequentemente, nosso corpo começa a apresentar problemas. Se não retomarmos a conexão com o nosso espírito, poderemos inclusive ser levados à morte.

Ao observarmos nossos sintomas físicos, poderemos aprender um pouco mais sobre nós mesmos. Os males do coração, por exemplo, geralmente estão ligados a sentimentos de culpa, mágoas e rancores, enquanto a raiva costuma interferir no processo digestivo. Os ressentidos em geral sentem angústia e opressão no peito, enquanto o medo está diretamente ligado aos rins.

Esses sintomas refletem o desequilíbrio emocional que altera o funcionamento dos chacras — discos de captação e distribuição de energia cósmica, localizados na camada energética chamada corpo emocional. Os chacras possuem várias entradas e várias saídas e alimentam de energia cósmica os órgãos relacionados com eles.

Com muita frequência, encontramos pacientes sofrendo com sintomas psicossomáticos permanentes que podem ser superados durante o processo terapêutico, como foi o caso de Alice. Ela me procurou quando já estava cansada de percorrer os consultórios médicos em suas diversas especialidades. Um dia, era o coração; outro, o fígado. Depois, dores no corpo; e assim por diante. Quando se convenceu que o problema estava na mente e não no corpo físico, decidiu encontrar a causa desses sintomas.

A terapia transcorreu por mais de um ano e meio e, a cada etapa, os sintomas se tornavam mais fracos. O ponto principal estava em seu orgulho exacerbado, que escondia um medo insuportável de ser abandonada. Depois de reviver os traumas da infância, passamos para outras vidas. Em todas as regressões,

ficou evidente uma sucessão de abandonos. Reviveu uma vida intrauterina em que foi abortada. Outra que o marido partiu para as Cruzadas e nunca mais voltou. Nesta vida, a separação dos pais. Depois de escoar toda a carga de dor bloqueada no passado, disfarçada sob a aparência de indiferença, Alice passou a sentir-se bem melhor.

Outros pacientes não obtiveram resultados porque lhes faltou a disciplina e a perseverança necessárias ao tratamento. É sempre bom lembrar que não existe milagre, qualquer transformação verdadeira depende da própria pessoa e requer dedicação e vontade firme para que a meta seja atingida. Quando isso ocorre, surge a integração dos aspectos positivos e negativos de nossa personalidade, assim como se fossem os dois lados da mesma moeda.

É comum o paciente apresentar mecanismos de defesa mais fortes quando está diante de uma vivência em que se encontra na pele do bandido. Assumir a responsabilidade por atos vergonhosos, trazendo à tona seus aspectos menos nobres, é uma tarefa difícil. Assim, vencidas barreiras como essas, O paciente vivencia o mal que causou a outras pessoas, desenvolvendo um nível maior de tolerância e compreensão sobre a natureza humana.

Uma de minhas pacientes, Perla, desenvolveu um mioma e buscou na expansão da consciência a maneira de eliminar as causas de sua doença. Durante a terapia, ultrapassando os limites do corpo físico, ela se sente dançando num outro espaço, entre paredes curvas, vermelhas e quentes.

Peço que observe com atenção onde se encontra e que relate tudo o que perceber. Ela sussurra, explicando que ainda não deve falar. Eu aguardo. Alguns segundos depois, ela diz que está no interior de seu útero, e eu peço que se concentre no ponto que tem deficiência de energia. Ela se sente integrada ao seu órgão reprodutor, realizando movimentos de dança que

coreografa instintivamente para harmonizar e energizar o útero.

Essa experiência trouxe-lhe um forte bem-estar, e Perla continuou o tratamento por mais algum tempo, até que perdemos contato. Não sei se ela continuou firme na sua transformação e no estreito relacionamento com seu corpo, evitando uma volta dos sintomas. Mas, ainda em tratamento, fez uma nova ultrassonografia do útero, pedida pelo seu médico. A avaliação foi surpreendente: o mioma havia desaparecido. Como era dançarina, suponho que essa foi a linguagem que escolheu para entrar em contato com seu corpo, promover a autocura e eliminar os bloqueios de energia que provocavam a doença.

Durante esse tipo de trabalho, sinto a constante presença da dimensão extrafísica e de seus habitantes. Agradeço o apoio de mestres de elevado grau evolutivo e das equipes lideradas por eles, sempre atuando para restabelecer a unidade do paciente com as leis da vida e do universo.

Como Perla é uma sensitiva desenvolvida, pôde perceber a presença de seres espirituais lhe colocando compressas curativas no interior do útero. Existe simultaneamente ao processo de psicoterapia um trabalho de limpeza, proteção e, muitas vezes, de elaboradas cirurgias espirituais.

Outra paciente, Andréa, também passou por experiência semelhante. Ao final de um ciclo de regressões em que reviveu sentimentos de mágoa, raiva e conscientizou-se de resíduos cármicos por mortes violentas, sentiu seu corpo adormecer. Logo em seguida, seu corpo começou a vibrar emitindo ondas de calor. Sentindo-se numa bolha líquida, ela capta a presença de seres de luz através de vibrações energéticas e, depois, vê um líquido viscoso e escuro saindo pelo lado esquerdo de seu corpo, desde a cabeça até a ponta dos dedos. Andréa percebe as cores que formam seus corpos físico, emocional, mental e espiritual, descrevendo as predominantes: rosa, amarelo e lilás. Relata que as depressões de energia são preenchidas por uma forte luz

branca.

Loucura? A sanidade do paciente e a gradativa redução dos sintomas não devem ser levados em conta? A grande causa de desequilíbrios e doenças vem dos sentimentos de raiva, medo e culpa. Mas a partir da percepção de que somos parte integrante da dialética universal, compreendemos que não existe um Deus carrasco, que dissemina o medo e o inferno para os culpados. Existem sim leis cósmicas operadas em colaboração com seres extrafísicos ou encarnados, e em estado de alto desenvolvimento da consciência. Essas leis criam sempre novas possibilidades de aprendizado e evolução para todos.

A cura ocorre pela desprogramação mental que libera as conexões deformadas, substituindo-as por outras novas e criativas. Cada novo paradigma e cada novo desempenho exigem a criação de outras conexões neuronais, aumentando assim a capacidade cerebral para atender aos apelos da consciência em expansão.

Minha experiência clínica demonstrou que a doença física é, em geral, desencadeada na alma, em função de agressões sofridas por agentes ambientais, externos, ou por causadores emocionais, internos.

As agressões de origem externa podem ainda partir da interferência de outras consciências encarnadas ou desencarnadas. As de origem interna são provocadas pela própria pessoa, por sentimentos coléricos, ressentimentos e mágoas, entre outros, e sua carga destrutiva acaba produzindo lesões na alma. Como a alma é a estrutura energética do corpo físico, todo desequilíbrio que contém se reproduz, na forma de doença, no corpo físico.

Para Jung, é justamente o desconhecimento de nossa natureza que permite o desenvolvimento das forças negativas inconscientes que, trabalhando na sombra, tornam-se cada vez mais poderosas. Segundo o psiquiatra suíço, ninguém está fora da sombra coletiva da humanidade. Ou seja: o bem e o mal

habitam o interior do ser humano e devem ser direcionados.

O físico Fritjof Capra considera que a valorização do crescimento interior do ser humano está sendo promovida pelas minorias oprimidas, pelas formas de cura holística e pelos movimentos espirituais. Radicado nos EUA e reconhecido mundialmente, ele tem observado um descontentamento de indivíduos e profissionais de saúde com a assistência médica tradicional.

A partir dessa insatisfação, vêm sendo criadas organizações que visam ao desenvolvimento de abordagens educacionais alternativas, com a promoção de hábitos saudáveis de lazer e alimentação, além do reconhecimento da responsabilidade pessoal pela saúde e do potencial do indivíduo para a autocura, com a ajuda das terapias não ortodoxas e espirituais.

Pela prática psicoterapêutica da tvp, pude constatar que a medicina espiritual conta com uma infinidade de seres, anônimos em sua maioria, que trabalham numa incessante pesquisa. Esses seres de luz intuem, sempre que possível, os sensitivos encarnados na assimilação de novas descobertas que façam avançar o conhecimento em relação à vida e à saúde no planeta.

De qualquer forma — e é preciso repetir sempre —, a responsabilidade pela doença é sempre nossa. Tomar consciência disso nos faz olhar de frente sua origem e lutar para superá-la.

Vida Após a Morte

“Somos feitos do mesmo material dos sonhos, e nossa curta vida termina como um sono.”

— Shakespeare

A medicina materialista define a morte clínica como o fim de tudo, mas uma nova classe de médicos e cientistas tem ultrapassado, com suas pesquisas, os limitados conceitos baseados exclusivamente na realidade física. A descoberta do DNA das células revela que cada indivíduo traz impresso nos genes o tempo de vida e, portanto, sua morte já está programada.

Se a morte é algo inevitável, isso explica o permanente interesse do ser humano em compreendê-la. O resultado dos estudos sobre as experiências de “quase morte” confirma o que as antigas filosofias assinalavam: a morte marca o início de outra etapa evolutiva, levando o espírito para a aventura do contato com novas realidades extrafísicas, em outras dimensões.

No século XIX, alguns pesquisadores procuraram, através de métodos científicos, estudar o ser humano além dos limites da matéria, com base em múltiplos fenômenos paranormais. William Barret, inglês, tenta desvendar os fenômenos da percepção extrassensorial; Charles Richet, médico e sábio francês, Prêmio Nobel de Medicina (1913), estabelece na mesma linha os fundamentos da metapsíquica moderna, organizando um método quantitativo para definir os fenômenos; J. B. Rhine, psicólogo e pesquisador, aprofunda-se no estudo das percepções extrassensoriais, sobretudo a telepatia e a clarividência.

A espiritualidade e os fenômenos mediúnicos estudados pelo pesquisador francês Allan Kardec receberam na área científica a atenção do respeitável físico inglês William Crookes, que desenvolveu um trabalho particularmente voltado para a

análise do fenômeno de materialização e desmaterialização.

Conceituado em sua época, Crookes pesquisou a matéria e a antimatéria, com os elementos atômicos. Esses estudos vão ao encontro das filosofias espiritualistas que afirmam que o ser humano é espírito, e este, energia, permanecendo portanto vivo além da morte material. O corpo físico representa apenas uma das várias manifestações da energia, um instrumento utilizado para as experiências no universo material. Campos de energias diversas interagem no universo, transformando-se em matéria “palpável” sob determinadas condições, formando planetas, estrelas, tempo, espaço, formas de vida como conhecemos.

Com Kardec, codificador da doutrina espírita, os estudos se estenderam ao processo de vida após a morte que, segundo ele, segue leis de efeitos contrários aos do nascimento. Na experiência de morte, rompe-se a força energética que une a consciência ao corpo físico, sobrevivendo então a desorganização celular. Quando o cordão de prata — fio energético que possui centros nervosos — separa-se do espírito, deixa de conduzir alimento fluídico para o corpo físico, que então se deteriora.

Assim, no instante da morte, o ser humano se desprende do corpo físico que utilizou na Terra e passa para dimensões invisíveis. Da mesma forma que as células se uniram para, condensadas, formar o corpo físico que “abrigará” o espírito ao reencarnar; com a morte, as moléculas se desprendem umas das outras, e o espírito recupera sua liberdade.

O espírito abandona o corpo quando a falta de condições físicas impede sua permanência ou quando percebe que já completou a fase de experiências a que se propôs antes de reencarnar. Nesse momento, rompem-se os laços energéticos que o unem ao corpo físico.

Ao observar as manifestações da mente humana, percebemos infinitas possibilidades, e tudo indica que a vida material é apenas uma parcela da realidade espiritual. Aqui encenamos um

“jogo cósmico”, cujas cartas são dadas ao reencarnar, e as probabilidades de vitórias e derrotas poderão ser transformadas no decorrer da “partida”.

A experiência mostra que algumas pessoas reencarnam com todas as chances de sucesso, mas desperdiçam-nas jogando mal”, enquanto outras nascem com pouquíssimas possibilidades e dão a virada, obtendo o sucesso de forma surpreendente.

São os mistérios da vida e da morte que permanecem sem respostas pela via do pensamento materialista. O filósofo chinês Confúcio, que viveu cerca de 500 a.C., já afirmava que “se nós ignoramos tudo sobre a vida, o que podemos então saber sobre a morte?” Aceitar nossa ignorância sobre a realidade da vida e da morte é o primeiro passo para um conhecimento mais verdadeiro da realidade espiritual. Infelizmente, costumamos nos arvorar em donos da verdade, usando argumentos quase sempre inadequados, impulsionados pelo medo que o contato com a morte costuma despertar.

Esse medo, muitas vezes pavor, afeta nossa percepção da vida, que fica impregnada, sobretudo, pela angústia gerada pela sensação equivocada de que morrer significa deixar de existir. Em geral, confundimos o ego com a consciência e, incapazes de distinguir a diferença entre eles, criamos mitos aterrorizantes em relação à morte.

O medo da morte vem do pavor atávico de deixar de existir, guiado pelo instinto de conservação da espécie e das sucessivas vivências dolorosas de desencarne, que impelem a consciência a fugir do que é considerado o fim de tudo. Desde cedo, costumamos encarar a morte como uma grande inimiga, sempre à espreita para nos ceifar a vida. Estamos sempre fugindo dela, e basta mencionar sua palavra e um arrepio nos percorre o corpo.

Esse sentimento não deve causar imobilidade nem impedir o fluxo da vida, pois cada momento surge para oferecer-nos infinitas chances de recuperar o tempo perdido. E cada instante

deve ser usufruído intensamente, sem empurrarmos com a barriga qualquer problema, nem passar de raspão pela vida.

O problema é que esse medo terrível da morte parece ser responsável pela má qualidade de vida que, muitas vezes, nos impomos. Se não aceitamos morrer, geramos angústias e ansiedades exageradas, ficando difícil aprender a viver. Vida e morte são faces de uma mesma moeda, assim como a respiração implica inspirar e expirar, jamais poderemos ter apenas a experiência da vida.

No Evangelho, São Tomé diz: “Identifica o que está ante teus olhos, e o que estiver oculto lhe será revelado.” Trata-se de uma maneira poética de mostrar que, somente olhando de frente o presente, compreenderemos os grandes mistérios do universo.

No entanto, ao reviver a experiência de morte pelas várias vivências passadas, podemos perceber que a consciência sobrevive à perda do corpo físico. Compreendemos assim a eternidade do espírito. Revivendo as muitas mortes passadas, entendemos, finalmente, que quando abandonamos o corpo físico, o que acaba é apenas o invólucro.

Após uma regressão, uma paciente compreendeu seu estranho comportamento nesta vida. Durante um incêndio no prédio em que se encontrava, no décimo andar, ela deitou-se no chão, aguardando a morte, enquanto todos lutavam para encontrar uma saída. Depois que todos foram salvos, ela foi encontrada, intoxicada e desmaiada no ambiente enfumaçado. Essa atitude estranha de entregar-se à morte sem lutar para achar uma saída foi reestimulada pela experiência numa vida anterior. Na França, ela foi uma aristocrata. Em tempos difíceis de revolta popular, ela saiu em busca de conhecidos que pudessem ajudá-la a esconder-se e proteger seus bens. Não encontrando quem procurava, voltou à casa e a viu incendiada. Desesperada, penetrou entre as chamas apegada sobretudo ao piano de estimação. E, agarrada a ele, morreu queimada.

Pela compreensão de nossos traumas e dificuldades, podemos então nos aventurar na experiência de viver, enfrentando criativamente as dificuldades, aceitando e compensando as perdas e permitindo que novas possibilidades se apresentem.

Mas a capacidade de olhar de frente o presente depende do nível de desapego ao passado, que pode ser trabalhado pela regressão através da tvp. É o que estão fazendo alguns pesquisadores do mundo inteiro, como os americanos Michel Sabom e Raymond Moody, que estudam pacientes que passaram por experiências de “quase morte”. Véus que encobrem o mistério da morte começam a ser revelados, demonstrando que de 10% a 15% das pessoas que vivenciaram esse fenômeno se lembram de ter percebido sua consciência fora do corpo físico.

Algumas falam que foram atraídas por uma luz enquanto atravessavam um túnel, mas que então passaram a ser orientadas por uma voz ou figura angélica ao retornar ao seu corpo físico. Muitos relatos dão conta de pessoas que, ao redor, tentaram reanimar seus corpos, outros chegaram a ver seus parentes chorando sua morte, para logo após retornar ao corpo físico.

Apesar de os cientistas ortodoxos serem refratários a essas revelações, acusando-as de visões imaginárias, a maioria dos relatos é confirmada por pessoas que estiveram presentes em diversas situações de “quase morte ou regressão à morte em vidas anteriores.

Uma experiência que tem muita semelhança com situações de “quase morte” ocorre durante operações, e os relatos revelam que, apesar de ficar em estado de anestesia geral, alguns conseguem acompanhar o procedimento médico no centro cirúrgico. Isto demonstra que a consciência estava fora do corpo, “desdobrada”, em estado de expansão.

Eu mesma vivenciei, adolescente, durante uma cirurgia, uma saída brusca do corpo. Ao ser injetado o anestésico em minha veia, fui projetada astralmente, elevando-me acima do

centro cirúrgico. Do alto, pude então ver o meu corpo e a equipe médica trabalhando nele. A aproximação de um ser iluminado impediu que eu entrasse em pânico, tirando-me a consciência do que ocorreu depois, e só voltei a lembrar-me da saída do corpo quando acabou o efeito da anestesia.

Para os que estão concluindo, precipitadamente, que tudo não passou de alucinação tóxica causada pelo anestésico, devo acrescentar que alguns médicos pesquisam esses casos, entre eles a norte-americana Elizabeth Kubler-Ross, que acompanhou milhares de experiências de “quase morte” por diferentes causas. Ela ainda desenvolveu um estudo profundo com pacientes terminais, para a compreensão dos mistérios que envolvem a morte.

Esse fato inevitável na vida de todos, e tão negado culturalmente, pode fornecer meios de ajudar o ser humano a enfrentar essa transição. As pesquisas da Dra. Elizabeth, para avaliar os casos de “quase morte” de pessoas que reviveram após segundos de morte clínica, confirmam que a consciência experimenta vivências fora do corpo físico.

Nesses casos, ao voltar à vida, de forma muitas vezes inexplicável aos olhos da medicina, as pessoas relatam experiências semelhantes que independem de idade, sexo ou nível cultural. Os estudos da Dra. Elizabeth mostram que, aqueles que conseguem reviver após ter segundos de morte cerebral comprovados, deixaram o corpo físico, podendo ver o que se passava à sua volta.

Isto acontece não mais com a consciência mortal, pois a percepção física cerebral não estava mais funcionando. Tudo então passa a ser percebido pela consciência espiritual, demonstrando que, sendo energia, ela permanece após o fim das funções cerebrais.

Para a cientista norte-americana, que acompanha doentes terminais ouvindo seus medos e suas crenças, o momento da

morte apresenta etapas semelhantes às que ocorrem com a borboleta que deixa o casulo para alçar seu voo em direção ao espaço. A lagarta e o casulo representam o corpo humano passageiro, e segundo relatos de seus pacientes, morrer é simplesmente mudar para uma casa mais bonita. Assim como o casulo que, ao se arruinar de modo irreversível, libera a borboleta, o espírito se liberta do corpo físico.

Essa analogia me remeteu à infância, quando tinha cerca de três anos de idade e meu pai recolheu uma enorme lagarta, cinzenta, peluda, arrastando-se pesada pelo chão do quintal. Pegando-a cuidadosamente, colocou-a numa caixa de sapatos, em que fizera pequenos orifícios nas laterais e forrara por dentro com folhas de mangueira. Enquanto amarrava a tampa com um fio de barbante, cruzando-o nos quatro lados, explicou-nos, a mim e a meus irmãos, que só quando escutássemos algo se debatendo para sair é que poderíamos abrir a caixa. Presenciaríamos então uma incrível surpresa: a lagarta iria se transformar numa linda borboleta. Durante dias, não sei quantos, pois aos três anos a noção de tempo é pouco compreensível, acompanhei curiosa, espiando frequentemente pelos buracos da caixa. Lá dentro, a escuridão e o silêncio. A pesada lagarta mal se movia, e a sua presença só era percebida pelo cheiro forte e acre que exalava. Tudo parecia estranho, inclusive as letras ininteligíveis da sapataria impressas na caixa, e que eu associava ao fato que ocorria em seu interior e à ansiedade com que eu procurava compreender o mistério que demorava a se apresentar. Finalmente, certo dia, ao me aproximar da caixa, ouvi algo se debatendo no seu interior, e entre o susto e a curiosidade, desfiz num só puxão o laço do barbante. Ao levantar a tampa, perdi o fôlego, extasiada diante de uma linda borboleta; com movimentos inseguros, sobrevoou alguns metros, abrindo as asas coloridas, para em seguida alçar voo em busca de novos horizontes.

Na caixa de sapatos, apenas vestígios do que fora um dia a

pesada lagarta: o casulo que até então fora sua morada. Dessa forma, pude compreender o que a Dra. Elizabeth quis dizer ao associar os relatos de seus pacientes em vivências de “quase morte” com o voo da borboleta ao libertar-se do casulo. Quando a respiração cessa e as ondas cerebrais paralisam, se estivermos preparados, poderemos, como a borboleta, voar para o exterior do casulo, em direção ao infinito. Para eliminar as barreiras entre a matéria e o espírito, nada melhor que trabalhar as sucessivas vidas e mortes, percebendo que o “lado de lá” é apenas outra dimensão que interage com nosso mundo físico. Ao desenvolver a percepção de nossa realidade integral, compreendemos o ego como sendo a personalidade construída em uma encarnação, a partir de nossa herança genética, das relações familiares, do meio social. E o ego está ligado à consciência, numa dimensão invisível, permanecendo interligados durante a vida física, por cordões energéticos.

O espírito imortal reúne nossas experiências nas diversas reencarnações, e essa memória pode, nesta nova etapa evolutiva da humanidade, ser gradativamente alcançada.

O medo da morte ocupou uma vertente dos estudos do pedagogo e pesquisador Piaget, por exemplo, ao tratar do momento em que a criança toma consciência de si mesma como indivíduo. Neste instante, ela se sente afetada pelo medo da morte. A partir daí, a criança passa a se interessar pelo tema com o sentimento de impotência que surge quando a morte ganha o significado do fim das coisas, como se fosse a destruição definitiva do sucesso, do prazer. O indivíduo, assim, cresce sob um prisma negativo, com uma imagem distorcida da morte, criada a partir dos dados formulados pela sociedade em que ele vive. Passa então por um processo penoso, de ansiedade extrema, em que se boicota a vida inteira, ao tentar, sem sucesso, driblar a morte, vencê-la.

Acreditar que a morte é apenas uma etapa da vida transfor-

ma o medo impresso em nossas mentes, ao longo de nossa trajetória cármica. A morte deixa de ser encarada como uma ruptura definitiva com a existência.

Perceber e aceitar a morte como uma transformação inevitável é essencial para se tentar viver o presente de forma intensa e completa. Duvidar, claro, faz parte do gênero humano. Por mais que tenhamos convicção a respeito da existência da vida após a morte, baseados em experiências ocorridas conosco e que se repetem ao longo da história, em determinados momentos o instinto de sobrevivência fala mais alto. Instinto que atua no sentido de nos aferrarmos à vida, negando a morte.

Mas isso não deve impedir jamais a busca pelo autoconhecimento e pelo equilíbrio mental. Maior conhecimento de si mesmo significa domar aos poucos nossos instintos mais primários. Nessa linha evolutiva, a partir de experiências históricas da humanidade e de novos estudos e fenômenos que continuam a surgir a todo momento, é de bom senso levar em conta a possibilidade da existência de outras dimensões e da vida após a morte.

Conscientes da profundidade desses novos paradigmas, muitos cientistas já aceitam que o espírito pode influir nos mecanismos bioquímicos que regulam o corpo, como a pressão sanguínea ou a produção hormonal. Estudos mais avançados tentam compreender a forma como o espírito anima a estrutura corporal por sistemas multidimensionais, chamados corpos sutis ou energéticos, que incluem o físico, o emocional e o mental.

Segundo a física contemporânea, a matéria é feita de energia, que está em eterna transformação. Portanto, como matéria, somos seres eternos em constante transformação, feitos de energia. Por esse raciocínio filosófico, embasado em fenômenos empíricos e estudos científicos não ortodoxos, podemos concluir que não morremos, mas seguimos expandindo nossa consciência, em uma contínua evolução energética, sempre conservando

o registro de nossas vivências. O estudo da projeção da consciência para fora dos limites do corpo físico, por morte ou “quase morte”, conhecida como “projeciologia”, merece atualmente especial atenção em centros universitários americanos e europeus e em algumas instituições de pesquisa brasileiras, como o Instituto Internacional de Projeciologia, comandado pelo professor Waldo Vieira. Muitas pessoas já se sentiram conscientemente sonhando, com a possibilidade de comandar o seu deslocamento de um espaço para outro, tendo a sensação de estar voando. Ao ocorrer esse fenômeno, provavelmente você não estará sonhando, mas sendo projetado astralmente. Muitas vezes, ficamos assustados ao tirar um cochilo e ter a impressão de uma forte queda. Isso quase sempre ocorre no momento de saída da consciência, devido ao receio de prosseguirmos a “viagem” ou mesmo a algum barulho próximo ao local onde se está dormindo, provocando a volta súbita do espírito ao corpo.

Experiências como essas vêm sendo estudadas por várias correntes da psicologia transpessoal, na busca de uma melhor compreensão da ação da mente sobre a matéria. Como a consciência não está limitada ao tempo e ao espaço, pode deslocar-se até outras dimensões. Ela não opera linearmente, pois está fora dos limites físicos da terceira dimensão. Encontra-se numa dimensão sucessiva, a quarta, imaterial, como podemos observar pelo exemplo da paciente Vânia, 33 anos, professora primária, que, ao expandir a sua consciência para fora dos limites da matéria, regride a uma outra existência, numa vida no Rio Grande do Sul, no início deste século. Ela comete o suicídio amargurada pelo sentimento de culpa depois de ter abandonado o marido e os filhos; inconformado pelo abandono, o marido também se mata junto com as crianças. Mantendo a consciência desperta após a morte, ela descreve a saída do corpo e os primeiros contatos com a realidade espiritual:

“Estou me sentindo fraca, um forte zumbido nos ouvidos...

parece que uma força me puxa para baixo, e eu não sinto o peso da gravidade, viro de cabeça para baixo. Agora subo vertiginosamente, a minha cabeça parece estar abaixo do meu corpo e eu me sinto crescendo, estou grande...”

A experiência de morte, seguida pelo rompimento do cordão energético que une o corpo físico ao espírito, é vivida intensamente, e ela reage com movimentos corporais, agita-se, contorcendo-se:

“A força agora me puxa para cima, percebo alguns pontos luminosos à minha volta... rápidos e claros, outros menos claros... agora me sinto em pé, com uma pressão no alto da cabeça, parece que o meu cérebro vai explodir, parece que vai ser retirado pela pressão... Agora, sinto uma pressão na nuca, e volto ao meu tamanho normal, mas volto a sentir-me puxada pelo lado esquerdo, em velocidade tão rápida que sinto meu rosto deformar-se. Tenho medo de me entregar a esse sonho...”

Após uma pausa, ela continua:

“Não sei o que aconteceu, mas não sinto mais nada, apenas sono, como há muito tempo eu não sentia.”

Morrer é nascer para a vida extrafísica, e exige esforço semelhante ao nascimento para a vida material. Exausta, a paciente adormece por alguns minutos, para recuperar a energia despendida durante a experiência.

Ao realizarmos uma regressão, entramos em contato com o campo energético em que estão gravadas vivências geralmente traumáticas. Liberamos então partes do fluxo congestionado dessa consciência, formada pela experiência de vidas passadas, pelo percentual genético e também pela vivência com a realidade familiar e social. Portanto, se passamos a compreender a vida como algo permanente, o fenômeno chamado morte poderá ser confrontado, aceito e compreendido. Estaremos dissolvendo a barreira que impede a compreensão daquilo que, mais cedo ou mais tarde, fatalmente iremos experimentar: a morte física.

Após quase um século de pesquisas nessa área, parece não haver dúvidas de que o ser humano possui, além da memória orgânica parecida com a dos animais — que armazenam e reproduzem as impressões deixadas pelos estímulos externos, de forma instintiva —, a memória psíquica, que possibilita a reprodução das imagens gravadas, pela evocação voluntária ou involuntária. Isto é, nossos cinco sentidos podem reestimular uma memória passada, desta ou de outra existência. É o que ocorre quando, por exemplo, sentimos um odor ou ouvimos uma música e lembramos de um fato ocorrido na infância ou em qualquer outra época, trazendo à tona as emoções vivenciadas no pretérito.

Nosso cérebro funciona como um computador, registrando a memória em vários arquivos, que podem ser acessados por nossa vontade ou, simplesmente, reativados quando enfrentamos uma situação que contenha semelhança com fatos ocorridos no passado e que ficaram gravados no núcleo dos neurônios. Já se sabe que os elétrons trazem a memória do que foram no passado, toda a programação desde o início dos tempos e também daquilo que serão, possibilidades que poderão ser desenvolvidas na escala evolutiva.

Segundo pesquisas mais recentes, parece que a herança genética transmitida através dos genes do DNA mantém a estrutura básica da vida, como um arquivo que funciona por sistema dinâmico. Nele devem estar registradas as vivências de vidas pretéritas, seguindo o raciocínio do bioquímico e biólogo celular R. Sheldrake, doutorado em Cambridge. Ele fala sobre a “ressonância mórfica, um processo que acumula experiências por repetição no aprendizado”. Ele afirma ainda que a forma de um organismo depende de um arquétipo preexistente, que modela o seu desenvolvimento. Isto equivale a dizer que existiria um organizador por trás da mente, modelando o corpo físico.

Muita semelhança com a definição apresentada por várias

correntes do estudo da espiritualidade, tanto oriental quanto ocidental, que consideram o perispírito ou suas diversas denominações como um campo-organizador da forma — campo que estaria submetido ao espírito. Tornando mais claro: na região material do organismo humano, os genes correspondem às telas receptoras das informações que vêm das regiões espirituais. Estas, por sua vez, atuariam na formação do novo corpo físico, permitindo então a continuidade da experiência evolutiva na dimensão física.

Morte Violenta

Reações diferentes são provocadas pelas mortes violentas, gerando marcas para a reencarnação seguinte, embora estas possam ser suavizadas durante o intervalo entre uma vida e outra. Muitos traumas chegam a comprometer a integridade emocional e física da pessoa, sendo responsáveis por boa parte das enfermidades e desequilíbrios psíquicos na existência futura.

No momento de uma morte traumática, a consciência é projetada para fora do corpo, rompendo-se violentamente os ligamentos energéticos que a prendem ao corpo físico, sem que haja tempo suficiente para que, naturalmente, desapegue-se da matéria.

Quando isso ocorre, a consciência permanece próxima ao corpo, presa por alguns tênues fios de energia, como revelam muitos casos registrados em vários países por médiuns clarividentes e também pelas vivências em tvp. Se tivermos mais dificuldade em aceitar a realidade após a morte, mais complicada será a adaptação a essa nova dimensão. Por isso, são comuns nas descrições de regressões, a angústia e a perturbação

em que se encontra o ser que desencarna de forma violenta. Pelos fios energéticos, o corpo físico recebe emanções do espírito que, por sua vez, recebe da matéria as densas energias. No caso de desencarne abrupto, as energias referentes ao processo da putrefação continuam sendo percebidas pelo espírito. O peso do desespero dos acidentados, as emoções densas que levam ao suicídio, tudo isso permanece agregado ao espírito.

Podemos acompanhar o caso de Anete, geóloga, 45 anos, que revive uma encarnação em que foi um homem assassinado por mendigos num cais. Ferido por um instrumento cortante que lhe abre o peito, tudo se passa tão rapidamente que o desencarne ocorre sem que ele perceba. Seu espírito permanece muito tempo perturbado confundindo-se com as sensações físicas que o espírito ainda recebe do corpo:

“Estou nervoso... e me escondo dentro d'água, agarrado ao casco velho de um navio. O ferimento arde, mas eu fico quieto, esperando eles irem. A água está vermelha cor de sangue. Sinto enjoo. O sangue não é meu, de onde vem?”

Ele já está morto, mas a sua mente nega-se a ver o fato:

“Passo muito tempo ali, acho que noites, alguns dias talvez. Estou muito cansado, minha roupa está esfarrapada e meu corpo está doído de tanto esforço que fiz. Meu corpo está machucado de tanto se bater, como se tivesse passado por um corredor em turbulência... rodando e batendo...”

Ele não percebe que seu corpo está sendo levado pelas ondas e bate contra as pedras, e mais e mais confuso continua: “Consigno chegar até uma praia. Sinto cheiro de podre, vejo uns pedaços gelatinosos à minha volta, nojentos, parecem restos de peixe.”

Anete traz à tona uma vivência de morte que permanecera bloqueada na sua memória integral. Ao entrar em contato com essa vivência, toma consciência do que aconteceu e reintegra

uma parte sua esquecida no tempo e no espaço.

Peço que olhe o ferimento no peito, para, gradativamente, levar a paciente a se conscientizar da morte. Ela se defende da realidade, dizendo que sangrara muito, mas já parou, e que tudo está bem.

Peço que olhe onde está, a posição do seu corpo, e pouco a pouco ela vai percebendo o estado em que se encontrava. Cheia de surpresa, conclui que o vermelho em seu corpo pode ser sangue coagulado: “É como se eu tivesse morrido e visse meu corpo apodrecer...”

Perplexa, constata que havia morrido no mar, e, deixando emergir a memória bloqueada no núcleo traumático, vai se lembrando que ficou muito fraca e permaneceu longo tempo na água. Para que libere a carga emocional restante, peço que volte aos seus últimos momentos dessa vida.

“Sai muito sangue pela garganta... o ferimento foi interno... sai muito sangue, tenho ânsia de vômito. Sinto muito enjoo e a sensação de sufocamento... Eu saio do meu corpo antes de acabar de morrer, para não viver a sensação da morte. Tenho medo. Vejo o meu corpo boiando. Ele vai apodrecendo e os peixes o comem aos poucos.”

A morte é um fenômeno biológico que nos coloca em ambientes que se estendem além da nossa dimensão física, espaços existentes em diversas dimensões paralelas à que vivemos. Mas, para percebermos a mudança de realidade que ocorre após a morte, precisamos operar uma desprogramação de nossa estrutura mental, aceitando que podem existir outras realidades além da que conhecemos. Ou, então, permaneceremos prisioneiros nos umbrais da dimensão física.

Quando Anete aceita a perda da vida física, ela desprende uma parte de sua mente que estava prisioneira naquele local, e descreve, extasiada: “Vejo uma luz vertical muito forte... uma plantação de trigo muito dourada... Eu sinto que posso voar pela

superfície dessa plantação como um pássaro dourado, e ganhar cada vez mais altura...”

Nessa caminhada evolutiva, Anete demonstra que do estado sólido da matéria passamos para dimensões energéticas menos densas, que o atual estágio do conhecimento humano pode captar apenas em ocasiões especiais. Sabemos ainda que o nível de evolução que uma consciência encarnada alcança em sua vida terrena determinará a dimensão espiritual que atingirá após a morte.

Nesse sentido, é ilusão achar que, necessariamente, “do outro lado as coisas vão melhorar”. Poderá ou não ser verdade, pois “do lado de lá” mantemos nossos vícios e virtudes, desejos e aspirações, mudando apenas a frequência energética. Assim, uma pessoa cruel, com ódio e ressentimentos no coração e, portanto, movida a vibrações negativas, provavelmente passará, ao desencarnar, por duras provas, ao se ver cercada por consciências que vibram na mesma sintonia que ela; criando um cenário apavorante de violência.

Trabalhar a experiência de morte ajuda a eliminar os resíduos que afetam a vida atual. Por mais traumatizante que isso possa parecer, ao atravessar esse momento, com a ajuda de técnicas de expansão da consciência, uma pessoa pode compreender que, após a morte, encontrará uma realidade semelhante a que deixou nesta vida, de acordo com a dimensão vibracional, energética, de seus pensamentos.

Assim foi a experiência de Nádía, fotógrafa, 27 anos, ao viver uma encarnação num corpo masculino, como soldado aviador que descreve o prazer em bombardear uma cidade, durante a Segunda Guerra Mundial. Do alto, ele vê apenas as explosões como se fossem um brinquedo, percebendo tudo de uma dimensão irreal, sem contato com as pessoas. De repente, seu avião é abatido, e sente um medo terrível ao perceber o aparelho caindo.

O choque é tão grande que ele não percebe a morte e, pen-

sando que ainda está vivo, sai do avião. Vê muita gente à sua volta, todos mortos. São as vítimas de seu bombardeio. Corpos queimados, amontoados, um cheiro forte de queimado, ele cambaleando por entre os destroços. Tudo parece diferente da visão que tinha lá de cima. Nunca havia imaginado algo assim, sente-se horrorizado.

Tem medo. Percebe que seu corpo está muito ferido, sangrando. Senta-se embaixo de uma árvore, perdendo as forças. Um tempo depois, ele descobre seu corpo inerte embaixo da árvore e fica confuso, vagando por muito tempo entre trapos humanos tão angustiados quanto ele.

Tomando consciência desse episódio, Nádia compreende um pouco das dificuldades da sua vida atual e as influências as influências da reencarnação passada sobre ela. Faz as conexões sobre o modo como vive no presente: num corpo de mulher, mas com comportamento masculino e direcionando a violência para si própria.

A Quanto mais apego à matéria, mais sofrimento em aceitar a morte. A vivência fica gravada no corpo mental da pessoa, continuando a atuar durante o processo de reencarnação, quando a consciência age fortemente na criação do novo ser humano em gestação. Somadas à experiência do nascimento, essas marcas tornam-se significativas no futuro desenvolvimento comportamental do indivíduo.

Na terapia de vidas passadas, os registros da morte e do nascimento estão associados a sentimentos de asfixia, opressão física, impotência, dor e medo. Por isso, durante regressões aos instantes de morte ou nascimento, é comum o paciente apresentar espasmos, sufocamentos, vômitos, tremores e contrações pelo corpo.

Com o desenrolar do processo terapêutico, porém, o medo e a impotência costumam se dissolver, tornando a pessoa capaz de superar esses traumas.

Pelo que pude observar em minha prática clínica, quando a morte acontece de forma violenta, o ser humano encontra-se em pleno vigor e apego à forma material, e a brusca ruptura torna a experiência de morte mais difícil e traumática.

Os relatos de acidentes, vítimas de guerra, suicídios ou homicídios apresentam em comum o fato de a pessoa permanecer inconsciente da brusca mudança de realidade, considerando-se ainda possuidora do corpo físico que envergava. Geralmente, continua-se utilizando apenas os cinco sentidos materiais e sofrendo as consequências dessa ilusão: fome, sede, dores, emoções.

Ao descrever um naufrágio, Olavo, 35 anos, escriturário, não percebe, inicialmente, que está revivendo uma experiência de morte numa existência passada. Algum tempo depois, percebe-se no alto de um penhasco. Sem notar que já está morto, sua consciência se desloca rapidamente, de um ponto a outro, ainda sentindo as dores e o cansaço:

“Devo ter me machucado muito”, diz ele, com a respiração ofegante, “pois vejo meu corpo curvado e se arrastando pelo penhasco.”

Nessa situação típica de confusão e inconsciência, a pessoa fica aprisionada nas regiões de muita densidade, que contêm pesadas energias de dor, sofrimento, angústia, raiva e tudo o mais que causa o desespero humano. Olavo vai à frente e atrás no tempo, como um bêbado que vive a fragmentação mental:

“É noite e está muito escuro. Sinto-me boiando sobre as águas do mar... não sinto nada. Depois de muito tempo, consigo chegar à praia, e fico deitado porque não tenho forças pra me levantar... Agora já consigo me arrastar até um penhasco, e subo com dificuldade, e às vezes posso ver de longe o meu corpo andando tropeadamente.”

Olavo fica muito tempo deprimido, encolhido no penhasco escuro, assustado com figuras deformadas que vê passar. Peça

que se adiante ao momento em que encontrou ajuda. Ele descreve um círculo de luz que desce sobre ele e o suga como um aspirador. Perde a noção de tempo, até que se encontra num hospital, assustando-se ao perceber seu corpo disforme sobre um leito. Esse estado de deformação é consequência do tempo de depressão em que permaneceu perdido nas dimensões densas, onde sua vontade ficara comprometida. A energia do pensamento é que modela os corpos extrafísicos, e a confusão se reflete na dispersão de sua forma.

No Livro dos Mortos, escrito há mais de cinco mil anos pelo povo tibetano, existe a descrição dessa luz que a pessoa encontra após a morte.

Olavo experimentou o gostinho dessa luz, e quando estava chegando de volta à sua colônia de origem, sentiu saudades do passado na vida física, e este apego acabou sugando-o, e suas emoções o fizeram retornar a uma região menos paradisíaca e mais de acordo com a qualidade de seus pensamentos.

Suicídio

A tvp ajuda também na compreensão dos mistérios que tornam maior ainda o sofrimento dos suicidas, depois do seu desencarne. A pessoa que se mata permanece perto do corpo físico, acompanhando o processo de decomposição, pois o cordão de prata, que mantém a consciência ligada ao corpo físico, ainda não se rompeu completamente, mantendo o enraizamento na dimensão material.

Como a morte violenta não permite o enfraquecimento gradual deste fio, podemos concluir que o sofrimento que os suicidas enfrentam vem da constatação de que, ao tirar a própria vida, não conseguem terminar com o sofrimento do qual tentavam fugir.

A profunda dor de observar a sua forma física se deteriorando provoca no suicida desespero e impotência, pela impossibilidade de ausentar-se dali, de escapar de uma realidade insuportável.

Podemos imaginar o desespero de alguém que, para fugir de uma situação, resolve pôr fim ao corpo físico, acreditando que sua forma física representava a realidade da qual desejava escapar, e surpreende-se ao perceber que tudo continua igual após a morte. Mudou apenas o endereço do seu sofrimento, pois levamos para a outra dimensão a mesma angústia e dor que vivíamos aqui.

O corpo físico apodrece, mas a realidade do seu espírito permanece mais viva do que nunca. Até que a energia que liga o corpo e o espírito se esgote, a consciência ficará aprisionada à matéria — e, em desespero, continuará tentando fugir de si mesma, criando um estado patológico prejudicial ao seu campo energético. São produzidas então marcas profundas para a reencarnação seguinte.

Vejam os exemplos de Virgínia, que confirma vários outros

casos que encontrei ao longo das regressões com incidentes suicidas. “Quero sair daqui”, murmura, desesperada, após jogar-se num poço. Ela está assustada com a escuridão em que se encontra e as dores que sente por todo o corpo. “Alguém precisa me tirar daqui, preciso de ajuda...”

Quando o corpo é descoberto, ela sente as cordas suspendendo seu corpo:

“Parece que estou cheia de ar... o que está acontecendo?” Ela percebe então que está inchada, deformada e debate-se para compreender o que está ocorrendo:

“Eu quero falar, por que ninguém me ouve?”

A profunda agonia faz com que perca as forças e cansada adormece. Muito tempo depois, quando sai da inconsciência, já está sendo recolhida do umbral. Descreve um lugar branco e uma mulher de vestes claras que se aproxima, levando-a dali.

“Vejo-me voando, amparada por ela. Continuo com sono, e ela me diz que logo chegaremos e poderei descansar.”

Muitos espíritos procuram ajudar na recuperação dos suicidas, através de vários processos, inclusive a cromoterapia, para ajudar na cura do processo depressivo que leva à imobilização. Nestes casos, o amarelo dourado é muito usado sobre o estômago e o baço, onde se encontra o plexo solar.

Uma experiência que prova a influência que as cores exercem sobre o estado de espírito das pessoas aconteceu depois, que a ponte preta de Blackfreer em Londres foi pintada de azul. As estatísticas dos pesquisadores mostraram que diminuiu o número de suicídios que ocorriam nela.

Alguns estudos laboratoriais revelam, por eletrocardiogramas e eletroencefalogramas, as perturbações provocadas pelas cores, que podem, entre outras coisas, acelerar as pulsações cardíacas e ajudar na recuperação de doentes com depressão aguda.

Estamos ainda engatinhando no conhecimento e no uso da cromoterapia. No entanto, na dimensão espiritual ela é am-

plamente utilizada. Muitos que relembram a vida após a morte descrevem tratamentos feitos à base de luz e cores, além de hidroterapia, em cachoeiras e lagos tranquilos.

Necrópsia

Outra situação bastante traumática para a consciência são os casos de necropsia. Alguns pacientes passaram por vivências em que seu corpo sofrera necropsia, demonstrando que a consciência pode permanecer desperta após a morte. Assim, ainda se sentindo presa ao corpo físico, vive um enorme sofrimento com a violência da situação.

Cássia, 30 anos, massoterapeuta, inicia uma regressão descrevendo alguns homens à sua volta:

“Sou um homem e estou deitado sobre uma mesa de madeira rústica. Estou nu, sou jovem e sinto muito medo. Algumas imagens fragmentadas atravessam minha mente, e lembro-me de ter sido levado numa carruagem... não, antes eu estava numa taberna, houve uma briga...”

Ele está bem confuso e, só mais tarde, quando as peças do quebra-cabeça se encaixarem, ele compreenderá que morrera com um tiro durante uma briga na taberna. A família ambiciosa vendera seu corpo para estudo de anatomia.

“Preciso sair daqui”, ele reage aflito, levantando-se, mas assusta-se quando percebe que seu corpo permanece deitado...

“O que está acontecendo?... Esses homens voltados sobre mim... examinando meu corpo sobre essa mesa... Olham meus dentes, traçam um risco com tinta preta, que desce sobre o meu peito... O que está acontecendo? Eles afastam meus cabelos... não consigo me mover... tenho medo...”

Com o medo, sua consciência se projeta para o alto da torre da igreja, onde os homens fazem o estudo do seu corpo. Com paciência, vamos recuperando a sua memória, e quando vê sangue, ao reviver o momento em que levou o tiro, espanta--se: “Como posso estar aqui e lá na mesa ao mesmo tempo?”

Desespera-se, pede ajuda, não compreende que a memória pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. E, para fazê-lo entender a realidade, vamos escoando o medo pela repetição das cenas. Ela percebe, então, que seu corpo morreu, mas sua consciência permaneceu viva.

Outra importante experiência aconteceu com Vanda, executiva, 42 anos. Numa vida passada ela morreu ainda menina, assassinada por um funcionário de seu pai, que queria vingarse, após ter sido despedido por roubo: “Sinto-me confusa... sinto muito medo... vejo um médico à minha frente, ele é grisalho, de cabelos ondulados, curtos e volumosos, tem bigodes grossos e também grisalhos e veste uma gravata e um jaleco longo e branco. Vejo sombras confusas à volta, sinto-me pequena e solta nesse espaço branco, um medo muito forte me projeta para longe dali...”

Ao retornarmos ao local da necropsia, ela vê o médico entregar um papel para a enfermeira. Quando peço que observe com atenção o que está escrito no papel, ela lê no formulário a data 1914, mas não sabe a que se refere. Ao voltarmos ao momento em que observa o médico frontalmente, ela percebe, com muito medo, que está morta e sendo necropsiada e sua consciência apaga.

Voltamos a trabalhar esse momento, até que ela se lembra do doce que um estranho lhe deu pelo portão da sua casa, dizendo ter sido enviado pela mãe dela, que havia abandonado a família há muito tempo. O presente veio cheio de encantamento, e ela não poderia supor que continha veneno.

No início da regressão ela pensou ter sido envenenada pela

mãe. Ficara registrada em sua memória a confusão causada pela mentira que o ex-funcionário do pai dissera ao lhe dar o doce, para que o aceitasse sem reservas: “Tome, é um presente da sua mãe.”

A data 1914 poderia ser do seu nascimento ou morte. Vanda não conseguiu ler o papel, levada pelo medo de confrontar a realidade com mais profundidade. O mais importante foi compreender a desconfiança que trazia consigo pela mãe atual, transferindo para ela a responsabilidade pelo envenenamento.

E ainda, o sério problema intestinal que a paciente sofria desde a infância.

Resíduos Cármicos

Vida após vida costumamos empurrar com a barriga determinadas incompreensões, acumulando resíduos trazidos de encarnações anteriores, que repercutem negativamente no nosso comportamento atual.

Estamos decididos a criar um novo caminho ou a permanecer andando em círculo? Se quisermos seguir em frente, faz--se necessário abrir a mente para outras oportunidades da vida, aceitando desafios e novos sistemas de crenças e abandonando fórmulas comportamentais que não nos servem mais.

Compreender os limites temporários da vida material ajuda a superar os fracassos, aprendendo a dar sentido à vida, a partir de nossas opções. Para alguns, a vida é percebida como um fardo, mas o ideal é que fosse vivida como um jogo dialético, em que perder e ganhar representassem etapas integradas da experimentação e do aprendizado.

É muito comum deixarmos ciclos abertos em nossas vidas,

questões pendentes, mágoas, apegos a situações que não existem mais. Tudo isso dificulta uma vida mais feliz.

A primeira regra para se atingir a liberdade interior: os fracassos devem ser entendidos como lições que pavimentam futuras vitórias. É com os pequenos fracassos que aprendemos a superar as dificuldades, como a criança aprende a andar a cada vez que cai.

E a parte mais importante nesse jogo é entender que, em geral, a vida ocorre fora do que planejamos. Para seguir esse roteiro desconhecido precisamos ter a capacidade de improvisar papéis que se alternam, nas novas chances de reencarnação.

O processo reencarnatório permite uma preciosa possibilidade de troca de papéis. Numa encarnação, podemos reencontrar, por exemplo, antigos pais como nossos filhos. Nesse caso, a humildade é fator indispensável para aceitarmos os limites e o bom ajuste à realidade, utilizando os instrumentos que estão à mão e participando ativamente como corrotieristas na construção das diversas etapas de evolução da vida.

Para melhor compreender esse mecanismo, coloquei-me de espírito aberto diante dos pacientes tratados em meu consultório, trabalhando meus preconceitos, tornando-me acessível, sem me prender a teorias ou métodos que limitassem o sentido da minha pesquisa. Somente assim, foi possível que as regressões registradas se desenvolvessem sem desvios ou impedimentos.

A paciente Kátia, por exemplo, universitária, numa vida passada surpreendeu o marido em adultério com a sua melhor amiga. Os sentimentos de revolta e desespero levaram-na a cometer o assassinato dos dois e se suicidar em seguida.

A descrição detalhada de sua queda do penhasco e as dores dos ossos partidos vieram a refletir-se numa vida posterior, nos Estados Unidos, entre os anos trinta e quarenta. Ainda adolescente, foi estuprada pelo pai, reativando sentimentos de humilhação e raiva:

“Tenho cerca de quatorze anos e sou negra. Estou no meu quarto e, como de costume, ouço um programa musical pela rádio, quando percebo a entrada de meu pai, que é um homem rude e está sempre bêbado. Ele se aproxima e eu tenho medo, ele cheira a álcool. Pressionando minha boca com as mãos, deita-se sobre mim e me impede de gritar. Levanta o meu vestido e me estupra ali mesmo. Sinto nojo e muita raiva.”

Após o estupro, naquele mesmo dia, Kátia fugiu para Nova York, e lá, apesar das dificuldades, consegue dividir sua vida como cantora de jazz e vendedora numa loja de discos. Mas levou consigo a humilhação e a raiva que desencadearam um câncer ósseo que a matou por volta de seus trinta anos de idade.

Com a queda do penhasco na vida anterior, a forma energética que serve de base ao novo corpo tornou-se um ponto fraco. Assim, chegou a essa encarnação nos Estados Unidos com a estrutura óssea fragilizada e, ao reviver uma situação de humilhação e raiva, os pontos fracos foram reativados. Esses sentimentos estavam associados aos ossos quebrados e gravados no perispírito — onde se encontram os registros das vivências passadas que influenciam as vidas seguintes.

Reviver os traumas de outras vidas apenas alivia os sintomas, que só são eliminados quando se atingem as fontes traumáticas, podendo-se liberar as dores soterradas do passado. O objetivo da tvp não será atingido se não houver a descarga desse comprometimento emocional, pois somente a catarse dos traumas desloca a memória inconsciente para a zona consciente, retirando o peso acumulado no inconsciente.

Dessa forma, Kátia reviveu as dores de sua vida passada até que os sintomas reestimulados desaparecessem. Consciente de muitos de seus pensamentos e ações na vida atual, ela adquiriu a capacidade de, gradativamente, eliminar os resíduos cármicos das encarnações anteriores, mudando formas de pensar e de agir.

Jung pesquisou o sucesso da catarse quando associado ao deslocamento dos complexos aprisionados no inconsciente, cuja liberação emocional é seguida do processo de conscientização.

Muitos sintomas psicossomáticos, como crises alérgicas e epilépticas sem causa neurológica, manifestações histéricas e diversas reações fóbicas, ansiedade e depressão, parecem ser sintomas de cargas emocionais presas no inconsciente e que se manifestam sempre que reestimuladas por uma situação semelhante vivenciada no presente.

Ao analisarmos o trabalho realizado por pesquisadores e terapeutas responsáveis e competentes, avaliando os resultados qualitativos e quantitativos, podemos formular novos conceitos e paradigmas que ampliam nossos horizontes a respeito da terapia de vidas passadas.

Acompanhei um caso interessante de resíduos cármicos sobre a vida atual de Andréa, desenhista industrial, 25 anos. Numa vida muito antiga, fora uma mulher dotada de percepções desenvolvidas e terminou queimada na fogueira. Tudo isso aconteceu porque ela previu a morte do líder de sua gente, caso continuasse a luta insana pelo domínio dos povos vizinhos. O líder acabou morto conforme havia preconizado, e acharam que por isso ela tivera responsabilidade no fato.

Ao morrer na fogueira, ela deixa o corpo sentindo a sua mão secar e contorcer-se, amarrada atrás do tronco de uma árvore.

Numa outra vida, no deserto árabe, ela nasceu um menino que cresceu mudo, pensando não correr o risco da vida anterior, em que a palavra a condenou à morte. Adolescente, ouve uma briga dos pais, que o consideravam um peso, pois tinham muitos filhos para sustentar e ele, o mais velho, não passava de um incapaz para ganhar a vida.

Mais adiante, numa existência posterior, ela descreve a seguinte cena: “Minha mão está virada, sou um menino e meu rosto também é torto. Sou muito feio, deformado, mas minha

mente é normal.” Soluçando, ela continua a narrativa com bastante dificuldade:

“Meus pais me abandonaram, eles não querem ficar com um monstro. Vivemos numa casa pequena e escura, e eu sou o primeiro filho deles. Me deixam numa igreja e, apesar do arrependimento, não têm coragem de me levar com eles. Vão embora para outro lugar, me deixando para trás.”

Chorando, ela expressa profunda raiva. Como era comum numa época de nossa história, os muitos “corcundas de Notre-Dame”, as crianças defeituosas que eram abandonadas nas igrejas, caíam algumas vezes nas mãos de pessoas generosas — embora a maioria estivesse interessada apenas em explorar os serviços escravos dessas crianças rejeitadas pela sociedade.

Mas Andréa teve sorte e foi acolhida por uma senhora que ela descreve como “muito boa e que me ensina sobre Deus, e com ela aprendo a ler, mas não consigo escrever porque as minhas mãos são tortas”.

Voltando aos resíduos cármicos, pedi que retornasse ao ventre materno e observasse as informações sobre a origem de sua deformação. “O meu medo de amar interferiu na construção do meu novo corpo físico...” Ela interrompe o relato chorando compulsivamente. Quando consegue verbalizar a emoção, faz o reconhecimento dos pais que a abandonaram pela deformação como sendo seus pais na vida atual. E continua:

“Na primeira vida que lembrei, no deserto, a energia dos meus pais estava concentrada no medo de amar. Estavam sempre brigando, temendo o verdadeiro encontro, e isso atraiu o meu medo também. Tudo é baseado nas energias, e as células sabem disso.”

A memória da morte na fogueira e da vida posterior, no deserto, em que faltava amor, foi interferindo na construção de seu novo corpo, reativando a programação com as marcas da fogueira que contorceram seu antigo corpo.

Ela continua descrevendo a sua deformação falando da influência da dor e do medo na formação do novo corpo e sobre as consequências do fogo que queima as energias e as transmuta. Quando o corpo humano é queimado, o fogo, que é uma poderosa energia, atinge diretamente seus centros energéticos e deforma a base para o novo corpo físico.

Até hoje, ela sofre sequelas da morte na fogueira, reconhecendo as dores que frequentemente sente pelo corpo inteiro, sem nenhum diagnóstico médico. “Ao queimar as minhas energias, o fogo deixou um buraco na minha constituição energética, e a recuperação das falhas energéticas exige muitas reencarnações.”

Outra experiência de resíduos cármicos aconteceu com Ênio, músico, 35 anos, que morreu queimado durante a Inquisição. Sua descrição detalha cada momento do terror que vai invadindo-o enquanto o fogo sobe pelos pés, o estampido do fogo na madeira e o odor da carne queimada. Quando o fogo chega até o tórax, ele já não ocupa mais seu corpo, mas carrega consigo a dor e a raiva por toda a dolorosa experiência.

Toda morte violenta deixa traumas, profundas emoções residuais que ficam registradas no perispírito e que serão transferidas para o novo corpo físico durante sua formação. A origem de muitas deformações e fobias, que permanecem desconhecidas para a medicina convencional ou pelos métodos tradicionais da psicologia, encontra-se em geral nos resíduos traumáticos que trazemos de outras vidas.

Stanislav Grof, chefe da Pesquisa Psiquiátrica no Maryland Psychiatric Research Center, nos Estados Unidos, há trinta anos pesquisa a expansão da consciência. Ele constata que a psicologia e a psiquiatria tradicional focalizam apenas os traumas mentais. Os traumas físicos não são considerados como tendo influência direta na formação do indivíduo ou na psicopatologia por este apresentada. Isso contrasta, segundo ele, com as

observações profundas dos trabalhos experimentais da psicologia transpessoal, em que as lembranças de traumas físicos parecem ter suprema importância no comportamento dos indivíduos.

Um bom exemplo disso é o caso de Miriam, dezoito anos, estudante, extrovertida, saudável e sem causas aparentes para o medo que tem de dirigir carro. Segundo ela, “alguma coisa acontece e começo a suar, e vem a forte sensação de perder o controle da direção”.

Inicialmente, procurei uma interpretação convencional para o seu caso, como se ela tentasse ter o controle total de sua vida, ao mesmo tempo que temia não possuir essa capacidade. Mas depois de nada encontrar, fui mais atrás, pedindo que ela encontrasse uma vivência mais antiga, ligada a esse sentimento. Ela se viu então na Europa, por volta do século XIII. Estranhou no início, perguntando se deveria continuar, pois achou que encontraria alguma referência atual, mas o que via não era um carro, e sim uma carroça.

Pedi que continuasse se aprofundando nessa existência, e ela descreve uma tecelã que liderava um grupo de quase cem mulheres de seu vilarejo: “É tudo estranho, pois o meu marido pesca, caça e fica com as crianças, enquanto eu trabalho na tecelagem. O tempo que sobra, ele ajuda na troca e venda do que produzimos, e que representa uma parcela mínima do que temos que pagar ao dono do castelo.”

Miriam acaba então compreendendo a origem do seu medo, ao ver-se indo resolver um problema da sua gente, tentando saber com o dono do castelo quanto deviam e quando terminariam de pagar. Ela se torna inconveniente e é perseguida pela guarda do senhor feudal. O amigo que conduzia a carruagem é atingido, fazendo com que ela tenha que assumir a direção. Enquanto descreve a fuga pelas encostas, repete a mesma frase que usava para explicar o medo que sentia quando dirigia carro: “Fico suando

de tanto medo. Parece que vou perder o controle e o carro vai se chocar com algo.”

Acaba mesmo morrendo num acidente. O trauma físico do episódio ficou registrado como incapacidade para dirigir. De posse desse conhecimento, foi mais fácil trabalhar o bloqueio que prejudicava sua vida atual.

A médica e pesquisadora Hazel Denning apresentou um trabalho na Universidade da Califórnia sobre os resíduos emocionais de outras vidas que são transferidos para a memória inconsciente da existência atual. Psicóloga da educação que utiliza a tvp desde 1957, fundadora da Association for Past Life Research, ela faz parte de um grupo de profissionais sérios que direcionam suas pesquisas para a compreensão do funcionamento cerebral e da memória humana. Em busca do desenvolvimento de novas técnicas de cura, esses pesquisadores estão preocupados em integrar a terapia de vidas passadas aos métodos tradicionais de psicologia.

Ao compreendermos os efeitos provocados por esses traumas passados quando reativados na vida atual, podemos vislumbrar caminhos para a cura de alguns desequilíbrios mentais para os quais a psicologia não encontra solução. Minha pesquisa clínica me levou a constatar que muitos desequilíbrios mentais, alucinações e estados depressivos, cuja origem a medicina não encontra, muitas vezes estão ligados a traumas de vidas passadas.

Os resíduos de vidas anteriores inclusive provocam efeitos somáticos, doenças e desequilíbrios físicos, como aconteceu com Lúcia, antropóloga, após o nascimento de sua filha. Sem ninguém para ajudá-la nas tarefas domésticas, começou a ficar deprimida, desanimada e com dores insuportáveis no pescoço e na cabeça. Não conseguia entender esse estado, pois sentia uma enorme alegria e satisfação pela maternidade e um profundo carinho pelo bebê.

A princípio, seguindo uma interpretação da linha freudiana, considerou a possibilidade de estar ocorrendo um conflito entre gostar de ser mãe e detestar a vida doméstica, somado ao afastamento temporário da profissão. Mas o processo terapêutico a havia ajudado a desenvolver a capacidade sensitiva que lhe era nata e, certa noite, deitada e conversando com o marido, para tentar compreender o que estava acontecendo, ela vivenciou o seguinte:

“Assim que fechei os olhos para relaxar enquanto conversávamos, comecei a ver a imagem de um escravo que estava ligado a outros escravos por correntes presas ao pescoço, eles caminhavam em fila indiana. Várias imagens da vida desse escravo foram surgindo uma após a outra, e junto o sentimento forte e insuportável de estar prisioneira naquele corpo. Ele me transmitia desespero e vontade de morrer, e o que mais me surpreendeu foi sentir no pescoço a forte dor que vinha sentindo até então...”

Até aí, considerei a possibilidade de serem imagens simbólicas do sentimento de prisão que ela estava vivendo na vida real. Mas quando ela continuou a descrever a experiência, fui mudando minha opinião...

“De repente, eu o vi amarrado num tronco de árvore no interior de um galpão. Percebi o detalhe das telhas francesas muito rústicas, como se fossem feitas à mão. Diante dele, um capataz, claro, rosto avermelhado pelo sol, olhos intensamente azuis, o espancava, e por instantes eu incorporava o corpo do escravo e sentia as insuportáveis dores do espancamento.”

Rapidamente, ela reconheceu o mesmo sentimento que a atormentava desde o nascimento da filha, a prisão do escravo e a do lar, impossibilitada de momentos de privacidade, a fadiga, a falta de perspectiva.

Num determinado momento, ela vê o capataz pegando um enorme machado e dividindo o crânio do escravo ao meio, bem

no centro da testa. Lúcia compreende que estava confundindo as duas realidades, passado e presente, vivendo uma grande ameaça, risco de vida, as dores de cabeça e a imobilidade do pescoço.

“Imediatamente, me senti no alto do galpão, vendo a cena horripilante do escravo com o machado preso na testa, sentindo jorrar o sangue até sufocar. Meu marido ficou apavorado com o que eu lhe descrevia, sobretudo as reações de sufocamento. Sacudindo-me, pedia para que eu não me envolvesse tanto com o que estava vendo.

Eu já estava entrando em pânico, sem saber como eliminar a imagem e o sentimento de dor que me invadia, quando me lembrei das experiências semelhantes que vivenciara na terapia em seu consultório. Guiei-me por esse referencial e mentalizei a equipe médica astral que trabalha paralelamente nestas situações. Foi então que uma onda luminosa me envolveu, e percebi a presença dos médicos do espaço trabalhando na retirada do machado. Luz e matéria azulada preencheram o espaço deixado pela rachadura e ganchos de aparência metálica o fecharam.

A partir daí, segundo Lúcia, os sintomas desapareceram e ela recuperou a saúde e o ânimo que havia perdido.

O seu relato fala da medicina espacial, cientistas e pesquisadores da espiritualidade que atuam no nosso plano físico, ajudando inclusive no resgate cármico e na restauração dos corpos energéticos que atuam sobre a saúde do corpo físico. Este capítulo será mais bem desenvolvido mais adiante, mas por enquanto é importante dizer que casos como esse são bastante comuns. Apenas não são identificados pela consciência, o que dificulta a sua compreensão.

Todas as regressões que relatam mortes violentas falam de sensações semelhantes, como aceleração dos batimentos cardíacos e medo muito forte. Nos casos de enforcamento, ocorre também dificuldade de respirar, como descreveu Nélide que, em

uma de suas encarnações, foi enforcada por dois guardas. Estes suspenderam seu corpo com uma alavanca presa a um cabo de ferro. Sua respiração ficou difícil, a cabeça girou e tudo escureceu. Tudo se passou tão rápido que ela continuou sentindo-se dentro do corpo, apesar de não estar mais viva.

Traumas como esses se estendem às vidas futuras, pois qualquer ameaça à integridade do organismo parece ter um papel significativo no desenvolvimento de várias formas de defeitos físicos e na psicopatologia — apesar de isso não ser ainda reconhecido pela ciência acadêmica.

Laços Cármicos

“Tudo que ligardes na Terra, será ligado no Céu, e tudo o que for desatado na Terra, será desatado no Céu.”

— Mateus 18:18

Voltando à Virgínia que, ao vivenciar três vidas passadas entrelaçadas por sentimentos de medo, raiva e culpa, compreendeu o sentimento compulsivo de vingança que nutria pelo marido, torturando-o com constantes acusações de traição conjugal, e percebeu também a responsabilidade que tinha diante de sua própria vida.

Todos esses anos optara por continuar casada, e não sabia se por amor ou temor à solidão. Incapaz de decidir se continuaria ou não o casamento, pouco a pouco vai compreendendo os motivos que a mantinham presa aos laços negativos do passado. Assim, conhecendo seus medos, raivas e o sentimento de vingança que carregava há tantas vidas, Virgínia começa a tomar as rédeas de sua vida, fazendo opções guiada pelo discer-

nimento.

Desde o início de seu casamento, ela achava que controlava a relação matrimonial, e assim se imaginava segura, até que descobriu a traição do marido. Segundo ela, desde então, começaram os primeiros sinais de pânico, fazendo-a sentir-se mais uma vez traída no momento de fraqueza.

Esse “mais uma vez” funcionava de forma inconsciente, levando-a a agir compulsivamente. O conflito entre a realidade atual e a soma das realidades vividas no passado só se resolverá quando o sentimento de vingança for abandonado: permanecer casada e feliz, separar-se do marido ou permanecer a seu lado para torturá-lo com permanentes acusações até o fim de sua vida?

Só Virgínia poderá decidir, e ela preferiu, por enquanto, vivenciar o casamento com novo olhar e ver o que acontece. Como se sentirá sem o peso dos sentimentos acumulados no passado? À medida que abandonar os resíduos cármicos, como será seu casamento?

Os sintomas diminuíram bastante, e não tenho dúvidas de que sua determinação a levará a dissolver os laços que a aprisionam no tempo e no espaço a essas personalidades do passado. Só abandonando o sentimento de vingança, poderá livrar-se do medo e da culpa que a imobilizam, criando novos postulados de existência. Sua nova realidade mental, adquirida pela profunda experiência regressiva e pela incorporação de suas múltiplas personalidades, amplia suas percepções e criatividade e certamente a ajudará a tomar a decisão mais de acordo com a sua real vontade.

É incrível imaginar que este planeta nos acolhe há milhares de anos, desde o início da existência da vida material, e, ao longo dessa caminhada, desenvolvemos afetos e desafetos, que de vez em quando voltam a esbarrar conosco em determinada reencarnação, provocando a oportunidade de um resgate ou a

trégua para um reencontro favorável e estimulante. São encontros com pessoas que nos despertam intensas e desconhecidas emoções — sejam positivas ou negativas.

Quantas relações se constroem nessas bases reativas, com os elos do passado, os laços cármicos agindo por trás da consciência e obedecendo à lei de afinidade, que muitas vezes se faz pelo ódio?

Ana Lúcia, endocrinologista, 43 anos, regredindo à origem de sua raiva excessiva e às vezes compulsiva, regride a uma vida como criada de um senhor feudal e descreve um sentimento de raiva inexplicável que permeia a relação deles. “Eu sou criança e lavo o chão do castelo... Ele me odeia, eu leio isso em seus olhos.” Mesmo assim, para fugir da miséria, ignora os avisos da mãe, que é cozinheira do castelo, e, já adulta, torna-se amante dele.

Um dia, descobre o corpo da mãe assassinada no bosque. Percebe que o senhor feudal está por trás de tudo, pois a mãe vinha fazendo pressão contra ele, que tentava mantê-la cada vez mais sob controle. Ele resolveu matá-la quando não conseguiu mais controlar suas reações de revolta. A jovem descobre em seguida que o senhor já havia matado outras mulheres, e uma raiva descomunal explode dentro dela, por conta de todo uso de poder que ele exercera até então.

Quando ele tenta assassiná-la, essa raiva explode com tanta intensidade, que ela consegue tomar a faca de sua mão, matando-o e fugindo do castelo. A criadagem se encarrega de levar a notícia ao vilarejo, e ela acaba presa e morta em praça pública.

O desespero da fuga, seguido da prisão e o linchamento acontecem com muita rapidez, e ela não tem tempo de perceber a morte. Foi necessário repassar várias vezes a cena de linchamento para que ela compreendesse que não conseguira salvar-se saindo por baixo da multidão.

Como é natural nesses casos, Ana Lúcia saiu da terapia

achando tudo muito confuso. E realmente ela estava criando uma confusão ao misturar a nitidez do momento em que as pessoas realmente a pisoteiam na praça e a sensação estranha do momento em que se imagina saindo sorrateiramente, sem ser percebida, por baixo dos pés da multidão.

Quando sai do consultório, ao abrir a porta do carro, tem o insight de que a sensação estranha vinha da perda do corpo físico. Tudo acontecera tão rápido que ela não percebeu que a sua consciência perdera o veículo físico de manifestação. Continuava pensando, sentindo, criando.

Só quando aceita a morte, pode ver o seu instrutor cármico que, abraçando-a, orienta sua caminhada em direção a uma floresta próxima ao vilarejo.

Mesmo amparada pelo ser de luz que a conduz para outra dimensão, ela continua com o pensamento ligando-a ao patrão, pelos sentimentos de culpa e raiva: “Por que esse homem me persegue? Por que ele me odeia tanto?”

Vítima e agressor estão ligados pelos sentimentos que os mantêm próximos. E, para compreender melhor esses sentimentos negativos que os unem, voltamos a uma vida anterior a essa. Ela se vê como o tratador dos leões que na arena os atíça contra o chefe de uma família. Ela reconhece no chefe o senhor feudal que mais tarde virá a mantê-la como criada.

Ela descreve o olhar de ódio que ele emana ao ser estraçalhado no meio da arena, diante da mulher e de um filho.

O tratamento de Ana Lúcia teve como meta fazer emergir a trajetória de sua consciência, tecendo a trama de encontros e desencontros, na reconstrução de um carma baseado em muita mágoa e no sentimento de vingança e desconfiança em relação ao sexo oposto.

O objetivo da terapia nesse caso será desenvolver a capacidade de se aproximar de relacionamentos pela afinidade através da confiança. Essa identificação pode ser percebida quando

pensamos algo e encontramos a seguir uma descrição semelhante saindo da boca de alguém ou na página de um livro.

No momento de comunicação mental, uma consciência interage com outra ou outras e esta afinidade pode ser positiva ou negativa, dependendo das características que as interligam. As afinidades perduram por muitas vidas, provocando o reencontro de espíritos com sentimentos e objetivos semelhantes. Pode ser um reencontro envolvido pelo amor ou por situações mal resolvidas, como inimizades do passado.

A afinidade é positiva quando o elo que nos liga a alguém vem da energia poderosa a que damos o nome de amor — a mesma energia que cria universos, desenvolve o feto no ventre materno ou faz brotar a semente de uma nova planta. Como seres humanos, nem sempre temos a consciência do poder criativo dessa vibrante energia, e condicionados pelo medo excessivo de nos relacionarmos e por situações familiares e sociais desequilibradas, agimos, na maioria das vezes, de forma egoísta e prepotente. Criamos então um vínculo que gera a infelicidade através dos tempos.

A força mental do ser humano é capaz de gerar, com seus pensamentos, diferentes formas na dimensão invisível. Essas formas-pensamento são formadas pela característica vibracional emitida pela consciência sobre a energia do éter que preenche o que pensamos ser o “vazio”. É preciso conhecer a natureza do pensamento emitido para compreender os resultados dessa criação.

Costumamos perceber o espaço apenas em três dimensões, portanto de forma incompleta para representar a realidade. Da mesma forma, poucos percebem que os seres vivos e pensantes estão envoltos numa aura de energia composta de diversas combinações emitidas pelo pensamento no plano mental. Essa dimensão é invisível para a maioria acostumada a perceber a realidade limitada pelos cinco sentidos físicos.

Todo pensamento dá origem a uma sequência de vibrações que atuam imediatamente sobre o corpo mental, formando uma gradação de cores de grande intensidade. Nosso corpo mental lança para o exterior uma forma que corresponde à qualidade do pensamento emitido. Assim, uma ideia ganha forma e vida e passa a atuar na dimensão mental e também na emocional.

Quando o ser humano direciona uma energia para pessoas ou objetos desejados por ele, a carga de paixão emitida cria uma matéria mais densa que a gerada pelo plano mental, chamada matéria astral.

Desta forma, podemos diferenciar as formas-pensamento geradas por energias sutis das criadas pelo corpo emocional, mais densas. Quanto mais densas, mais opacas e escuras são as formas-pensamento, criadas em geral por sentimentos egoístas. Apesar de aparentemente iguais, os seres humanos se diferenciam pela qualidade de suas vibrações. Uns vivem apoiados na mente inferior, instintiva e animal. Outros já desenvolveram a capacidade de criar formas sutis de vida, utilizando a mente superior para sua exteriorização.

Um exemplo disso são as formas horripilantes que povoam os umbrais distanciados do sol e se alimentam dos detritos dos atos, sentimentos e pensamentos mais primários dos seres humanos. Essas consciências quando reencarnam continuam sua caminhada evolutiva, materializando na Terra guerras, destruição ambiental, crimes, violência de todas as formas de que temos conhecimento no cotidiano do planeta.

Mas a força do amor, capaz de gerar luz, vida e transformação, pode ser a maior arma contra as formas-pensamento que materializadas geram a destruição.

De vez em quando, algum paciente pergunta se o amor existe. Eu acredito que sim. Mas não o amor das novelas ou das manchetes de jornais, manchados de sangue e de egoísmo, mas um sentimento pelo qual devemos lutar para construir.

O amor, que começa a ser delineado nesta nova idade mais consciente da humanidade, tem como alicerce as diferenças e a aceitação da condição humana com suas fraquezas. Cria suas estruturas na cumplicidade e na ajuda mútua, formando uma nova sociedade cujas bases estão muito bem reveladas na pesquisa, já citada em capítulo anterior, de Marilyn Ferguson para o livro *A conspiração aquariana*.

Reconhecer os amigos ou inimigos do passado pode ser de muita ajuda na caminhada evolutiva. No primeiro caso, esse reencontro é muito fácil, pois coloca lado a lado duas ou mais pessoas em perfeita harmonia. Mas os reencontros conflitantes, estes necessitam de muita habilidade para serem superados.

Quando reencontramos nossos inimigos de outras vidas, mesmo inconscientemente identificados, sentimos reações negativas, pois os núcleos traumáticos vêm à tona, como monstros emergindo das profundezas lodosas do inconsciente. Logo vem a sensação de enorme perigo, a necessidade de defesa que não encontra lógica na realidade presente. Muitas vezes, esses inimigos já superaram as diferenças, mas são percebidos segundo a ótica do passado, por uma parte da mente que não distingue nem tempo nem espaço.

Sempre que durante a regressão acontece o reconhecimento de um laço negativo do passado, cabe ao terapeuta ajudar o paciente a superar os sentimentos que afloram, até eliminar a raiva ou os ressentimentos. O profissional deve orientar o paciente a colocar sua atenção nos aspectos positivos, ou seja, na possibilidade de superar as dificuldades que existem nesta vida com a referida pessoa.

Dessa forma, as dificuldades criadas no passado, as frustrações, as raivas, sentimentos de vingança, mágoas, ressentimentos e toda a sorte de incompreensões podem ser compreendidos e superados a partir do instante em que o paciente tomar consciência de sua trajetória cármica.

Os reencontros com antigos afetos servem para alimentar e fortalecer nossas energias positivas. Os desafetos, por sua vez, surgem como prova, oportunidade de exercitarmos o aprendizado e a evolução de nossas emoções primitivas, já que, nestes casos, esses relacionamentos trazem à tona fortes reações negativas que estavam submersas na zona inconsciente. O objetivo evolutivo é conseguirmos avançar, olhando de frente os medos, a raiva e os sentimentos considerados mesquinhos, que nos mantêm prisioneiros do passado.

Não existe risco quando o paciente identifica um inimigo do passado como membro de sua família, mas para tal não deve ser feita a regressão em pacientes desequilibrados mentalmente. A primeira fase é ajudá-lo a superar o ódio ou a culpa que costuma envolver esse tipo de relação sadomasoquista, mantendo prisioneiro tanto quem odeia quanto quem é odiado. Uma vez que se quebre a cadeia negativa, mesmo que uma das partes decida continuar mergulhada no ódio ou na culpa, o jogo não tem como continuar, pois um dos parceiros abandonou o pacto. E apenas o “jogo da paciência” pode ser jogado por uma só pessoa. Vale ainda lembrar o antigo ditado popular: “Quando um não quer, dois não brigam.”

É importante trabalharmos o perdão e a aceitação, que removem grande carga de resíduos cármicos. Foi o caso de Gilda, cientista social, 27 anos, com grande dificuldade no relacionamento com o pai, sem que identificasse qualquer fato que justificasse seu comportamento.

Numa vida passada morreu alcoólatra e ainda criança fora induzida a beber pelo próprio pai. Após vivenciar sua morte, passa para uma dimensão extrafísica, onde encontra o pai que o incentivara ao vício.

O reencontro dos dois na dimensão espiritual permite um confronto e o filho revoltado mantém-se inflexível em não perdoar o pai, que morrera muito tempo antes e, já consciente do

mal que lhe fizera, promete reencontrá-lo mais tarde para reparar o prejuízo causado.

Gilda retorna à encarnação em que eles voltaram a se encontrar e cai em prantos, soluçando muito ao reconhecer seu pai desta vida. Ela fala do sentimento que sempre teve em relação ao pai na sua vida atual, e o reconhece como o mesmo de uma vida muito antiga:

“Eu sempre senti por ele muito ressentimento cuja origem não sabia explicar.”

Gilda sente medo de não ser capaz de melhorar a relação com o pai, que é muito ruim. Apesar de ele ser um bom pai e se esforçar sempre para proporcionar-lhe o melhor, ela tem dificuldades em amá-lo, mantendo-se o tempo todo arredia.

Trabalhamos em algumas sessões suas mágoas e ressentimentos, até que se sentiu mais receptiva e disposta a permitir que uma nova relação entre ela e o pai pudesse se desenvolver.

Como podemos observar, as separações, as perdas e os fracassos deixam de ser vistos como fatos consumados, representando apenas etapas provisórias em nossa caminhada e vivências de autoconhecimento, até a compreensão universal do amor. São etapas às vezes necessárias ao aprendizado indispensável que leva à meta principal de todo ser humano: a união física e espiritual baseada na compreensão, no respeito mútuo e no amor incondicional.

Pouco a pouco, o ser humano vai percebendo a necessidade de se integrar com o Todo, saindo da posição de isolamento causada por uma visão infantil de considerar-se o centro do universo. Muita gente pergunta como sair do marasmo, do círculo vicioso do sofrimento, da onda de insatisfação e desânimo que se abate sobre a atualidade, mas muito poucos aceitam assumir a responsabilidade pelas mudanças indispensáveis que trazem as respostas que tanto procuram.

As relações que permanecem com os ciclos incompletos,

incompreendidas, criam uma ligação cármica que tem forte poder de atração com a vida física. Quando adiamos a solução de uma situação ou quando a morte interrompe o desenvolvimento natural de uma relação, laços cármicos acabam sendo criados e projetados para uma futura reencarnação.

Nas ligações cármicas, os seres que se amaram ou se magoaram nas vidas anteriores cedo ou tarde retornam para prosseguir o jogo interrompido. Muitos continuam a se machucar em vidas posteriores, outros superam seus medos e compreendem o verdadeiro sentido da sua existência. E quando de posse desse conhecimento, evoluem nas relações humanas, aprendendo a amar sem impor condições insuperáveis.

Para isso, aceitam as diferenças e as diversas etapas que cada pessoa precisa percorrer, respeitando-se o seu tempo e as suas necessidades, seguindo o seu caminho e deixando que cada qual siga o seu.

Trata-se aqui do ideal das verdadeiras relações democráticas, e muitos dirão “quase impossível de ser atingido nas atuais condições pessoais, sociais, econômicas e energéticas do planeta”. Mas precisamos entender que o erro, por mais grave que seja, só se transforma numa lição quando conseguimos combatê-lo com amor no coração, com sabedoria e compreensão das limitações da matéria humana.

Por mais difícil e tenso que possa ser um encontro de pessoas com ligações de outras encarnações, é fundamental aproveitarmos essa chance para desenvolver harmonia e respeito ao outro. Só assim atingiremos a meta de nossa existência terrestre, que é transformar o carma em darma — ou seja, transmutar conflitos e infelicidades em momentos de alegria e de serenidade.

Quanto mais aprofundamos o estudo da regressão, mais evidente torna-se o quanto esses resíduos de incompreensão permanecem reativados na vida presente, interferindo no comportamento humano. Reviver esses traumas traz uma maior

capacidade para enfrentarmos a vida, tirando-nos da estagnação dos velhos sistemas de crenças, que acabam por coagular as energias mentais, impedindo uma vida mais lúcida e serena.

De acordo com a trajetória cármica, os seres que egoisticamente trataram os outros com crueldade ou desprezo, se encontrarão em difíceis situações futuras, como aprendizado, no papel de oprimido. Terão assim a oportunidade de criar um campo propício para desenvolver a generosidade e o amor.

É sempre bom lembrar que perdemos muito tempo nos questionando sobre o verdadeiro sentido da vida, o que traz enorme insatisfação ao ser humano. Não existe um sentido para a vida, a não ser o que dermos a ela, a partir de nossas decisões e relações sociais.

Com a ajuda da tvp, podemos reconhecer mais facilmente os casos de reencontros negativos e os laços que, ao serem detectados, proporcionam possibilidades de opção, permitindo que tenhamos a chance — ou não — de nos libertarmos de antigos grilhões.

Quantos fizeram essa opção?

A maioria dos meus pacientes, e isso mudou suas vidas, levando-os a encontrar portas em becos sem saída e a superar situações que pareciam impossíveis de transformação. Afinal, queremos criar um novo caminho ou permanecer andando em círculos?

Entre uma e outra reencarnação, a consciência continua o seu aprendizado na dimensão espiritual, desenvolvendo talentos e corrigindo os pontos fracos. Mas só quando reencarna é que a consciência tem uma nova oportunidade de colocar em prática tudo o que aprendeu entre uma e outra reencarnação.

A permanência nessa dimensão intermediária, entre uma e outra vida na Terra, dependerá de inúmeros fatores, como a dimensão do trauma de sua última morte, o grau de recuperação e aprendizado de que se necessita no período entre uma vida e

outra e a disposição em retornar ao corpo físico, para assim empreender mais uma viagem à realidade da matéria.

Os fracassos servem como lições que pavimentam futuras vitórias. Os momentos vitoriosos, porém, não devem implicar situações de egocentrismo e cegueira desbragada, já que podemos fracassar na esquina seguinte.

As separações e as perdas deixam então de ser vistas como fatos consumados, representando apenas etapas provisórias na caminhada e nas vivências de autoconhecimento e compreensão universal do amor. O mais importante, nesse jogo, é entendermos que, em geral, a vida ocorre fora do que planejamos.

Nessa caminhada, a humildade é fator indispensável para aceitarmos nossos limites, nos ajustando à realidade e utilizando os instrumentos que estão à nossa mão para participar ativamente como corrotteristas da construção das inúmeras etapas de evolução da vida.

Esperamos que outros pesquisadores dos mistérios da mente avancem nesse tipo de investigação, para ajudar as pessoas na travessia dos umbrais do inconsciente, trazendo à tona as dores e também novas possibilidades de cura. Um trabalho que evolui no caminho da vibração do amor, da liberdade e da verdade.

Morte Natural

Morrer de velhice parece ser a melhor e mais suave maneira de abandonar o corpo físico. Nesses casos, apesar do apego natural à vida material, a personalidade atual já cumpriu sua função. Ao morrer, o cordão de prata desliga o espírito do corpo físico de forma gradativa, sem traumas profundos, e a pessoa passa suavemente da dimensão material para a dimensão imaterial.

É no momento em que a morte ocorre, quando as ondas cerebrais se tornam planas, sem nenhum sinal de atividade, que os depoimentos de regressão de memória falam da sensação de se planar acima do corpo, já desconectado dele. “Morro suave, me viro de lado, sinto que algo se desprende, vejo um outro corpo à volta do meu, que se rompe e sai. É uma sensação de muita leveza, e eu me movimento muito... Acho que é porque fiquei muito tempo imobilizado.”

Nesta vivência, a paciente Ilma, cientista social, 27 anos, relata a suavidade do momento de sua morte, que chega de forma natural, após ela passar muito tempo imobilizada no leito.

As mortes suaves trazem experiências que falam de sensações de libertação e de bem-estar. Um processo tranquilo que ocorre mesmo no caso de longas doenças, em que a consciência vai pouco a pouco se desapegando da matéria, já desconfortável para abrigá-la.

Nos casos de morte natural por velhice, o desencarne é vivenciado como um momento sublime, havendo a percepção de luzes e de dimensões que se abrem aos nossos olhos. Sem grandes traumas, se dá a passagem de uma realidade à outra.

Quando as pessoas têm tempo de acostumar-se com a ideia de morrer, desapegando-se gradativamente da matéria, surgem experiências que se assemelham nas descrições de regressões de memória.

Nélida, 27 anos, também cientista social, relata uma experiência de morte suave, numa vida como camponês:

“Com o sentimento de missão cumprida, chego à velhice: Morro velho e só... deito-me na terra morna, largo o meu bastão e sinto que vou morrer... Tenho falta de ar e o meu coração bate aceleradamente... depois, sinto um grande alívio e vejo o meu corpo de barriga pra cima... subo acima dele, como se fosse em direção ao Sol... Não sei para onde ir, mas me sinto atraído por um raio de luz que vem do Sol.”

Irene, psicóloga, 35 anos, relata sua vivência durante o século passado. Após uma existência combativa e consciente, o momento de sua morte corresponde à sua trajetória em vida. Ela se vê numa idade bastante avançada, sobre uma cama num quarto simples, com uma janela no alto e com grade. “Estou de olhos fechados, só e em paz. Sinto como se fosse apagando, e a sensação de morte vem de forma prazerosa. É como se fosse um silêncio...”

Ela se remete então à lembrança de experiências de sua infância na vida atual, quando costumava sair do corpo, em projeção espontânea da consciência, e, flutuando acima dele, percebia a dimensão astral e a sensação agradável de leveza:

“É um momento leve, delicado e harmonioso. Vem como algo luminoso, uma nuvem grande sobre a extensão do meu corpo, levantando o meu corpo... ele flutua... Vejo alguém entrar no quarto, é uma religiosa. Ela constata a minha morte, pega o meu pulso e põe a mão sobre as minhas pálpebras. Fica um pouco ali, observando. Já estou completamente fora do corpo... é tão harmonioso, tão bom... não sinto medo...”

Após uma pausa, a paciente descreve então o momento em que outras pessoas entram no quarto para levar o seu corpo, enrolando-o num lençol. Ela percebe que uma luz forte continua sobre a cama: “Meu corpo é retirado sobre uma tábua grande. Fecham o quarto e aí a luz se expande e se difunde. Tudo fica

iluminado, como se a luz não viesse de ponto algum. Depois, a luz se dissipa e o quarto escurece.”

Mesmo uma vida difícil pode terminar com um momento de morte sublime, com a pessoa consciente de estar encerrando mais um ciclo de experiência. A libertação dos limites do corpo físico e da densidade da matéria proporciona o fim do sofrimento, dando lugar a uma sensação de alívio.

Alguns chegam a reviver a experiência de morte em vidas passadas como um “saltar para fora do universo material, vivenciando uma existência além do tempo e do espaço” ou uma “saída para a dimensão da ausência da forma, estabelecendo a união com o Todo”.

Nélida fala de pessoas que a olham, vestidas de branco e iluminadas por uma forte luz: “Elas me chamam e eu as sigo. Sei que morri, e atravesso um clarão, flutuando a seguir sobre um jardim perto de um bosque. A sensação é muito boa, leve.”

Como este, são comuns os relatos de luzes e cores claras, com a presença de seres que transmitem paz e serenidade, e a chegada da morte de forma suave, indolor. A pessoa desloca-se para outro nível, assim como a lagarta transforma-se em borboleta e experimenta uma agradável sensação de voar.

Processos Obsessivos

"O Bem que eu quero fazer não o faço, mas sim o mal que não quero fazer... Há em mim duas leis, a lei do bem e a lei do mal... Infeliz de mim, quem me libertará deste corpo mortífero?"

— Romanos, 7:15-24

Ainda assustadora, a morte vem sendo estudada com mais intensidade nos últimos cem anos, por alguns cientistas que tentam encará-la seriamente. Entre eles, o francês Allan Kardec que, com a publicação de seu primeiro trabalho, *O livro dos espíritos*, no final do século passado, tornou os contatos entre vivos e mortos uma fonte de pesquisa de caráter científico.

Ele pesquisou a vida após a morte e os fenômenos da espiritualidade acompanhando sensitivos que entravam em contato com seres desencarnados. Recebeu ainda informações preciosas de seres iluminados que o ajudaram a codificar a doutrina espírita.

Levando adiante esse trabalho científico, contemporâneos nossos, entre eles, Paul Beard, presidente da Faculdade de Estudos Psíquicos de Londres, e Van Dusen, psicólogo da Universidade Kennedy dos Estados Unidos, consideram não apenas que a consciência sobrevive à morte física, mas estudam profundamente a doença mental sob a luz da espiritualidade.

Estes novos conceitos que revelam que a consciência permanece viva após a morte representam uma luz no fim do túnel, capaz de transformar radicalmente os valores que cultuamos em relação à morte e às doenças mentais.

Paralelamente, Paul Beard e Van Dusen realizaram pesquisas semelhantes sobre alucinações em doentes mentais, e acabaram concluindo que muitos desses casos foram provocados por influência de personalidades desencarnadas. Estes estudos recentes demonstram que a consciência age após a morte da mesma forma que pensava e atuava quando vivia fisicamente. Por isso, ainda em estado de confusão, "gruda-se" nos seres humanos, tentando influenciar, pela força energética de seus pensamentos, o comportamento das pessoas encarnadas.

Os pensamentos se agrupam por níveis de frequência de energia. Este é um fato que devemos sempre levar em conta. Consideremos, por exemplo, a média dos pensamentos gerada

por aqueles que vão a um bar noturno. Os pensamentos, em geral, giram em torno de "fuga da solidão e paqueras". Essas formas-pensamento, criadas pela ansiedade presente, influenciam todos os que estejam neste campo de força mental. Como todas as pessoas possuem seu lado mais negativo, ambientes assim podem ativar esse aspecto inconsciente da personalidade, colocando-o em evidência.

A mente é a ferramenta que molda e move a energia do pensamento. Isto quer dizer que, ao emitirmos um pensamento, ele se "corporifica" em formas-pensamento, imagens temporárias e poderosamente vivas. Isto pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente.

Qualquer sentimento ou pensamento projetado por alguém se torna um elemento energético. Esta forma-pensamento com vida própria, que passa a agir independente de quem a projetou, é alimentada pela repetição do pensamento que a originou. Assim, se uma pessoa vive projetando pensamentos de fracasso, essas formas-pensamento voltam a agir sobre ela, abatendo seu ânimo e envolvendo-a num clima de incapacidade, como uma nuvem negra sobrevoando sua cabeça.

Para desativar essas formas-pensamento, é necessária uma mudança na qualidade dos pensamentos e sentimentos, para que não alimentem nem atraiam mais energias negativas. Trata-se de um lento e persistente trabalho, que precisa contar com a firme decisão de uma mudança comportamental.

É preciso sair do pensamento obsessivo. Do latim *obsessio*, significa perseguição, mania, ideia fixa que domina doentamente o espírito. Os estudos dos fenômenos extrafísicos, cujas investigações envolvem a interação entre espíritos e processos obsessivos, trabalham na perspectiva que ultrapassa os cinco sentidos.

Existe o processo de influenciar uma ou mais pessoas, um tipo comum de obsessão, muitas vezes inconsciente, que ocorre

quando uma pessoa encarnada ou desencarnada está tão apegada à outra que a envolve com uma rede de energia, aprisionando-a em seu campo magnético. Acontece também quando uma ou mais pessoas, atraídas por campo magnético semelhante, criam uma relação negativa de dependência.

Ao se deparar com um processo obsessivo, a primeira hipótese que o terapeuta deve considerar é a possibilidade de auto-obsessão. Antes de qualquer obsessão vinda do exterior, existem as atitudes repetitivas de desarmonia entre o pensamento e a ação, geralmente ligadas a medo, culpa, ciúmes, ódios, ressentimentos e sentimentos de posse gerados por extrema insegurança.

Como a auto-obsessão cria circunstâncias favoráveis à instalação de outros processos de sintonia semelhante, como as pessoas que se atraem pela lei de afinidade, geralmente sentimentos negativos acabam atraindo outras consciências que pensam e sentem de modo semelhante. A primeira providência é mentalizar a formação de campos de força para proteger o ambiente e utilizar cromoterapia mental com cor verde esterilizante, para evitar o ataque de microrganismos. Depois, permanecer atento a qualquer tipo de surpresa. Certa vez, uma paciente em regressão encontrou um obsessivo de muitas vidas atrás. Furioso com a possibilidade de minha paciente libertar-se de sua influência, ele resolveu ameaçar-me para ver se afastava-me da intenção de continuar o tratamento. Havia várias possibilidades diante dessa realidade, entre outras, ou a paciente estava tentando manipular-me ou a obsessão era real.

Mantive o espírito de pesquisa, concentrei-me na formação de campos de força e proteção e inseri esta personalidade no processo terapêutico. A situação foi se esclarecendo e ficou confirmado o processo obsessivo, que teve fim com a conscientização e libertação das duas consciências implicadas.

Outro caso semelhante, no início, acabou revelando que o

paciente estava tentando manipular-me e tomar as rédeas do processo.

Nos casos da presença de algum obsessor, é preciso mentalizar a equipe astral que apoia o terapeuta e o paciente, para que uma rede magnética seja criada para imobilizar a ação negativa. Em alguns casos, pode haver resistência, e apenas a firmeza mental do terapeuta e do paciente evitará que o assédio continue.

Há dois mil anos, Jesus falava da realidade dos mundos invisíveis e do funcionamento da mente humana. Ao dizer "orai e vigiai", muito provavelmente se referia a formas de autodefesa contra os processos auto-obsessivos e obsessivos, tanto por parte das pessoas encarnadas como desencarnadas.

Um outro tipo de obsessão, a cármica, ocorreu com Lúcia, antropóloga, 34 anos, que, ao escrever sua tese sobre uma tribo africana, reativou um processo de magia. A partir do mergulho na memória desse povo, a identificação, mesmo inconsciente, fez emergir os sintomas e ativou as influências maléficas da magia que sofrera na vida passada e que a levava à morte.

O trabalho despertara a reestimulação das emoções vividas numa outra existência, restabelecendo canais de comunicação com os obsessores do passado. Lúcia começou a sofrer acessos de choro inexplicável, fenômenos de efeito físico, com sons e objetos que se deslocavam no ar, além de fortes crises de depressão e de catatonia. Após tentar diversos tratamentos médicos, ela procurou-me desesperada, atormentada por pesadelos e visões que a levavam a um estado de desespero.

No início do tratamento, fomos surpreendidas pela interferência positiva de uma freira desencarnada, que se revelou uma forte protetora com o apoio de um grupo de espíritos africanos que eram profundos conhecedores da magia local. Eles ajudaram o trabalho orientando a terapia na etapa relacionada ao processo obsessivo, e garantindo a continuidade da psicoterapia.

Ao se conscientizar de seus medos e ressentimentos, a paciente fortaleceu sua estrutura emocional e, assim, gradativamente, foi fechando os pontos de contato que permitiam a interferência do passado africano, passando a viver seu tempo presente.

Enquanto isso, o trabalho da equipe espiritual corria paralelamente, desfazendo os vínculos da paciente com os laços de magia que se estendiam ao presente, atuando de forma negativa no seu equilíbrio mental e físico.

O tratamento demorou mais de um ano, e tivemos que superar muitas perdas durante esse período, inclusive de sua bolsa de estudos estrangeira, pois a depressão impedia-a de cumprir os compromissos assumidos. Mas ao fortalecer sua vontade, superando os pontos fracos que trazia do passado, começou a proteger o pensamento contra as influências negativas, libertando-se do seu processo obsessivo.

Um dado importante: nenhum processo obsessivo se instala sem a conivência, mesmo que inconsciente, do obsediado. Sendo assim, o mais importante na terapia é detectar os pontos fracos, os aspectos negativos da personalidade do paciente, para que, conscientizado, deixem de ser uma porta aberta às interferências do astral.

Quando tomamos consciência das personalidades aprisionadas no passado, estas se integram à personalidade atual e deixam de agir súbita e compulsivamente. Lúcia fez essa integração, assumindo essas diversas facetas como parte de sua vida, e conseguiu restabelecer o equilíbrio emocional e mental, reconstruindo sua vida profissional e afetiva. Ela desenvolveu a capacidade de administrar essa multiplicidade e, ainda, o aprendizado básico de autodefesa psíquica para proteger-se de interferências negativas.

O medo e a mágoa eram sentimentos que Lúcia carregava permanentemente, e serviam de ponte ligando a vítima e seus

agressores. Todo processo obsessivo só influencia alguém quando existem afinidades de pensamento e sentimentos entre os dois lados. Quanto mais cedo conhecermos os vínculos que unem obsessor e obsediado, mais rápido encontraremos a cura para esse mal.

O pesquisador espírita Luiz da Rocha Lima, que viveu no Rio de Janeiro, tem extensa obra publicada e, desde os anos cinquenta, desenvolveu uma séria pesquisa sobre os trabalhos de “antigoécia” — processo utilizado por encarnados e desencarnados que trabalham na desmagnetização de objetos utilizados como condensadores de energias direcionadas a alguma vítima. Geralmente, os obsessores usam magnetismos humano e animal para criar campos de força negativos que são dirigidos a distância para influenciar a mente do obsediado.

A antigoécia consiste em desativar esses campos de força, embora esses possam ser reativados se houver o restabelecimento da comunicação entre o obsessor e a vítima. Essa comunicação pode ter como ponte sentimentos de culpa, vingança, ódio ou qualquer outro que os una.

Outra interligação entre obsessor e obsediado está na compulsividade por comidas, bebidas, drogas, sexo, dinheiro e a determinada pessoa — criando-se uma dependência capaz de aprisionar alguém a situações de enfraquecimento de sua vontade própria. Também a ignorância sobre a energia do pensamento pode levar até mesmo um marido dedicado demais ou uma mãe extremada a se tornar obsessor de seus familiares, nas mais diversas formas: cuidado exagerado, controle excessivo ou autoritarismo.

Os processos obsessivos variam. Podemos encontrá-los de vivos para vivos, desencarnados sobre vivos, desencarnados para desencarnados e até de vivos para desencarnados. Qualquer relação dominada pela possessividade excessiva, seja de pai para filho, de marido para mulher, gera em si um processo

obsessivo, em que uma mente tenta dominar a outra, para fazê-la agir segundo a sua vontade.

Os vivos costumam ser fortes obsessores, muitas vezes sobre desencarnados, como observamos constantemente quando alguém perde um ente querido e agarra-se à sua lembrança, criando um processo mental que passa e repassa os momentos vividos, sem dar trégua. O apego aos seres desencarnados os mantém prisioneiros por causa do pensamento constante, que impede que estes sigam o seu caminho evolutivo, atraídos pela forte carga emocional emanada por aqueles a quem estão ligados na Terra.

Quando se trabalha com a terapia de vidas passadas, devemos estar preparados para enfrentar situações relacionadas aos processos obsessivos. Para conduzir bem o caso, é necessário reconhecer a origem do processo, que deverá ser identificada após cuidadosa observação da sintomatologia do paciente. Esse reconhecimento é possível pela avaliação de algumas características básicas. Como bem explica o psiquiatra e pesquisador espírita Dr. Lauro Neiva, o reconhecimento de um desequilíbrio de causa espiritual faz-se pela intuição e pela dedução. Para ele, a dedução faz parte do processo científico, que deve ser desenvolvido pelo estudo e pela observação. A intuição, por sua vez, é uma função da alma, e muito importante para ousarmos novos caminhos na vida.

Em relação às obsessões realizadas por desencarnados, podemos encontrar dois tipos. Temos aquelas que partem de seres que têm consciência do que estão fazendo e, por falta de ética, aproveitam-se das vibrações da vítima para satisfazer seus desejos. Mas os ataques podem também vir de seres de grande desenvolvimento intelectual, já que o intelecto é uma função da mente com percepções materiais e, portanto, egoísta e egocêntrica.

Quando ocorre a reestimulação de um relacionamento de

outras vidas, reativam-se elos com inimigos do passado, restabelecendo-se possíveis relações entre vítimas e algozes. A influência de espíritos obsessores acontece por interferência de ondas mentais. Num exemplo mais concreto, material, este processo pode ser comparado a radioamadores entrando em circuito. Para isso, é preciso que as ondas do invasor e da vítima estejam em perfeita sintonia, pois no terreno das energias tudo funciona com base nas leis de afinidade.

Ao começar a caminhar de mãos dadas com a espiritualidade, alguns cientistas passaram a trabalhar para trazer nova luz sobre esses fenômenos que, até então, permaneciam como mistérios impenetráveis, sendo manipulados por pessoas interessadas em perpetuar a ignorância sobre o assunto. Agora, porém, os processos obsessivos podem ser mais bem explicados e, em muitos casos, superados.

Todas as nossas realizações têm origem na mente, no mundo das ideias. Tudo começa como fruto de nossa imaginação e, pouco a pouco, vai sendo plasmado, tornando-se real a partir de nossa realização, criando formas vivas que passam a atuar sobre o nosso destino.

Muitas vezes achamos que estamos pensando, mas estamos apenas recebendo um pensamento alheio, de alguém desencarnado ou até mesmo vivo. Em alguns centros de pesquisa de ponta já se constata que o pensamento, sendo energia, pode ser transmitido a longas distâncias, agindo inclusive sobre outras consciências. Sendo energia radiante, ou seja, ondas em propagação, qualquer transmissão mental está sujeita às mesmas leis das radiações eletromagnéticas conhecidas, que se agrupam por afinidade vibratória.

Assim como as ideias construtivas são absorvidas por todos que estiverem na mesma sintonia, pela lei universal de afinidade, também ocorrem verdadeiras epidemias morais e emocionais causadas por contágios mentais que provocam

desequilíbrio e desagregação. É o que podemos observar com a completa ruptura de valores éticos do mundo moderno, disseminada pelos diversos meios de comunicação. Devemos ficar atentos a este processo e aptos para discernir o que não faz sentido em nossas vidas.

A fascinação é outra forma de atuação dos processos obsessivos, pois acarreta cegueira, dificultando a cura. Esse estado se instala, na maioria das vezes, por formas-pensamento repetitivas, criadas pela própria pessoa.

São os casos daqueles que não aceitam tratamento nem ajuda, pois se consideram os “donos da verdade”. A partir daí, eles criam estruturas mentais para manter seus pontos de vista, afirmando, sistematicamente, coisas do tipo “não sei por que ele fez isso comigo” ou “eu fiz o melhor, e ela não reconheceu”. Colocam-se no papel fixo de vítimas bem-intencionadas, repetindo infinitamente as mesmas situações, aprisionadas em ideias inabaláveis. E mesmo sentindo-se desconfortáveis, mantêm esses postulados pela vida afora.

A fascinação é um processo que se instala gradativamente nos centros nervosos e físicos. Em geral, essas pessoas se consideram incompreendidas e segregadas, carregando sombras que se transferem para as vidas futuras. Ao manter cada vez mais sua atenção no próprio umbigo, permanecem em estágio infantilizado.

Esse tipo de gente, quando encontra alguém, pergunta “como vai?” e, antes mesmo que o outro lhe responda algo, começa um desfile de dramatizações, em que sempre se considera “bom e injustiçado”. Ao terminar o monólogo, despede-se “aliviado”, partindo sem ao menos saber de você.

Já a projeção sistemática de uma ideia fixa de uma consciência sobre outra, seja encarnada ou desencarnada, é uma das formas de obsessão mais frequentes nos casos de viciados em drogas. São pessoas cujas mentes enfraquecidas são manipu-

ladas por determinados grupos sociais ou mesmo por um ou mais desencarnados, interessados em prejudicá-las ou até em utilizá-las para atender os próprios vícios.

Dependendo do nível de sua dependência às drogas e de seu estágio de evolução espiritual, uma pessoa, ao desencarnar, pode ter necessidade de permanecer grudada às camadas mais inferiores e densas da matéria, para “sentir” as mesmas emoções de quando encarnada. Assim, usam o corpo de um encarnado para tentar obter as antigas sensações. São esses espíritos, aliás, que costumam ser invocados em rituais em que se oferecem bebidas alcoólicas e sangue de animais. No caso, os cheiros do álcool e do sangue ajudam a atrair os espíritos menos evoluídos, de mais densidade energética.

A obsessão emitida pelas ondas mentais de uma consciência, desencarnada ou não, influi não apenas na mente da vítima. Estas ondas criam campos energéticos que atravessam a psique até o corpo físico, podendo causar não apenas distúrbios de comportamento, mas sérias doenças. Geralmente, os sintomas explodem nos pontos fracos da pessoa. Estes pontos são atingidos pelo desequilíbrio de suas emoções, representando a porta de entrada para os processos obsessivos.

Imagine uma pessoa vivendo mergulhada em constante medo, reestimulando cargas passadas tão fortes que comprometam seu processo digestivo. Um obsessor emitindo ondas mentais de mesma vibração acentuaria esse medo, sendo capaz de criar uma gastrite e, futuramente, até mesmo uma úlcera nervosa.

Muitas vezes, além da desestruturação emocional e mental, a vítima apresenta enfermidade física que surge pela constante projeção de desequilíbrio que o obsessor emite sobre seu corpo astral. Isto se dá pela ressonância vibratória entre a aura do obsessor e a do paciente, interferindo com a ação desorganizadora das energias.

Outros processos de ordem mais complexa são encontrados na magia negra, quando se utilizam objetos, instrumentos e inclusive implantes magnéticos, blocos de energia concentrada ou peças que mantêm interferência sobre o sistema eletromagnético da vítima para o fortalecimento das influências negativas.

A magia negra visa à vampirização de energia, à manipulação da mente da vítima e ao bloqueio do fluxo de energia positiva ou da comunicação saudável entre as pessoas. Os fanatismos de toda ordem, seja política, religiosa ou esportiva, propiciam a instalação dos processos obsessivos, pois, com a perda da capacidade de discernimento, a pessoa torna-se presa fácil para a influência de outras consciências sobre ela.

Em seus textos, Platão, filósofo grego, descreve uma ação de magia. Em uma delas, amarram-se imagens que representam a vítima e sobre elas projetam-se as intenções maléficas que são direcionadas a distância sobre o obsediado. Essa técnica desencadeia a ação de forças naturais sobre o adversário e é encontrada em várias culturas de diversos países.

Um caso de obsessão entre desencarnados ocorreu com Adélia, estudante de psicologia, que fora um homem condenado à morte durante a Revolução Francesa. Ele morre com a sensação de que a irmã o traiu, "tirando o corpo fora e deixando-o sozinho numa fria". Desencarnado, continua como ficou na prisão, encolhido num canto escuro, sem querer falar com ninguém, mergulhado na sensação de angústia e de depressão.

Deprimido e apático, tornou-se presa fácil para os desencarnados ansiosos por auxiliares, e não demorou muito tempo para que um líder maligno percebesse o seu potencial. Conhecedor das fraquezas humanas, ele se aproxima e tenta convencê-lo a participar do seu grupo. Como ele prefere continuar prisioneiro de seus sentimentos angustiantes, o obsessivo insufla-o com a ideia de que a irmã ficou muito bem após livrar-se dele.

Isto representou a gota d'água que faltava para convencê-lo

da traição. Com a promessa de ajuda, ele se deixa levar de volta ao mundo físico e, como entidade extrafísica, tudo observa sem ser visto. Acompanhando a irmã por um bom tempo, o instrutor maléfico ensina o irmão a captar os pensamentos dela e garante que poderá ajudá-lo a vingar-se, afirmando que deverão usar seu ponto fraco, que era a vaidade.

A segunda parte desse processo mostra a obsessão de desencarnado sobre encarnado, quando eles dois partem para interferir na dimensão física, pelo fenômeno de ressonância, transferindo energia vibratória para a irmã. Esta, por estar na mesma frequência mental de culpa, permitiu o acoplamento do irmão, vibrando na raiva e no ressentimento por ela. Se não houvesse ressonância vibratória, não existiria contato entre essas diferentes dimensões, impedindo-se a comunicação. Isto significa que os espíritos obsessores só conseguem estabelecer contatos se ocorrer ressonância vibratória entre eles e suas vítimas.

Foi assim que o irmão, como seu instrutor do astral ensinou-o, começou a obsediar a irmã encarnada, instigando homens a cortejá-la, provocando sua vaidade.

Para que o plano saísse perfeito, fizeram o mesmo com o marido, cuja fraqueza era a insegurança e o ciúme incontrolável. O passo seguinte foi induzir situações que estimulassem a discórdia entre os dois, acompanhando o casal a festas e influenciando a mente dos homens em relação a ela, ao mesmo tempo que atormentavam o marido com pensamentos de traição.

Um drama shakespeariano começou a se desenvolver em direção à tragédia. Para que o plano não corresse o risco de fracassar, uma placa de ação magnética é colocada entre ela e o marido.

Nesse momento da regressão, questionei Adélia: "Como vocês preparam essa placa?"

Adélia responde:

"Pelo pensamento, projetando sobre minha irmã a forma de

uma armadura energética, imantada, com a intenção de afastá-la do marido. Assim, quando ele tenta beijá-la, a placa não permite que as emoções se cruzem. Um não sente mais o outro e, desta forma, distanciados, a crise se instala cada vez mais forte."

Já completamente fascinado pela ideia induzida pelo obsessivo em relação à irmã, ele diz a seu líder que este sabe bem como controlar a mente. Porém, em troca desse favor, o líder lhe diz que deseja uma ajuda em seus trabalhos.

Adélia continua:

"Ele faz isso com todos que acabam de desencarnar. Depois que ele ajuda os recém-desencarnados na realização de seus desejos, e estes aprendem como agir nos processos obsessivos, passam a fazer parte do seu grupo."

A crise do casal estava cada vez mais forte. Num momento de lucidez, tentaram descansar, viajando para a sua casa de campo em busca de uma reaproximação. Mas o irmão sente a chance de se vingar no dia em que o marido vai à cidade para tratar dos negócios.

Seguindo o plano do instrutor, ele projeta passes magnéticos sobre a irmã para entorpecê-la. O instrutor, por sua vez, aproveita a presença de um ladrão no vilarejo e o leva a cometer um roubo, sendo perseguido de imediato. O ladrão é instigado a seguir em direção à casa da irmã, cuja janela estava aberta, para esconder-se até o anoitecer, quando então poderia fugir sem ser visto.

Em transe hipnótico, a irmã dorme profundamente. A partir daí instala-se o último grau de obsessão: a possessão, quando a vítima cai totalmente sob o domínio do obsessivo, com a perda total da consciência.

À tarde, quando o marido retorna da cidade, vai ao quarto e assusta-se com o vulto masculino que, ao vê-lo entrar, escapa pela janela. Uma verdadeira cena de vaudeville, mas que produz sobre as vítimas o resultado tramado pelos obsessivos. Nenhum

detalhe lhes fugiu ao roteiro. Cego de ciúmes, o marido perde a razão e parte sobre a mulher, que, sonolenta, reage perplexa diante de incompreensível violência. Num rápido momento de lucidez, o marido pede explicações, mas não espera resposta, bombardeado pelos pensamentos de traição projetados pelos dois desencarnados. O marido age então como autômato, puxando a espada e matando-a num só golpe.

Ao ver o corpo ensanguentado, ele cai em si, mas é tarde demais. Por sua vez, o irmão desencarnado, atônito, percebe a dimensão de seu ato, ao mesmo tempo que o espírito da irmã, ainda inconsciente, passa para a dimensão onde ele se encontra. Desesperado, ele percebe o quanto a amava e que não desejava seu mal, tomando consciência da trama em que fora envolvido, ao ser levado pelos sentimentos que o sufocavam.

A experiência de Adélia demonstra como os pensamentos obsessivos e as emoções de possessividade envolvem as pessoas e acabam, muitas vezes, mantendo-as imantadas entre si e ao local em que viviam, tornando-se vítimas de seres manipuladores do astral inferior. Tanto ele quanto sua irmã foram vítimas de obsessão.

Com a intenção de prejudicar a vítima, o obsessor se utiliza de técnicas muitas vezes sofisticadas, como inserir no corpo energético elementos com a intenção de enfraquecer-lhe a vontade e, inclusive, provocar doenças.

Vários estudos científicos de ponta sobre fenômenos paranormais indicam o uso de novas técnicas que abrem horizontes no campo da pesquisa psíquica. Aos que desejarem tratar as enfermidades da alma, de encarnados ou desencarnados, o Dr. José Lacerda de Azevedo e seu grupo apresentam o resultado de trinta anos de estudos realizados, no Hospital Espírita de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atento contra preconceitos e fanatismos, ele investiga os novos rumos em direção à medicina espiritual, em particular à prática desobsessiva, em seu livro

Espírito e matéria.

O grupo liderado pelo Dr. Lacerda trabalha os fenômenos da alma sem dogmas, mitos ou ortodoxias, vendo na ciência um instrumento de elevação espiritual. Várias curas foram comprovadas no hospital, a partir de intenso trabalho desobsessivo, utilizando-se a técnica de despolarização dos estímulos da memória, chamada "apometria".

Esse processo emprega a energia mental, sujeita às mesmas leis da física e da mecânica quântica aplicadas aos processos astrais. Eliminando a intolerância religiosa e os cultos artificiais que limitam a investigação científica, a técnica da apo-metria revela-se uma poderosa arma no tratamento de inúmeros focos de neuroses e psicoses, descortinando novos horizontes para a pesquisa psíquica.

O estudo e o desenvolvimento da medicina espiritual levaram a equipe do Dr. Lacerda a situações inesperadas no trabalho de cura de processos obsessivos:

"Certa vez, diante de um mago desencarnado e confiante de seus poderes, formamos um campo de força para paralisar a sua atuação. Mas nada o limitava nem o aprisionava, pois parecia adivinhar nosso propósito. Ele antecipou nosso gesto e desviou nossas projeções magnéticas."

Dr. Lacerda nos relatou que, nesse momento, aproximou-se o espírito de vovó Joaquina. Radiante em sabedoria e amor, incorporou numa médium e apresentou-se como uma "preta-velha", socorrendo e orientando-os. "Meu zinfio, tu sabe o que é spin?", pergunta ao Dr. Lacerda. Ele e a equipe acharam que ela estivesse falando de "espinho", linguajar mais comum a uma preta-velha. Sem entender a relação do espinho com o que estava acontecendo, pergunta aflito: "Por quê?" Quando ela apresenta a descrição detalhada do que estava falando, eles compreendem que se referia ao número quântico spin. Ela orientava-os, de forma científica, para uma inversão no spin do mago, ao

mesmo tempo que espalmava a mão direita em projeção magnética na direção deste, criando um campo de força imobilizante. Dr. Lacerda conta que começaram a contagem para a formação de um intenso campo magnético, a fim de provocar a inversão angular dos spins no corpo astral do mago, defasando-o em 45 graus. Assim que terminaram a contagem em sete, o mago leva um choque instantâneo e sua energia desmonta como um bloco, completamente inconsciente. Vovó Joaquina cuida da transferência do mago para a sua cidade astral, onde será tentada a sua recuperação. Quais os motivos que levam um ser a se tornar obsessivo? Basta estar aprisionado a sentimentos limitados e a traços negativos da personalidade, como apegos materiais, ódios, ressentimentos e vinganças. Ou apenas um pensamento obsessivo devido a algum acontecimento desagradável ou a alguma pessoa será suficiente para que alguém se mantenha imanado a uma determinada situação. Após a morte, os seres mergulhados no egoísmo e outros sentimentos destrutivos ficam presos na região denominada umbral — a fronteira primeira que separa a realidade dos vi-vos e a dos mortos, perto da crosta terrestre. Como mantêm o perispírito denso pela frequência de seus pensamentos, esses seres, mesmo desencarnados, continuam a vibrar na densidade da matéria, magnetizados por ela. Mesmo após a morte física, carregam em seus corpos energéticos as vibrações negativas do estado patológico em que viviam quando encarnados. Não é um castigo, e sim consequência das leis de vibração e de afinidade, uma questão explicada pela física e que recebe o nome de ressonância magnética: a transferência de energia de um sistema para outro de frequência idêntica.

Entretanto, a ação dos espíritos atrasados sobre os seres encarnados se torna enfraquecida em função da densidade da matéria. O mundo físico e o mundo astral são dimensões diferentes, independentes, que se interpenetram, mas sem continuidade

entre si. Portanto, não se misturam. Pude perceber isso em minha prática clínica, quando me deparei com vítimas de obsessores, como ocorreu durante uma sessão de terapia com uma paciente chamada Regina. Sensitiva, ela demonstra a interferência de uma consciência desencarnada que, através do fenômeno de psicofonia, popularmente chamado de incorporação, comunicase irritada, apresentando-se como alguém que a acompanha há muitas vidas. Nestes casos, primeiro entro em contato com as equipes espirituais, para, em harmonia, cada qual cumprir suas tarefas. Depois, conversando com o ser desencarnado, procuro ajudá-lo com informações esclarecedoras, emitindo impulsos mentais de força eletromagnética capazes de criar um campo de força protetora. A equipe espiritual, atuando na dimensão astral, utiliza esse campo para completar o trabalho, muitas vezes de imobilização do obsessor, numa forte rede magnética. Quando uma vida passada relacionada a algum obsessor é lembrada, geralmente este comparece a várias sessões de terapia, acompanhando as dificuldades, como no caso da paciente Regina, com sentimentos de culpa que trazia desde a infância e cuja causa desconhecia. Assim, ambos se libertaram do elo negativo que os unia, baseado em mágoas, culpas e ressentimentos, livrando-se dos tormentos que os mantinham unidos invisivelmente. Vida após vida, vamos aprendendo a abandonar as posses adquiridas durante a existência, para livres voarmos em direção ao futuro. Mas nem sempre isso acontece sem obstáculos. O mais comum é ocorrer um período de transição após a morte, em que a consciência precisa se adaptar à nova realidade imaterial. Nesse período, quase sempre ocorre uma fase de confusão, com a pessoa tendo dificuldades de perceber a sua condição de espírito. O trauma da morte costuma imobilizar os recém-desencarnados, que, aterrorizados diante de uma realidade desconhecida, tornam-se incompetentes para agir na imaterialidade, mantendo-se apegados às emoções que sentiam quando encarnados. Algumas

religiões sustentam que o último momento de vida determina a sua existência após a morte. Parece que se baseiam no fato de que, ao desencarnarmos, levamos os mesmos sentimentos e pensamentos que desenvolvíamos até morrer. Aquilo que conhecemos como inferno é criado por nossas próprias projeções mentais, e essas formas-pensamento vão se agrupar pela mesma frequência vibracional. A nossa realidade material é elaborada, primeiro, pelo pensamento, no mundo das ideias, e só depois se concretiza pela ação, numa casa, numa profissão, numa família. Da mesma forma, a dimensão extrafísica, que é pura energia, portanto muito mais sutil, molda facilmente a realidade projetada por cada consciência. Se estamos bem, criamos um ambiente favorável. Caso contrário, o mundo à nossa volta exalará o nosso estado de espírito. As regiões umbralinas, por exemplo, bem próximas da crosta terrestre, abrigam as formas-pensamento afinadas com o nível evolutivo das consciências que ali habitam. Essas consciências, apesar de desencarnadas, vivem apegadas à realidade material, com toda a carga de emoções primárias, mas numa dimensão inferior, o umbral, que, envolvido em espessa camada de miasma, não recebe nem mesmo a luz solar, que aquece e dá vida. Concluindo este capítulo, é importante lembrar que os processos obsessivos se instalam através de portas que deixamos abertas por medo, vaidade, ódios, ressentimentos — sentimentos do ser humano primitivo registrados na memória e que podem ser acionados a qualquer momento por reestimulação. Esta reestimulação faz vir à tona a agressividade das guerras e lutas territoriais, que na trajetória evolutiva humana foram sendo substituídas pelo uso da palavra. Quantas vezes, em lugar de utilizar a palavra como expressão, a usamos como arma mortífera contra quem nos ameaça ou pensamos ameaçar? Portanto, esses sentimentos de posse e negatividade, as situações não resolvidas, ou mal resolvidas, atuam como um ímã, permitindo que se instalem os processos obsessivos.

Compreender nossos limites em cada encarnação ajuda-nos a superar os fracassos, aprendendo a dar sentido à vida, a partir de nossas decisões e relações sociais. Para alguns, a vida é percebida como um fardo, mas o ideal é que seja vivida, conforme já disse, como jogo dialético, em que perder e ganhar representam etapas integradas. Fechar os ciclos, resolver situações pendentes e saber perdoar, desapegando-se das situações passadas, facilitam uma vida mais feliz, sem associações obsessivas, e permitem uma caminhada livre em direção ao desenvolvimento espiritual. Os fracassos, assim, seriam entendidos conscientemente como lições que promoveriam futuras vitórias. E os momentos vitoriosos não provocariam situações de egocentrismo e cegueira desbragada, por sabermos que tudo é transitório — o fracasso pode nos aguardar na próxima esquina.

Seguindo a Luz

Com o rompimento do cordão de prata, nada mais resta a fazer: estamos do lado de lá. E se não existe preparo para o desligamento, a consciência costuma sentir-se atordoada, sem compreender que passou de uma dimensão para outra.

A física quântica revela que a realidade é multidimensional, com diferentes frequências vibracionais. Assim, podemos entender então como a frequência do pensamento age, determinando a dimensão que a consciência irá habitar após a perda do corpo físico. Como o cérebro é apenas um instrumento, na vida material, de manifestação da mente, esta, portanto, sobrevive à morte física.

De uma maneira geral, após o choque causado pelo desligamento do corpo físico, a consciência entra em afinidade com a

dimensão que possua a mesma frequência vibratória. Existem diversos níveis astrais, e, mesmo encarnados, somos capazes de experimentar a expansão da consciência em muitos desses níveis, pelo desdobramento da consciência. Desdobrar é diferente de desencarnar, pois nesse caso a consciência, ao ultrapassar com lucidez os limites do corpo físico, mantém o cordão de prata; que só se rompe com o desencarne.

Durante o processo de regressão de memória, é possível acessar as vivências de morte nas outras vidas, e muitas vezes relembrar os estágios nas colônias espirituais, existentes em diversos níveis na escalada evolutiva. Faz parte de muitos relatos a experiência de se permanecer magnetizado no espaço paralelo ao local da morte. Nessa dimensão imaterial o desencarnado costuma vagar inconsciente de sua nova condição.

A transferência para locais mais evoluídos é feita pelos seres de luz que trabalham nas zonas intermediárias, entre a dimensão física e a astral. É comum aos que recordam a experiência passada de morte o contato com espíritos que trabalham no pronto-socorro aos desencarnados, projetando serenidade e criando, pela comunicação telepática, o esclarecimento sobre o que está se passando e a nova realidade a ser vivida.

Mesmo os espíritos mais revoltados, com dificuldade de perceber a presença dos auxiliares invisíveis, acabam, levados pelo desespero, a invocar uma ajuda para tirá-los do estado em que se encontram. Quando todos os recursos se esgotam, a personalidade curva-se diante da supremacia do espírito, reconhecendo a sua impotência para resolver problemas de ordem superior.

A vivência de morte numa outra vida é descrita por Gilse, ao falar do momento em que se coloca a corda em seu pescoço, o padre lhe dá a extrema-unção e o juiz lê algo sobre a importância dos bons costumes. Em seguida, o carrasco chuta a cadeira em que está apoiado, e ela relata:

“Meu corpo cai, a corda aperta o meu pescoço e a dor é muito forte. Sinto o sufocamento até não ver mais a luz do dia. Eu morro com raiva, muita raiva, e fico olhando o espetáculo, as pessoas assistindo, e eu odiando mais ainda, até que tenho a sensação de que vou explodir de tanto ódio. Tenho um colapso espiritual e apago. Quando volto a mim, tudo acalmou, percebo que fui recolhido e estou num hospital.” Isso mostra que os seres de luz estão à disposição de todos que não ofereçam resistência ao resgate. Assim, são transferidos para as colônias de tratamento onde ficarão em recuperação do trauma da morte. O processo é semelhante ao dos bebês que ao acabar de nascer precisam de cuidados especiais para a adaptação à nova realidade.

Enquanto a pessoa tentar reproduzir os valores materiais, permanecerá sentindo as mesmas dores que viveu na Terra. Mas ao pensar numa outra possibilidade, já estará se conectando a ela. Para atingir as esferas celestiais, acima da estrutura material, é preciso acreditar que elas existem. Neste momento, as percepções se ampliam, e a pessoa pode acessar outros níveis mais elevados de consciência, em que a realidade externa reflete as vibrações dos seres que a habitam.

Não importam quais os delitos cometidos durante a vida material. No momento em que a pessoa percebe seus erros e decide honestamente modificar-se, suas vibrações se transformam. Isso pode demorar muitos séculos para acontecer ou apenas um segundo, e assim, livre dos véus que encobriram a sua visão até então, a pessoa pode perceber os seres de luz prontos a resgatá-la para uma outra dimensão, onde poderá recuperar-se das marcas negativas impressas em seu perispírito.

Gilda, 27 anos, cientista social, viveu uma reencarnação no Oriente Médio, e, por desafiar as ordens do marido, foi morta com as duas filhas. Com muita raiva, passa a influenciar o filho, enviando-lhe ondas de pensamento de vingança para que o primogênito mate o pai. Atormentado pelas emissões da mãe, ele

acaba atacando o pai com uma enorme pedra. Assim que morre, o pai encontra na dimensão extrafísica a mulher e, avançando sobre ela, ameaça persegui-la e prejudicá-la pelo resto da vida.

Logo em seguida, eles se afastam para dimensões diferentes, e ela toma consciência do mal que produzira à sua volta ao ver o filho transtornado ao lado do corpo do pai. Para tentar ajudá-lo, ela permanece junto a ele, o que provoca mais desequilíbrio ao jovem.

Tempos depois, um ser de luz se aproxima e explica que, se permanecer ali, ao lado do filho, só irá prejudicá-lo ainda mais. Ela chora muito, arrependida, sem saber o que fazer para corrigir seu erro.

A entidade consegue acalmá-la, explicando que mais adiante terá nova oportunidade de reencontrá-lo para reparar o que fez.

Ela o segue e descreve: “Estamos vagando pelo universo, e é muito reconfortante! Ficamos algum tempo assim, até que uma forte luz me atrai e não percebo mais nada...”

No início deste século, ela reencontra o marido, desta vez como seu namorado. Muito severo, o pai tenta impedir o seu relacionamento com ele. Surpreendida tendo relações com o namorado, ela é expulsa de casa pelo pai. O namorado se omite, e, para sobreviver, ela vai para uma outra cidade, onde se prostitui.

A roda da vida continua girando e, mais uma vez, houve um desencontro, pois mesmo sem ter consciência, o antigo marido reagiu de forma vingativa, abandonando a companheira quando ela mais precisava dele. Um novo carma foi criado.

Virgínia, 45 anos, funcionária pública, revive uma vida na Manchúria. É um homem que morre após uma sangrenta batalha, permanecendo muito tempo aprisionado ao local do desencarne. Quando consegue deslocar-se pela força do pensamento até a sua casa, sente intensa confusão em busca da filha e de sua propriedade.

Muito tempo se passou, ele não pertence mais àquela realidade, a filha já não é mais sua, a casa tampouco. Mas perdido e atordoado diante da nova situação que desconhece, custa-lhe a perceber os seres que trabalham no resgate dos desencarnados e que ficam vagando no astral.

Não apenas ele, mas todos os que se encontram perdidos no tempo e no espaço, mais cedo ou mais tarde, são resgatados da escuridão. Levado para uma estação intermediária, ele começa de imediato num tratamento de limpeza energética. Banhos em rios ou cachoeiras aliviam o sofrimento causado pelo trauma da morte e os males que o afligiam em vida e que ainda o acompanham.

O mais difícil para ele foi aceitar a perda do corpo físico. “Tudo está muito escuro... não sinto mais meu corpo, não sei onde estou.” Para ajudá-lo a sair do círculo vicioso, os auxiliares invisíveis projetam sobre sua mente o momento da morte da filha, para que ele tome conhecimento de que o tempo passou. Trata-se de um tratamento de choque para tirá-lo do círculo vicioso que o aprisiona ao passado.

Pouco depois, um guia surge para levá-lo até a colônia onde se encontra a filha, que há tempos vem desenvolvendo a sua evolução e, agora, está partindo para outro local mais adequado à sua vibração.

Um relato de Olavo, escriturário, fala do momento em que percebe uma forte luz e, atraído, dirige-se a ela. Sente que estava de volta à casa espiritual, sua origem. Mas, quando chega aos portões, lembra algo que deixara para trás. Como o apego ao mundo material é um vínculo muito forte, nesse exato momento é sugado pela força do próprio pensamento para uma dimensão mais densa, em afinidade com o pensamento que criara.

Olavo revive outra experiência após a morte, quando passa por uma cachoeira e sente uma forte luz amarela direcionada para ele:

“A água é suave e meu corpo relaxa, amolece... Começo a flutuar sobre a cachoeira, cada vez mais alto, olho em volta e não vejo mais nada, apenas nuvens... agora uma luz vermelha me envolve e eu a atravesso como um túnel... não sei para onde estou indo e não sei o que me faz seguir essa luz, mas sinto que estou sendo lavado por ela, purificado. E tudo vai ficando numa coloração azul... parece que acabei de limpar-me e me sinto muito bem... leve... muito leve... Olho para cima e vejo tudo estrelado... Alguém transparente como fumaça me toma nos braços e me carrega. Vejo o espaço amplo e iluminado acima de mim.”

Por sua vez, Leise, professora de línguas, sentia pavor de escuro. Voltando no tempo, ela se vê sentada num canto escuro, encolhida e apavorada. Não sabe onde está: “Não enxergo nada, está tudo escuro.” Ela começa a se agitar com muito pavor. Peço que coloque a atenção na respiração profunda, observando atentamente tudo à sua volta. Ela continua imobilizada, agachada num canto escuro.

Cuidadosamente, vou conduzindo-a para fora do quarto, assim que percebo que ela havia morrido há muito, mas permanecia prisioneira no espaço e no tempo. Esta parte sua, que ficara aprisionada no passado, precisava ser retirada daquele lugar, para que deixasse de enviar comandos de medo, reintegrando-se à consciência da qual estava separada.

Sentindo-se paralisada, com muito peso nas pernas, ela demora a chegar ao exterior, pois, depois de tanto tempo na escuridão, seus olhos doem, afetados pela claridade. “Está tudo muito branco; e não vejo ninguém lá fora.”

Ao pedir que olhe seus pés, ela se horroriza. Não quer vê-los, porque estão enormes e inchados, havia regredido ao momento em que seu corpo deteriorava e seu perispírito, mantendo-se ligado a ele, recebia as vibrações materiais e as projetava para a mente.

Sendo um campo energético intermediário entre o físico e o espírito, o perispírito recebe emanções tanto de um quanto de outro. E, nesse caso, a atenção estava na matéria, pois Leise não percebera a morte nem a perda de seu corpo, mantendo-se ligada a ele pelo pensamento.

Desenvolvemos então um trabalho de conscientização para que ela pudesse se libertar e caminhar em direção a seu espírito. Durante muito tempo, ela segue ainda atordoada por uma estrada clara, com algumas árvores, até que escolhe uma delas, sentando-se embaixo para descansar.

Este é um exemplo típico da não linearidade na dimensão extrafísica. Desde o início da regressão, Leise está revivendo um momento após a morte, mas sem percebê-lo ainda. Como o tempo não é linear, ela revive as cenas do final para o meio, vivências fragmentadas que vai descrevendo, cheia de emoção: “Estou de calças bufantes, a cavalo, de botas e chapéu de abas largas, cavalgando a grande velocidade, parece que estou fugindo ou perseguindo algo.”

Após repassar o incidente nos diversos momentos fragmentados, chegamos ao ponto anterior à cavalgada. Nessa reencarnação, Leise era um capataz de fazenda que tem a incumbência de matar o prefeito da cidade. Mas a falta de convicção na tarefa e o nervosismo fazem com que erre o alvo.

Quando o prefeito chega em casa, sua filha, de oito anos de idade, corre para abraçá-lo e recebe um tiro fatal. Desesperado com o engano cometido, o capataz foge, mas é perseguido pelo prefeito e um empregado. Eles o encontram em sua casa e o encurralam no quarto onde tentou se esconder. Matam-no a pontapés e pauladas na cabeça.

Ao reviver sua cabeça sendo fortemente agredida, ela libera processos psicossomáticos, sentindo fortes dores de cabeça. É interessante ressaltar que Leise sofre de disritmia cerebral, e neste momento identifica a origem cármica de sua doença, que

até então não tinha uma causa explicável.

Quando é atingido o núcleo traumático de uma existência passada, os resíduos cármicos que provocam uma doença na vida atual diminuem. Mas nem sempre é possível fazê-los desaparecer quando já causaram danos profundos no corpo material.

Cerca de oito sessões foram realizadas para repassarmos toda essa vivência, até escoar as cargas de emoção negativa. Mas desde a terceira consulta, Leise já conseguia dormir com a luz apagada. Ao final, sua condição física e emocional melhorou muito, assim como o sentimento de culpa que lhe diminuía a autoestima.

Reviveu-se várias vezes o fato até se atingir o máximo de lucidez. Então voltamos ao quarto onde o capataz estava escondido desde o início. Sua consciência agora está mais desperta, e ele pode descrever o ambiente simples, com uma cama rústica, e o pavor que sente ao ouvir os berros do prefeito e do empregado que o acompanha. Ele se encolhe num canto, os dois homens arrombam a porta e entram. Diante de seu olhar de pânico, o prefeito grita vingança pela morte da filha.

Ao liberar os bloqueios, ele recupera a consciência e já pode perceber o momento em que, após a morte no astral, descansava embaixo de uma árvore. Seus pés estão cansados de tanto perambular, e ele percebe a aproximação de um homem. Cansado, pede ajuda e concorda em seguir com o estranho.

Um caminho iluminado surge à sua frente, sendo levado a um hospital onde é tratado durante bastante tempo. Leise descreve uma médica que acompanha passo a passo a sua recuperação. E a tomada de consciência vem lentamente, reconhecendo a perda do corpo físico e partindo para a fase de autocohecimento, que tem como objetivo facilitar a reencarnação seguinte.

Outros pacientes com disritmia cerebral apresentaram relatos semelhantes em suas regressões. Rosalina, professora uni-

versitária, numa vida passada foi assassinada com uma forte pancada na cabeça. A paciente sofria desde a infância de desmaios por epilepsia, ocorridos durante o sono.

Durante algumas sessões, trabalhamos os momentos de medo que antecediam os desmaios, quando, paralisada, tinha que pedir socorro antes que perdesse a voz. Esses momentos eram sempre acompanhados de forte dor de cabeça.

Continuamos penetrando cada vez mais no passado, em busca de instantes de dor de cabeça seguidos de inconsciência. Ela relata, enfim, que se encontra num campo vendo um homem brutalhado sair correndo de uma casa simples. Peço que ela olhe onde está pisando. Ao perceber o mato ralo sob seus pés, descobre também que estes são rudes e masculinos.

Nesse momento, ela passa a falar na primeira pessoa e descreve a indignação que sente ao ver esse homem brutalhado fugir. Corre atrás dele, que já está subindo uma ladeira de terra. Tenta segurá-lo, mas é empurrado e uma barra de ferro acerta a sua cabeça. Sente então um forte impacto na cabeça. Tudo aconteceu tão subitamente que não conseguiu nem mesmo gritar.

Cuidadosamente, repassamos os instantes que antecedem à fuga do homem, e Rosalina vai percebendo detalhes que estavam bloqueados: saiu para socorrer uma vizinha idosa que fora agredida violentamente pelo filho demente, indignado corre atrás dele. Ao tentar segurá-lo, ele se volta muito rápido e, com a mesma barra de ferro com que atingira a mãe, acerta-o na cabeça.

O incidente é revisto várias vezes, até que os sintomas psicossomáticos sejam eliminados com toda a carga de emoção e que Rosalina perceba o seu comportamento nessa vida passada e os resíduos de algumas características que precisavam ser superadas, como: a dificuldade em aceitar os limites alheios, deixar que a pressa lhe impeça uma clara visão da realidade, não aceitar seus próprios limites e ter muito medo de se colocar

diante das diferenças.

O choque da perda do corpo físico quase sempre impede por algum tempo que a consciência perceba a mudança de realidade, como podemos perceber pela experiência de Diva, 24 anos, secretária. Numa vida passada, ela morre de forma violenta e atravessa momentos de grande confusão até encontrar a luz que a guiou na escuridão depois da morte.

Anos trinta, Argentina, ela é agredida pelo cafetão depois de lhe comunicar a gravidez. Ele reage à notícia com muita violência. Num quarto sombrio, durante as agressões físicas, ela insiste em ter o filho e, para livrar-se da violência, tenta feri-lo com uma faca que estava sobre a mesa. Eles lutam, e ele tira a faca de sua mão, matando-a em seguida com uma estocada no estômago.

Com tanta confusão e violência, Diva morre sem mesmo perceber o que estava acontecendo. Ele foge, e ela, inconsciente da realidade após a morte, fica perambulando pela casa, sentindo muita dor e pedindo ajuda. Dias depois, sentindo o odor que o corpo putrefato exala, uma faxineira do prédio chama a polícia para arrombar a porta.

Nesse instante, ela desperta da inconsciência e surpreende-se com a visão de seu corpo ensanguentado sendo levado pelos policiais. São momentos de muito sofrimento. Assustada, ela se recusa a olhar o próprio corpo e, mais tarde, o enterro.

Desperto a sua atenção para fora dali, para que possa relaxar ao sentir o calor da luz do sol. Pouco a pouco revigorando--se, cada vez mais lúcida, ela pode então perceber a presença de um homem que, saindo da luz, caminha em sua direção. Nesse momento, abre-se um horizonte iluminado à sua frente e ela descreve a caminhada dos dois até entrar por um túnel de luz.

Vida Entre Vidas

“Antes de virmos a esta vida, já tivemos outras, e no tempo intermediário que passamos no mundo dos Espíritos, adquirimos o conhecimento das grandezas a que somos destinados...”

— Platão

As pesquisas com regressão de memória revelam que a consciência sobrevive após a morte e continua seu aprendizado em diferentes níveis vibratórios. Das regiões mais densas, perto da crosta terrestre, até dimensões de intensa luz, em direção à ionosfera, podemos constatar o desenvolvimento que a consciência experimenta. Gradativamente, nem sempre de forma linear, os estágios entre as reencarnações possibilitam o aprendizado das leis que regem o universo.

A terapia de vidas passadas pode alcançar esses estágios, fazendo emergir lembranças de vivências entre uma e outra existência, revelando, entre outras coisas, que o tempo em que estamos encarnados no mundo material é bem pequeno. Parece que a temporada na Terra representa uma ínfima parcela da experiência da consciência, e que é na vida espiritual que se dá o aprendizado mais longo.

É entre uma encarnação e outra que trabalhamos a escolha das novas características da vida terrena, preparando o laboratório para a próxima experiência com maiores possibilidades de aperfeiçoamento.

A cientista social Nélide relata a lembrança da reavaliação vivida entre uma existência e outra:

"Sou encaminhada a um jardim onde estão pessoas de várias idades, e ali aprendemos sobre a última reencarnação. Compreendo que na minha última vida nasci judia para aprender a valorizar as pessoas, sentindo na pele todo tipo de preconceito.

Praticamos também exercícios respiratórios e permanecemos certos períodos em algumas tendas individuais, para receber fluidos que incidem sobre o alto da cabeça. São raios multicoloridos, com a predominância do azul, e têm a finalidade de regenerar os corpos energéticos.

Participamos do processo de conscientização que inclui o reencontro com pessoas com as quais convivi em outras vidas e, através de dinâmicas de grupo, compreendemos as diferenças e dificuldades anteriores. Tudo se passa de forma muito feliz e natural.

Quando chega o momento de reencarnar, eu me sinto preparada para continuar o aprendizado de valorização das pessoas, pois tenho a tendência a me sentir superior a elas."

Muitas regressões mostram que pacientes e instrutores cárnicos, durante o período entre vidas, estudam muito e se preparam para a próxima reencarnação. O contato com o instrutor pode ser feito no tempo presente, quando a pessoa está com a consciência expandida para além do tempo e espaço. Trata-se de um fenômeno paranormal explicado pela física contemporânea, segundo a qual a consciência pode entrar em qualquer local do espaço-tempo-passado, presente ou futuro, e experimentar o momento.

Isso foi vivenciado por Nélide, durante várias sessões, mantendo contato com seu instrutor, no passado e no momento da terapia:

"Estou sentada num leito e, a meu lado, um senhor de barbas brancas veste roupa clara e leve. Lembro-me de tê-lo visto após as outras mortes do passado.

Muito compreensivo, ele me dá parabéns pela atitude na minha última vida, embora eu me censure achando que não deveria ter agido da forma como agi, provocando o pior para mim."

Ela vivera como um soldado romano que, na época de Jesus Cristo, sempre arranjava um jeito de aliviar o massacre aos

judeus e, por isso, fora condenada à morte.

“Ele me diz que eu agi de acordo com a minha consciência e levou-me a compreender que o medo de agir, que me atrapalha a vida atual, teve início naquela vida. O medo pela consequência dos meus atos provoca a paralisação diante de atitudes que não consigo tomar hoje em dia.”

Como guerreiros que, após enfrentar batalhas, retornam à casa para longo período de repouso, depois de cada encarnação trabalhamos a reflexão e a reavaliação dos nossos fracassos e vitórias, para numa outra ocasião aproveitarmos melhor a experiência adquirida. Assim, vamos pisando novos degraus na caminhada evolutiva, atingindo camadas cada vez mais sensíveis do universo.

Após desencarnar durante uma batalha civil na Bélgica, como revolucionário republicano, Nélide termina o tratamento para adaptação à sua nova condição de espírito, iniciando o trabalho de conscientização. Durante uma conversa com seus mentores, ela compreende o que faltou desenvolver na reencarnação que acabou de deixar:

“Apesar de ter aprendido a lutar por minhas metas, eu o fiz com raiva, muita raiva, e isso me atrapalhou, intoxiquei o meu espírito com o constante sentimento de revolta. Assim, terei que voltar para exercitar o perdão, aprender a eliminar o ressentimento e suavizar as minhas energias muito densas em alguns pontos.”

Pergunto a Nélide como recebe a orientação para a próxima reencarnação.

“Estudamos as probabilidades e situações difíceis pelas quais terei que passar, como teste para a minha capacidade de perdoar. Desde a família, a condição social, os talentos ou a falta deles. Afinal, o aprendizado é feito no mundo criado pelos seres humanos, e devemos aprender a lidar com as imperfeições e ciladas.”

Em alguns casos, os orientadores espirituais apresentam o livro que contém a história pessoal do paciente, ajudando-o na compreensão das leis de causa e efeito que regem sua consciência e sua trajetória evolutiva. É o que ilustra a regressão de Virgínia. Recuperando-se do trauma da morte, após uma encarnação como homem na Manchúria, encontra-se numa sala de aula. Apesar de sentir-se melhor, seu espírito continua obcecado pela ideia de reencontrar a mulher e a filha que deixou:

“Vejo várias pessoas, cada qual atenta à leitura de um livro. Fui trazido aqui por meu mentor, que me orienta a ler e refletir sobre a página em que leio: 'A vontade da alma é a vontade do Pai'.”

Certamente, trata-se de um exercício para dissolver a resistência que mantém em relação a uma nova experiência reencarnatória, querendo sobrepor-se às leis universais de evolução.

Sua dificuldade é manter-se em movimento. Ela teima em permanecer estagnada, apática, deprimida por lembranças e ideias fixas, sem aceitar que cada qual continuou seu caminho evolutivo.

“Tenho que reencarnar... Mas não quero, não quero sair daqui... é calmo, bom, é seguro.” Ela repete e murmura alienada da realidade.

Para vencer sua resistência, o orientador apresenta-lhe, diariamente, o mesmo livro, em que está escrito a mesma frase: “A vontade da alma é a vontade do Pai.”

A geóloga Anete também esteve numa biblioteca onde seu mentor lhe deu um livro. Ao abri-lo, ela se deparou com uma página em branco que mostrava a próxima etapa que deveria completar, reencarnando para mais uma experiência terrena.

Ana Lúcia, médica, após a morte numa existência na Idade Média, é levada por seu mentor espiritual até uma construção em barro em forma arredondada. No interior, um catre, uma biblioteca e um fogão a lenha com um caldeirão borbulhando uma

sopa. Atendendo à sua curiosidade, ela pega um livro e, ao abri-lo, encontra uma página com um desenho de uma explosão. Percebe que se trata da explosão que deu origem à formação do mundo.

A totalidade do universo e todo o conhecimento estão contidos dentro de cada indivíduo, embora permaneçam adormecidos no inconsciente, esperando o estímulo certo para despertar.

Abrir a mente para novas realidades ajuda a conectar horizontes mais amplos. Muita informação sobre a realidade dos mundos espirituais são reveladas por André Luiz, médico carioca que desencarnou nos anos trinta e desenvolveu missão de esclarecimento através de uma vasta obra psicografada por Chico Xavier. André Luiz apresenta vários exemplos de regiões extrafísicas que acolhem as consciências após a morte: do umbral mais denso, onde estão as consciências que, por ignorância ou vontade de levar vantagem em tudo, afastam-se da luz até regiões mais sutis, em que o amor incondicional e a generosidade são leis essenciais.

Psicografias mais recentes, como as dos espíritos Luiz Sérgio e Patrícia, desencarnados nas últimas duas décadas, também relatam em linguagem coloquial, acessível sobretudo aos jovens, a realidade sobre a vida após a morte nos mundos invisíveis.

A médica Denis, 33 anos, relembra um período entre encarnações em que desenvolveu o aprendizado sobre as energias e sua relação com as doenças infantis. Levada por dois instrutores, faz estágio em uma colônia móvel: cidade espiritual que se locomove para diferentes captações de fontes energéticas. Essas colônias localizam-se próximo à Terra. Neste caso, sua função era recolher crianças desencarnadas com doenças degenerativas, necessitando de imediatos cuidados sobre seus campos vibratórios:

“Do ponto mais alto da colônia, posso ver a Terra. Dá para

identificar os continentes. A Terra reflete uma tonalidade azul, linda, exatamente como os astronautas a descreveram. Estou aqui para aprender sobre a vibração nas diversas faixas de energia e para compreender as relações entre tempo e espaço.”

Como somos um feixe de energias e concentramos em nossa estrutura as sete cores do prisma solar, para desenvolver a medicina vibracional, é preciso compreender a importância de cada cor nos processos de equilíbrio e cura.

Realizei com Dênis inúmeras sessões de expansão da consciência, acompanhando seu aprendizado que incluiu, ainda, a captação de energia nas diferentes regiões do planeta:

“Sobre a Amazônia, predomina a luz azul, importante para o fortalecimento das crianças que acabam de desencarnar. Sobre a Foz do Iguaçu, a vibração mais intensa é de cor amarela. Sempre que é preciso recompor esta vibração, a colônia se desloca para lá.”

Pude verificar nas diferentes colônias visitadas que amor e fraternidade são palavras que constam de qualquer livro e da vida de cada um que habita essas dimensões de luz. Nelas, existe um cuidado com a evolução da humanidade e o estudo profundo sobre a nossa trajetória.

Uma paciente, em regressão a uma etapa pré-reencarnatória, relatou que se encontrava na biblioteca de uma cidade espiritual, fazendo sua recuperação e preparação para a próxima experiência na Terra, quando, ao abrir um livro, encontrou o seguinte texto:

“A Terra está cumprindo o seu ciclo de desenvolvimento, e devemos participar dessa transição, acompanhando a nova etapa de evolução da matéria. Os espíritos reencarnam para crescer com a Terra, evoluindo de forma integral e atingindo o nível dos planetas que, como o Sol, deixam de ser regidos para serem dirigentes.”

Nossa meta deve ser atingir luz própria, e os seres que

habitam a Terra devem evoluir no mesmo sentido, deixando a fase infantil de tutelados, para se tornarem seres conscientes com autonomia.

Uma grande maioria ainda se nega a participar do movimento cósmico, fechando-se em horizontes estreitos e visualizando apenas o próprio umbigo, acreditando-se separados do universo. Contudo, algumas consciências já alcançaram um alto grau de desenvolvimento e dominam a matéria pelo seu conhecimento. Fenômenos que para nós ainda são inexplicáveis, para elas, são práticas do dia a dia.

Dimensões de Luz

“Se eu quiser falar com Deus, tenho que me aventurar,
tenho que subir aos céus, sem cordas pra segurar”

— Gilberto Gil

Para chegar às dimensões de luz, é preciso atravessar túneis interdimensionais que se abrem quando a nossa frequência mental se expande e interage com outros campos da mesma vibração. Muitas vezes, esse transporte é feito com a ajuda de seres de luz que cuidam do resgate dos desencarnados. Isto ocorre quando pessoas que perderam a sua identidade de encarnadas não conhecem o caminho da nova residência que deverão habitar, sentindo-se estrangeiras em um país desconhecido.

As fronteiras entre as diversas dimensões que separam as realidades física e extrafísica, o real e o imaginário, são linhas muito sutis, e apenas a vivência e o conhecimento ajudarão distinguir a diferença entre elas.

A física quântica considera o universo em camadas,

conectadas umas às outras, formando um oceano de energias de diversas frequências. Essas energias nada mais são do que ondas emitidas ou absorvidas pela espuma quântica. Dentro desses princípios, a ciência contemporânea aceita que a matéria pode ser influenciada pelo pensamento. Assim, todos os fenômenos estudados desde o século passado podem ser explicados: materializar a luz em objeto, fazer uma imagem aparecer num filme, fax ou computador sem usar câmera ou operar o equipamento. Inúmeros outros fenômenos, inclusive projetar um raio laser ou mudar a temperatura da água.

Para os físicos contemporâneos David Bonn e Karl Pribon, o universo é criação mental de todos; portanto, seu resultado é pura interpretação. Sendo assim, o que alguns, em suas experiências por outras dimensões, descrevem como a travessia sobre um oceano, pode ser, na realidade, o gás ou a energia em ondas.

As passagens interdimensionais, ou túneis que ligam uma à outra dimensão, são o que os físicos chamam de “buracos de minhocas”. Essas passagens fazem a conexão entre as diversas camadas gasosas que constituem o universo. São usadas após a morte para se chegar às dimensões extrafísicas, além de servir como descida para uma outra encarnação. São caminhos chamados nas dimensões espirituais de “campos de saída”.

A médica Dênis continua sua terapia vivendo uma experiência interessante após a morte numa existência anterior. Ao recuperar-se do trauma do desencarne, ela sai do hospital para onde fora levada ao ser resgatada e continua aprendendo sobre energias, acompanhada por dois instrutores espirituais.

Seu aprendizado se estende a várias colônias que desenvolvem diferentes pesquisas. O trânsito entre essas colônias é descrito por ela da seguinte forma:

“Os dois instrutores comunicam que meu estágio nesta colônia móvel de recuperação energética das crianças recém-de-

sencarnadas está terminando. Já compreendi que o meu aprendizado exige um movimento intenso para superar a minha tendência a me acomodar. A próxima colônia para onde vou trabalhar na captação e na pesquisa de informações de conhecimento adquirido sobre a espiritualidade nos diversos períodos da humanidade na Terra.”

Dênis está relatando a sua experiência do período em que esteve desencarnada, acessando o registro de sua memória integral contido em seu espírito:

“Para nos deslocarmos para a próxima colônia, atravessamos um portal que irradia forte luz amarelo-dourada, e somos levados sem esforço, flutuando como um astronauta nas imagens dos documentários da NASA.”

Esse tipo de experiência acontece quando a mente se comunica com diferentes universos, desenvolvendo novas percepções. Aqueles que vivenciam essa passagem costumam concluir que a morte é apenas o fim do contato com o universo físico. E se o fim não existe, então morrer significa apenas mudar de dimensão, perdendo-se o instrumento material com que operamos na realidade física. Trocamos nosso endereço dimensional, passamos a habitar dimensões extrafísicas num determinado endereço cósmico que dependerá da frequência média de nossos pensamentos.

Alguns cientistas contemporâneos afirmam que é possível ser influenciado por mentes mais evoluídas. A intuição, acreditam eles, é consequência de saltos quânticos que levam a conexões com diferentes estados evolutivos da consciência. Pela intuição, é possível receber e emitir comunicação ou captar informações que estejam fora da realidade física. Portanto, vamos alargar os nossos horizontes e imaginar, pelo menos, as inúmeras possibilidades de evolução existentes fora do nosso conhecimento concreto. Talvez assim, à luz da Razão, muitos dogmas possam ser compreendidos.

O médico carioca André Luiz, ao qual já me referi anteriormente, cita, em sua obra psicografada por Chico Xavier, passagens de comunicação, entre nossa dimensão material e colônias extrafísicas, que devemos atravessar após a morte. São túneis de luz de fácil acesso aos espíritos evoluídos e que conhecem o caminho, mas intransponíveis para os que estão nas camadas inferiores. Estes só podem passar esses túneis acompanhados por espíritos superiores que lhes sirvam de guia.

Podemos também encontrar, nas narrações de André Luiz, relatos de entidades espirituais que fornecem detalhes a respeito de suas organizações comunitárias e de “cidades” construídas para dar apoio ao universo físico. Algumas dessas organizações são bastante evoluídas, e os seres superiores que as habitam possuem conhecimento suficiente para interpenetrar as diversas dimensões, inclusive descendo em níveis inferiores, como a nossa realidade material.

Em seu livro *Nosso Lar*, o espírito de André Luiz descreve a arquitetura desta colônia homônima:

“Da crosta terrestre até o seu limite, os continentes e os mares se projetam, e onde o Espírito estiver situado pela identidade vibratória, seja onde for, nesse vasto espaço magnético, sob seus pés terá terra firme e sobre sua cabeça um céu aberto. Isso porque seus sentidos não estarão ainda aptos a perceber as esferas que lhe estão acima. Nessa posição, terá a mesma geografia planetária que nos corresponde e o mesmo tempo, pois estará sob o mesmo fuso horário.”

Assim, existem cidades extrafísicas que, quanto mais próximas estão da Terra, mais semelhanças têm com a nossa realidade.

Para simplificar a compreensão dessas regiões desmaterializadas, diríamos que o céu seria a zona astral superior; o umbral, as zonas paralelas à Terra. As trevas estariam mais distantes do Sol, em dimensões inferiores muito atrasadas, em direção

cada vez mais profunda, ao interior da Terra, numa escala da energia sutil até a densidade do interior do planeta.

A colônia Nosso Lar pode ser percebida pelos sensitivos, a uma altura de aproximadamente dez mil metros acima do nível do mar. Sua estrutura administrativa é constituída por seis ministérios: da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União com as organizações superiores.

Segundo André Luiz, a cidade tem a forma de uma estrela de seis pontas, dividida em seis partes distintas, cada uma delas acomodando setores diferentes, tanto administrativos quanto relacionados à educação, cultura, pesquisa e saúde.

Tudo isso parece ficção científica. Mas, quem sabe, a criação dos melhores textos de ficção não seja uma projeção da memória de vivências espirituais de seus autores? De qualquer forma, eu mesma encontrei, em minha experiência clínica, relatos diversos sobre as cidades construídas em diferentes dimensões espirituais.

Plasmadas pela força da energia mental, essas cidades, dependendo do nível evolutivo, podem estar ainda sob a influência do orbe da Terra e de sua força gravitacional. Portanto, algumas delas obedecem às leis dos movimentos de rotação e translação do planeta.

Vejamos a descrição de Evaldo, engenheiro, 34 anos, durante regressão:

“Estou numa construção circular, alta e clara, cercada por um imenso jardim. Depois de um longo tratamento, começo agora a ajudar as pessoas que chegam de vários lugares, trazidas por seres de luz que trabalham no resgate dos que estão perdidos em zonas paralelas à Terra.

Muitos chegam adormecidos, inconscientes. Desencarnaram recentemente ou há vários anos. Esses grupos de socorro viajam para locais próximos às esferas mais densas que cercam

a Terra.”

Sua descrição confere com a de vários outros pacientes com diferente formação cultural. Muitas pessoas que experimentam a projeção da consciência relatam locais semelhantes às descrições de alguns médiuns respeitáveis que, ao ultrapassar as barreiras criadas pela própria mente, atingem dimensões de luz.

A realidade após a morte é desconhecida por vários de meus pacientes no início da terapia. Mas, ao atravessar os limites da memória consciente, acabam penetrando em dimensões espirituais. É muito interessante observar que são relatos que apresentam descrições bastante semelhantes. E não é assim que deve ocorrer com a boa prática científica, que também precisa ter como fundamento experimentos que se repetem?

A locomoção nas dimensões extrafísicas é feita de diversas maneiras. Algumas regressões falam de micro-ônibus iluminados e de estrutura estranha, trens, veículos arredondados e voadores. Mas dependendo das regiões e do desenvolvimento mental da pessoa, ela poderá deslocar-se por ato volitivo, apenas pela força do pensamento.

Tânia, 27 anos, diretora de marketing, cita em sua narrativa a viagem que faz após a sua morte, numa reencarnação do início do século XX: “Estou num trem claro puxado por uma locomotiva muito antiga. Chegamos a uma cidade onde somos muito bem recebidos. Devemos ficar neste local para algum tempo de aprendizado, antes de escolher a nova vida para a próxima reencarnação.”

A participação na escolha dos dados básicos para a reencarnação seguinte irá depender do nível de consciência em que a pessoa se encontra. Quando o nível de imaturidade é grande, a escolha é feita pelo instrutor cármico, que age da mesma forma que os pais em relação ao filho pequeno. A criança muito pequena não participa da escolha da escola em que irá estudar, o espírito imaturo também não escolhe as condições de sua

próxima reencarnação.

As pesquisas antropológicas revelam que, desde o período paleontológico, a humanidade acredita no auxílio de seres invisíveis, o que pode ser percebido por desenhos e inscrições da Idade da Pedra Lascada. Seriam esses seres habitantes de outras dimensões interplanetárias, interdimensionais, distantes de nós como as estrelas que vemos brilhar no firmamento ou separadas apenas pelas diferentes camadas vibratórias?

O físico David Bohm continua com suas polêmicas afirmações, desta vez sobre a nossa forma fragmentada de perceber o mundo que, segundo ele, poderá nos levar à extinção. Levados pela prepotência, isolamo-nos das outras realidades e, ignorantes delas, acabamos destruindo as nossas condições de sobrevivência.

Não será isso o que fazem aqueles que observam o mundo apenas por sua própria ótica? Ou os que agem seguindo a dinâmica do próprio ego, sem levar em conta o interesse coletivo?

Para superar as limitações que empobrecem o nosso horizonte, devemos refletir melhor sobre a possibilidade da existência de outros universos e de outras formas de vida além da nossa. Imaginemos, por exemplo, pessoas de um vilarejo isolado, que desconhecem os meios de comunicação modernos, diante do retorno de alguém que foi embora e se tornou piloto da aviação internacional. Qual seria a reação dos moradores que nunca saíram de lá, ao ouvir as histórias do piloto sobre as escalas que fez nos vários pontos do planeta? Certamente, ele seria encarado de forma estranha, incompreensível, pois os outros não teriam desenvolvido a capacidade de abstrair de sua existência limitada tais experiências. Como poderiam imaginar as ilimitadas regiões que o piloto conhecera se suas mentes só compreendiam a estreita realidade das fronteiras do vilarejo?

Outro exercício: imagine o seu pensamento atravessando as diferentes dimensões espaciais, começando pela região que

habitamos, a biosfera, palavra de origem grega que significa “portadora de vida”. Voe mais acima, até encontrar a psicofera, uma região imensa e com várias subdivisões por frequência energética, que não se misturam, embora sejam contíguas, mas que podem interpenetrar-se, sempre conservando suas características próprias. Mais acima e bem mais sutil, temos a ionosfera, onde os seres de luz circulam sem qualquer obstáculo, e que pode ser atingida pelo deslocamento mental.

Muitas vezes, o lado racional surge forte após as primeiras projeções espontâneas. Mesmo vivenciando-as, as pessoas costumam indagar sobre a veracidade da experiência. Eu mesma, no início da minha experiência pessoal, várias vezes duvidei da veracidade dos experimentos, que não foram suficientes para me fazer acreditar na realidade extrafísica. Muitas confirmações tiveram que acontecer para que pudesse elaborá-las com as pesquisas e vivências de meus pacientes.

Após a última metade do século XX, uma corrente de estudiosos de mente aberta vem transformando os conceitos da ciência oficial com seus experimentos. Essa tendência acentuou-se nos anos 1980, com vários estudos sobre os extraterrestres. Dr. Wescott, professor americano, diretor da faculdade de antropologia da Drew University, estudou a possibilidade de explicação para as aparições de extraterrestres em seu trabalho, intitulado “Para uma Antropologia extraterrestre”. Sua pesquisa supõe um universo real contendo mais do que as três dimensões que aceitamos culturalmente e diversas formas de vida inteligente.

Quem sabe o que chamamos extraterrestres não são os seres que habitam os espaços paralelos à nossa realidade? Seriam as cidades espirituais construções desses seres que chamamos extraterrestres?

Os universos situados além do que os nossos cinco sentidos percebem estariam no espaço de mais de três dimensões. Lá

seria possível a existência de seres feitos de matéria astral ou etérea, a energia menos condensada que a nossa. Uma energia que, apesar de sutil, é tão real como nós. Para muitos, a percepção desses seres, que transitariam na interdimensionalidade, poderia parecer delírio, fantasia e irreabilidade.

Camille Flammarion, astrônomo francês e investigador metapsíquico do século passado, escreveu vários livros e dedicou sua vida à observação do movimento dos astros e suas interações. Seu trabalho dá uma acentuada importância à possibilidade de existência de habitantes em outros mundos. Muitos outros livros foram publicados sobre o tema, embora o preconceito ou a má qualidade de muitos autores faça com que não sejam levados a sério. Contudo, já existem diversos campos de pesquisa fornecendo material suficiente para a compreensão das várias dimensões fora do espaço material.

Voltando ao tema das cidades erguidas fora da nossa dimensão material, é interessante destacar que elas são construídas de acordo com a cultura daqueles que irão habitá-las, de modo a evitar um maior desequilíbrio mental. Imagine um ser materialista desencarnar e encontrar, em vez do mundo da forma, apenas pontos de luz e cores, energia pura comum a muitas realidades superiores?

Cientes dessa necessidade, os construtores e orientadores das cidades espirituais providenciam a manutenção de uma continuidade cultural para aqueles que acabam de morrer, a fim de encontrarem um ambiente familiar, dentro dos valores mentais a que estão condicionados. Já pensaram um executivo ou um camponês, sem conhecimento da vida espiritual, de repente sair do transe pós-morte e encontrar seres e uma arquitetura espacial totalmente estranhos a seus valores? Certamente entrariam em estado patológico, pois quanto mais fechada a mente, mais dificuldade tem para aceitar a realidade fora de seus padrões. Imaginem, então, quanto tempo seria gasto para tratar o dese-

quilíbrio causado pelo choque cultural nessas pessoas?

Os habitantes dessas cidades espirituais se agrupam seguindo as leis de afinidade energética, em diversas esferas que se comunicam entre si por campos de força e estradas de luz. As cidades de luz hospedam, por tempo determinado, as consciências em fase de transição entre uma e outra reencarnação, para que continuem ali o desenvolvimento espiritual.

Nessas dimensões mais altas, seres evoluídos atuam permanentemente no resgate de desencarnados, ainda presos às vibrações mais densas, usando sofisticadas técnicas de manipulação mental que fazem as “máfias” terrenas parecerem coisa de criança. Entretanto, o trabalho desses seres de luz respeita o livre-arbítrio. Eles intervêm apenas sobre aqueles que desejam alcançar outras dimensões, para elevar-se nos mistérios da vida espiritual. Os outros têm o direito de permanecer onde estão até que a experiência no local se esgote.

Muitas vezes, porém, a pessoa parece não participar do processo de reencarnação, entrando inconsciente numa nova vida, como acontece com minha paciente Virgínia, após a morte na Manchúria:

“Eu fiquei muito tempo quieto no jardim da colônia em que fui instalado. Queria continuar ali pra sempre, mas uma senhora e um homem me convenceram a segui-los, e me colocaram para dormir. Não sei quanto tempo se passou, só percebo agora que acordei... estou em outro lugar... mergulhado numa bolha morna, e é muito confortável.”

Depois de algum tempo, ela continua observando a experiência e descreve: “Ouço um estranho e constante barulho... parece um martelo batendo.”

Assim, do ventre materno ela ouve os batimentos cardíacos de sua nova mãe. Com um novo corpo em construção, ela inicia uma nova vida no início deste século, mas continua fortemente apegada ao passado. Depois do nascimento, ela descreve:

“Vejo uma enfermeira com uma cruz no chapéu branco, e minha mãe está deitada, é morena e está vestindo uma camisola de flores. Ao lado dela está um homem de camisa branca, e estão todos muito contentes. Mas eu não estou, eu não queria ter vindo...”

A ideia fixa na nostalgia de um passado faz com que, aos cinco anos de idade, veja na morte a tentativa de reencontrar o que deixou para trás. Enquanto brinca com uma bola na calçada de sua casa, vê se aproximar um carro: “Eu quero voltar... a bola vai para a rua, e eu vou voltar e ficar com a minha filha... Corro atrás da bola... O carro me pegou, e assim eu vou voltar para aquele hospital, o jardim tranquilo...”

A capacidade para acessar esses registros da memória integral, relembrando as experiências nessas dimensões, é possível se o paciente aceitar a possibilidade da vida extrafísica, eliminando assim os bloqueios do esquecimento. Geralmente, isso ocorre após relativo tempo de experiência em regressões a outras vidas. Após essa etapa, pode-se naturalmente atingir a zona mais desenvolvida da mente humana, considerada o centro da Vontade. É deste centro que partem as comunicações emitidas pelas energias do psiquismo, espírito ou qualquer outra nomenclatura usada para definir a consciência humana.

Virgínia continua o conhecimento de sua trajetória por várias reencarnações. A seguinte ocorre no interior do Brasil. Adulta, vai para o Rio de Janeiro tentar a vida. Conhece então um senhor dono de uma joalheria, quando vai vender as joias que trouxe para o início do seu sustento. Acaba sendo sua amante, sem ter consciência de que esse senhor é o amigo que a traiu em sua vida durante a Revolução Francesa. O sentimento de raiva e ressentimento é reativado, e ela sente vontade de torturá-lo até a morte, abusando e manipulando o amor que ele sente por ela. Até que um dia ele se mata na sua frente.

Atormentada pelo sentimento de culpa, ela volta para o

interior e acaba se jogando dentro de um poço. Depois de sofrer muitas dores, é amparada por seres de luz que a levam a um hospital espiritual, onde permanece por algum tempo, sendo tratada com cromoterapia e psicoterapia. Quando já se sente melhor, sai para o jardim, e relata:

“Uma enfermeira me leva para passear no jardim, até que vou deixando a cadeira de rodas e começo a acompanhá-la, já me sentindo capaz de ajudar a empurrar a cadeira de rodas dos que acabam de chegar. Trabalho assim por um bom tempo, até que expresso a vontade de reencarnar. Quero voltar e viver de novo na Terra.

O médico que me acompanha, Dr. João Luiz, diz que breve estarei preparada para isso, e mostra a cidade em que estamos, muito acima da cadeia de montanhas que fica sobre o Rio de Janeiro.

Além do trabalho no hospital, participo de palestras ouvindo e falando da minha vida antes e após desencarnar. Falo da dificuldade para andar e como aprendo com as outras pessoas.”

Após esse aprendizado, Virgínia reencarna com o objetivo de praticar o desapego e o perdão, e nesta caminhada encontrou vários desafetos do passado, tendo a chance de evitar a criação de novo carma.

Algumas pessoas experimentam esse estado que os místicos definiram como uma existência em que o tempo, como o conhecemos, não existe, não há ontem nem amanhã — e tudo sabemos porque toda verdade do universo está contida num só átomo. Nesse estado, pode-se vislumbrar o que significa a unidade sem a separação do tempo e do espaço.

Não apenas o autoconhecimento, mas as filosofias e as ciências continuam sendo estudadas nas colônias espirituais, com o objetivo de se melhorar o progresso e o aprimoramento humano — servindo como instrumento de esclarecimento dos espíritos desencarnados, imaturos e desvairados, portadores de

enfermidades e conflitos, vítimas da patologia das paixões desenfreadas que eles próprios alimentam.

Tânia, citada anteriormente, também relatou sua experiência intermediária entre duas reencarnações:

“Estou numa sala de aula com lugar para dez pessoas, mas apenas seis estão presentes. A sala é branca e tem um quadro branco, onde se escreve com marcador (pilot) azul. É estranho, pois isso acontece logo após uma encarnação ocorrida no final do século XVII. Nesta época não havia esses quadros de aula nem as cadeiras que se parecem com as atuais carteiras usadas em salas de treinamento para executivos.

A luz é natural e não sei de onde vem, pois não vejo janelas. Um homem de cerca de 35 a 40 anos escreve sobre a lousa branca a palavra AMOR em letras bem grandes. Ele ensina sobre o poder desse sentimento, e são aulas teóricas para serem colocadas em prática, não apenas aqui neste plano, mas sobretudo nas próximas reencarnações.

Cada um de nós é classificado pela cor de sua luz e vibração, em frequências de ondas diferentes, e tem-se a ilusão de ver o corpo físico da última encarnação. Essa onda de energia tem uma frequência que se assemelha às ondas propagadas pela cor, e essa é a imagem real de cada um de nós.

Muitos falam de aulas de cromoterapia, para aprender sobre o funcionamento e a utilização das energias. Existem laboratórios de reencarnação que se assemelham a uma biblioteca onde se pesquisa e escolhe o tipo físico e as possibilidades de realização na vida futura, sob orientação do mentor cármico, homens e mulheres que se apresentam nas mais diversas formas.

Com eles, aprendemos a ver além dos bloqueios que nos levam a perceber apenas as aparências. Esses bloqueios impedem a plenitude de nossas percepções. Assim, exercitamos ver a cor do colega ao lado, pois esse é o primeiro passo para a liberdade real, que é a capacidade de amar livre das aparências e das

referências limitadas dos preconceitos terrenos. Aprendemos também a abrir a mente para a compreensão maior que nos liberta da inveja, do medo e dos sentimentos que limitam a nossa capacidade de amar.”

Sílvia, 22 anos, formada em comunicação social, relatou sua morte numa existência passada. Após o conflito entre continuar presa à personalidade anterior ou seguir com a consciência integral, ela decide penetrar os mistérios da vida após a morte:

“À medida que caminhamos, a névoa vai se dispersando, e surge uma luz clara que nos leva até um campo. Parece que uma limpeza vai sendo feita em mim, e vou me sentindo mais clara. Sinto uma brisa bem fresquinha, o campo é muito extenso e de grama muito verde e bem aparada. De início, não vejo ninguém, mas conforme vou prestando atenção, percebo algumas pessoas espalhadas embaixo das árvores, e mais adiante uma cachoeira que vai formar um lago de águas cristalinas. Um pouco distante, embaixo de uma grande árvore, um grupo de crianças presta atenção às palavras de um velhinho.”

Eu peço que ela se aproxime para ouvir o que ele está falando, e Sílvia, surpresa, comenta:

“Assim que pensei em me aproximar, minhas pernas não andaram, eu fui projetada rapidamente para o local, zapt!, e posso ouvir ele falando sobre ética e amor ao próximo.

A comunicação entre mim e meu amigo é telepática, não usamos palavras, e seguindo-o para a esquerda, vamos dar num lugar com várias camas ao ar livre e pessoas deitadas sobre elas, tomando sol. Não muito distante, existe uma casa grande, plana e de cor amarelo-clarinha, parece um hospital com pessoas vestidas de branco que acompanham os doentes de forma muito carinhosa.

O estranho é que, em alguns momentos, vejo tudo acontecer de fora de meu corpo. Em outros, estou dentro do meu corpo e sentindo tudo.”

Esta experiência foi muito importante para Sílvia, que até então não sabia quase nada sobre o funcionamento da vida após a morte. Ao regressir a uma vivência intermediária entre uma encarnação e outra, sentiu intuitivamente que estava numa cidade espiritual, com hospitais de recuperação para as pessoas que acabam de desencarnar: “Elas permanecem ali, até curar os traumas da morte e desenvolver uma compreensão mais ampla dos processos que envolvem a vida em todas as suas manifestações.”

Dênis, paciente também já citada, numa sessão de regressão, sente-se após girar em espiral ascendente, atravessando dimensões tenebrosas, onde seres desesperados tentam tocá-la, pedindo ajuda. Quando mais precisava, pressente a presença de um ser de luz, que a guia até um lugar claro, que parece um hospital, com várias camas e pessoas adormecidas.

Na sessão seguinte, avança na compreensão dos fatos, percebendo um grupo de seres fluídicos, em círculo, que transmitem passes energéticos. Por comunicação mental, entende que está ali para o aprendizado que deverá iniciar e que contém várias etapas de desenvolvimento. Ela segue esse grupo em fila por um campo muito iluminado.

Não é preciso dizer que isso transformou consideravelmente a sua visão de mundo, aumentando o seu potencial e a sua capacidade de realização não apenas de metas individuais, mas também sociais.

Existem laboratórios para diferentes pesquisas em determinadas colônias espirituais, citadas mesmo em regressões que tratam de vivências ocorridas há muitos séculos. As descrições vêm com certo assombro, por serem esses laboratórios mais modernos que tudo o que possamos conhecer. Existem telas de vídeo que, ao serem tocadas, fazem surgir cenas de nossas existências anteriores e simulações de possibilidades para próximas reencarnações.

Os seres espirituais evoluídos orientam sobre a época, o local de nascimento e a condição familiar. Como acompanham os vários ciclos cármicos de cada pessoa, conhecem de perto o seu potencial e as suas dificuldades. Isso ficou bem claro quando minha paciente Gilda lembrou seu tratamento num hospital após a morte numa vida passada:

“Temos acompanhamento psicoterápico e passes magnéticos transmitidos pelo mentor que se apresenta sempre que é necessário.”

O processo de recuperação foi complementado com banhos de luz e descanso ao sol sobre um gramado muito verde. Só quando suas vibrações se equilibram, ela inicia o tratamento para a próxima reencarnação, sendo levada pelo orientador cármico para o alto de uma gruta, onde já existe uma fila.

O tempo que permanecem ali serve para, gradativamente, baixarem suas vibrações até a densidade da matéria. Todos aproveitam para refletir sobre a próxima experiência. De vez em quando, recebem a visita do orientador, que traz informações sobre a família, o país e a cidade em que estarão reencarnando, e o que será mais apropriado para o próximo desenvolvimento evolutivo.

Tudo isso é comunicado pela projeção mental. Gilda fica sabendo que seus pais são espíritos evoluídos, e com eles aprenderá a valorizar as pessoas e a ser tolerante e compreensiva, qualidades que não conseguiu atingir na encarnação anterior.

Podemos concluir que, ao atingir altos níveis de consciência, a pessoa participa do projeto de sua próxima reencarnação, fazendo uma programação existencial que facilite a sua missão evolutiva. É claro que, a partir daí, terá livre-arbítrio para fazer as escolhas certas ou erradas. Dependendo de suas opções, poderá libertar sua história cármica ou complicá-la.

Nesses casos, a pessoa participa da escolha dos membros da família e todos os traços da personalidade são estudados, até

mesmo as possibilidades de se potencializar seus melhores aspectos. A única coisa certa serão o país e a família, pois o restante irá se desenvolver a partir das interferências externas e do livre-arbítrio.

Gilda narra o momento de reencarnar. O orientador está ao seu lado, ajudando-a a superar a ansiedade gerada pela situação:

“Estou no topo da gruta, ele me acompanha e escorregamos pelo ponto mais alto numa longa descida. Vou percebendo as vibrações ficando densas e meu corpo, igualmente, ficando pesado. A visão de onde estou para baixo é profunda e sem fim, e aos poucos sinto que vou perdendo a consciência, como se tudo fosse escurecendo. Adormeço, até que não vejo e não sinto mais nada, apenas um silêncio profundo.”

Para reencarnar, as funções cerebrais ficam restritas a um terço de sua capacidade. É que, ao incorporarmos um novo veículo físico, deparamo-nos com os limites da matéria, e aí surgem as inseguranças. Esquecendo que estamos unidos ao Todo, entramos em desespero.

Parece que existe uma organização que atua silenciosamente desde o início dos tempos da Terra, enviando seus mestres para encarnar e realizar um abnegado trabalho de orientação que motiva o progresso espiritual da humanidade. Esse auxílio pode ser constatado durante a prática de tvp, quando alguns pacientes ultrapassam os limites de sua realidade emocional e acessam o inconsciente espiritual, experimentando contato com inteligências superiores.

Depois da dissolução do corpo físico, vários mundos se apresentam, uma galáxia após outra — isso se chama eternidade. Qualquer pessoa pode atingir uma experiência dessa natureza, desde que, verdadeiramente, elimine as barreiras causadas por medo, ambição, apego, vaidade e todos os sentimentos mesquinhos que impedem o acesso a energias sutis de intensa vibração amorosa. Deve-se levar em conta também a

importância de não comer carne vermelha, não fumar e não beber álcool. Com esses fatores em harmonia, pode-se atingir frequências superiores, ascendendo-se a níveis bastante sutis da consciência.

Não estamos sós, a todo momento podemos perceber o auxílio de inteligências nos mais diversos níveis. Muitos desses seres já atingiram evolução superior, tendo passado milênios atrás pelo que hoje estamos vivendo.

A realidade espiritual é muito vasta, a cada frequência mais sutil, é possível encontrar seres que trabalham desbravando os universos paralelos, investigando suas leis, as inteligências que neles habitam e suas influências, salutares ou maléficas. Esses seres atuam como auxiliares invisíveis, colaborando com os seres encarnados, evitando acidentes e ajudando na orientação e no desenvolvimento evolutivo — e muitas vezes intuindo novas descobertas científicas necessárias ao progresso construtivo na Terra.

Verônica, outra paciente, durante seu processo de integração de uma personalidade vivida no Egito Antigo, expande sua consciência a uma dimensão onde a frequência das cores pulsa intensamente, o ar parece ter um zumbido constante e uma luz vibrante emana das paredes de uma sala muito clara.

Sua descrição continua até o momento em que se vê diante de um ser de luz que passa informações sobre o seu processo evolutivo na terapia:

“O acesso ao conhecimento sobre a realidade espiritual deve ser realizado gradativamente, como foi feito até então. A captação por canalização é muito veloz e o cérebro não possui conexões suficientes para assimilar tanta informação.

A mente expandida capta informações em várias direções e, por isso, algumas partes do conhecimento adquirido devem ficar veladas, inconscientes, para serem acessadas posteriormente. Desse modo, evita-se o excesso de circulação que poderia

provocar acidentes cerebrais” — ensina a inteligência canalizada.

Várias sessões aconteceram com a canalização deste ser que deu explicações sobre energia, matéria, pensamento e existência em outras dimensões. Mais detalhes sobre esse assunto serão publicados posteriormente, aprofundando essa temática da realidade extrafísica e revelando a experiência de várias pessoas com a projeção da consciência. Trata-se de uma pesquisa que se assemelha ao que é descrito em vasta bibliografia mundial. São experiências sobre canalizações com seres de alta evolução, estudadas por médicos, psiquiatras e cientistas do mundo inteiro conceituados em suas áreas de atuação.

Medicina Espiritual

“Para o ignorante, um raio de luz é algo simples e banal, para o cientista significa muito mais. Nosso conhecimento se amplia quando realmente compreendemos o que é um raio de luz.”

— Louis de Broglie

A respeitável trajetória percorrida pela ciência oficial precisa agora se deter mais na compreensão dos processos de cura, cujas regras básicas foram ditadas na Grécia antiga, quatro séculos antes de Cristo, por Hipócrates, o pai da medicina. Ele sustentou que a mente poderia provocar ou curar as doenças, e que muitas delas seriam consequência dos diferentes temperamentos e comportamentos humanos. Hipócrates buscou nas plantas a ajuda para desinfetar e prevenir a contaminação e curar os males que afligem a humanidade.

Hoje em dia, grande parte dos remédios tem sua origem na botânica, atuando na química do organismo, acelerando ou reduzindo as suas funções. Lentamente, caminhamos para a integração entre as forças da natureza e o ser humano. Esta integração se faz por intermédio dos chacras, que fazem circular as energias de diferentes campos vibratórios.

Ao girar em círculos, os chacras regulam a entrada e a saída de energia, interagindo sobre o corpo físico, emocional, mental e espiritual. As energias recebidas pelos chacras são convertidas em sinais hormonais, imediatamente assimilados pelas glândulas endócrinas, que estão em ressonância com cada um desses pontos de energia. Assim, o corpo físico recebe dosagens de hormônios pelo fluxo sanguíneo. Estamos, portanto, interligados ao universo, e dele recebemos o alimento — a energia indispensável à nossa sobrevivência.

Quando se está em harmonia com o universo, conquistamos uma perfeita saúde. Mas, se a energia cósmica encontra bloqueios para percorrer os chacras, e os órgãos não recebem o suprimento necessário à boa saúde, as emoções se desequilibram e o corpo físico adocece.

A cirurgia espiritual pode interferir nos campos de energias emocional e mental e também extirpar células doentes de um órgão ou até mesmo implantar células sadias. Todo o processo obedece às leis de materialização e desmaterialização de energias e à Cosmoética, conjunto de regras para a harmonia universal.

Tive oportunidade de acompanhar, desde muito jovem, alguns trabalhos realizados por médicos do espaço, pesquisadores e cientistas que operam além do nosso conhecimento científico. A base da medicina espiritual está no profundo conhecimento dos mistérios que envolvem as leis cósmicas, o que para muitos parece um fenômeno inexplicável.

Muitos processos de cura utilizados pela medicina espiri-

tual, assim como a causa de várias doenças, ainda são pouco conhecidos pela ciência terrena. Pergunta-se, por exemplo, por que uma pessoa se cura de determinada doença enquanto outra morre, apesar de terem sido tratadas pelos mesmos modernos métodos e procedimentos médicos?

Essas e inúmeras outras questões encontram, na maioria das vezes, respostas incompletas ou insatisfatórias. Entretanto, as medicinas vibratória e espiritual são capazes de enriquecer a medicina oficial, trazendo informações sobre a origem das doenças, sobre o funcionamento da mente humana e dos corpos energéticos.

Se considerarmos o ser humano um sistema eletromagnético que engloba os corpos físico, emocional e mental, em seu contínuo equilíbrio energético, poderemos concluir que qualquer desequilíbrio inverte a sua polarização, afetando diretamente o fluxo dessas correntes.

Através de uma experiência de regressão da médica Dênis, podemos compreender como a saúde depende da harmonia das frequências vibratórias geradas por nossos pensamentos. Depois de ultrapassar a morte numa vida anterior, ela encontra-se em fase de aprendizado que antecede a sua próxima reencarnação:

“Estou numa sala de aula, e uma senhora explica que, assim como o universo, o ser humano funciona em sete faixas de vibração, e que qualquer alteração modifica a cor e a influência sobre o corpo físico. Devemos aprender a transitar por essas sete faixas que correspondem às sete camadas que envolvem a Terra e seus diferentes níveis evolutivos de habitação. Quando aprendermos a vibrar nessas sete diferentes frequências, poderemos circular pelas sete dimensões, percebendo a vida existente nesses espaços que até então nos pareceram vazios.”

Devemos aprender mais sobre o ser humano, um complexo integrado de corpo físico e emoções geradas a partir de uma programação mental muitas vezes inadequada. Buda considerava

as emoções negativas como venenos da alma. Essas emoções tornam as pessoas prisioneiras de si mesmas, provocando futuras doenças. Conhecer esses venenos ajuda no processo de libertação indispensável à autocura.

Quantas pessoas podem afirmar que se sentem realmente livres? Liberdade não significa apenas estar liberto do controle de outra ou outras pessoas, mas sobretudo das amarras da própria personalidade. Significa não estar prisioneiro das paixões. Tomar consciência das causas que nos fazem repetir pensamentos e atitudes compulsivamente é a chave para a libertação. Criando assim uma nova programação mental, a vida torna-se uma sequência de eventos inéditos, permitindo que a alma se expresse criativamente. Por isso, trabalhar as vidas passadas traz uma considerável mudança nos traços negativos da personalidade, além de uma melhora relativa nos sintomas de várias doenças.

O sensitivo e profundo pesquisador da realidade espiritual Edgard Cayce, nascido no estado do Kentucky, nos Estados Unidos, em 1877, trabalhava em transe para diagnosticar e realizar curas, utilizando poderes de clarividência comprovados por respeitáveis investigações de cientistas de sua época. Edgard dizia que o carma funciona de diversas maneiras, provocando efeitos físicos ou psicológicos, de acordo com os abusos que foram cometidos aos outros ou a si próprio.

A desarmonia energética causada pelo carma pode inclusive provocar defeitos na formação do corpo físico. Nos casos de um processo destrutivo devido à concentração de emoções excessivamente violentas, a forma energética que é o corpo astral, e serve de molde para o físico, fica avariada. Dependendo das influências genéticas, ambientais e emocionais dos pais, esse corpo estará mais ou menos propenso a desenvolver determinadas deficiências psíquicas ou físicas.

Muitos estudos compreendem as doenças como processos

de natureza dinâmica, ou seja, suas causas estão enraizadas em alterações do ritmo vibratório dos nossos corpos energéticos. Seguindo este raciocínio, podemos afirmar que as doenças costumam estar relacionadas com as falhas morais, os pontos fracos da personalidade humana.

Sendo assim, a doença também funciona como um sinal de alerta chamando a atenção para o aperfeiçoamento e o equilíbrio, sempre que a personalidade estiver rompendo sua conexão com a consciência superior, o espírito. Esse desenlace pode ser provocado por resíduos cármicos, incompreensões trazidas de atos e vivências passados, circunstâncias ocasionais, influências do meio ambiente ou desarmonia atual com a nossa própria natureza.

Por isso, para evitar o surgimento de doenças, é fundamental modificar os nossos hábitos negativos, buscando uma maior sintonia com as energias espirituais.

O surgimento de uma doença significa que estamos restringindo o fluxo natural de energias vitais que atravessa nossos corpos multidimensionais. Para uma boa saúde, é necessário o equilíbrio na captação e na eliminação de energias.

A saúde depende do fluxo livre e constante de energia, e qualquer bloqueio mais prolongado poderá provocar distúrbios que atravessam os níveis mental e emocional, até se solidificarem-se no corpo físico.

Recentes estudos científicos ligam, como já dissemos, o aparecimento de casos de câncer a profundos ressentimentos e depressão. Mas não é de agora a preocupação de pesquisadores em detectar as causas de nossas doenças físicas nos males do espírito. Já nos textos milenares da cultura oriental, encontram-se ensinamentos que revelam essa relação perversa.

As leis que regem a harmonia da vida vêm demonstrando que cada doença que desenvolvemos surge como sinal de alerta para algum desequilíbrio em nossa mente. O espírito conhece as

metas estabelecidas para a sua evolução, mas muitas vezes a personalidade, pressionada pela vontade de outros ou da cultura, prefere deixar de lado a vontade que vem do seu interior, seguindo um caminho que a distancia de si mesma.

Correntes da medicina homeopática e psicossomática acreditam que a doença não é um distúrbio puramente físico, e sua cura, portanto, passa por meios que devem atingir os campos mental e espiritual.

O estudo do processo de desenvolvimento das doenças deve ter como meta principal o resgate do bem-estar. A cura deve ser entendida como o restabelecimento do equilíbrio, da unidade perdida pela dissociação entre a Consciência e a Personalidade. Quando esta última se nega a ouvir os sinais emitidos pela mente, os aspectos negativos da Personalidade emergem, dando lugar para que a doença se instale.

A pesquisa do médico americano Richard Gerber sobre medicina vibratória dá destaque à predisposição para a doença como resultado dos desequilíbrios emocionais concernentes à natureza do amor, ou seja, do fluxo energético que chamamos de Amor. Suas conclusões vão ao encontro dos princípios básicos da espiritualidade presentes tanto na filosofia em que se baseia a doutrina espírita quanto na dos orientais:

"Precisamos eliminar nossos resíduos biológicos, mas também remover o lixo emocional. Se não conseguimos perdoar os outros pelos seus erros e se continuamos a viver alimentando velhos antagonismos, ódios, culpas e ferimentos psíquicos não resolvidos, a negatividade irá se acumular a ponto de nos corroer como as ações causadas pelas infiltrações de resíduos tóxicos. As doenças acabarão se manifestando se permitirmos que a negatividade emocional bloqueie constantemente o fluxo de nossas energias espirituais superiores."

Ao concluir com muita sabedoria, ele afirma que precisamos aprender a expressar adequadamente nossas emoções

negativas, para que não se acumulem, pois ao impedir que o amor penetre dentro de nosso próprio ser, estamos apenas ferindo a nós mesmos.

Qualquer pessoa pode avaliar as causas de sua doença, basta voltar no tempo, até a última vez em que se sentiu saudável, e observar como andaram seus pensamentos, sentimentos e o nível de suas paixões. Entender esse fluxo ajuda a compreender a doença que surge como um sinal de alerta, avisando que algo não vai bem em nosso organismo. Cada doença traz em seu conteúdo o antídoto para a sua cura.

A compreensão dos mistérios que envolvem o binômio saúde/doença ajuda a desvendar a relação entre a dimensão física e a espiritual. Desde a Antiguidade que o ser humano busca o contato com dimensões extrafísicas, tentando entender um pouco mais sobre matéria e energia, e a realidade do espírito já constituía matéria de estudo nas escolas iniciáticas.

Na Grécia antiga, Aristóteles denominava de “corpo sutil” o mediador entre o corpo físico e o espírito. A parapsicologia fala de corpo psicofísico. A medicina espiritual o chama de perispírito e o descreve como um dos elementos de constituição do ser humano, responsável por importante papel nos fenômenos psicológicos, fisiológicos e patológicos.

Como as vivências estão gravadas no perispírito, mesmo após a morte física, a doença e o desequilíbrio moral nele impressos sobrevivem, alimentados pelos pensamentos que os geraram. Isso explicaria, por exemplo, o surgimento de doenças cármicas, que são a transferência para o presente do resultado daquilo que criamos e construímos em vidas passadas e que se reflete no nosso corpo físico.

Em minha experiência clínica, muitas vezes me deparei com pacientes que viviam uma situação para a qual a nossa medicina e psicologia não encontravam solução. De início, sentia-me atraída a raciocinar de forma preconcebida, desanimando diante

da situação. Mas, reagindo a esse comportamento limitado, deixei-me guiar pela intuição, fortalecendo a crença de que sempre vale a pena tentar uma nova maneira de ajudar alguém a reconstituir o vínculo amoroso com a vida.

Mesmo correndo o risco de esse assunto parecer absurdo, acredito que sempre que estivermos bem-intencionados, decididos a trabalhar em prol da evolução pessoal, coletiva e planetária, estaremos cercados de seres evoluídos, apoiando-nos nas diversas áreas em que possamos atuar.

Esta constatação surgiu da observação de vivências com diferentes tipos de pacientes, idade e nível cultural, cuja ajuda veio sob a forma de intuição ou mesmo pela clarividência. Esses pacientes desenvolveram essa capacidade que ignoravam até iniciar a terapia.

O apoio dos seres de luz não acontece apenas em casos para os quais a medicina oficial não tem resposta, mas também durante os processos de autoconhecimento, levando alguns pacientes a penetrar na misteriosa dimensão invisível.

Os vários fenômenos que ocorrem durante os processos de cura não se limitam apenas ao físico e ao psiquismo, vão além deles. Se o terapeuta for um sensitivo, poderá perceber, em alguns casos, a participação de equipes médicas do espaço que atuam paralelamente na dimensão espiritual, muitas vezes utilizando equipamentos desconhecidos por nós.

As equipes de médicos do espaço atuam diretamente sobre os corpos energéticos, retirando toxinas emocionais e mentais, eliminadas pelo paciente durante o processo terapêutico, e retirando miasmas ou corrigindo seu campo eletromagnético.

Alba sofria de artrite reumática, tinha 33 anos e um quadro de emoções reprimidas baseadas em culpa e raiva. Realizamos um trabalho intensivo de regressão a várias existências e uma dieta isenta de carne, com bastante líquido e frutas.

Ela sofreu duas cirurgias espirituais que a ajudaram muito a

eliminar os resíduos cármicos. Ela percebeu uma equipe de médicos do astral agindo em seus vários corpos energéticos e, no plano extrafísico, sentiu sua cabeça girar, enquanto um ser etéreo colocou sobre ela um capacete de luz. Tubos e fios luminosos ligavam seus corpos físico e etérico a equipamentos estranhos. Ela sentia-se dividida em várias dimensões por conta da percepção das várias camadas energéticas que nos constituem.

Uma grande melhora surgiu após esse tratamento paralelo à terapia. Numa sessão seguinte, a equipe médica trabalhou com uma pasta dourada, que foi espalhada nas articulações e por todo o seu corpo. Um dos médicos parecia costurar, com fios de luz, uma parte de seu corpo energético que estava rompida e com manchas escuras.

É importante esclarecer que Alba chegou ao consultório quase imobilizada, com as articulações inchadas. A terapia associada ao trabalho realizado pela equipe de medicina espiritual provocaram uma melhora de 80% em seu estado.

É imprevisível saber quando a equipe espiritual irá atuar. Mesmo que algumas pessoas prefiram achar que foi obra de sugestão, a cura espiritual merece maior atenção por parte dos pesquisadores, para que a ciência possa atingir maior amadurecimento.

Mas até onde a medicina espiritual pode curar realmente? A cura pode ocorrer independentemente da vontade do paciente? A experiência mostra que não. A determinação em abrir mão da doença, de mudar o coração e a mente para uma nova maneira de viver, transformando os padrões de comportamento, é regra básica no processo de cura.

Vários pesquisadores têm demonstrado que a energia do pensamento interage com a matéria, inclusive a distância; ou, em outras palavras, que a intenção de “curar” altera a química do corpo de forma ainda desconhecida.

O predomínio da mente sobre a matéria pode ser constatado

na prática, e as sessões para curas espirituais são uma prova do que estamos falando. Embora ainda cercada de preconceitos e acusações de misticismo, já se tornou corriqueira em vários cantos do mundo a realização de “operações” espirituais para a cura de muitas doenças. Aqui mesmo, no Brasil, muitos resultados práticos apresentados são incontestáveis aos olhos da medicina ortodoxa, embora não haja explicação para o fenômeno.

G. Cherques, dentista, com alto grau de sintomas psicossomáticos, relata sua experiência comigo durante uma sessão de energização após uma regressão:

“Apesar de mística, nunca tive contato com os fenômenos paranormais e os desconhecia, até que tive a oportunidade de experimentá-los. Para reequilibrar o campo energético, Célia conduziu-me ao trabalho de respiração com cromoterapia mental para fazer circular as energias dos pés à cabeça, com o objetivo de limpar os chacras.

De repente, apesar de estar com os olhos fechados, vi uma torrente de líquido pastoso semelhante à lama soltar-se em direção ao meu pé direito. Como a quantidade era muita, senti-me sem forças. O trabalho foi interrompido, teria continuidade na sessão seguinte. Terminei com uma energização com cor dourada e me foi recomendado que eu tomasse bastante água.

Sem entender muita coisa, tomei um táxi e fui para casa. Embaixo do chuveiro, senti algo esquisito no meu pé e verifiquei que no local exato por onde saíam o que Célia denominou de miasmas e toxinas energéticas havia uma esfera onde a pele tinha caído. Verifiquei o sapato que usara, e nada havia que justificasse.

Três sessões após essa, durante a circulação de energia, percebi não mais a torrente de líquido escuro e pastoso, mas um fluxo de luz lilás, saindo por outro ponto do pé direito. Desta vez, ao chegar em casa, tinha em outro local da sola do pé direito uma esfera perfeita com a pele solta, exatamente no local por

onde havia saído o fluxo de luz lilás.

Na sessão seguinte, mostrei à terapeuta a perfeita marca que ficara por vários dias e, no interior do círculo delineado, uma pele nova e rosada. Desta vez, Célia, que havia dito que o trabalho no campo etéreo não costuma deixar marcas, admitiu que, no meu caso, isso aconteceu.”

Acho importante manter a mente aberta e alerta, pois o conhecimento que possuímos é muito precário ainda. Embora a terapia de regressão a vidas passadas não implique cura pela medicina espiritual, muitas vezes terapeuta e paciente, se estiverem bem preparados, podem ser surpreendidos.

Uma aula sobre processos de cura espiritual aconteceu durante uma regressão de Anete, geóloga, após reviver e liberar muitos resíduos cármicos bastante tóxicos, numa vida passada. Ao fazermos a limpeza e energização dos chacras, ela percebe uma equipe médica espiritual, descrevendo em detalhes o tratamento que se desenvolve para corrigir a densidade de seus corpos energéticos:

“Uma luz prateada circula como se fosse um líquido pelo meu cérebro, inundando os filamentos neuronais. E quando essa luz os atravessa, alguns deles, muito esticados e tensos, ganham maior elasticidade, distendendo-se. O interior do meu cérebro parece um laboratório com vasos transparentes e uma luz líquida circulando entre as conexões neuronais.”

Estabeleço diálogo com a equipe médica através de Mete. Eles explicam que, para dissolver os bloqueios provocados pelo estresse, seja qual for a causa, é preciso mudar a frequência do pensamento. Em seguida, abandonar o ponto de tensão e imaginar uma luz prateada atravessando o bloqueio, até dissolvê-lo. Esse método pode ser usado também para qualquer outra obstrução, em qualquer órgão, e poucos minutos depois os filamentos ficam mais definidos, mais nítidos e recompostos.

Após dois anos de terapia, Anete desenvolveu bastante a sua

paranormalidade, e já entra em contato com o seu orientador espiritual, revendo cenas difíceis de uma vida passada que revela situações que abalaram a sua fé e a confiança nos outros.

Para amenizar os resíduos dessas vivências dolorosas, o chefe da equipe espiritual coloca as mãos sobre a testa dela e depois sobre cada face. Em seguida, completando o trabalho de equilibrar seus centros de energia, ele coloca uma das mãos sobre seu estômago e a outra sobre o coração, onde estão os bloqueios. Projeta uma luz dourada bem no centro do coração, que se divide em dois raios luminosos que se estendem pelas pernas, um terceiro sobe em direção à cabeça e mais dois descem por cada braço. Quando acaba o trabalho, ele se inclina e se despede com as mãos fechadas sobre o peito.

Quando esse fenômeno acontece, a pessoa apresenta grande vigor emocional e físico e as dificuldades começam a ser mais facilmente superadas.

Materialização e Desmaterialização

Se não conhecemos a causa de muitos fenômenos, isto não quer dizer que eles não possuam uma explicação, mas sim que estão fora do nosso alcance, pelo menos até o momento. É o que ocorre com os fenômenos de materialização e desmaterialização de espíritos, que muitos interpretam como absurdos.

Desde o século passado, porém, eles vêm sendo estudados. Há mais de vinte anos, fui surpreendida pelo grupo de estudos que deu origem ao Lar de Frei Luiz, entidade espírita e benéfica para crianças e idosos, no Rio de Janeiro. Presenciei

cirurgias espirituais realizadas por médicos do espaço, que dissolviam tumores e doenças por desmaterialização. Para substituir as células doentes, muitas vezes implantavam células saudáveis, em doentes desenganados pela medicina oficial.

A teoria da relatividade de Einstein indica a possibilidade dessa realidade. Tanto o fenômeno de materialização quanto o de desmaterialização são possíveis teoricamente, baseados nessa lei. Para o cientista e professor de física Carlos Chohfi, da Universidade Mackenzie de São Paulo, a fórmula da teoria da relatividade pode também ser usada para calcular a energia envolvida nos processos de materialização. Para materializar uma pessoa de setenta quilos, por exemplo:

$E = mc^2$: energia (E) é igual ao produto da massa (m) pela velocidade da luz ao quadrado (C²). Ou seja, a energia necessária será calculada a partir do produto da massa (setenta quilos) pela velocidade da luz (trezentos mil quilômetros por segundo) ao quadrado. O resultado revelou que a energia necessária seria a de uma usina elétrica funcionando por 293 anos.

Desmaterializar é o contrário. Trata-se de liberar a energia condensada no estado sólido, método já usado nos laboratórios científicos ao se transformar matéria em energia. Esta técnica é utilizada há centenas de anos pelos iogues mais elevados que, pelo poder da mente, se desmaterializam em um local e se materializam em outro.

Convém lembrar que Jesus quando operou o milagre da multiplicação dos pães teria feito uso do poder mental para condensar energias e reproduzir os pães.

Então, para que aconteça a materialização de um objeto ou de um ser humano e ela possa então ser percebida pelos olhos físicos, é necessária uma grande quantidade de ectoplasma. E o que é ectoplasma? Trata-se de uma substância encontrada na natureza e no corpo humano. Neste caso, um fluido energético, gasoso e com resíduos de proteínas e sais minerais, que se

desprende do corpo, em especial por orifícios como as orelhas, nariz e boca.

Segundo a definição do “Aurélio”, energia ectoplásmica é a camada periférica que envolve o citoplasma da célula. Para que essa energia seja de boa qualidade, o doador precisa evitar comer carne vermelha, fumar e ingerir bebidas alcoólicas, a fim de não contaminar o ectoplasma expelido, o que o torna inadequado para a realização de trabalhos de cura.

Em geral, quando uma pessoa está doando ectoplasma para curas espirituais, costuma bocejar muito, além de sentir sonolência, os olhos lacrimejando e, às vezes, até um pigarro de irritação na garganta. Os médicos e cientistas espaciais retiram o ectoplasma segundo a Cosmoética, mas os mesmos sintomas podem ocorrer nos casos de desencarnados que se acoplam ao campo magnético do doador, fazendo a retirada de ectoplasma sem que o mesmo tenha consciência.

O cientista Gustav Geley pesquisou o fenômeno de materialização, e descreve o processo de formação de um corpo: “de aparência ora sólida ora vaporosa, uma substância amorfa, o ectoplasma se recompõe, tornando possível o aparecimento de novas formas, que, logo que se completa a materialização, possuem características anatômicas e fisiológicas dos seres vivos. O ectoplasma torna-se o ser ou parte dele, sempre dependendo do organismo do médium, intermediário que reabsorve a substância tão logo a experiência termine”.

Para as materializações de espíritos evoluídos de alta frequência vibratória, deve ser utilizado ectoplasma humano associado ao de origem vegetal, adequadamente operados pelos físicos e químicos do espaço. Como o ectoplasma é uma substância sensível à luz, os fenômenos de materialização são produzidos em ambientes escuros e cuidadosamente isolados, de preferência refrigerados à baixa temperatura.

Os cientistas do espaço trabalham com equipamentos

inimagináveis controlados pela força do pensamento, realizando o processamento do ectoplasma doado conscientemente para diversas utilizações no tratamento espiritual. Utilizando técnicas ainda desconhecidas por nós, materializam a luz astral em diferentes cores e matizes, que pela força do amor têm como objetivo sanar a desarmonia, que é a grande fonte das doenças. Muitas vezes, essas energias são por eles concentradas e direcionadas para a criação de novas células.

Quanto ainda teremos que caminhar até compreender que a força da mente participa da construção da vida junto à grande mente divina?

Foi constatado grande número de curas através das cirurgias espirituais por materializações de espíritos evoluídos. Tu-mores desmaterializados e rematerializados fora do corpo do doente surpreenderam médicos que diagnosticaram curto prazo de vida para alguns doentes.

Durante a experiência de cura pela materialização, ao reabsorver o ectoplasma utilizado no processo, o médium perde alguns gramas de seu peso. Isto é comprovado quando se pesam os médiuns antes e depois dos trabalhos, havendo registro de perdas de até um quilo.

Ao se desprender do seu corpo de origem, o ectoplasma fica semelhante a um gás esbranquiçado, muito sensível à luz solar. E à medida que vai se concentrando para formar o “corpo” do objeto ou do espírito, torna-se pastoso, até chegar próximo ao estado sólido.

As emanções ectoplásmicas começaram a ser estudadas no final do século XIX, sobretudo pelo químico e físico inglês William Crookes, considerado em sua época um dos três maiores sábios da Inglaterra. Suas pesquisas avançaram pelo terreno dos fenômenos radioativos, em que foi precursor das atuais ideias sobre a constituição da matéria. Além de inventor de dois aparelhos que vedam a passagem dos raios de calor e de luz

ultravioleta, descobriu o elemento químico tálio, em 1861.

Relato um pouco de sua biografia apenas para poupar comentários preconceituosos sobre o assunto, pois a competência do cientista deve ser levada em consideração. Crookes pesquisou durante anos, com resultados comprovados, os fenômenos de materialização do espírito de Katie King.

O ectoplasma é também usado pelos espíritos, em qualquer estágio evolutivo, para movimentar copos no célebre fenômeno de “copos que andam” ou para enviar mensagens nas transcomunicações instrumentais por telefone, gravador, computador e até fax. O processo se faz pela concentração de ectoplasma manipulado pela força mental do espírito sobre o equipamento.

Seguindo o desenvolvimento das pesquisas no século XIX, encontramos Paul Gibier que, além de descobridor do vírus da raiva e substituto de Pasteur no Instituto de Microbiologia de Nova York, ainda se dedicou ao estudo do Espiritismo Experimental. Gibier apresentou na Inglaterra, no British College of Psychic Science, o resultado incontestável de suas pesquisas sobre materialização e desmaterialização, num trabalho realizado com médiuns desenvolvidos por ele.

Esse assunto bastante polêmico levanta sempre questões sobre como seria, então, a composição dos espíritos materializados? Ainda é desconhecido o processo de interações e condensações de energias que possibilita a materialização, com contornos humanos, de pessoas já desencarnadas. O que se sabe, até o momento, é que o “corpo” se materializa a partir da concentração do ectoplasma no ambiente, solidificando a substância chamada de vitalidade, que a cultura oriental denomina de “prana”.

Para realizar a materialização para processos de cura é necessário um local apropriado, além do rigor na preparação de todos os integrantes do grupo — pois os doadores de ectoplasma e todos que participam da experiência precisam cumprir uma rigorosa dieta, sem falar na higiene mental. A definição dos

corpos materializados dependerá da qualidade do ectoplasma doado, que é fruto do equilíbrio físico e mental de todos os presentes ao fenômeno.

Às vezes, podemos presenciar a materialização detalhada de um espírito, e vê-lo caminhar, falar, realizar cirurgias e desaparecer sob as vistas dos observadores. Em geral, essas pesquisas são acompanhadas por médicos e cientistas que, incrédulos, acabam por considerar incontestáveis os fenômenos verificados.

Para o processo de cura, a medicina espiritual serve-se da física das radiações e da química dos fluidos, além das forças da natureza e dos poderes anímicos. Essa é a medicina que, no futuro, quando a ciência materialista detectar o núcleo que controla todas as atividades mentais e biopsicofísicas, fará surgir uma nova era para a saúde do corpo e da alma.

O livro *Medicina dos espíritos*, de Luiz da Rocha Lima, apresenta as técnicas utilizadas pelos médicos, físicos e químicos do espaço durante o trabalho do grupo coordenado por ele e pelo espírito de Frei Luiz. Esses cientistas usam a energia atômica para desintegrar partes doentes do organismo e reintegrar células sadias no organismo doente. As cirurgias são realizadas sem cortes, desmaterializando e materializando células. Nestas operações, o paciente não sente nada, apenas um leve torpor ou pressão na parte que está sendo tratada.

Durante o processo de materialização, nem sempre é possível formar um corpo inteiramente sólido e nítido. Esses casos apresentam a visão de um corpo esbranquiçado, meio fluídico, em que principalmente das “mãos” e dos “olhos” irradia-se intensa luz.

Os médicos do espaço não são fantasmas, e sim seres em constante evolução. São médicos, físicos e químicos que se materializam para melhor atuar na dimensão material, trabalhando com sofisticada tecnologia científica, sem cortes, e influenciando em cada célula doente. Operam diretamente com a luz astral,

matéria etérica e as vibrações cromáticas, que constituem o corpo humano e os reinos animal, mineral e vegetal.

No momento da cirurgia, quando começam a se desmaterializar tumores e outros males físicos, nas “mãos” dos médicos do espaço materializados pode-se perceber muita energia concentrada, de uma cor alva semelhante a um raio laser.

Talvez o processo energético envolvido nessas desmaterializações celulares de males do corpo humano possa ter alguma relação com as operações a raio laser da medicina moderna, sem corte cirúrgico, para a dissolução, por exemplo, de cálculos renais. Mas ainda há muito por investigar nesse campo científico.

No entanto, diante de avanços tecnológicos, como o uso cirúrgico do raio laser, e dos incontáveis casos bem-sucedidos de curas espirituais, o que estamos esperando para aceitar, desde já, que o que percebemos com os olhos da face representa apenas uma ínfima parcela da realidade multidimensional que podemos enxergar com os olhos da alma?

Muitas cirurgias espirituais incluíam a doação de células neuronais para, após processo desconhecido por nós, serem implantadas no lugar de outras células doentes, que eram desmaterializadas e retiradas do cérebro de pacientes com tumores. Convém assinalar que cientistas americanos acabam de descobrir uma técnica para reproduzir e implantar células neuronais em cérebros doentes. Lentamente, a medicina terrena vai caminhando em direção ao conhecimento que há muito vigora na medicina espiritual. Muitas possibilidades se apresentam para aqueles que se despem de preconceitos e prepotência, abrindo os olhos e o coração para o conhecimento do corpo e da alma.

A ciência oficial já trabalha com a realidade subatômica e começa a perceber que, mesmo no interior do átomo, existe uma ordem dentro do caos aparente das probabilidades das trajetórias e velocidades das partículas. Numa escala evolutiva em que a ciência, por exemplo, se tornou capaz de realizar operações e

fazer usos diversos com o raio laser, não deveria mais ser motivo de surpresa ou escárnio os resultados de algumas pesquisas que revelam comunicações com inteligências além da realidade física.

Parece-nos que a medicina tradicional — em que pese a sua importância na cura de muitos distúrbios — teria muito que aprender, para o bem da humanidade, se deixasse de lado algumas velhas convicções cartesianas. A boa ciência, que se pensa dialeticamente, deve se convencer de que o desenvolvimento das práticas terapêuticas e médicas terá que passar pela união das realidades material e espiritual.

Tomo como princípio que nossa mente é capaz de corrigir as causas que provocam muitas doenças. Se estiverem potencializadas para isso, as células deterioradas podem ser renovadas por uma estrutura sadia, a partir de uma nova programação mental. Esse preceito está em sintonia com os novos paradigmas que as pesquisas científicas da atualidade sustentam: a cada 150 dias — cinco meses aproximadamente —, as células do corpo humano se renovam completamente em nível estrutural e muscular, do sistema nervoso ao linfático.

Se usamos vários corpos numa só vida, podemos melhor compreender que usamos vários deles ao longo de várias encarnações, como o corpo do bebê, que está longe de ser o mesmo do adolescente, e este longe de ser o do adulto. Quantos corpos usamos numa vida?

O constante processo de renovação celular faz com que uma pessoa utilize cerca de sessenta corpos em sua vida útil. A evolução material que temos neste momento ocasionou a materialização e desmaterialização de vários corpos desde o nascimento. Isso significa que o nosso corpo se renova duas vezes ao ano. Portanto, o corpo que aparentemente achamos que é o mesmo, na realidade está sempre se transformando, para melhor ou pior. Assim, para haver uma cura em nível celular, necessitamos

manter a mente firme na transformação da doença em saúde. Um processo que depende no mínimo de cinco meses, exceto em casos em que são feitos transplantes celulares pelos cientistas do espaço. Nestes casos surpreendentes, a cura pode operar-se imediatamente, mas sempre dependendo da história cármica mental do paciente.

Para melhor entender a relação das experiências ocorridas em vidas passadas com as doenças do presente, é necessário apreender algo sobre a anatomia energética humana, com seus corpos sutis e diversos campos de energia.

Os pensamentos exercem influência direta sobre o corpo físico, e a saúde depende da qualidade desses pensamentos. Só compreendendo a existência humana como um complexo energético que utiliza vários corpos para atravessar as diversas dimensões, até a densidade da matéria, poderemos aceitar como as influências cármicas podem determinar tendências para certas doenças.

A cosmologia, a genética e várias outras subdivisões da ciência acabarão por trocar experiências baseadas em um paradigma que, à luz de nosso conhecimento atual, se mostra fundamental: a existência de uma energia cósmica, que muitos chamam de Deus, que na Terra se materializa nas múltiplas formas conhecidas da natureza, em especial a humanidade.

No atual estágio do nosso conhecimento científico, é redundante discutir — a não ser do ponto de vista filosófico — se essa energia cósmica representa apenas o Uno ou integra uma realidade de infinitos campos energéticos. O que importa, para o avanço da harmonia humana, é compreender que fazemos parte de um Todo energético — e que a separação dessa unidade provoca desequilíbrio, acarretando a perda de energias polarizadas, que se tornam desintegrantes, assumindo a forma de doenças.

A medicina do futuro certamente inicia seus passos sobre as bases do psiquismo, determinando o esboço da alma humana e

sua evolução. Tomara que os cientistas atuais mergulhem mais e mais no estudo da fenomenologia espiritual, para que, através dessa ótica, possa surgir uma luz no fim do túnel, favorecendo a melhor compreensão das doenças e de suas origens.

Assim, os caminhos da ciência e da espiritualidade estarão convergindo para, de mãos dadas, formar uma só via — a via do Amor Universal.

O Futuro

“Imagine todas as pessoas compartilhando o mundo! Você pode dizer que eu sou um sonhador, mas não sou o único. Eu espero o dia em que todos se unam, e então o mundo será um só.”

— John Lennon

Muita gente procura nas previsões do futuro a esperança de uma vida melhor, em vez de perceber que o futuro é apenas uma possibilidade, baseada na soma dos fatos do passado e das ações do presente. Não adianta ficarmos sentados esperando que a situação melhore. Temos que arregaçar as mangas e tomar as rédeas da realidade, construindo-a a partir dos pequenos fragmentos do cotidiano. De outra forma, não encontraremos saída para o impasse da destruição que ameaça a civilização.

São muito comuns as indagações sobre as viagens no tempo em direção ao futuro. A física quântica possibilita reflexões sobre viagens da mente ao passado e ao futuro, transitando por diversas dimensões.

Para melhor compreender essa possibilidade, devemos nos abstrair da relação temporal e espacial, deixando de lado por

alguns momentos o mundo concreto e penetrando regiões desconhecidas. Para abandonar esse condicionamento, é necessário superar a supremacia do que identificamos como “realidade”.

Atravessamos um momento difícil e, ao mesmo tempo, fascinante da história, caminhando entre os paradoxos de uma cultura bélica em que a lei do mais forte vigora para proveito próprio, para a exaltação do ego, do culto à personalidade e da dissociação do ser humano do mundo que o cerca. Em contraponto, o crescente progresso da ciência holística acena para um novo horizonte, revelando o ser humano como célula integrante da natureza e do universo.

Em meu consultório, ocorreram espontaneamente algumas projeções ao futuro. Uma delas com Tarcila, executiva estressada e envolvida apenas com a realidade material. Num certo momento, após trabalharmos o aspecto feminino e os medos somatizados sob a forma de graves problemas uterinos, sua mente atravessou os registros de memória do passado e deslocou-se em direção ao futuro.

Ela descreve o som forte de um avião, e quando falo para observar e descrever o ambiente à sua volta, se espanta com o que percebe: “Não... não é um avião, vejo um objeto estranho, parece uma nave...” Eu peço então que entre em contato com seu interior, e Tarcila descreve sob forte tensão:

“Existem painéis por toda a parte, como computadores, e pessoas muito agitadas entram e saem do ambiente. Sinto um clima de apreensão, como se algo grave estivesse para acontecer. Painéis piscam muito e, num canto da sala, um homem idoso, vestindo uma espécie de uniforme branco, tenta controlar os painéis enquanto as pessoas circulam de um lado para outro.”

Depois de uma pausa, ela contrai o corpo e se debate muito: “Parece um maremoto... as ondas são enormes, assustadoras!” Ela vê muitas pessoas gritando e correndo, desesperadas. “Não existe possibilidade de saída!” Tarcila descreve então uma

enorme onda, como se o mar estivesse enlouquecido, e logo depois adormece por quase meia hora.

Como ela não apresentava estrutura emocional suficiente para compreender a realidade transpessoal, resolvi não estimular suas progressões, evitando que fosse desencadeado algum processo negativo.

Uma outra projeção foi vivenciada por Pietrina, dançarina, que, após vários meses trabalhando o passado, entrou em acelerada frequência vibratória, movimentando-se em ondulações ritmadas da cabeça aos pés, como se uma corrente elétrica de alta voltagem estivesse percorrendo seu corpo:

“Vejo uma escadaria em material que parece areia brilhante, como se fosse feita de luz. Alguns pontos exalam um vapor, e pessoas altas, de pele branca e túnicas claras, sobem pela escadaria, enquanto outras passam por uma espiral que vem do espaço ao fundo do oceano.”

Experiências como essas podem estar revelando a vida numa outra dimensão habitada por seres que chamamos extraterrenos, locomovendo-se através de campos de força e portais interdimensionais. Seriam fantasias? Realidade?

“Os minerais, os seres humanos e toda a matéria da Terra estão se transformando, e a vida aqui não é apenas o que se percebe com os cinco sentidos. O ser vivo possui vários corpos de energia, e com a Terra não é diferente. Alguns de seus corpos já se transformaram, embora a maioria das pessoas não perceba que estamos saindo da terceira para uma dimensão mais sutil”, continua Pietrina.

Ela termina sua projeção ao futuro descrevendo as imagens dos acontecimentos na Terra para os próximos anos, com gigantes ondas varrendo o litoral e fazendo submergir várias cidades.

Delírio? Poesia?

Seja o que for, quando a mente ultrapassa os limites da

realidade física traz informações que revelam algumas verdades da dimensão cósmica, da condensação de energias no mundo físico e do pensamento — que funciona como uma ponte energética que leva a alma por uma aventura atemporal. E vale a pena refletir sobre essas revelações.

Torna-se um poderoso exercício de reflexão comparar essas progressões com outros casos e muitos relatos sobre a origem da humanidade encontrados na literatura mundial.

Vale ressaltar as várias semelhanças entre os sinais de catástrofe e imagens de um futuro na Terra não muito diferentes dos relatos ocorridos no passado. Muitas catástrofes que estão ocorrendo, como furacões avassaladores e enchentes, são resultados de um passado de inconsequência.

Levando-se em conta que o futuro é o resultado dos nossos atos passados e presentes, seria conveniente perguntarmos por quanto tempo ainda continuaremos extrapolando o exercício do poder, poluindo o planeta, matando, espoliando e manipulando as mentes, iludidos pela impressão de que sairemos ilesos de tudo isso?

O mundo atômico e subatômico, a realidade da energia, da luz e da interpenetração dos universos certificam que há vida em todas as coisas, e que tudo o que nos foi ensinado representa apenas uma ínfima parcela da realidade.

Podemos iniciar, então, a caminhada na dimensão que hoje é vista como um sonho, cientes de que o nosso universo individual está conectado com os outros universos — e a configuração de todas essas realidades se encontra em constante mudança. E para dançar no ritmo dos universos, convém ensaiar uma coreografia que harmonize o pensamento com a experiência.

Mas com tanto lero-lero, alguns devem estar se perguntando: o que se pode fazer para evitar que as previsões catastróficas se concretizem?

Para se ter uma ideia, imagine o que ocorre com as novelas

de tevê, que sofrem modificações em sua trama dependendo dos índices de audiência. O vilão do início pode acabar como herói no final da história. Mal comparando, é o que acontece em relação ao tempo futuro, que pode ser alterado em seu roteiro, dependendo da participação e da interferência na realidade presente. Cada ser humano, no orbe planetária, mesmo desencarnado, interfere com seus pensamentos, sentimentos e ações na trama que está sendo desempenhada pelos atores encarnados.

Esse “jogo” atual está com tempo esgotado. Sujamos o quintal do vizinho, envenenamos os alimentos, o ar tornou-se irrespirável não apenas para os que estão fora dos limites geográficos de nosso território. As linhas imaginárias do mapa-múndi não servem de barreira para impedir a expansão do mal que espalhamos por todos os cantos do planeta.

Todos temos um lado inconsciente que, ao ser ativado, desperta o ser primitivo do início da caminhada de nossa consciência na Terra. E situações de grande ameaça e medo despertam das cavernas o ser violento, primitivo, cujas emoções permanecem registradas em nosso campo energético integral. Pouco a pouco, devemos substituir esses registros por novas programações vivenciadas pelo ser sapiens, prevalecendo em qualquer situação a união do sentimento e da razão.

Mas temos um longo caminho a percorrer para limpar completamente esses registros. Ainda geramos muita violência, embora muitos já consigam sentir o doce aroma do ser cósmico que desperta no interior de cada um com uma nova visão do mundo e de si mesmo.

Mas afinal, o que nos espera no futuro?

Preocupado com essa questão, o cientista francês Patrick Drouot realizou uma interessante pesquisa junto a outros estudiosos da atualidade. É conveniente lembrar que não se trata de um grupo de aventureiros esotéricos, mas cientistas renomados, sendo Drouot doutorado em física e estudioso da terapia de

vidas passadas.

Durante o ano de 1984, Drouot realizou progressões no tempo para estudar como estaria o futuro nos próximos dez anos, levando diversas pessoas, pela projeção da consciência, para além do tempo e do espaço. Foram confirmadas algumas previsões sobre a realidade do planeta num futuro imediato, como a descoberta de vulcões submarinos no Pacífico, a ocorrência de alguns terremotos e o fim da guerra Irã-Iraque.

Isso o incentivou a fazer projeções para um futuro mais adiante, e os resultados não foram nada bons. Vislumbrou-se uma realidade assolada por cataclismos cada vez mais acentuados, provocados pelos atos inconsequentes que viemos realizando em relação à natureza e ao planeta que nos serve de morada.

Quando Drouot e sua equipe avançaram as pesquisas para um futuro ainda mais adiante, os resultados para os próximos vinte anos corresponderam às 2.730 progressões estudadas pela Dra. Helen Wambach. O final do milênio se apresentava bastante sombrio. Uma realidade avassaladora, com grandes cataclismos, uma forte crise na política mundial, enorme devastação das terras e redução da maior parte da população do planeta.

Um estado de profunda angústia se apoderou do grupo, até que compreenderam que não poderiam ficar de braços cruzados, esperando a tragédia acontecer. Ciente da possibilidade de uma pessoa viajar no tempo-espaço, e que estes são uma construção do pensamento, Drouot partiu para a ação. Resolveu abandonar a pesquisa e partir para uma ação transformadora, única alternativa viável para mudar um futuro tão assustador.

Ele e sua equipe iniciaram um trabalho de reconstrução. Junto a diversos outros grupos espalhados pelo mundo inteiro, foram realizados inúmeros seminários, conferências, publicação de livros, com a intenção de disseminar a mensagem do amor universal e da solidariedade. Consolidou-se assim, nas áreas humana, comportamental, política e ecológica, uma rede

transformadora, que se espalhou e multiplicou.

Essa participação ativa na construção de um futuro melhor interferiu no “jogo” em andamento, projetando grande concentração de energia, a ponto de alterar a trajetória que havia sido revelada pelas pesquisas. Dois anos depois, Patrick Drou-ot resolveu voltar à sua pesquisa, refazendo a exploração no futuro. Para sua surpresa e de seu grupo de trabalho, os resultados haviam mudado.

O movimento que se expandiu pelos muitos países atraiu participação de um número cada vez maior de conspiradores. Em todas as áreas surgem novas mentalidades que intervêm no resultado geral e modificam o futuro previsto.

Como as realizações futuras dependem de nossa atuação, se as regras do jogo forem alteradas, e cada um de nós contribuir no seu microuniverso, familiar e social, os fatos que provocariam as previsões desastrosas poderão ser anulados.

Um bom instrumento para se compreender esse processo pode ser o conhecimento de nossos atos do passado. De posse deles, podemos agir de forma mais construtiva no presente, modificando a face do futuro que materializamos através de nossos anseios e objetivos.

Estamos caminhando para a consciência plena, quando teremos a memória desperta para lembrar por que nascemos e qual a meta principal do aprendizado que construímos em cada encarnação, sem nos perdermos em labirintos, nas armadilhas criadas pela mente instintiva.

Temos esperança?

Como a aranha tece a sua teia, lentamente tecemos, vida após vida, nossa trajetória em direção ao ser cósmico — e essa mudança já começa a ser percebida. Como alguns cientistas observaram em testes laboratoriais, a frequência atingida por muitas pessoas que partiram para uma real transformação já pode ser detectada, pela explosão de ondas gama cerebrais. Essas

ondas caracterizam um impulso evolutivo em direção a uma consciência superior que deverá se estender a toda a humanidade.

Quem permanecer cego a esta realidade vai, mais uma vez, perder o bonde da história. Por quanto tempo vamos ficar apenas vendo a banda passar?

Mas não adianta sairmos ansiosamente em busca do tempo perdido, achando que a tvp ou outro método qualquer nos levará a atingir os píncaros da evolução humana nesta encarnação. Isso pode ou não acontecer, e depende de uma série de fatores. A evolução não se faz de uma hora para outra, ao contrário, exige que se cumpra cada etapa, pisando cada degrau da nossa história pessoal.

Não adianta “pular linha”, como nos tempos de escola, apressados para terminar uma lição, pois o estágio positivo que atingimos nesta encarnação é resultado de várias reencarnações vividas através dos séculos. O mesmo vale para os nossos aspectos negativos, que não surgiram de uma hora para outra, solidificaram-se ao longo de incansável sucessão de pensamentos e ações egoístas.

Precisamos abrir os olhos para o futuro, para o aperfeiçoamento diário, colocando o foco de nossa atenção sobre os processos e metas, para que a fase infantil do ser humano seja ultrapassada. Estamos entrando na fase adulta da humanidade. É tarefa nossa reverter as situações de ameaça sobre o futuro do planeta, relatadas por videntes e através de outras experiências de expansão da consciência.

Para essa transformação, devemos considerar, entre outras coisas, a união entre o psiquismo e a política. Vivemos numa sociedade cheia de injustiças e baseada em um modelo de produção antiquado, destruidor do meio ambiente e provocador de uma precária distribuição de renda em nível mundial. Porém, não devemos nos confundir e pensar que essa mudança não

possa ser conseguida sem se pertencer a uma igreja, partido político ou seita da Nova Era. A verdadeira transformação não depende de rituais nem de sectarismo.

A consciência que nos entrelaça num só movimento e o conhecimento das leis cósmicas que regem os universos são suficientes para o pleno desenvolvimento do respeito e da união entre os seres humanos. Somos parcela do universo infinito, e o respeito a todas as formas de vida criadas dentro e fora do nosso sistema solar contribui para a expansão do respeito e do amor para além do horizonte biológico e familiar.

Desta forma, o que está fora dos limites caseiros passa a fazer parte da vida de cada um. Precisamos assumir nossa parcela de responsabilidade na maneira descartável como usamos até agora as riquezas do planeta, produzindo a escassez, fazendo mau uso da tecnologia, gerando lixo atômico, provocando o efeito estufa e a alteração climática.

Esse carma coletivo criado ao longo da trajetória da humanidade, com a força de nossos pensamentos e com nossas ações ou omissões do passado, construiu as bases da destruição de tudo que esteja fora do nosso raio pessoal. Toda sorte de formas-pensamento negativas e elementais que idealizamos e materializamos com a energia mental de nossos valores — a minha família, o meu time de futebol, o meu bairro, a minha cidade, o meu país — tem sua parcela de culpa. Infantilmente fixados no pronome pessoal de primeira pessoa, tememos olhar além do próprio umbigo.

Mas nada está perdido. Se conseguimos criar toda essa confusão no planeta, podemos também “descriar” o que não interessa mais. E por que não o fazemos? Por medo, descrença, apego e tudo o que nos prende e imobiliza, impedindo o fluxo natural da vida.

Para entrarmos no ritmo harmonioso do universo, devemos repensar o significado da palavra amor. Amor-próprio, amor- -

posse, que tipo de amor vivemos? Para sobreviver na face do planeta, a humanidade deve levar em conta a estrutura e as leis do universo, baseadas no amor universal, incondicional.

Difícil? Muito. Mas temos que treinar, como bons atletas, malhando todos os dias, até formar músculos fortes. Devemos pôr em prática repetidas vezes uma nova concepção universal e incondicional. O meu, o seu, o nosso.

Cada passo em frente provocará a mudança de intenções em nossas metas de vida, em direção à dança dos átomos que se unem de acordo com a realidade cósmica, atraídos pela lei do amor.

O conhecimento desse poderoso magnetismo levou o filósofo Teilhard de Chardin a avaliar o impasse atual em que nos encontramos e concluir a única saída para a humanidade: “Se quisermos sobreviver, seremos obrigados a nos unificar com o Todo, e essa unificação se faz através da lei do amor.”

Quem Sou, de Onde Venho e para Onde Vou?

Essa busca de identidade, origem e metas são questões ancestrais, que preocupam o ser humano desde os tempos remotos. Essa pergunta já fizemos em algum momento de nossa vida, mesmo na infância, remexendo os álbuns de família em busca de uma referência que nos situasse no tempo e no espaço.

As grandes escolas e tradições esotéricas falam em milhares de anos desde que a história da humanidade iniciou seus primeiros passos. E pelo visto tudo começou muito antes do que as pesquisas arqueológicas anunciam. Quando começou então a

história da humanidade na Terra?

Para compreender o presente e construir um futuro melhor, devemos conhecer um pouco do nosso passado. Em busca dessa origem, precisamos encontrar o elo perdido de nossa história. Alguns pesquisadores tentam resgatar essa trajetória pela arqueologia, embora haja uma lacuna, que outros mais ousados tentam explicar utilizando a regressão até a memória integral, recursos mediúnicos ou ainda a canalização com os seres de luz, que parecem povoar o planeta desde os tempos das lendárias Atlântida e Lemúria.

Platão novamente deve ser citado, pois refere-se não a uma lenda, mas a um continente desaparecido, um grande império, provável berço da nossa civilização, situado além das Colunas de Hércules, como era chamado na época o Estreito de Gibraltar.

Atualmente, dados geográficos, botânicos e geológicos fazem alguns arqueólogos acreditar que a Atlântida teria sido um vasto império com tecnologia avançada e uma armada de mais de 1.200 navios, que teria expandido suas colônias para regiões conhecidas hoje como a Escandinávia, o norte da África e as Américas. Esse continente parece ter desaparecido devido a um grande cataclismo.

Alguns estudos publicados sobre a existência desse continente submerso há cerca de 26.000 anos falam de uma civilização que utilizava a energia solar, cirurgias cranianas e o uso dos cristais não apenas para a tecnologia, mas também para os processos de cura.

Márcio, antropólogo e jornalista, desenvolve o autoconhecimento há mais de dois anos, regrediu a dezessete vidas, uma delas na Atlântida, de onde trouxe resíduos emocionais causados pelas experiências genéticas e rituais de magia negra de que participou. Dessas experiências ele trouxe a atração pelo uso exacerbado de poder, sentimentos de culpa, medo e influências

externas de outras consciências desencarnadas, às quais ainda estava vinculado mentalmente. Seu processo é demorado porque necessita de uma profunda desprogramação dos vínculos negativos com o passado e da forte atração exercida pelos postulados criados desde época tão remota.

Segundo a lenda, os habitantes de Atlântida estavam em diferentes níveis evolutivos. O grupo que se dedicava à tecnologia e à ciência de forma puramente materialista resolveu dominar aqueles ligados à liderança cósmica, com a qual mantinham contato direto. Esse conflito trouxe toda sorte de tragédias, e parece que o continente submergiu. Os sobreviventes se espalharam pelo planeta, dos Andes ao Himalaia, dando origem aos antigos egípcios, chineses e indianos.

Alguns estudos sustentam que o cataclismo ocorreu por causa do uso indevido da alta tecnologia que possuíam, revelando que já não é de hoje que o ser humano se excede na ambição e no egoísmo. A visão materialista vigorou sobre os que percebiam o mundo espiritualmente, e vemos ainda hoje a predominância de um pensamento baseado em fins exclusivamente pessoais e materialistas.

Continuamos violando as leis de harmonia com a natureza, abusando da tecnologia. Como decorrência, o meio ambiente vem dando a resposta a essa agressão, como as catástrofes, repetindo o fenômeno ocorrido na época que antecedeu ao dilúvio. A história continua se desenvolvendo na base da dicotomia, entre os que percebem o mundo de uma maneira integrada e os que o enxergam de forma egocêntrica. As novas civilizações foram reconstruídas desta maneira.

Tudo indica que foram os sobreviventes de Atlântida que instalaram as bases do conhecimento da nossa civilização, mantendo o conflito que permanece até a cultura atual. Algumas regressões de memória apresentam vivências deste período. Sobre o conflito entre os diferentes grupos de Atlântida, descrições

falam de lutas em que era usada a imposição das mãos, concentrando energia para abater os inimigos com uma carga elétrica direcionada sobre o coração.

Desenho animado de ficção científica?

Samuel, estudante de direito, 22 anos, vivenciou uma existência numa cidade construída com prédios simétricos, em arenito, e templos arredondados:

“Usamos os poderes extrassensoriais, a energia solar, e as construções são realizadas pela força do pensamento, moldando as pedras com as mãos sem a ajuda de qualquer instrumento. Contamos com a orientação de seres fluídicos, altos e transparentes que nos acompanham e instruem.”

Mais adiante, ele descreve o momento em que devem sair da cidade:

“Temos que sair, pois o acesso ao conhecimento deve obedecer a um processo evolutivo. Mas o que a maioria deseja é dominar o planeta, e seus erros provocaram o aquecimento da Terra, a temperatura está muito alta, e acontecem fortes abalos sísmicos.

Os portões de entrada interdimensionais são fechados, estou num prédio e no centro do piso. Trabalho com um equipamento concentrador de luz solar que entra por um tubo semelhante a uma chaminé. Muitas pessoas atravessam as portas dimensionais usando algumas máquinas, enquanto o restante é destruído por algo parecido com um vulcão, e depois toda a região é submersa pelo oceano.”

O trabalho com Samuel perdurou por vários meses. Essas vivências serviram de base para tratar o orgulho que muito atrapalhava sua vida. Sua trajetória cármica, iniciada com o povo de Atlântida, trazia resíduos do uso exorbitante de poder. Segundo ele, por ter ajudado a salvar a vida de muitos, sentia-se no direito de ter poder sobre eles.

Possivelmente, uma ramificação dos sobreviventes de

Atlântida se estendeu até o Egito, e algumas escolas esotéricas, que tiveram sua origem na Antiguidade, revelam uma história religiosa e científica bem diferente dos tratados de Egiptologia Científica. Mantendo as raízes de Atlântida, eles desenvolveram as percepções extrassensoriais, sobretudo a leitura de aura e o conhecimento dos chacras, com controle dos centros de energia, utilização dos cristais, premonição e imposição das mãos para os processos de cura.

Tudo indica que esses conhecimentos foram herdados da civilização de Atlântida, através de seus sobreviventes que se espalharam pelos pontos mais altos do planeta. Segundo estudos já realizados, os egípcios construía seus templos seguindo os princípios cósmicos e telúricos de polarização de energias.

Os líderes representavam os guias da população, como podemos perceber no relato de Nívia, três filhos, dentista, que descreve uma vida no Egito antigo, provavelmente no início da civilização, se levamos em conta os hábitos, o saber e as relações entre os dirigentes e o povo:

“Estou percorrendo um corredor cercado de guardas que usam um bastão dourado e fazem reverência, enquanto passo acompanhada por um homem. Num enorme salão, as paredes são de vitrais. Vejo dois tronos iluminados por uma luz muito branca, cuja fonte não é percebida. Eu tenho um cetro na mão esquerda, sou mulher, uso roupas e uma túnica vermelha amarrada por cordões dourados.

O homem que me acompanha tem uma coroa fechada, como as que se veem em desenhos em quadrinhos, com tiras metálicas que circundam a cabeça e sobem se encontrando no alto da cabeça. Ele também veste vermelho com dourado.

Quando ele se levanta, todos do salão fazem reverência com as mãos cruzadas no peito, e todos se abaixam ao mesmo tempo. Eles vestem túnicas curtas, claras e com muito dourado. Estamos ali para falar sobre a necessidade de união, nossa função é

estabelecer a paz e a integração de todos. Depois, descemos e circulamos entre as pessoas, somos abraçados e abraçamos todos. Existe no ambiente um clima que nos envolve com um forte sentimento de igualdade.

De onde estou agora, posso perceber a fonte de luz que ilumina o ambiente. O teto é em abóbada e no centro existe uma forma ovoide, de onde desce o foco da luz solar.”

Esse momento de confraternização fala de um povo que ainda mantinha a sua liderança pelo critério verdadeiro de união com os seres de luz que habitam os universos mais adiantados. Os líderes eram legítimos representantes do conhecimento, e realmente orientavam seu povo como guias bem-intencionados. Com o passar do tempo, essa liderança foi se deteriorando até encontrar uma maioria de déspotas interessados apenas na realidade pessoal.

Outra experiência em meu consultório trouxe um pouco da memória posterior à destruição de Atlântida. Lúcia, antropóloga, após regredir a várias vidas passadas, atinge um ponto de sua memória integral em que faz parte de uma civilização que habita o alto de uma montanha. Possivelmente, trata-se do início da civilização inca, que ainda mantinha comunicação com seres extraterrestres. Ela parece fazer parte da fração espiritualista do povo de Atlântida.

Lúcia fala da lembrança que seu povo ainda guarda da descida ao universo da matéria, ao planeta Terra, realizando o processo de encarnação do espírito. O mesmo processo parece vigorar na locomoção das naves que, para atravessar o cosmo, se desmaterializam com seus tripulantes, saltando no tempo e no espaço para atingir outros mundos.

Lúcia descreve uma reunião dos líderes de seu povo com seres de outras dimensões, que, segundo ela, vinham constantemente para orientar e ensinar sobre as relações entre a alma e o corpo físico, revelando profundo conhecimento de medicina,

matemática e astrologia. Tudo que transmitia estava isento do mito de superioridade do conhecimento, diferente do que conhecemos do ser humano que, em geral, produz, controla e manipula o conhecimento em benefício próprio.

“Eu sou mulher e, como os homens, aprendo com os seres que vêm do céu. Eles ensinam que a reencarnação é a forma de habitar a Terra, usando-se um corpo construído para proteger a consciência das diferenças vibratórias. Recebemos constantemente a visita de nosso povo de origem, e eles chegam em naves espaciais, o que nos parece natural, porque ainda não perdemos a consciência de onde viemos. Todos que aqui habitam se lembram de sua procedência cósmica. Existe uma forma energética que nos envolve e contém o registro da memória e as características de nossas existências anteriores”, relata Lúcia.

Parece que ela descreve o perispírito ou psicossoma, campo energético que conserva a memória das vidas anteriores. Continua falando que os corpos humanos em essência não são diferentes, o que muda é a qualidade da substância fluídica. Os que vivem na Terra têm corpos fluídicos mais densos, enquanto os que habitam outras dimensões são energeticamente mais leves.

Mesmo hoje, existem diferenças que não são percebidas à primeira vista. Algumas pessoas, embora pareçam ser feitas da mesma energia materializada, possuem variados peso e densidade.

É conveniente lembrar que Lúcia tem uma trajetória de vida respeitável, e até então não havia lido nada sobre esse assunto. A regressão continua, com ela descrevendo o lugar que habitava, repleto de árvores, no centro de uma clareira onde havia uma pirâmide que tinha a ponta côncava, como uma banheira, para servir como estação de aterrissagem para as naves espaciais.

Tudo isso me faz refletir sobre a luta que atravessou a história da humanidade, o confronto permanente de um grupo

tentando manter a maioria na mais total ignorância, para impedir sua evolução e, assim, melhor controlá-la. Continuariam atuando através dos milhares de reencarnações o mesmo grupo de espíritos que destruiu a Atlântida?

Estamos hoje diante do mesmo impasse que já estivemos milhares de anos atrás?

De que forma alimentamos essa força com nossos desejos de poder, manipulação, egoísmo, mesmo que apenas no âmbito restrito e familiar?

O que nos levou a perder a memória de nossa origem e o contato com as dimensões extrafísicas?

O que provocou o véu do esquecimento que agora começa lentamente a ser retirado de nossas consciências?

São perguntas que servem para aprofundarmos algumas reflexões sobre a nossa origem e o sentido da existência humana, e quem sabe trazer respostas para o vazio que atinge a humanidade nesta virada de milênio.

Talvez nossos amigos do espaço estejam tentando restabelecer a comunicação conosco, através da psicografia, da intuição e até da transcomunicação instrumental. E quem sabe até reduzindo seu campo vibratório para poder reencarnar na nossa forma física. Tudo isso para uma comunicação mais direta conosco, na tentativa de acelerar a evolução e diminuir o efeito dos processos degenerativos provocados pelas lideranças do obscurantismo.

Quem seriam Hipócrates, Platão, Jesus, Buda, Da Vinci, Einstein e tantos artistas, inventores e cientistas que, apesar de todas as pressões contrárias, persistiram em iluminar o final do túnel escuro que a humanidade atravessa?

A memória de nossa trajetória com os registros de ascensão e queda, fracassos e vitórias, também pode representar uma saída para os processos repetitivos, mostrando que o mundo exterior reflete como um espelho a realidade interior de cada ser

humano.

O conhecimento vivido no passado chegou à consciência de Vitória, professora primária, quando atingiu uma existência na Babilônia, trazendo à tona o conhecimento dos astros que estava soterrado pelo tempo: “Estou respirando em harmonia com o ritmo do universo... pulsando junto com os astros e as estrelas...”

A partir de então, sua participação no mundo foi se definindo de forma mais criativa, voltada para o bem-estar comum. Compreendeu o perigo das ações destruidoras que colocam em risco o futuro material do planeta, refletindo o medo e o ódio que habitam o interior de nossos corações.

Cada ser que compreende a importância da evolução espiritual interfere nas leis, nos regimes políticos e econômicos e tece uma rede que provoca a verdadeira mudança, capaz de transformar a realidade. Mas isso não ocorrerá se não houver antes de tudo uma revolução íntima e cultural — em que cada ser atuante se conscientize de que precisa viver em harmonia desde já, consigo mesmo, no seu microcosmo, na família, no trabalho, em seu relacionamento social mais imediato.

Vamos continuar repetindo os mesmos erros do passado?

Tudo depende de nós. Da mesma forma que somos responsáveis pela construção do roteiro de nossas vidas, somos responsáveis também por cada toxina que envenena os oceanos e os rios, e essa realidade reflete os pensamentos e ações que criamos no dia a dia.

Cada gesto inconsciente, cada atitude possessiva ou de desrespeito ao próximo, seja gerenciando nossa vida profissional ou nossa vida amorosa, reflete-se na realidade exterior. Precisamos fazer as pazes com a nossa natureza interior, e sem dúvida isso se refletirá na criação de um futuro melhor.

Desde a década de 1980, um movimento intenso, uma rede mental planetária vem se realizando no mundo inteiro, em

oposição às correntes destrutivas da vida, criando novos paradigmas, novas realidades. Essas novas realidades interferem positivamente no curso do futuro da Terra, atenuando as possibilidades de destruição, despertando nossas consciências e formando uma corrente poderosa de luz, capaz de varrer as trevas da ignorância que geram todo o desequilíbrio.

A terapia de vidas passadas pode trazer a compreensão do ciclo cármico, fazendo emergir a memória da humanidade. E quem sabe, cansados de tantos conflitos, esgotados pelas guerras e pela violência com que convivemos desde o início das civilizações, abandonaremos os métodos primitivos que até hoje ainda sacrificam populações inteiras em nome do poder, da religião ou das ilusórias linhas territoriais.

Devemos lembrar que nossos horizontes são ilimitados, nossa caminhada não começou hoje. Viemos de outras estrelas, de outros sistemas solares, de outras galáxias, estamos de passagem pela Terra. Uma passagem longa, é bem verdade, mas isso é apenas um instante diante da eternidade, que me faz relatar uma regressão que poderá ser recebida como um poema ou ainda como a memória de nossa origem cósmica. Marina, estudante, dezoito anos, vive uma experiência muito forte, quando atravessa um túnel e encontra uma enorme bolha de luz à sua frente:

“A bolha se desfaz lentamente, formando uma coluna vertebral. Estou vendo a formação das costelas, os ossos de um corpo humano, que vão se encaixando até formar os pés, braços, pescoço, as articulações. Pouco a pouco, começará a se formar uma outra camada constituindo os músculos que recobrem os ossos de todo o corpo, e antes que a operação termine, as partes já cobertas vão recebendo o revestimento de pele.

É incrível! Diante dos meus olhos, estou vendo se formar os olhos, cabelos, cada contorno a partir da bolha de luz. Está à minha frente uma figura masculina ainda imóvel, e de con-

sistência fluídica. Agora, ele coloca a mão esquerda sobre o coração e me olha, tentando me comunicar alguma coisa. Toco seu corpo e a temperatura é normal. Entre mim e ele surge um enorme diamante lapidado geometricamente.

Ele começa a girar aceleradamente, e já não posso mais ver a figura do homem, apenas uma luz brilhante irradiando seus reflexos. Quando esta vai diminuindo, à sua esquerda surge uma mulher, e uma forte luz branca contorna os dois, formando um canal que os une.

Novamente, o cristal vai acelerando a velocidade e girando, aumentando a vibração, e os dois movimentam as articulações em gestos suaves, às vezes se tocando. Quando o diamante para de girar, eles se apresentam completamente materializados, e juntos saem caminhando.”

Essa experiência ajudou Marina a compreender um pouco mais sobre os aspectos masculino e feminino e a realidade que envolve a vida espiritual e material, sem que uma palavra sequer fosse articulada. Um processo puramente virtual.

É interessante observar que ocorrem com muita frequência experiências ligadas a luzes e cores, numa linguagem poética que merece atenção pelo forte significado de seu conteúdo simbólico e informações coerentes. Assim aconteceu com Sarita, bailarina, 33 anos, ao expandir a sua consciência e perceber uma bolha de luz indo em sua direção, subdividindo-se em outras três:

“Vejo três bolhas de luz, e elas tentam sair da sala, mas não acham a passagem. Batem no teto, que se torna muito azul e se abre em seguida. As bolhas oscilam entre ficar ou sair da sala. Eu as sopro, mas meu sopro é muito fraco. Surge então um redemoinho que as projeta no espaço, onde elas giram sem parar. Duas delas explodem, e do seu interior saem milhares de estrelas. Uma poeira de luz se forma com o brilho delas.

A bolha que não explodiu ficou escura e imóvel, como se

fosse parte do céu também escuro. Agora, todo o céu está sendo sugado por um túnel de vidro, como se fosse uma ampulheta. O céu vira areia que começa a escorrer para marcar o tempo.”

O tempo e o espaço, a relatividade dessas duas realidades, a totalidade do universo e o conhecimento da vida contidos em cada ser humano, já especulados pela ciência oficial, sintetizam-se na célebre frase de Jesus: “Conheça um grão de areia e você conhecerá o universo em sua totalidade.” Talvez, seja o mesmo que dizer que em cada ser humano existe uma parcela de Deus.

“Deus começa quando todo o movimento cessa.”

— Paramahansa Yogananda

A autora

Célia Resende trabalha com a psicologia nos níveis biográfico, perinatal e transpessoal.

Percorreu caminhos diversos de estudo, acumulando vasta experiência no campo da comunicação, dos fenômenos paranormais e do comportamento humano.

Muito cedo, participou de trabalhos de pesquisa e cura através de fenômenos de materialização de espíritos, foi *designer* de moda e, apesar do espaço conquistado, decidiu morar no exterior, para estudo e reflexões, em busca de um sentido maior para a vida. Estudou filosofia, psicologia oriental e bioenergética.

De volta ao Brasil, pesquisou a umbanda e o kardecismo procurando encontrar um elo comum com a filosofia e a psicologia orientais.

Paralelamente, produzia filmes e vídeos sobre a questão sociocultural. Ganhou prêmios, implantou e dirigiu o Departamento de Cine e Vídeo da Casa de Cultura Laura Alvim, no Rio de Janeiro, e foi membro de júri em festivais nacionais e internacionais de cinema e vídeo.

Estudou parapsicologia, projeiologia e regressão de memória, além de vários cursos de Comunicação, Assistência Energética e Florais de Bach.

Em 1994, passou a dedicar-se integralmente à psicoterapia, deixando de lado o cinema e o vídeo.

Célia atende diariamente em seu consultório, desenvolve pesquisa para seu próximo livro e realiza cursos, *workshops* e palestras.

Bibliografia

- Andréa, Jorge. Nos alicerces do inconsciente. Brasília, Edicel, 1992. — . *Psiquismo: Fonte da vida*. Brasília, Edicel, 1995.
- Armond, Edgard. *Passes e irradiações*. São Paulo, Aliança, 1994.
- Asimov, Isaac. *Civilizações extraterrenas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, /s.d./.
- Atteshliis, Dr. Stylianos. *A prática esotérica*. São Paulo, Ground, 1994.
- Azevedo, Dr. José Lacerda de. *Espírito e matéria*. Brasília, Edicel, 1990.
- . *Energia e espírito*. Brasília, Edicel, /s.d./.
- Besant, Annie e Leadbeater, C.W *Formas de pensamento*. São Paulo, Pensamento, /s.d./.
- Besant, Annie. *El Poder del Pensamiento*. Buenos Aires, Kier, 1968.
- . *O homem e seus corpos*. São Paulo, Pensamento, /s.d./.
- Bhaktivedanta, A. C. *O Bhagavad-Gita*. São Paulo, Divisão Editorial

Fundação Bhaktivedanta, 1986.

Blavatsky, Helena. *A doutrina secreta*. São Paulo, Pensamento, 1973.

Bozzano, Ernesto e Gibrei, Paul. *Materialização de espíritos*. Rio de Janeiro, ECO, /s.d./.

Brennan, Barbara Ann. *Mãos de luz*. São Paulo, Pensamento, 1992. Capra, Fritjof. O tao da física e O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix, /s.d./.

— . *Sabedoria incomum*. São Paulo, Cultrix, 1990.

Chardin, Teilhard de. *La Place de L'Homme dans la Nature*. Paris, Union Générale d'Éditions, 1966.

Cooper, David. *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo, Perspectiva, /s.d./.

Crookes, William. *Pesquisas experimentais sobre o espiritismo*. /s.l./, /s.e./, s.d./.

Currie, Ian. *A morte não existe*. Is.1./; Mandarim, 1996.

Denis, Léon. *Depois da morte*. Rio de Janeiro, FEB, 1978.

Drouot, Patrick. *Cura espiritual e imortalidade*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1996.

— . *Nós somos todos imortais*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1995.

Eco, Umberto. *Viagem à irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Einstein, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

Ferguson, Marilyn. *A conspiração aquariana*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1982.

Foucault, Michel. *Doença mental e psicologia*. /s.l./, Tempo Brasileiro, 1975.

Gerber, Richard. *Medicina vibracional*. São Paulo, Cultrix, 1992.

Gomes, Vera Braga S. *Evolução e carma*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1991.

- Grof, Stanislav. *A mente holotrópica*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- *Além do cérebro*. Rio de Janeiro, McGraw-Hill, 1988.
- Heingel. *O conceito Rosa Cruz do Cosmos*. São Paulo, Rosa Cruz, /s.d./.
- Huxley, A. *Às portas da percepção*. São Paulo, Pensamento, 1996.
- Jung, C. G. e Wilhelm, R. *O segredo da flor de ouro: Um livro de vida chinesa*. Rio de Janeiro, Vozes, /s.d./.
- Jung, C. G. *El Yo Y El Inconsciente*. Barcelona, Luis Miracle, /s.d./.
- *Presente e futuro*. Rio de Janeiro, Vozes, 1989.
- *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- Karagulla, Shafica e Kunz, Dora Van Gelder. *Os chakras e os campos de energia humana*. São Paulo, Pensamento, 1991.
- Kardec, Allan. *Evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 1994.
- Lacerda, Nair (Org.). *A reencarnação através dos séculos*. São Paulo. Pensamento, 1978.
- Lang. R. D. *O eu e os outros*. Rio de Janeiro, Vozes, 1972.
- Lapassade, Georges. *La Bio-Energie*. Paris, Éditions Universitaires, 1974.
- Leadbeater, C. W *Os chakras*. São Paulo, Pensamento, 1990.
- *Auxiliares invisíveis*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- Leboyer, Frédéric. *Nascer sorrindo*. São Paulo, Brasiliense, /s.d./.
- Lima, Luiz da Rocha e Neiva, Dr. Lauro. *Forças do espírito*. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1988.
- Lima, Luiz da Rocha. *A luta contra a bruxaria*. Edição do autor, /s.d./.
- *Medicina dos espíritos*. Edição do autor, Rio de Janeiro, 1982.
- Lyra, Alberto. *Parapsicologia e inconsciente coletivo*. São Paulo, Pensa-

mento, /s.d./.

Machado, Dr. Emerson G. C.. *Gestação, parto e maternidade: Uma visão holística* /s.l./, /s.e./, /s.d./.

Mackenzie, Norman. *Les Rêves*. Paris, Librairie J. Tallandier, 1966.

Markides, Kyriacos C. *O mago de Strovolos*. São Paulo, Pensamento.

Melo, Jacob. *O passe*. Rio de Janeiro, FEB, 1992.

Menezes A.C., Bezerra de. *A loucura sob novo prisma*. Rio de Janeiro, FEB, 1996.

Metzger. *Essai de Spiritisme Scientifique* Paris, Librairie de Sciences Psychologiques, /s.d./.

Meurois, Givaudan, Anne e Daniel. *Os nove passos para a reencarnação*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1995.

Miranda, Hermínio C. *A memória e o tempo*. Brasília, Edicel, 1985.

Moody Jr., Raymond A. *Coming Back*. Nova York, Bantam Books, 1991.

Neiva, Dr. Lauro. *O psiquiatra e o invisível*. Edição do autor, /s.d./.

Papus. *El Tarot de los Boemios*. Buenos Aires, Kier, 1970.

Peck, M. Scott. *Trilha menos percorrida* (vols. 1 e 2). Rio de Janeiro, Imago, 1995.

Prophet, Elizabeth Clare. *Reencarnação: O elo perdido do cristianismo*. Rio de Janeiro, Record/Nova Era, 1997.

Ramachácara, Yogue. *Quatorze lições de filosofia yogue*. São Paulo, Pensamento, 1966.

Reich, Wilhelm. *Materialismo dialético e psicanálise*, Lisboa, Editorial Presença, 1977.

Rhine, J. B.. *Extra-Sensory Perception*. EUA, /s.e./, /s.d./.

Rochas, Albert de. *A exteriorização da sensibilidade*. São Paulo, Edicel, 1985.

Rodrigues, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.

- Rohden, Humberto. *O homem*. Rio de Janeiro, FEB, /s.d./.
- Rosa, Henrique e Rosa, Lourdes. *Mensagens dos seres de luz*. /s.l./, Portal, 1993.
- Susuki, D.T. *Mística cristã e budista*. São Paulo, Itatiaia, 1976.
- *A doutrina zen do não mente*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- Timms, Moira. *Além das profecias e previsões*. São Paulo, Best-Seller, 1994.
- Toben, Bob e Wolf, Fred Alan. *Espaço: Tempo e além*. São Paulo, Cultrix,
- Tomas, Andrew. *Shambhala: A misteriosa civilização tibetana*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1979.
- Tractenberg, Moisés. *A psicanálise e o psicanalista no século XXI*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, /s.d./.
- Trigueirinho. *A energia dos raios em nossa vida*. São Paulo, Pensamento, 1989.
- *História escrita nos espelhos*. São Paulo, Pensamento, 1993.
- Ubaldi, Pietro. *Ascensões humanas*. São Paulo, Lake, 1957.
- Vieira, Waldo. *Manual dos tenepes*. IIP, Rio de Janeiro, 1996.
- *Projeciologia*. edição do autor, 1986.
- *Projeções da consciência*. São Paulo, Lake, 1989.
- Wambach, Dra. Helen. *Recordando vidas passadas*. São Paulo, Pensamento, 1995.
- Wambach, Helen. *A vida antes da vida*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos, 1988.
- Watts, Alan. *O espírito do zen*. São Paulo, Cultrix, 1989.
- *Psicoterapia oriental e ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 1975.
- Weinberg, Steven. *Sonhos de uma teoria final: A busca das leis fundamentais da natureza*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.
- Weiss, Brian. *Muitas vidas, muitos mestres*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1991.

Xavier, Francisco Cândido (psicografia). *Nosso Lar*. Rio de Janeiro, FEB, 1993.

Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo (psicografia). *Sexo e destino*. Rio de Janeiro, FEB, 1991.

Yogananda, Paramahansa. *Autobiography of a Yogi*. EUA, Columbia University Press, 1993

Zöelner, J.K. Friedrich. *Provas científicas da sobrevivência*. Brasília, Edicel, 1978.

Zohar, Danah. *Através da barreira do tempo*. São Paulo, Pensamento, 1997.